

CLAUDIA SCHEMES

**PEDRO ADAMS FILHO: EMPREENDEDORISMO,
INDÚSTRIA CALÇADISTA E EMANCIPAÇÃO DE
NOVO HAMBURGO (1901-1935)**

Orientadora: Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos

Porto Alegre
2006

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Schemes, Claudia

Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901-1935) / Claudia Schemes. – 2006.

445. : il. ; 30 cm.

Inclui bibliografia e apêndice.

Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

“Orientadora Profª. Dra. Margaret Marchiori Bakos”

1. Pedro Adams Filho - Biografia 2. Indústria de calçados – História – Novo Hamburgo 3. Empreendedorismo – Rio Grande do Sul I. Bakos, Margaret Marchiori II. Título.

CDU 67-051(816.5)

Bibliotecária responsável: Susana Fernandes Pfarrius Ladeira – CRB 10/1484

CLAUDIA SCHEMES

**PEDRO ADAMS FILHO: EMPREENDEDORISMO, INDÚSTRIA CALÇADISTA E
EMANCIPAÇÃO DE NOVO HAMBURGO (1901-1935)**

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 06 de dezembro de 2006.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. René E. Gertz
Profª Drª Claudia Musa Fay
Prof. Dr. Alexandre Fortes
Profª Drª Acácia Z. Kuenzer

Porto Alegre
2006

Para Sofia e Laura

AGRADECIMENTOS

Mesmo correndo o risco de cometer alguma injustiça em virtude de uma possível falha de memória, gostaria de agradecer às seguintes pessoas e instituições que, de alguma forma, tornaram essa pesquisa possível.

Primeiramente, aos familiares de Pedro Adams Filho - Pedro Adams Neto, Carmen Mosmann, Carla Bins e Theresa Allgayer, que muito atenciosamente me deram todas as informações, os documentos e as fotografias que possuíam a seu respeito.

Aos meus colegas de trabalho, Cristina Ennes da Silva, Ida Helena Thön, Magna Lima Magalhães, Luiz Antônio Maroneze, Rodrigo Perla Martins, Rosemari Lorenz Martins e Denise Castilhos de Araújo, que colaboraram nas traduções, correções, informações ou apenas dividiram as angústias desta caminhada.

Ao meu ex-colega Guido Lang, do Arquivo Público de Novo Hamburgo e ao Fernando Gusmão, pelas informações encontradas no Jornal *NH* e nos grupos de genealogia.

À Cristiane Gerhard, Marília Spindler e Adriana Schemes Gusmão que, de alguma forma, ajudaram neste trabalho.

À Gisele Claro da Silva e Carlos Schwartzaupt pela ajuda técnica.

À banca do Exame de Qualificação, prof. Dr. René Gertz e Prof^a. Dr^a. Claudia Musa Fay, pela discussão e direcionamentos apontados para esta tese.

À banca examinadora final, prof. Dr. René Gertz e Prof^a. Dr^a. Claudia Musa Fay, Prof. Dr. Alexandre Fortes e Prof^a. Dr^a Acácia Kuenzer.

Ao Centro Universitário Feevale que me concedeu uma bolsa-auxílio para o Doutorado.

Ao Cleber Prodanov, que foi o co-orientador informal desta tese, companheiro incansável e que fez o possível para facilitar meu caminho; sem ele tudo teria sido mais difícil.

Finalmente, à minha orientadora, Prof^a Dr^a Margaret Marchiori Bakos, pela orientação minuciosa e dedicada que dispensou a esta pesquisa. Seu auxílio foi decisivo para que as barreiras teóricas e metodológicas fossem superadas. Divido com ela o resultado deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo pontuar a trajetória de vida de Pedro Adams Filho, industrial gaúcho que nasceu em 1870 e morreu em 1935 e que foi um dos pioneiros do setor coureiro-calçadista no Rio Grande do Sul.

Através deste trabalho analisaremos o papel deste industrial como um dos principais agentes do processo de industrialização do município de Novo Hamburgo e, através dele, traçaremos um perfil da sociedade, relações de trabalho e do cotidiano da época.

Esta análise das origens da indústria calçadista através da biografia de Pedro Adams Filho procurará, também, compreender as relações sociais, políticas e culturais decorrentes desta atividade produtiva.

Procuraremos mostrar de que forma Pedro Adams Filho e outros empreendedores foram impulsionadores do processo de transformação das economias locais baseadas no trabalho artesanal individual para um processo produtivo em escala industrial e como eles possibilitaram a construção de estruturas urbanas e industriais de sucesso na cadeia produtiva do Estado.

As teorias relacionadas à biografia e empreendedorismo serão norteadoras desse trabalho.

Palavras-chave: Pedro Adams Filho. Biografia. Setor coureiro-calçadista. História de Novo Hamburgo. Empreendedorismo.

ABSTRACT

This research aims to reconstruct the life history of Pedro Adams Filho, an industrialist who was born in 1870 and died in 1935. He was one of the biggest examples of entrepreneurship in Rio Grande do Sul.

Through this work, we will analyze the role of this industrialist as one of the main agents in the industrialism process of the city of Novo Hamburgo and, through it, define a profile of the society, work relations and the daily life at the time.

This analysis of the origins of the shoe industry through the biography of Pedro Adams Filho will also aim to understand the social, politics and cultural relations related to this productive activity.

We will show the way that Adams and other immigrant descendants triggered the process of transformation of the local economies based on the individual handmade work to a productive process in industrial scale and how these entrepreneurs made possible the construction of successful urban and industrial structures in the state's productive chain.

The theories related to the biography, daily life and entrepreneurship will guide this research.

Key words: Pedro Adams Filho. Biography. Leather Industry. History of Novo Hamburgo. Entrepreneurism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Placa da Avenida Pedro Adams Filho.....	17
Figura 2 – Propaganda da empresa Guilherme Ludwig.....	51
Figura 3 – Propaganda da fábrica Athur Haas & Cia.....	52
Figura 4 – Propaganda da empresa Pedro Alles.....	55
Figura 5 – Fachada da fábrica Oderich.....	59
Figura 6 – Caminhão da empresa Neugebauer.....	60
Figura 7 – Caminhão da empresa Spindler & Cia.....	64
Figura 8 – Venda de Johann Peter Schmitt.....	89
Figura 9 – Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense.....	102
Figura 10 – Depósito Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense.....	104
Figura 11 – Depósito Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense.....	105
Figura 12 – Depósito Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense.....	105
Figura 13 – Setor de expedição da Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense.....	106
Figura 14 – Gabinete de trabalho de Pedro Adams Filho.....	107

Figura 15 – Escritório da Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense.....	107
Figura 16 – Cabeçalho de papel de carta da empresa, 1916	108
Figura 17 – Atelier de fabricação de calçado da Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense.....	111
Figura 18 – Atelier de fabricação de calçado Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense.....	112
Figura 19 – Seção de corte e modelagem de calçados da Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense.....	114
Figura 20 – Seção de corte da Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense.....	114
Figura 21 – Setor de montagem da Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense.....	116
Figura 22 – Ateliê de costura Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense.....	120
Figura 23 – Ateliê de costura e seção de corte de calçados da Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense.....	120
Figura 24 – Pedro Adams Filho e amigos.....	121
Figura 25 – História em quadrinhos.....	125
Figura 26 – Anúncio do jornal <i>O 5 de Abril</i>	129
Figura 27 – Anúncio do jornal <i>O 5 de Abril</i>	130
Figura 28 – Bota de garrão de potro.....	133
Figura 29 – Tamanco do século XIX	134
Figura 30 – Loja de sapateiro, Rio de Janeiro,século XIX.....	137
Figura 31 – Modelo de calçado feminino do final do século XIX.....	138
Figura 32 – Borzeguim de 1922.....	140
Figura 33 – Modelo de calçado feminino dos anos 20.....	141
Figura 34 – Modelo de calçado dos anos 30.....	142
Figura 35 – Jornal <i>O 5 de Abril</i> , 24/04/31, anúncio de modelista.....	144

Figura 36 – Tanques de cimento usados para curtir o couro no Curtume Hamburguez.....	151
Figura 37 – Tanques de cimento usados para curtir o couro no Curtume Hamburguez.....	151
Figura 38 – Máquina geradora de força, tambores para curtir couros e máquina para igualar espessura de couros no Curtume Hamburguez.....	152
Figura 39 – Seção de armazenagem e embalagem de couros curtidos no Curtume Hamburguez.....	152
Figura 40 – Curtume Momberger – início década 20.....	153
Figura 41 – Curtume Momberger – início década 20.....	154
Figura 42 – Curtume Momberger – início década 20.....	154
Figura 43 – Jornal <i>O 5 de Abril</i> , 06/07/1928, convite para industriais do couro...	160
Figura 44 – Estande da empresa Pedro Adams Filho e Cia.....	182
Figura 45 – Cartaz da exposição.....	183
Figura 46 – Cartaz da exposição.....	184
Figura 47 – Cartaz da exposição.....	184
Figura 48 – Estande da empresa de máquinas Cope.....	185
Figura 49 – Selas e perneiras produzidas pelo Curtume Central de propriedade de Albino Momberger.....	186
Figura 50 – Fábrica de bijuterias e artigos de prata e metal H.F.Kondörfer & Cia.....	186
Figura 51 – Fábrica de café e caramelos e funilaria Bertholdo Rech.....	187
Figura 52 – Pirâmide de molduras da empresa de molduras Alles.....	188
Figura 53 – Foto da visita da primeira-dama estadual à exposição industrial de Novo Hamburgo.....	190
Figura 54 – Diploma Grande Prêmio.....	191
Figura 55 – Cartaz da exposição.....	192

Figura 56 – Lembrança da exposição.....	193
Figura 57 – Foto do pavilhão da Exposição Municipal.....	194
Figura 58 – Foto do pavilhão da exposição.....	194
Figura 59 – Convite para as festas comemorativas do centenário da imigração alemã.....	196
Figura 60 – Diploma para expositores	201
Figura 61 – “Pin-Nic” oferecido por Pedro Adams Filho aos seus funcionários (década de 30).....	234
Figura 62 – Jornal <i>O 5 de Abril</i> , 16/03/28, aviso de reunião da Sociedade Energia Elétrica Hamburgueza Ltda.....	248
Figura 63 – Jornal <i>O 5 de Abril</i> , 13/04/1928, anúncio da Sociedade Energia Elétrica Hamburgueza Ltda.....	249
Figura 64 – Jornal <i>O 5 de Abril</i> , 30/11/1928, anúncio da Sociedade Energia Elétrica Hamburgueza Ltda.....	250
Figura 65 – Monumento do Imigrante.....	259
Figura 66 – Líderes da emancipação de Novo Hamburgo.....	263
Figura 67 – Mapa com divisão dos distritos.....	265
Figura 68 – Panfleto distribuído pela comissão pró-emancipação.....	287
Figura 69 – Desfile da emancipação de Novo Hamburgo.....	293
Figura 70 – Festa da emancipação nas ruas da cidade.....	293
Figura 71 – Panfleto do Partido Republicano.....	297
Figura 72 – Primeiro governo municipal, Jornal <i>O 5 de Abril</i> , 03/06/27.....	299
Figura 73 – Jornal <i>Correio da Serra</i> , 26/04/1927.....	301
Figura 74 – Panfleto distribuído na cidade.....	305
Figura 75 – Convite do Partido Republicano, Jornal <i>O 5 de Abril</i> , 20/04/1927....	307
Figura 76 – Rua Júlio de Castilhos.....	313

Figura 77 – Estação ferroviária nos anos 20.....	316
Figura 78 – Estação nos anos 20.....	316
Figura 79 – Trem passando pela cidade.....	317
Figura 80 – Estação ferroviária nos anos 20.....	317
Figura 81 – Praça 14 de Julho.....	318
Figura 82 – Praça 14 de Julho	319
Figura 83 – Bebedouro para animais localizado na Praça 20 de Setembro.....	320
Figura 84 – Hamburgo Velho, 1922.....	321
Figura 85 – Loja e depósito de couros em Hamburgo Velho, anos 20.....	326
Figura 86 – Prédio do primeiro cinema da cidade, 1916.....	328
Figura 87 – Avenida Pedro Adams Filho, década de 40.....	329
Figura 88 – Carro decorado para desfile carnavalesco nos anos 20.....	330
Figura 89 – Primeiro prédio da Igreja Católica de centro da cidade.....	333
Figura 90 – Sociedade Frohsin.....	346
Figura 91 – Hospital Regina, anos 30.....	350
Figura 92 – Apelo aos comerciantes e industrialistas, Jornal <i>O 5 de Abril</i> , 02/12/32.....	355
Figura 93 – Fundação Evangélica, anos 30.....	362
Figura 94 – Colégio Santa Catarina, 1925.....	363
Figura 95 – Colégio São Jacó.....	364
Figura 96 – Colégio São Jacó.....	367
Figura 97 – Colégio São Jacó, dormitório.....	368
Figura 98 – Colégio São Jacó, banda dos alunos.....	368
Figura 99 – Alunos do Colégio São Jacó.....	369

Figura 100 – Pedro Adams Filho.....	379
Figura 101 – Pedro Adams Filho e família.....	380
Figura 102 – Rosa Saenger e filhos.....	381
Figura 103 – Rosa Saenger e filha.....	381
Figura 104 – Casamento de Pedro e Olga.....	382
Figura 105 – Olga e seus filhos Luiz, Theresa e Carla.....	383
Figura 106 – Convite de enterro de Pedro Adams Filho.....	388
Figura 107 – Túmulo da família Adams.....	388
Figura 108 – Lápide do túmulo de Pedro Adams Filho.....	389
Figura 109 – Lembrança de enterro de Pedro Adams Filho.....	389
Figura 110 – Manchete do jornal <i>O 5 de Abril</i> , 22/05/1935.....	390
Figura 111 – Avenida Pedro Adams Filho no dia da inauguração.....	390
Figura 112 – Av. Pedro Adams Filho na década de 30.....	391

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Crescimento econômico de Novo Hamburgo nos anos 1927/28.....	164
Tabela 2 – Empresas contribuintes para o Círculo Operário.....	211
Tabela 3 – Sócios do Círculo Operário e benefícios concedidos.....	212
Quadro 1 – Exposições/Festejos realizados em Novo Hamburgo.....	176
Quadro 2 – Atividades sócio-culturais de Pedro Adams Filho.....	337
Quadro 3 – Sociedades de Novo Hamburgo (1888-1927).....	339
Quadro 4 – Escolas particulares de Novo Hamburgo (1832/1929).....	360

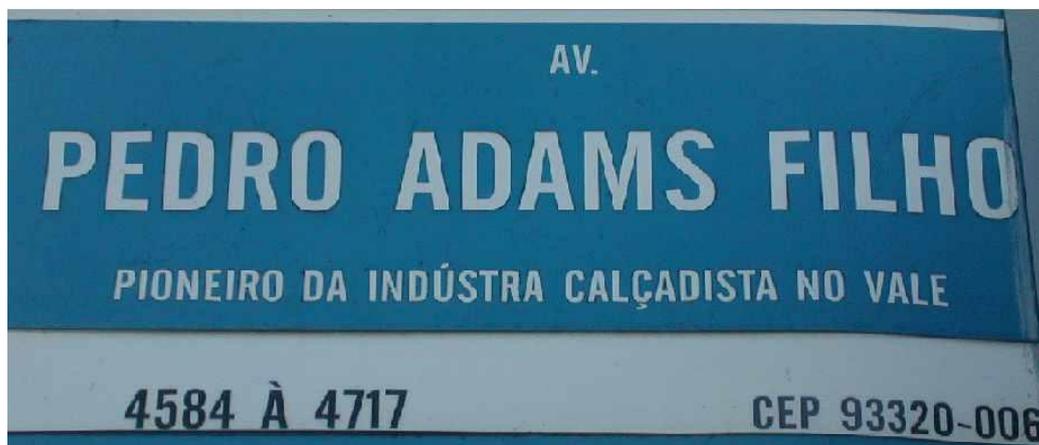
SUMÁRIO

Introdução.....	17
Capítulo 1 – Empresas e empreendedores coloniais	
1.1 – Um novo impulso econômico.....	32
1.2 – Os empreendedores coloniais.....	46
1.2.1. – Arriscar, ousar, inovar, empreender.....	65
1.3 – Pedro Adams Filho:de Moers a Novo Hamburgo.....	78
Capítulo 2 – Indústria calçadista	
2.1 – A fábrica de calçados Sul-Riograndense.....	91
2.1.1 – O design do calçado.....	132
2.2 – O curtume Hamburguez.....	146
2.3 – As exposições industriais.....	177
2.4 – As relações de trabalho.....	203
2.5 – Energia para a cidade e suas empresas.....	239
Capítulo 3 – Atividades políticas e vida comunitária	
3.1 – As atividades políticas e a emancipação da cidade.....	256
3.1.1 – A cidade e seu cotidiano nos anos 20 e 30.....	311
3.2 – As atividades comunitárias.....	336
3.2.1 – O colégio São Jacob e a educação na cidade.....	357
3.3 - A vida familiar.....	379
Cronologia.....	393

Considerações finais.....	398
Referências Bibliográficas.....	406
Anexos.....	428

INTRODUÇÃO

A placa, a seguir, está localizada em uma das esquinas centrais da cidade. Por tal razão, ela comparece no dia-a-dia de milhares de pessoas que vivem e/ou passam por Novo Hamburgo. Esses indivíduos, habitantes da cidade, turistas e trabalhadores de cidades vizinhas terminam por transitar por essa avenida que é a principal da cidade, ponto de encontro, de cruzamentos, do mais variado tipo de comércio e de serviços. Mas quem sabe qual a relação entre Pedro Adams Filho e a História da cidade?



Acreditamos que, para dar essa resposta, é necessária uma investigação sobre ele – Pedro Adams Filho – e, principalmente, sobre o seu contexto histórico,¹ a fim de compreendermos a razão da escolha de seu nome para indicar artéria tão importante da cidade.

A indicação do nome da pessoa que está na placa foi feita pelo prefeito Ângelo Provenzano, em 10 de maio de 1936, através de lei orgânica, que diz o seguinte:

[...] Considerando que o cidadão Pedro Adams Filho, há pouco desaparecido, prestou inestimáveis serviços a Novo Hamburgo, quer como seu representante no antigo Conselho Municipal de São Leopoldo, onde se bateu denodadamente, pela sua emancipação, quer, depois, na comissão para tal fim organizada, quer, finalmente, como “leader” que foi da indústria local, para cuja expansão contribuiu decisivamente; Considerando, finalmente, que o nome do homem de um mérito tal deve ser para sempre lembrado não só como justa homenagem dos que lhes testemunharam os atos de benemerência pública, mas também como tributo de inteira justiça,

RESOLVE:

Art. 1º. – Fica denominada “PEDRO ADAMS FILHO” a Avenida que passa entre o edifício da Prefeitura e a Praça 14 de Julho, na parte compreendida entre a Rua 15 de Novembro e a Travessa Corte Real.

Art. 2º. – Revogam-se as disposições em contrário.

(ass.) Ângelo Provenzano (prefeito)

¹ A relação indivíduo/contexto é fundamental para esta tese. Segundo Benito Schmidt, existe uma “tensão” entre o sistema normativo de uma sociedade e a liberdade de ação dos indivíduos, tensão esta que seria fundante do pensamento ocidental e que as biografias seriam uma forma privilegiada para se pensar esta questão. SCHMIDT, Benito Bisso. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 1996. Carlos Rojas também trabalha a questão do indivíduo/contexto dizendo que durante muito tempo havia duas formas ineficazes de se interpretá-la: a primeira seria enfatizando a dimensão do indivíduo sobre o contexto, ou seja, o contexto seria um simples cenário para a reconstrução biográfica; a segunda seria outra simetricamente oposta onde o contexto geraria o indivíduo. Para o autor, o indivíduo deve ser abordado *no* contexto, ele é criador e fruto desse contexto, e é nessa perspectiva dialética que se encontra o centro da problemática do gênero histórico-biográfico. ROJAS, Carlos A.A. *La Biografía como gênero historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.p.33

Para realizar nossa pesquisa, utilizaremos como um dos referenciais teóricos alguns aportes do *gênero biográfico*, cujo retorno na História dá-se, principalmente, em função da crise dos paradigmas clássicos da historiografia. Eles trouxeram à tona uma crítica contra os conceitos totalizadores, o desinteresse pelas experiências humanas e o retorno do indivíduo ao centro da História.²

Uma biografia sempre é intermediada pelo pesquisador e pelo relato escrito que é elaborado a partir de documentos, de arquivos pessoais e de depoimentos de pessoas próximas do sujeito pesquisado, gerando um texto que sofre recortes, montagens e traduções de depoimentos orais para escritos.

Em muitos momentos algumas respostas ficam implícitas, e coube a nós pressupormos o que possa ter acontecido. Quando isso ocorre, deixaremos claro que é uma suposição, pois uma das características das biografias é o diálogo entre a história e a ficção.

Concordamos com Benito Schmidt que a biografia é um “gênero de fronteira” entre a história e a ficção e entre a realidade e a imaginação. O historiador tem, sim, de ter uma preocupação com sua fonte documental, algo que um romancista não tem, mas, ao mesmo tempo, muitas lacunas surgem numa

² SCHMIDT, Benito Bisso. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 1996. p. 19

pesquisa biográfica, e podem ser inferidas pelo narrador, desde que sinalizadas adequadamente.³

A biografia histórica é, segundo Benito Schmidt, um gênero narrativo que se apresenta novamente aos historiadores de maneira ressignificada, pois, como diz esse autor, “[...] as narrativas histórico-biográficas contemporâneas não se esgotam nas singularidades individuais, mas servem para esclarecer temas e problemas mais amplos.”⁴

Outro referencial importante para esta pesquisa é o cotidiano, segundo Agnes Heller, “a vida cotidiana pode ser considerada central na existência dos indivíduos, pois ele é um espaço de construção da história, não apenas de reprodução.”⁵

Ainda segundo Del Priore, “[...] Contrariamente às aparências, cotidiano e história não são opções contraditórias. Resta analisar de que maneira se operam as relações entre ambos, [o historiador deve] recuperar os laços entre o social e o individual, o social e o histórico.”⁶

Finalmente, outro referencial que mereceu destaque foi o empreendedorismo. Tomado de empréstimo da Administração, esse termo tornou-se a categoria principal desta investigação e definidora de sua tese central.

³ Ibidem, p.19

⁴ Ibidem, p.41

⁵ HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 3.ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1989. p.20

⁶ DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.266

Nossa tese consiste em seguir o itinerário pessoal de Pedro Adams Filho na formação do *cluster*⁷ coureiro-calçadista, no desenvolvimento da cidade de Novo Hamburgo como pólo industrial, e na sua atuação política e comunitária, buscando compreender aspectos inusitados do processo de construção da cidade como pólo de desenvolvimento do Vale do Rio dos Sinos e desdobrando suas ações em todos esses segmentos do contexto em que vivia.

Nossa tarefa foi dificultada pela falta de registros da memória da cidade que o acolheu. Fontes escassas e mal arquivadas de pesquisa também foram percalços com que nos deparamos, mas não desanimamos de fazer essa caminhada.

A história dos municípios ainda não é uma prática comum dos historiadores brasileiros, por isso os acontecimentos se perdem, e fica muito difícil reconstituir períodos mais distantes. Para a realização desta investigação, foi-nos de grande importância os trabalhos de historiadores, muitas vezes sem formação acadêmica em História e/ou pesquisadores leigos que escrevem livros sobre os seus municípios de origem e que, muitas vezes, os publicam com seus próprios recursos.⁸

⁷ Concentrações geográficas de empresas interligadas que atuam num mesmo setor de fornecedores especializados, provedores de serviços e instituições associadas, tendo em comum, além da localização, a contribuição para o desenvolvimento de produtos dessa região. São norteadas por princípios como a cooperação, a complementaridade, o senso de comunidade e a competição.

⁸ Dentre esses trabalhos podemos citar: FIRMBACH, Theodor. *Santa Clara – o combate federalista*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1995; KANNENBERG, Hilmar. *Fundação Evangélica – Um século a serviço da educação (1886 a 1986)*. São Leopoldo: Rotermund, 1987; LANG, Guido. *Jacob Lang – A História de um Imigrante Pioneiro*. São Leopoldo: Rotermund, 1992 e *Reminiscências da memória colonial – Teutônia – RS*. Campo Bom: Papuesta, 1999; SARLET, Erica. *Ainda Hoje Plantaria Minha Macieira*. São Leopoldo: Sinodal, 1993; SCHIERHOLT, José

Sobre a história da cidade de Novo Hamburgo existem duas obras que são, praticamente, as únicas fontes para os pesquisadores da história local. A primeira é o livro *O município de Novo Hamburgo – monografia*⁹, publicado em 1944 por Leopoldo Petry que foi um político local e que fez um trabalho de cunho positivista e tradicional em que tratou, desde os aspectos físicos, até os dados estatísticos do município, fazendo uma análise superficial das questões abordadas.

Trinta anos mais tarde, na década de 1970, a historiadora Liene M. M. Schütz fez uma espécie de releitura da obra de Petry e publicou o livro *Novo Hamburgo – Sua História Sua Gente*¹⁰, mas não fugiu da linha de seu antecessor, pois dividiu suas 206 páginas em mais de 150 capítulos e subcapítulos, apresentando, apenas, alguns dados estatísticos mais atualizados.

Além desses dois trabalhos, outras duas obras sobre diferentes aspectos da história da cidade foram publicadas: *Classe Operária e Sindicalismo no Rio Grande do Sul* (Novo Hamburgo: 1945-1964)¹¹, de Marcos V. A. Saul, na qual o autor faz uma análise do movimento operário e sindical da cidade e *O 5 de Abril – o primeiro jornal de Novo Hamburgo*¹², de Martin H. Behrend, onde é registrada a história deste jornal.

Alfredo. *Lajeado I*. 2.ed. Lajeado: Prefeitura Municipal, 1993; VIER, Justino Antonio. *História de Dois Irmãos*. Passado e Presente. Dois Irmãos: Gradfil, 1999.

⁹ PETRY, Leopoldo. *O município de Novo Hamburgo – monografia*. Porto Alegre: Edições A Nação, 1944.

¹⁰ SCHÜTZ, Liene M. Martins. *Novo Hamburgo: Sua História Sua Gente*. Novo Hamburgo: Pallotti, 1976.

¹¹ SAUL, Marcos Vinícios de Almeida. *Classe Operária e Sindicalismo no Rio Grande do Sul* (Novo Hamburgo: 1945-1964). Santo Ângelo: Fundames, 1988.

¹² BEHREND, Martin Herz. *O 5 de Abril – O primeiro jornal de Novo Hamburgo*. Novo Hamburgo: Metrópole, 2002.

A bibliografia mais recente sobre a cidade data do ano de 2006 e é intitulada *Pegadas Urbanas: Novo Hamburgo como palco do flâneur*,¹³ que é o resultado da dissertação de mestrado em Planejamento Urbano e Regional da UFRGS de Jeferson Selbach. Essa obra, editada pelo próprio autor, tem circulação muito restrita e é praticamente desconhecida. Nela são tratados os espaços de sociabilidade da cidade no período de 1927 a 1997.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a investigação em jornais da época (décadas de 1920 e 1930) e a análise de seu conteúdo, a pesquisa em documentos pertencentes à família do biografado, entrevistas com seus familiares, livros da época, que tratam da história do município, e fotografias que retratam o cotidiano da cidade e do biografado.

Juntamente com a quase inexistência de bibliografia sobre história local, as fontes de pesquisa também são raras na cidade. É grande o descaso para com a sua memória, tanto por parte do poder público, quanto dos cidadãos comuns. O Arquivo Histórico Municipal foi criado a apenas dois anos, em 2004, contando com escasso material de consulta, com exceção das coleções de jornais da cidade *O 5 de Abril* (que existiu de 1927 a 1962) e o *Jornal NH* (criado em 1960 e que continua em circulação). Por esses motivos, optamos por privilegiar essa fonte de pesquisa, entretanto, algumas considerações se fazem necessárias a respeito dela.

Segundo Márcia Espig,

¹³ SELBACH, Jeferson. *Pegadas Urbanas: Novo Hamburgo como palco do flâneur*. Cachoeira do Sul: Ed. Do Autor, 2006.

O jornal possui toda uma série de qualidades peculiares, extremamente úteis para a pesquisa histórica. Uma delas é a periodicidade, os jornais constituem-se em verdadeiros arquivos do cotidiano, nos quais podemos acompanhar a memória do dia-a-dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos. Outra é a disposição espacial da informação, que nos permite a inserção do acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo. E outro aspecto singular do material jornalístico é o tipo de censura sofrida, pois a imprensa recebe apenas a censura instantânea e imediata, diferentemente de outras fontes que poderão ser submetidas a uma triagem antes de serem arquivadas.(...) para os historiadores, o jornal é, antes de tudo, uma fonte onde se 'recupera' o fato histórico – uma ponte ou trampolim em direção à realidade – não havendo entretanto interesse por sua crítica interna.¹⁴

Ainda segundo Capelato ¹⁵, “a produção deste documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens que serão produzidas em outras épocas.”

Levando em consideração essas colocações, temos clara a importância do questionamento do conteúdo publicado pelos jornais e colocamo-nos como leitores ativos e críticos dos discursos construídos pela imprensa local no período pesquisado.

Portanto, os estudos feitos até hoje sobre a cidade seguem uma orientação bastante tradicional, quase sempre abordados apenas pelo aspecto econômico, carecendo de uma análise mais diversificada sobre as pessoas que ali viveram e seu cotidiano. Acreditamos que, por meio do resgate da trajetória empresarial, da ação empreendedora de um personagem de destaque no cenário local e do seu

¹⁴ ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS, v.XXIV, no. 2, p.269-289, dez.98

¹⁵ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1998.

cotidiano, podemos contribuir para a preservação e difusão da memória da cidade e de seus cidadãos.

Para pontuarmos o papel de Pedro Adams Filho como um dos agentes do processo de industrialização do Vale, devemos lembrar que a industrialização no Rio Grande do Sul iniciou no final do século XIX, como uma importante atividade econômica que prosperou e superou as expectativas criadas pelos imigrantes ao longo da passagem do trabalho artesanal para produção em série nas fábricas, fazendo florescer cidades e criando um completo *cluster* produtivo no país.

A partir das definições de J.B. Say sobre “empresário”, como um “organizador e coordenador de fatores de produção que compra, combina e vende”, de J. Schumpeter que “atribuía ao empresário o papel de inovador, de produtor do progresso técnico, de motor das transformações”, e de H. Pirenne que “propunha a tese de que a cada período da história econômica corresponde um grupo de capitalistas e, ao se transformarem as condições econômicas, parte dos capitalistas não se adapta, enquanto outra aceita as mudanças e trabalha no mesmo sentido delas”,¹⁶ procuraremos pontuar o papel de Pedro Adams Filho como um dos principais agentes do processo de industrialização no Vale dos Sinos e, em especial, na cidade de Novo Hamburgo.

Essas categorias listadas por Eulália Lobo, reconhecida historiadora e proponente da ênfase nas pesquisas e na importância da questão empresarial,

¹⁶ LOBO, Eulália L. História Empresarial. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.217

indicaram-nos estratégias de abordagem, de ação, e incentivaram-nos a seguir nossa investigação.¹⁷

A análise das origens de Novo Hamburgo e da indústria calçadista, por meio da trajetória de Pedro Adams Filho, muitas vezes, confundem-se, e temos como objetivo mais geral compreender a sociedade, as relações sociais, políticas e culturais decorrentes da atividade produtiva e, principalmente, as relações de trabalho e o cotidiano da cidade.

Este trabalho, longe de buscar uma história linear e coerente sobre Pedro Adams, busca nas ações e idéias desse político suas múltiplas facetas. Dessa forma, nossa pesquisa tem como marco temporal principal o período que vai de 1901, com a instalação da *Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense*, até 1935, ano da morte de Pedro Adams Filho. Não utilizaremos, porém, esse período demarcado de forma rígida, já que algumas questões do final do século XIX serão abordadas, pois são importantes para compreendermos sua trajetória pessoal e profissional.

Pedro Adams Filho viveu entre 1870 e 1935. Buscamos nas fontes, na historiografia e junto aos seus familiares, além de testemunhos de sua história, responder aos seguintes problemas de pesquisa:

1º. Quais os tipos de empreendedores encontrados no contexto de Pedro Adams Filho?

¹⁷ Ibidem, p. 217, 218.

2º. Por que Pedro Adams Filho foi lembrado para ser o nome de uma das principais avenidas de Novo Hamburgo?

3º. Quais foram as estratégias escolhidas por Pedro Adams Filho para construir sua liderança no setor coureiro-calçadista, na vida comunitária e na emancipação política de Novo Hamburgo?

Para conseguirmos responder essas questões, a partir dos marcos cronológicos assinalados, realizamos esta investigação, que dividimos em três capítulos, como segue:

No primeiro capítulo, tratamos do contexto histórico e dos empreendedores coloniais, ou seja, identificamos a conjuntura político-econômica, privilegiando a origem e a evolução da indústria do Estado do Rio Grande do Sul e o cotidiano das cidades onde Adams viveu a sua infância e juventude. Além disso, analisamos o papel de vários empreendedores gaúchos, como Alberto Bins e Ernesto Neugebauer, de Porto Alegre; Carlos Oderich e A.J. Renner do Vale do Caí; e Guilherme Ludwig, Arthur Haas, Augusto Jung, Pedro Alles e Arlindo Spindler, do Vale do Sinos. Esses empresários representaram algumas lideranças industriais do Estado, e acabaram tornando-se referências que delimitavam e balizavam as ações de dinamismo e sucesso como indivíduos que superaram a situação colonial na qual têm origem, e contribuíram para a industrialização e expansão econômica do Estado nas áreas de transporte, na metalurgia, em curtume, em fábrica de calçados, de bolsas, de molduras, de vestuário, de conservas e de doces.

O caráter empreendedor desses industriais teuto-brasileiros apresenta-se não apenas no âmbito econômico, pois sua influência política e comunitária deixou vestígios de outras ordens. Através da análise desses traços deixados por eles e, mais especificamente, por Pedro Adams Filho na vida da comunidade, podemos compreender como ele se relacionou com as pessoas que o cercavam por meio das rotinas e fatos do trabalho, da vida social, da vida cultural e, principalmente, entender os desdobramentos de suas decisões políticas e econômicas com relação à história de Novo Hamburgo.

Nesse capítulo, analisamos a categoria empreendedorismo nas comunidades coloniais, que passavam por um processo de transformação da atividade artesanal para a indústria moderna, cujo acompanhamento ensejou a trajetória comum entre esses empreendedores.

Adotamos o conceito de Gimenez de que “o empreendedorismo é o resultado tangível ou intangível de uma pessoa com habilidades criativas, sendo uma complexa função de experiências de vida, oportunidades, habilidades e capacidades individuais e o seu exercício está inerente a variável risco.”¹⁸

No segundo capítulo, abordamos o desenvolvimento e a formação do setor coureiro-calçadista e o desenvolvimento da cidade de Novo Hamburgo como pólo industrial. Para isso tratamos da história da *Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense* e do *Curtume Hamburguez*, ambos de propriedade de Adams, a partir do sentido simbólico e prático do *design* de calçados na época, das exposições

¹⁸ GIMENEZ, Fernando et al. Uma investigação sobre a tendência do comportamento do empreendedor. In: *Empreendedorismo: competência essencial para pequenas e médias empresas*. Brasília: ANPROTEC, 2001.

industriais que aconteceram na cidade, das relações trabalhistas e do fornecimento de energia elétrica para as empresas e cidade.

A problemática desse capítulo forma-se em torno das características, escolhas e ações no que tange à formação do *cluster* coureiro-calçadista.

O terceiro capítulo trata das atividades políticas e comunitárias de Pedro Adams Filho, com vistas a apresentar fatos pouco divulgados da história de Novo Hamburgo, como o da criação do colégio São Jacó. O capítulo também analisa a participação política desse homem, para atualizar o contexto de emancipação de Novo Hamburgo do município de São Leopoldo, para tornar-se o município de menor tamanho do Estado do Rio Grande do Sul e futura sede do pólo econômico do Vale dos Sinos. Preocupamos-nos em narrar, ainda, o apoio para tal fato, dado pelo Partido Republicano Rio-Grandense. Por fim, registramos dados sobre a vida familiar de Adams, sua relação com os filhos, com netos e a sua morte que são pouco conhecidos acerca do personagem cujo nome consta da placa da principal avenida de Novo Hamburgo.

Na complementação da pesquisa, oferecemos uma cronologia que aponta para os principais acontecimentos da vida de Adams, pois, segundo Borges, um esquema cronológico é necessário para ajudar na ordenação dos acontecimentos no tempo, já que o percurso de uma vida não é linear, mas descontínuo.¹⁹

¹⁹ BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: BORGES, Vavy Pacheco. *Fontes Históricas*. São Paulo: Ática, 2004. p.221, 224.

Nos anexos desta tese, disponibilizamos uma série de documentos, muitos inéditos e pertencentes a arquivos particulares.

Esperamos, com este trabalho, contribuir para o conhecimento de vários aspectos ainda pouco divulgados sobre a história política, econômica e social de Novo Hamburgo e sobre um de seus empreendedores, atualmente lembrado apenas como nome de rua.

CAPÍTULO 1 – EMPRESAS E EMPREENDEDORES COLONIAIS

1.1– Um novo impulso econômico

Neste capítulo, vamos traçar as principais análises históricas de cunho econômico social no Vale do Sinos do final do século XIX até os anos 1930, cenário e balizas cronológicas da vivência e atuação empreendedora de Pedro Adams Filho.²⁰

Em consonância com Henri Pirenne, que afirma que “a cada período da história econômica corresponde um grupo diferente de capitalistas e, ao se transformarem as condições econômicas, parte dos capitalistas não se adapta, enquanto outra parte aceita as mudanças e trabalha no mesmo sentido delas”²¹, optamos em lembrar, neste capítulo, que outros empresários de origem alemã, além de Pedro Adams Filho, participaram da expansão e diversificação industrial do Estado gaúcho por demonstrarem características e ações empreendedoras, como, por exemplo, Alberto Bins (1869-1930), Guilherme Ludwig (1878-1954),

²⁰ Segundo FRAGOSO, João & FLORENTINO, Manolo. História Econômica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (org) *Domínios da História – Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.33, os fenômenos sociais devem ser apreendidos como históricos, isto é, devemos levar em conta a sua pertinência temporal mais ampla.

²¹ PIRENNE, Henri apud LOBO, Eulália L. História Empresarial. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (org) *Domínios da História – Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 217

Arthur Haas (1868-1945), Augusto Jung (1861-1925), Pedro Alles (1888-1975), A.J. Renner (1884-1966), Adolfo Oderich (1890-1908), Ernesto Neugebauer (1887-1896) e Arlindo Spindler (1907-1994).

O Estado gaúcho, no final do século XIX e início do XX conheceu um considerável desenvolvimento das lavouras coloniais alemãs, que passaram a abastecer grande parte do mercado interno do centro do País.²²

Depois da agricultura, o comércio realizado pelos alemães foi a atividade econômica que mais se destacou no Estado, pois os comerciantes lucravam em várias frentes: na diferença entre os preços de compra e venda dos produtos agrícolas, no transporte desses produtos e nos empréstimos e outras operações financeiras realizadas por eles. Segundo Telmo Moure, “o artesanato familiar estava fadado a morrer diante do desenvolvimento da agricultura comercial, cujos recursos monetários capacitavam o agricultor na aquisição de produtos necessários em troca de seu excedente comercializado.”²³

Com a crise da pecuária gaúcha a partir de 1870, foram esses imigrantes e seus descendentes que colocaram seus produtos como itens da pauta das exportações. Por isso, eles passaram a representar um dos pólos de dinamicidade na economia local na função de serem detentores de poder aquisitivo mais alto que o da média da população em geral.²⁴

²² MOURE, Telmo. A inserção da economia imigrante na economia gaúcha. In: DACANAL, José Hildebrando (org) *RS: Imigração & Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.p.96

²³ Ibidem, p. 98

²⁴ Ibidem

A economia gaúcha tinha algumas peculiaridades que a diferenciavam da economia do centro do País, pois, no Rio Grande do Sul, a produção era basicamente agropecuária e subordinada à agroexportação, ou seja, era uma das responsáveis pelo abastecimento do mercado interno brasileiro com produtos de baixo valor agregado, o que representava para o Estado um menor poder de acumulação de capital comparado aos Estados do Sudeste.²⁵

Entretanto, mesmo existindo núcleos com considerável desenvolvimento econômico, como as regiões dominadas por imigrantes alemães e italianos, era a pecuária, ainda, a base econômica do Estado.²⁶

A posição econômica subsidiária do Rio Grande do Sul manteve-se inalterada com o advento da República. A pecuária, principalmente com o charque e o couro, continuava a ser o principal item de exportação gaúcho, entretanto, as charqueadas gaúchas, durante a República Velha, sofreram concorrência do charque dos países do Prata e de outros estados brasileiros, que voltaram suas atividades econômicas para o mercado interno. Além dessa concorrência, a baixa qualidade do produto sulino e o alto preço do sal e do transporte deixaram os charqueadores em condições desfavoráveis, pois não eram consideradas prioridades para o governo central, que nada fazia para resolver esses problemas.²⁷

²⁵ PESAVENTO, Sandra Jatáhy. República Velha Gaúcha: "Estado Autoritário e Economia". In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius (orgs.) *RS: Economia & Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1979. p.200,201

²⁶ *Ibidem*, p. 214

²⁷ *Ibidem*, p. 199

Segundo Heloísa Reichel,²⁸ durante a Primeira República, o desenvolvimento da indústria gaúcha teve um bom desempenho no conjunto da indústria nacional. O Rio Grande do Sul, segundo estatística industrial de 1907, ocupava o terceiro lugar no desenvolvimento industrial brasileiro. Para a autora, a existência de um mercado consumidor, formado principalmente pelos imigrantes e a expansão das exportações gaúchas, consistiam nos principais fatores de dinamização da economia gaúcha.

O governo estadual concedeu, então, incentivos fiscais que acabaram trazendo empresas estrangeiras ao Estado (ARMOUR, WILSON e SWIFT) que impulsionaram a charqueada gaúcha.²⁹

Da mesma forma que a pecuária passou por problemas, a agricultura praticada pelos imigrantes também estava com dificuldades naquele início de século em função da concorrência com outros Estados, de problemas com o esgotamento da terra, da sua divisão entre seus descendentes e a exploração dos comerciantes, que ficavam com a maior parte dos lucros provenientes da venda dos produtos agrícolas dos colonos. A expansão do comércio rumo ao Prata, além do abastecimento do mercado interno brasileiro e dos países envolvidos na guerra de 1914, foi uma das maneiras de contornar a crise.³⁰

Com a Primeira Guerra Mundial, com o aumento do consumo do charque e com os charqueadores unidos em um órgão de classe apoiado pelo governo

²⁸ REICHEL, Heloísa Jochims. *A indústria têxtil do Rio Grande do Sul-1910/1930*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.p.13

²⁹ PESAVENTO, op. cit. p.216

³⁰ LOVE, Joseph. *O Regionalismo Gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 117.

estadual, a situação alterou-se a ponto de os estancieiros se interessarem em criar um frigorífico no Rio Grande do Sul, a exemplo do que já ocorria no Prata.

Portanto, até os anos 20 do século passado a economia apresentava-se em boa fase, com o aumento de preços dos produtos e o aumento da exportação.

Nessa mesma conjuntura, a indústria também se desenvolveu, a exemplo do que vinha ocorrendo em São Paulo, pois a acumulação de capital por parte dos imigrantes que possuíam comércio, a formação de um mercado regional nas colônias e na cidade, a matéria-prima da pecuária e a mão-de-obra imigrante eram fatores que impulsionavam o desenvolvimento industrial de forma quase natural.

Aliada a esses fatores locais, o governo central promoveu uma política econômica que desestimulou a importação e facilitou o crédito bancário (Encilhamento³¹). Isso levou a um desenvolvimento industrial bastante concentrado no final do século XIX, centrado no Rio Grande do Sul, na produção de alimentos e bebidas (banha, conservas, vinho e cerveja), nos produtos têxteis e na indústria de calçados.

Segundo Claudia Wasserman³², durante a República Velha, o Rio Grande do Sul apresentava-se de forma peculiar, tanto política, quanto economicamente, pois tinha sua economia voltada para o mercado interno, enquanto os principais produtos econômicos nacionais eram basicamente destinados à exportação. No

³¹ Política emissora criada pelo Ministro da Fazenda Rui Barbosa na tentativa de estimular a industrialização do Brasil, baseada em créditos livres aos investimentos industriais, garantidos pelas emissões monetárias.

³² WASSERMAN, Claudia. O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República: guerra civil e crise no bloco do poder. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et alli. *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p.275

cenário nacional, não era considerado um Estado importante politicamente, como Minas Gerais e São Paulo, mas também não era um Estado “fraco” como os do Nordeste.

Entretanto, mesmo se o comerciante de origem imigrante tivesse poder econômico, segundo Pesavento, sua participação política praticamente inexistia, visto que esta era dominada pelos pecuaristas durante toda a República Velha. Os comerciantes com poder econômico alto e condições de uma participação política mais efetiva eram os representantes dos pequenos proprietários frente à oligarquia pecuária.

Dentro desta perspectiva, cabe referir, entre os elementos que irão, ao longo da Primeira República, compor os grupos secundários de maior expressão, os imigrantes e seus descendentes, presentes no comércio e na indústria. Crescem, desenvolvem-se e são atendidos em suas reivindicações dentro de um contexto predominantemente agropecuarista. Podem inclusive até alcançar cargos na estrutura política vigente, desde que se mostrem defensores da ordem estabelecida.³⁴

Politicamente, o Estado também dependia das decisões tomadas pelo poder central, o que gerava outros tipos de descontentamentos que foram os responsáveis pela criação do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), dentro de um quadro político em que o Partido Liberal era dominante. O PRR procurou buscar representantes em outras bases, como os imigrantes ligados ao comércio e indústria, que ainda não se faziam representar. Buscou, também, uma aliança com o exército, o que lhe deu forças para se impor.

³³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imigrante na política rio-grandense. In: DACANAL, José Hildebrando (org) *RS: Imigração & Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 170.

³⁴ *Ibidem*, p. 171

É nesse contexto que o ideário positivista se impõe no Rio Grande do Sul, pois suas noções básicas “pressupõem uma perspectiva de progresso material sem alteração da estratificação social, adequada, portanto, às perspectivas de grupos interessados na conservação de posições conquistadas.”³⁵

Esse quadro político e econômico do País e do Estado é importante de ser apresentado, pois foi nessa conjuntura que Pedro Adams Filho, assim como outros empreendedores novo-hamburguenses, percebeu a possibilidade de abrir uma empresa e posicioná-la dentro desse contexto regional.

Nesse sentido, para compreendermos melhor a ligação entre a industrialização de Novo Hamburgo, o empreendedor e a emancipação do município, devemos referir-nos às teses a respeito da origem e da evolução da indústria no Rio Grande do Sul.

A primeira delas é de Limeira Tejo³⁶, que no final dos anos 1930, defendia a tese de que foi o artesanato que originou as indústrias do ramo calçadista. Segundo esse autor, o gaúcho foi obrigado a prover o mercado local de produtos que não eram possíveis de serem consumidos em função do quase isolamento que existia entre o Sul e o centro do País. Esse isolamento forçou a produção daquilo que o mercado necessitava e que não estava sendo devidamente suprido, ou seja, foi a demanda local a impulsionadora da produção artesanal que se

³⁵ *Ibidem*, p. 205

³⁶ TEJO, Limeira. A indústria rio-grandense em função da economia nacional. In: *Estatística industrial do Rio Grande do Sul – Ano de 1937*. Porto Alegre: Globo, 1939.

transformou em industrial. Houve, portanto, um desenvolvimento harmônico das forças produtivas locais.³⁷

No início dos anos 1960, Jean Roche³⁸ faz uma análise mais minuciosa dessa questão. Segundo o autor, a maior parte das indústrias do couro não foi criada por artesãos rurais, mas por cidadãos que muitas vezes desconheciam o trabalho artesanal. Roche acreditava que não houve uma passagem direta do artesanato para a indústria, dizia que o artesanato estava inscrito numa curva parabólica seguido da indústria que traçava uma linha ascendente.³⁹

Segundo Roche, não podemos considerar o artesanato o gerador da indústria. Ao contrário, as tarifas alfandegárias, as oscilações do câmbio, o crescimento do mercado consumidor e do transporte marítimo foram muito mais decisivos para o desenvolvimento industrial do que a existência do artesanato colonial. Apenas em algumas atividades industriais é que houve essa ligação artesanato-indústria.

Para Roche, as tentativas de industrialização até 1890 foram ínfimas, e salienta o fato de não existirem estatísticas até o ano de 1907, apenas os dados

³⁷ Ibidem, p.19,20.

³⁸ ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969. v.2.p.498-506. A primeira edição dessa obra é de 1962.

³⁹ (...) *O artesanato rural progredia ao mesmo tempo que aumentavam a população e a produção agrícolas. Depois que se separaram da agricultura, certos artesãos puderam viver exclusivamente de seu ofício, mas não deixaram de estar solidários com os camponeses, seus clientes: seu papel diminuiu quando a produtividade das terras baixou e se tornou insuficiente para manter todos os habitantes da região. Nem sua instalação, nem suas reservas lhes permitiam abandonar a povoação ou a vila. Podem, no melhor dos casos, aí subsistir por vezes, no âmbito das manufaturas e das indústrias que se desenvolveram nas cidades, mas que ordinariamente os eliminam. Houve, por conseguinte, antagonismo ou, pelo menos, hiato entre o artesanato e a indústria, e não passagem harmoniosa de um a outro.* Ibidem, p.502.

das exposições industriais de Porto Alegre, o que dificulta o mapeamento da economia desse período.⁴⁰

Mais no final dos anos 1960, Paul Singer⁴¹ discorda da teoria de Tejo, dizendo que não houve um desenvolvimento harmônico, mas contraditório. Para ele, o artesanato já não existia quando surgiu a indústria, pois o artesão não tinha condições de concorrer com produtos estrangeiros importados, ou seja, o artesanato, muito antes de ser a origem da indústria, era um obstáculo que deveria ser transposto. A indústria, portanto, já encontrou um mercado instituído.

Já nos anos 1980, Eugenio Lagemann⁴² realizou um importante apanhado das diferentes concepções acerca da origem industrial do Estado. Segundo ele, a relação entre imigração e industrialização não é tão automática como parte da historiografia tende a acreditar, ou seja, o imigrante alemão e o italiano foram importantes nesse processo, mas não foram os primeiros responsáveis por ele. Aos imigrantes deve ser creditada a expansão das atividades industriais e a sua especialização e ramificação, mas não a criação da indústria no Estado, pois esteve ausente da principal atividade econômica sulina que foi a charqueada. O imigrante, portanto, quando aqui chegou já encontrou uma organização social formada, e apenas integrou-se a ela.

⁴⁰ Segundo Roche em 1874 havia no RS apenas 34 empresas dirigidas por alemães e nesse ano foi fundada a primeira “verdadeira” indústria do estado: a fábrica de fiação Rheingatz. Ibidem, p.504,505

⁴¹ SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional, 1968.p.169,170,171.

⁴² LAGEMANN, Eugenio. Imigração e Industrialização. In: DACANAL, José Hildebrando (org.) *RS: Imigração e Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

Com relação ao surgimento da indústria, o mesmo autor afirma que a idéia de que ela tenha surgido do desenvolvimento do artesanato não pode ser considerada regra geral, pois a maioria das indústrias teve sua origem mais ligada ao comércio, que era a atividade econômica que apresentava melhores condições de acumulação de capitais e, conseqüentemente, de aplicação desse capital em outros setores econômicos, como a indústria. O comércio dava-se em três níveis: as vendas coloniais, que tinham um contato direto com o colono; o comércio intermediário em colônias maiores e o grande comércio de Porto Alegre; e o capital decorrente dessa atividade estava presente em diversos ramos industriais que necessitavam de maior investimento que uma pequena propriedade agrícola poderia oferecer, como nas indústrias têxteis, nas de alimentos, nas de tabaco, e nas de cervejarias.⁴³

Entretanto, mesmo concordando com as afirmações de Lagemann, lembramos que muitas das indústrias do setor coureiro-calçadista do Vale dos Sinos, que são o foco do nosso trabalho, tiveram origem no artesanato.⁴⁴

Ainda nos anos 1980, Lígia Gomes Carneiro⁴⁵ fez uma minuciosa análise da industrialização no Estado, e apontou as condições propícias para o seu desenvolvimento, como a existência de um mercado consumidor (mais desenvolvido na zona colonial), de uma ferrovia ligando a região à capital (em 1874 foi construída a ferrovia que ligava Porto Alegre a São Leopoldo, e, em 1876,

⁴³ Ibidem, p.128.

⁴⁴ Não existe um levantamento de dados que possa afirmar o número de empresas que surgiram do artesanato no Vale do Sinos.

⁴⁵ In: *Trabalhando o couro – Do serigote ao calçado “made in Brazil”*. Porto Alegre: L&PM/CIERGS, 1986.

essa ferrovia foi estendida até Novo Hamburgo, o que facilitou muito o comércio entre estas cidades) e a um certo isolamento econômico do Rio Grande do Sul em relação ao resto do País. Entretanto, a disponibilidade de capitais necessários para serem investidos na indústria e as inovações técnicas para uma produção em maior escala, também eram fatores fundamentais para esse processo.

A autora acredita que os capitais investidos nas fábricas tiveram origem na agricultura e nas atividades comerciais ligadas a ela e que o trabalho do artesão foi substituído muito lentamente pelo do operário especializado, inclusive houve uma coexistência entre o artesanato e a indústria moderna durante muito tempo.

Carneiro afirma que havia uma coexistência nas formas de produção, mas que os produtos não disputavam as mesmas fatias de mercado, pois as classes mais abastadas compravam calçados importados; os que estavam um pouco abaixo desse grupo compravam os calçados feitos sob encomenda, as classes médias, os produtos desenvolvidos pelas fábricas e os agricultores e operários os calçados produzidos pelos artesãos.

Entretanto, é difícil comprovar que o capital necessário para a industrialização tenha vindo do artesanato, embora, nesse aspecto, a indústria do calçado fosse privilegiada, pois precisava de pouco investimento e nem todos os artesãos tinham condições de acumular o capital necessário para tal investimento. Muitas fábricas, inclusive, tiveram seu capital inicial surgido do comércio.⁴⁶

⁴⁶ [...] *Embora as informações sobre a origem do capital aplicado nas indústrias sejam escassas, é possível afirmar que, ao menos nas maiores fábricas, existiam investimentos vindos de outros setores, enquanto que nas pequenas unidades era mais utilizado o capital acumulado pelos artesãos. É pouco provável que se tenha verificado um processo de crescimento progressivo, onde*

Outro autor que, mais recentemente, faz uma análise muito oportuna para essa tese é Sergio Schneider⁴⁷ que trata da pluriatividade praticada pelos colonos no Rio Grande do Sul e suas relações com a indústria calçadista. Embora o autor trate mais especificamente das décadas de 1970 e 1980, ele faz uma abordagem histórica das transformações sociais, econômicas e culturais do Vale do Rio dos Sinos e de seu desenvolvimento local desde a chegada dos imigrantes.

Schneider diz que as teses da origem da indústria de calçados e das atividades a ela ligadas, como o curtimento do couro, constitui um tema controverso e desenvolve o conceito de “industrialização difusa” para explicá-la. Segundo ele, este conceito, pouco conhecido no Brasil, vem sendo utilizado na Europa para tentar explicar o processo de industrialização de algumas regiões da Itália, Portugal e Espanha.

O autor afirma que as teses que procuram explicar o início da industrialização no Vale do Sinos, embora tenham trazido contribuições importantes, deixam muitas lacunas. A primeira delas diz respeito à debilidade da acumulação de capital e o problema da elasticidade da estrutura agrária gaúcha, pois

[...] tanto a teoria da substituição de importações quanto a da acumulação de capitais via expropriação do campesinato colonial parecem atribuir pouca importância ao fato de que a comercialização do produto colonial dos pequenos agricultores, pelo menos no período inicial da industrialização (até a década de 1950), e a expansão da zona pioneira,

as firmas passavam sucessivamente pelas fases de artesanato, pequena, média e grande fábrica, pois o salto que permitia passar de média para grande era muito difícil de ser dado, a não ser que houvesse uma fonte de capital que não o simples reinvestimento das economias poupadas na própria indústria. [...] Carneiro, op.cit. p.65

⁴⁷ SCHNEIDER, Sergio. *Agricultura familiar e industrialização* – Pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

funcionavam com base em uma racionalidade que mais se caracteriza pela busca da reprodução familiar do que pela acumulação. [...] ⁴⁸

Ele critica, também, a tese do crescimento orgânico do artesanato até a fábrica, pois assevera que carece de sustentação empírica e “faz uma apologia da ideologia do self-made-man, do colono que se tornou empresário, forjando um processo de industrialização em seu rastro.” ⁴⁹

A segunda lacuna que ele mostra existir é especificamente aquela relacionada ao processo de industrialização do setor coureiro-calçadista, pois diz que é apenas por meio das análises de casos que podemos compreender como aconteceu esse processo. As generalizações com base no estudo de outros ramos da indústria não contribuem para essa análise.

Schneider afirma que a atividade artesanal sempre foi praticada pelos colonos como complemento das atividades agrícolas, a agricultura e o artesanato faziam parte de um mesmo modo de viver. Entretanto, a diversificação desse artesanato sempre esteve acompanhada pela expansão do comércio. ⁵⁰ Desse modo, o autor mostra a estreita ligação existente entre os diversos setores econômicos: artesanato, comércio e indústria, assumindo esse conceito de industrialização difusa, ou seja, não generalizando explicações, mas tentando entender as especificidades do setor coureiro-calçadista e do Vale do Sinos.

⁴⁸ Ibidem, p. 51

⁴⁹ Ibidem

⁵⁰ [...] a estreita ligação entre agricultura e o artesanato colonial respondia às necessidades elementares dos colonos tanto por produtos para uso próprio como para vender ou trocar seu artesanato por outras mercadorias. Para o colono, o artesanato facilitava o trabalho agrícola, permitia desfrutar de maior conforto e qualidade de vida e, às vezes, ainda possibilitava a obtenção temporária de rendas. Ibidem, p.35

Porém, a região do Vale do Rio dos Sinos, já no final do século XIX, apresentava vários fatores favoráveis ao desenvolvimento da indústria calçadista, como um mercado consumidor com poder aquisitivo para adquirir esse produto, mão-de-obra especializada e capital acumulado do artesanato, do comércio e da agricultura, atividade que não deixava de ser praticada.⁵¹

Essas breves considerações de cunho historiográfico a respeito da história da indústria no Vale do Sinos, mostram-nos, em primeiro lugar, que não existe unanimidade em relação a essa questão. São diversos os fatores que estão na gênese da industrialização no Rio Grande do Sul, e tentar reduzi-los a um só não resolve nosso problema, pelo contrário, é exatamente a complexidade da discussão que a torna interessante para esta tese.

E, em segundo lugar, a questão polêmica aponta a análises de caso, como o de Pedro Adams Filho, por exemplo, que põe em pauta uma trajetória de vida que envolve, além da criação pessoal de sua empresa, a sua participação na história regional em que se insere.

As raízes da indústria de couro em Novo Hamburgo são carentes de investigação. Trata-se de um tema que carece de análises mais aprofundadas, e acreditamos que toda a empresa surgida no início do século XX no Vale do Sinos merece estudo apurado, que ligue seus fundadores, para além dos seus papéis de

⁵¹ [...] *A indústria ocupava, inicialmente, os vários membros da família. Entusiasmados, entretanto, com a aceitação de seus produtos, os fabricantes mais ativos e que dispunham de algum recurso financeiro, reuniram outros profissionais, foram montando suas fabriquetas e comercializando o fruto de seu trabalho, paralelamente às lides da lavoura.* [...] COPETTI, Américo. *Monografia da Indústria de Calçados do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CORAG, 1976. p.23

capitães de indústria; ligue-os ao de construtores da história política de seus municípios.

1.2. Os empreendedores coloniais

Optamos em lembrar, neste trabalho, outros empresários de origem alemã, contemporâneos de Pedro Adams Filho que, de uma forma ou de outra, foram responsáveis pela expansão e diversificação industrial do Estado gaúcho a partir da evidência de possuírem características empreendedoras.

Todos esses empreendedores formaram-se a partir de alguns elementos comuns: a origem teuto-brasileira, a demonstração de competência para avançar do comércio para o modo produtivo artesanal e o impulso para implementação de processos industriais mais complexos. Eles aproveitaram e ensejaram o crescimento de Porto Alegre e adjacências enquanto os núcleos coloniais de onde eram oriundos cresciam, e transformavam-se em cidades. Nesse contexto, foram beneficiados com o aumento do mercado interno regional que se tornou capaz de assimilar e acomodar o florescente processo de industrialização que capitaneavam.

Deve ser pensada, também, quanto à atitude empreendedora desses homens, a sua busca por atividades que, alicerçadas por pequenos e médios capitais, foram importantes para romper o ciclo agricultura-pecuária e buscar uma

modernização econômica para o Estado. Nesse sentido, a seguir faremos um breve histórico de alguns dos empreendedores de origem alemã, para situá-los nesse contexto de transformações da matriz produtiva do Rio Grande do Sul no início do século XX.

Alberto Bins, filho de imigrantes alemães, nascido em 1869, estudou na Alemanha e na Inglaterra durante seis anos. Iniciou sua vida profissional como sócio majoritário da empresa de metalurgia de E. Berta que passou a se chamar E. Berta & Cia., e que fabricava, principalmente, cofres, além de fogões, camas e móveis de ferro, baldes galvanizados e fechaduras que gozavam de grande prestígio.⁵²

Tão logo assumiu a empresa, modernizou seu processo de trabalho em função dos conhecimentos adquiridos em seus estudos no exterior. As máquinas e as matérias-primas eram, em sua maioria, importadas da Alemanha, da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Bins também era proprietário da fundição Phenix, essencial para o preparo do ferro e outros metais empregados na fabricação dos diversos produtos que eram vendidos, não só no Estado, mas também no resto do País.

⁵² SOCIÉTÉ DE PUBLICITÉ SUD-AMERICAINE MONTE DOMEQ & CIA. *O Rio Grande do Sul Colonial*. Paris/Barcelona: Estabelecimento Gráfico Thomas, 1918. p. 139, 140.

Além da empresa de metalurgia, possuía uma propriedade rural, a Granja Progresso, onde plantava uvas de duas variedades para produção de vinho tinto e branco⁵³ e uvas de mesa.

Outra atividade desenvolvida por Bins era o cultivo do eucalipto que servia para defender os vinhedos da ação dos ventos e que, pelo seu rápido desenvolvimento, passou a ser explorado industrialmente como madeira para construção e combustível.⁵⁴

Alberto Bins foi vereador na Câmara de Porto Alegre de 1908 a 1913, quando, neste mesmo ano, tornou-se deputado estadual com mandato renovado por mais três vezes. Foi vice-intendente de Porto Alegre, intendente, além de presidente da Associação Comercial de Porto Alegre, um dos fundadores do Banco Pelotense e do Centro da Indústria Fabril do RS.⁵⁵

Segundo Bakos, “o fato de ser um homem bem sucedido nos negócios foi habilmente usado na campanha como argumento de garantia para o progresso de Porto Alegre.”⁵⁶ Além disso, Bins dizia-se representante das classes produtoras em função da sua participação na fundação do Sindicato do Arroz e da VARIG,

⁵³ [...] *O atual proprietário, não só na plantação da vitis, como, também, na vinificação sempre guiou-se pelos ensinamentos de seu antecessor: apresentar somente um produto natural, puro, de uva, melhorado, apenas, pelo tratamento adequado de adega, excluindo todos os processos químicos de melhoria. Eis o segredo porquê foram tão bem acolhidos em todos os mercados os produtos desta Granja a ponto de serem vendidos como estrangeiros, em vasilhame de fora...Ibidem, p.148.*

⁵⁴ [...] *No horto experimental, cultivam-se 32 diversas variedades de eucáplitus, que são observadas e estudadas por um silvicultor competente, fornecendo os viveiros não só mudas para ampliar a plantação da Granja, como, também, para a venda a outros interessados no plantio dessa preciosa produção que se presta, não somente à exploração da madeira, mas, ainda, favorece o criador, oferecendo a seu gado, nas invernações rigorosas, um excelente abrigo. Idem, p.148,149.*

⁵⁵ Ibidem, p.181

⁵⁶ BAKOS, Margaret Marchiori. *Porto Alegre e seus eternos intendentes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p.62

primeira empresa aérea comercial do país e, ao mesmo tempo, propunha-se a amparar ao operário, fundando em 1930 um comitê com essa finalidade.⁵⁷

Guilherme Ludwig, nascido em 1878, em Bom Jardim, hoje Ivoti, distrito de São Leopoldo, veio para Novo Hamburgo em 1894 e, depois de seus primeiros anos de escola, apenas com 16 anos, iniciou suas atividades profissionais como aprendiz de curtidor e seleiro no curtume *Libório Müller*. Quatro anos mais tarde, já abriu seu próprio curtume, o *Curtume Ludwig* uma selaria e tamancaria, ampliando o trabalho artesanal do criador do primeiro curtume em Novo Hamburgo, Nicolau Becker.

A força motriz de seu curtume era, inicialmente, constituída por uma máquina a vapor que trabalhava, principalmente, na preparação de couros de porco, de camurça, mouton, marroquin e vaquetas que eram fornecidas a sapatarias, selarias e correarias. Além do couro de porco, o curtume trabalhava, também, com o couro de rês e produzia tamancos, chinelos, solados para calçados e outros artigos. Seus produtos eram muito bem aceitos e os pedidos costumavam superar a produção, o que levou Ludwig a modernizar a produção adquirindo máquinas modernas de cortar e lustrar couro.

Ludwig também se dedicou à cultura do eucalipto, utilizando alguns lotes de sua propriedade em Hamburgo Velho e vendendo a madeira para a usina elétrica.

Além das atividades industriais, participava da vida política e social da comunidade integrando-se em todos os projetos relevantes para a cidade de Novo

⁵⁷ *Ibidem*, p.63

Hamburgo. Dentre eles, o movimento emancipacionista que, desde o início dos anos 20, já vinha se delineando na ainda vila de Hamburger Berg. Ludwig fez parte da “Liga Pró Villamento”, formada em 1926 e que junto a outros nomes ligados ao movimento foram pessoalmente recebidos pelo governador do Estado para tratar das questões políticas ligadas ao movimento. Com a emancipação do município, em 1927, Ludwig foi eleito para o cargo de vice-intendente de Leopoldo Petry, primeiro intendente do município emancipado.

Ludwig foi um nome importante para a comunidade de Novo Hamburgo, segundo palavras de Monte Domecq, pois “sempre foi um espírito progressista e amante de melhoramentos, [...] um conceituado industrialista e sua fabrica merece figurar ao lado das mais ativas e interessantes do Estado do Rio Grande do Sul.”

58

⁵⁸ Conforme MONTE DOMEcq, op. cit.p.255

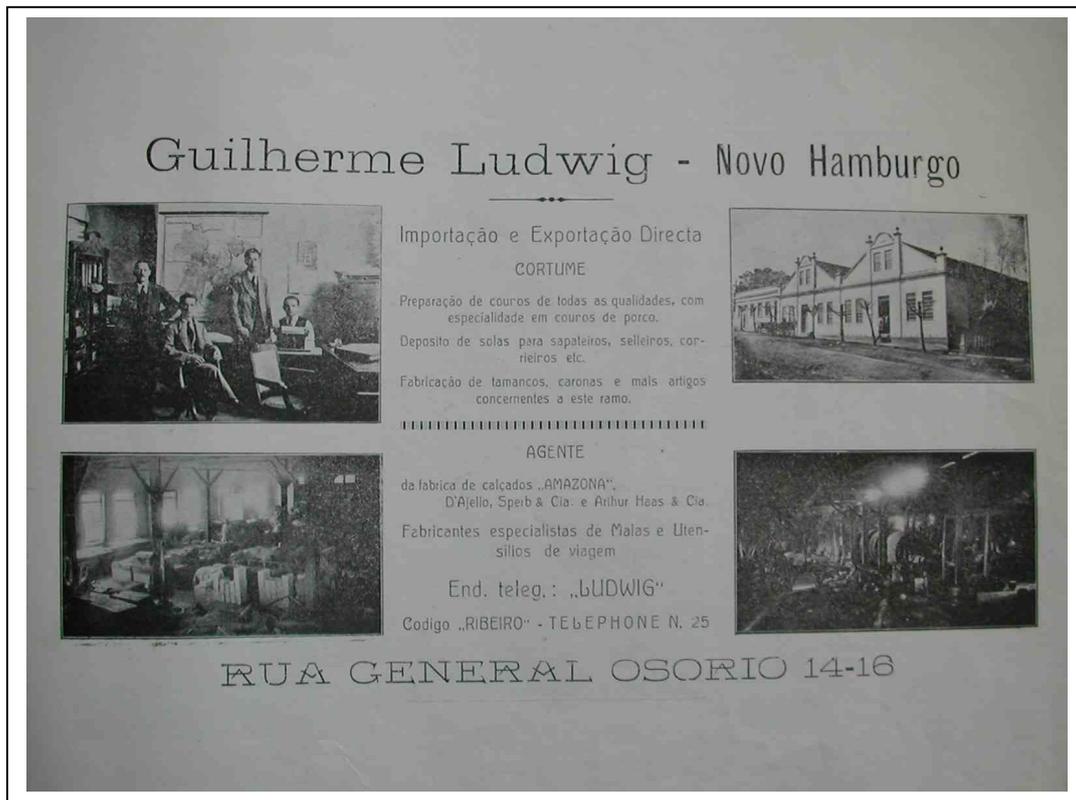


Figura 2 - Propaganda da empresa.⁵⁹

Arthur Haas nasceu em Dois Irmãos em 1868 e mudou-se para Novo Hamburgo em 1885, onde empregou-se em uma selaria em que trabalhou por dez anos.

Com a experiência adquirida, criou uma pequena fábrica para produzir carteiras de couro e, segundo Schütz,⁶⁰ percebendo que os produtos de couro para viagem eram importados em sua maioria e notando a boa aceitação de suas carteiras, criou uma indústria de produtos para viagem em Hamburgo Velho, que fabricava, entre outros, bolsas, frascueiras e malas. Chamava-se Arthur Haas &

⁵⁹ Tribuna Illustrada, Porto Alegre, n.10, mai 1927.

⁶⁰ SCHÜTZ, Liene M.Martins. *Novo Hamburgo: Sua História, Sua Gente*. Porto Alegre: Palotti, 1976. p. 103

Cia. Seus produtos, de alta qualidade, logo tiveram ampla aceitação, e passaram a ser comercializados em todo país. Em 1926, sua empresa expandiu os negócios, e iniciou a fabricação de calçados.

Haas também participou intensamente da vida social e comunitária da cidade. Foi um dos fundadores da Sociedade Frohsin, em que cantava no coral e participava de sua orquestra como flautista. Participou também ativamente da Comunidade Evangélica de Hamburgo Velho principalmente apoiando a escola dessa comunidade.⁶¹



Figura 3 - Propaganda da fábrica.⁶²

⁶¹ PETRY, Leopoldo. *O município de Novo Hamburgo – Monografia*. Porto Alegre: Edições A Nação, 1944.

⁶² Tribuna Ilustrada, Porto Alegre, n.10, mai 1927.

Augusto Jung nasceu em Estância Velha em 1861, e, em 1892, veio para Novo Hamburgo, onde estabeleceu um comércio de chinelos, o primeiro da cidade, além de possuir um curtume e uma fábrica de calçados, que em 1907 já empregava cerca de 50 operários. Sua produção era bastante representativa para a época, pois ele tinha condições de vender seus produtos para Porto Alegre. Além dos chinelos produzia lombinhos, vaquetas e botinas e, como seus produtos eram muito bem cotados no mercado, muitas vezes não podia atender a todos os pedidos de compra.⁶³

Jung é considerado, por Paulo Henrique Kern, o pioneiro do comércio atacadista de Novo Hamburgo.⁶⁴

Além de suas atividades econômicas, participava ativamente das atividades sociais e comunitárias, tendo exercido o cargo de vice-presidente da Sociedade Ginástica por duas vezes.⁶⁵

Pedro Alles nasceu em Santa Maria do Herval em 1888 e, desde criança, teve que trabalhar em função de sua família ser de origem modesta, segundo relato de sua neta, Ceíça Alles.⁶⁶ Com seis anos de idade veio para Novo Hamburgo, mas logo foi mandado para um internato religioso em Bom Princípio, onde era obrigado a cumprir pequenas tarefas para pagar seus estudos. Assim

⁶³ [...] *A fábrica do sr. Augusto Jung, compreende duas seções principais: a primeira é um curtume a vapor, estabelecido há muitos anos, perfeitamente organizado e cuja produção é muito importante; e a segunda uma fábrica de calçados de todas as qualidades e gostos, que produz igualmente chinelos, serigotes, caronas e todos os mais artigos de montaria, assim como artigos para sapateiros: essa seção foi organizada há menos de dois anos e o seu desenvolvimento foi assombroso.* MONTE DOMECCQ. O Rio Grande do Sul Colonial. Barcelona:Thomas, 1918.p.254.

⁶⁴ KERN, Paulo Henrique. *Ruas & Praças de Novo Hamburgo*. Quem é Quem. 2.ed. Novo Hamburgo: Metrópole, 2002. p. 77

⁶⁵ Monte Domecq, op. cit. p. 254.

⁶⁶ Entrevista concedida por Ceíça Alles, neta de Pedro Alles em março de 2006.

que saiu dessa escola, foi morar em Porto Alegre, e trabalhou na área de contabilidade de uma empresa onde, depois de muita labuta, conseguiu guardar algum dinheiro para abrir seu primeiro negócio: um ateliê fotográfico na capital.⁶⁷

Com sua pequena empresa estabelecida, e observando os hábitos de seus clientes, conforme Kern, Alles percebeu que as pessoas gostavam de emoldurar suas fotografias e que as molduras eram escassas naqueles tempos. Viu aí uma oportunidade de negócio e partiu para a Alemanha, em 1910, a fim de trabalhar em alguma empresa especializada e aprender a técnica de fazer molduras.⁶⁸

Assim que se julgou suficientemente apto, voltou ao Brasil e estabeleceu, em Novo Hamburgo, em 1912, a primeira fábrica de molduras no país, a *Pedro Alles*. Seus produtos tiveram ampla e rápida aceitação, não só em nível local, mas também nacional.⁶⁹

⁶⁷ Foi fotografando em seu ateliê que Alles conheceu sua futura esposa, Ludwina Catharina Adams, filha de Pedro Adams Filho, que tinha por hábito levar seus filhos à capital para serem fotografados.

⁶⁸ KERN, op. cit. p. 210

⁶⁹ *Ibidem*, p. 210

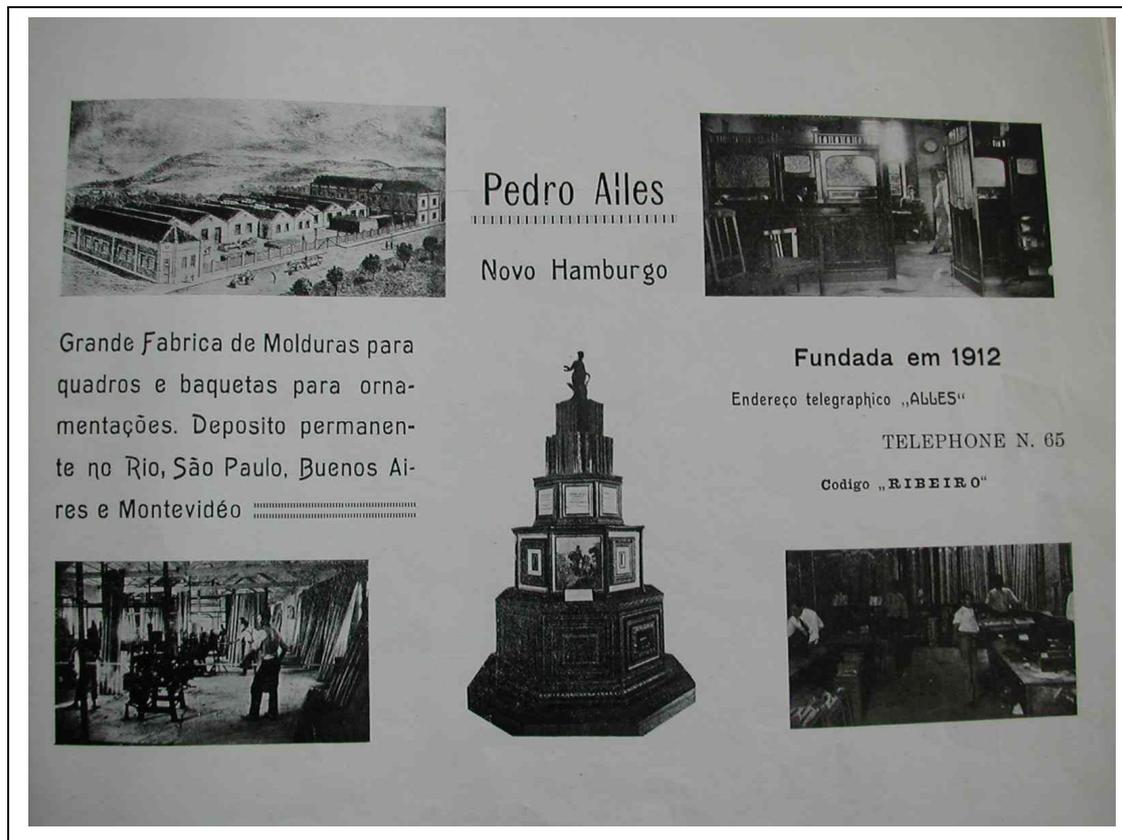


Figura 4 - Propaganda da empresa.⁷⁰

Antônio Jacob Renner nasceu em 1884, na vila de Alto Feliz, pertencente ao município de São Sebastião do Caí. Aos 20 anos casou-se com uma das herdeiras da empresa Cristiano J. Trein & Cia., que dominava a atividade comercial da cidade, que era bastante intensa em função da existência de um porto fluvial, que distribuía as mercadorias vindas de Porto Alegre, e escoava a produção da colônia. O comércio era feito em lombo de burros por trilhas rudimentares.

⁷⁰ Tribuna Ilustrada, Porto Alegre, n.10, mai 1927.

Com a chegada da estrada de ferro, o transporte animal tornou-se ultrapassado, o que representou uma oportunidade de negócios para Renner, que já conhecia as necessidades dos colonos em matéria de vestuário.

Em 1911, Renner participou da fundação de uma pequena tecelagem chamada Frederico Engel & Cia. Um ano depois, por sua iniciativa, passou a produzir as capas impermeáveis de marca Ideal, que se tornaram famosas em todo o Estado por apresentarem características distintas dos modelos até então existentes. A pequena empresa instalou-se, inicialmente, num galpão de madeira utilizado para pouso de tropeiros e o capital investido foi pequeno para a época (54 contos de réis), já que o Estado destacava-se por um parque fabril estruturado em bases industriais.⁷¹

A instalação dessa fábrica, segundo Reichel, “se constituiu num caso típico de empresa que se forma a partir da acumulação de capital provindo do comércio, pois seus principais fundadores eram comerciantes do interior do Estado.”⁷²

Os primeiros tempos da empresa foram de muitas dificuldades, abrangendo desde as de cunho técnico: fios importados de baixa qualidade e equipamentos rudimentares, até o pouco capital disponível, mas a restrição das importações durante a Primeira Guerra Mundial representou um grande aumento de vendas.⁷³ A fábrica, nesse período, passou a trabalhar em três turnos para atender a demanda de mercadorias.

⁷¹ REICHEL, Heloisa. O surgimento de uma grande empresa no parque industrial gaúcho. O caso das indústrias Renner. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n.6, jan./jun. 1992. p.102

⁷² *Ibidem*, p.102

⁷³ FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito – A classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas*. Caxias do Sul: Educus, Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p.180,181.

A partir de 1914, a fábrica iniciou sua instalação na capital com o objetivo de aproximar-se do consumidor e da matéria-prima. Em 1917, a empresa passou a chamar-se A.J.Renner & Cia. e mudou sua sede definitivamente para Porto Alegre, onde teria maiores oportunidades de crescer.

No final dos anos 1920, a empresa já era a primeira na indústria de fiação e tecelagem do Estado, e passou a produzir, além das capas, roupas masculinas que utilizavam o mesmo tecido.⁷⁴

Renner inovou na fabricação de ternos masculinos. Até então esse segmento era praticamente monopolizado pelos alfaiates e, portanto, bastante elitizado. Com a fabricação em escala industrial, a demanda por esse produto passou a ser prontamente atendida, o que configura um momento importante na criação de uma cultura de consumo no Estado do Rio Grande do Sul.⁷⁵

A empresa ainda foi a responsável pela introdução da técnica da “fiação penteada” que “permitia a produção de casemiras muito semelhantes, na qualidade com as inglesas e, em 1933, iniciou a fiação e tecelagem do linho, produtos esses que lhe permitiam estender a sua produção por todo o território nacional.”⁷⁶

A empresa de A. J. Renner expandiu-se além da fábrica de tecidos, criando, também, as Lojas Renner, as Tintas Renner, entre outras.

⁷⁴ REICHEL, op. cit. p.102

⁷⁵ Ibidem, p.181.

⁷⁶ Ibidem, p.182.

Por volta de 1890, em São Sebastião do Caí, **Adolfo Oderich** abriu uma fábrica de banha, que era um dos produtos comerciais de maior destaque na região e que era muito utilizado nas frituras em função da não utilização de óleos vegetais.

A larga utilização da banha criou um subproduto, o restante do porco que não era aproveitado e que, muitas vezes, era descartado, por não haver tecnologia disponível para a sua conservação. Essa situação incomodava Carlos Henrique, filho de Adolfo, que em 1903 foi estudar na Alemanha a fim de aprender novas técnicas de produção de conservas de produtos em lata.⁷⁷

De volta ao Brasil, depois de passar por uma série de dificuldades, Carlos aplica seus conhecimentos na empresa do pai, fundando, em 1908, a fábrica Conservas Oderich S.A. que rapidamente cresceu e conquistou clientes, não só no Brasil, mas também no exterior.⁷⁸

⁷⁷ Os colonos alemães utilizavam-se amplamente das conservas de produtos rurais como forma de conservar aqueles produtos que escasseavam na época das entressafras. Muitas frutas como pêra, figo, ameixa, pêssegos e verduras como beterraba, cebola, cenoura, pepino, rabanete, além dos ovos, também eram cozidas ou colocadas cruas com temperos em vidros para o posterior consumo da família. Essa prática caiu em desuso com o advento dos enlatados. Segundo <http://www.oderich.com.br/historico.htm>

⁷⁸ Segundo <http://www.oderich.com.br/historico.htm>

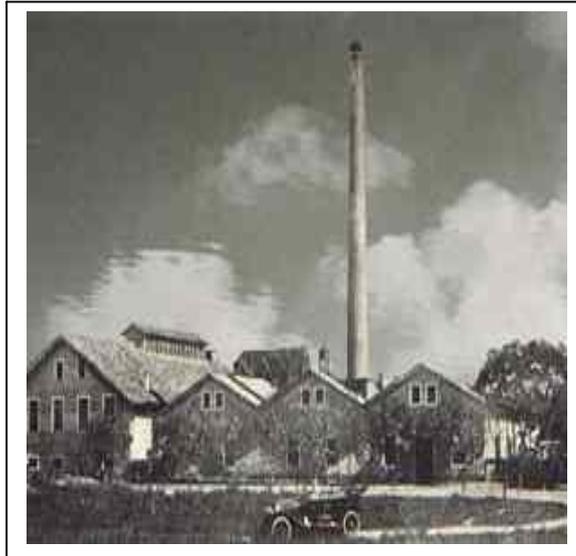


Figura 5 - Fachada da fábrica Oderich em São Sebastião do Caí – 1908 ⁷⁹

Em 1891, os irmãos **Franz e Max Neugebauer**, juntamente com o sócio Fritz Gerhardt fundaram a empresa Neugebauer Irmãos & Gerhardt.

O interesse na criação de uma nova indústria surgiu quando Franz, que era confeitoiro, veio ao Brasil em 1887, e certificou-se do interesse das autoridades na implantação de uma empresa do ramo alimentício. Após conseguir um prédio para sua instalação, Franz pediu a seu irmão Ernest que se especializasse, na Alemanha, no ramo de confeitaria e chocolates e que Max viesse ao Brasil para iniciarem a indústria.

No começo, as dificuldades foram muitas, mas foram vencidas por eles. O salto na produção deu-se quando Ernest voltou ao Brasil carregado de novas tecnologias e com o aumento do capital da empresa.

⁷⁹ Ibidem

Nos primeiros tempos, Max vendia seus produtos artesanais de porta em porta, no lombo de cavalos, mas logo depois os cavalos foram substituídos por veículos modernos e equipes de vendas que expandiram a comercialização dos doces e chocolates para locais em que antes não conseguiam chegar.

Em 1896, já era uma empresa de sucesso, com mais um prédio. Nesse ano, com a saída do sócio Fritz Gerhardt, passou a chamar-se Neugebauer & Irmãos. A empresa continuou crescendo até se tornar a maior empresa do bairro Navegantes de Porto Alegre.⁸⁰



Figura 6 - Um dos primeiros caminhões de entrega - Década de 1920 ⁸¹

Arlindo Júlio Spindler ⁸², nascido em Campo Bom em 1907, veio para Novo Hamburgo ainda criança. Aos 18 anos já trabalhava como motorista na empresa Breidenbach & Mossmann, maior construtora da cidade na época. Em

⁸⁰ Em 1904 o prédio da Neugebauer era tão imponente que podia ser avistado do centro da cidade e nesse mesmo ano foi aberta a primeira loja de seus produtos. In: www.neugebauer.com.br

⁸¹ Disponível em <http://www.neugebauer.com.br>

⁸² Achamos importante incluir Arlindo Spindler neste trabalho, mesmo que sua atuação tenha se dado alguns anos mais tarde que os outros empreendedores apresentados até esse momento, pois ele foi um importante empresário e seu trabalho foi extremamente significativo para o setor coureiro-calçadista da região.

seis meses de trabalho, juntou dinheiro suficiente para comprar seu primeiro caminhão usado e abrir seu próprio negócio em sociedade com um amigo.

Conseqüentemente, a partir de 1925 o comércio e a distribuição de mercadorias no Vale do Sinos começava a mudar, pois até esse momento o transporte era feito apenas via ferroviária e marítima. O produto que levava cerca de uma semana para sair da fábrica de Novo Hamburgo e chegar à loja em Porto Alegre, passou a levar seis horas para chegar, e o comerciante não precisava ir até o porto para pegar sua mercadoria, pois ela chegava diretamente à sua porta. Isso foi uma verdadeira revolução para a época.

Porém, Spindler decidiu que levaria as mercadorias das empresas locais até São Paulo, façanha considerada quase impossível por seus clientes e colaboradores, já que praticamente não havia mapas nem estradas até aquele Estado e muitos motoristas acreditavam que nenhum caminhão conseguiria chegar até lá.⁸³

Para Spindler nada era impossível, como ele mesmo conta numa entrevista que deu ao *Jornal NH* em 1988 disse que recebeu um pedido dos curtumes para buscar couro de boa qualidade em Santa Vitória do Palmar, e não havia estradas de Rio Grande em diante, o que o obrigou a ir pela beira da praia, dependendo da maré baixa para passar com seu caminhão. Ele contou, ainda, que, naquela cidade, as mercadorias chegavam de barco à vela apenas duas vezes por ano, o que obrigava os comerciantes a fazerem grandes estoques. Ele passou, então, a

⁸³ *Jornal NH*, 28/07/1988. p.25

levar diversos tipos de produtos para lá, e retornava com excelentes peles de couro sem qualquer arranhão ou marca, pois as fazendas não tinham cerca de arame farpado, e na região não havia carrapato. Conta, ainda, que o único dia em que dormia numa cama era no sábado, pois, durante as viagens, apenas dava umas cochiladas dentro do caminhão.

Em 1939, Spindler viajou para Santa Catarina. Ele saiu de Santo Antônio da Patrulha e levou calçados a várias cidades por meio das estradas do litoral. Chegou até Blumenau, Joinville e Florianópolis. Para fazer o mapeamento do trajeto (localidades e distâncias) Spindler levou seu amigo João Bionde, que aproveitou a viagem para vender 500 quilos de charuto da fábrica de seu sogro. Até Torres, foi utilizada a beira da praia, e a chegada a Santa Catarina deu-se pelas mesmas estradas utilizadas pelos tropeiros do século XVII. O resto foi mais fácil, pois havia estradas melhores. Chegando ao seu destino final e apresentando a nota fiscal onde constava a data da saída do Rio Grande do Sul, o comerciante não conseguiu acreditar que o trajeto havia sido feito em apenas três dias. A partir daí, os lojistas passaram a pedir aos fabricantes que mandassem as mercadorias apenas de caminhão.

Nesse mesmo ano de 1939, ele fez a primeira viagem a São Paulo, que levou onze dias e que pelas vias normais levava mais de um mês. Além da vantagem da rapidez, o transporte rodoviário era mais seguro, pois antes muita mercadoria desaparecia indo de um cais a outro; agora, havia a segurança e a facilidade de o produto chegar direto na loja, muitas vezes sendo colocado diretamente na prateleira.

Três anos depois dessa viagem, Spindler não dava mais conta do transporte de tanta mercadoria que tinha que levar para São Paulo, mas sempre privilegiou seus clientes de Novo Hamburgo, priorizando o atendimento de seus pedidos.

A mudança do nome da empresa de Spindler & Cia. para Expresso Rio Grande-São Paulo, em 1940, ocorreu justamente com o objetivo de conquistar a confiança dos empresários paulistas, que, desde 1930, estavam com as relações estremecidas com os gaúchos e os caminhões que saíam lotados do Rio Grande do Sul, voltavam vazios de São Paulo, o que representava um prejuízo. Essa “estratégia de *marketing*” deveria fazer com que os empresários imaginassem que a empresa era paulista!

Essa verdadeira revolução na maneira de transportar as mercadorias do Vale do Sinos para o resto do país representou uma possibilidade de crescimento do setor coureiro-calçadista, pois, além da considerável diminuição de tempo entre saída da fábrica e a chegada à loja, o transporte rodoviário evitou que as mercadorias ficassem armazenadas em depósitos ou fossem extraviadas.⁸⁴

⁸⁴ SCHEMES, Claudia et alii. *Memória do Setor Coureiro-Calçadista: Pioneiros e Empreendedores do Vale do Rio dos Sinos*. Novo Hamburgo: Feevale, 2005. p. 81-88.



Figura 7 - Um dos caminhões da empresa nos anos 30. ⁸⁵

Nessas circunstâncias e baseados no conceito de Gimenez que diz que o empreendedorismo “é o resultado tangível ou intangível de uma pessoa com habilidades criativas, sendo uma complexa função de experiências de vida, oportunidades, habilidades e capacidades individuais e o seu exercício está inerente a variável risco” ⁸⁶, esses sujeitos citados caracterizam-se como empreendedores, no sentido de terem sido pioneiros em serviços e práticas inexistentes e, nessa ótica, ativos participantes de um processo de incipiente industrialização do Estado.

⁸⁵ Ibidem, p.88

⁸⁶ GIMENEZ, Fernando. Et al. Uma investigação sobre a tendência do comportamento do empreendedor. In: *Empreendedorismo: competência essencial para pequenas e médias empresas*. Brasília: ANPROTEC, 2001.

Baseados em Fillion ⁸⁷, podemos concluir que esses empreendedores citados possuem as características indispensáveis na constituição de um empreendedor: identificar oportunidades de negócios, conceber visões e realizá-las, tomar decisões, dominar a tecnologia adotada em seu negócio, saber comprar e vender, saber lançar-se no mercado, cercar-se das pessoas certas e delegar poder.

Com poucas exceções, com destaque para a *Oderich*, essas empresas desapareceram e/ou foram absorvidas por grupos econômicos nacionais e/ou internacionais.

Evidentemente, outros empreendedores poderiam ser citados, assim como de outras etnias, entretanto, nosso trabalho fixou-se naqueles que possuíam os traços em comum com Pedro Adams Filho, o nome da avenida mais importante de Novo Hamburgo.

1.2.1 – Arriscar, ousar, inovar, empreender

Para podermos analisar os desdobramentos das ações e repercussões desses empreendedores consideramos fundamental abordarmos algumas questões teóricas a respeito do conceito e da história do empreendedorismo.

⁸⁷ FILION, Louis Jacques. *Empreendedorismo*: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. Revista de Administração, São Paulo, v.34, n.2, p.5-28, abril/junho, 1999.

Como não há consenso em torno da utilização do termo “*empreendedor*”, podemos fazer algumas considerações a esse respeito baseados em alguns trabalhos amplamente aceitos pela comunidade acadêmica.

O termo empreendedor é proveniente da palavra *entrepreneur*, que no século XII, na França, era utilizada para designar a pessoa que incentivava brigas. No século XVI, o termo passa a descrever uma pessoa que tomava a responsabilidade e dirigia uma ação militar.⁸⁸

No século XVII, surgem as primeiras relações entre assumir riscos e empreendedorismo, onde empreendedores estabeleciam acordos com governos para a realização de algum serviço ou fornecimentos de produtos, arcando com qualquer lucro ou prejuízo, pois os preços eram definidos anteriormente.

O economista do século XVII, Richard Cantillon, é considerado um dos criadores do termo empreendedorismo, pois foi um dos primeiros a diferenciar o empreendedor, que seria aquela pessoa que assume riscos, do capitalista, que era quem fornecia o capital.⁸⁹

Entretanto, foi no final do século XVII e início do século XVIII que o termo passou a ser utilizado para se referir àquele que criava e conduzia projetos e empreendimentos.

No século XVIII, capitalista e empreendedor já eram facilmente diferenciados, principalmente em função do processo de industrialização que

⁸⁸ ZENI, Alexandre. *Centro de Empreendedorismo: um estudo para implantação*. Santa Maria: UFSM, 2002.

⁸⁹ *Ibidem*

vinha se instalando na Europa e onde vários inventos só foram possíveis devido ao auxílio de investidores que financiavam pesquisas e experimentos.

No final desse século, empreendedor era aquela pessoa que comprava matéria-prima, processava-a e a vendia para outra pessoa, ou seja, era a pessoa que criava e conduzia projetos e empreendimentos, conceituação que se aproxima da atual, em que o termo “empreender” identifica uma oportunidade de negócio no qual há um risco inerente à compra e comercialização do produto final.

Ainda no final do século XIX e início do século XX, empreendedores eram confundidos com administradores, pois eram identificados apenas pelo ponto de vista econômico e como aqueles que organizavam a empresa, pagavam seus empregados, planejavam, dirigiam e controlavam as ações desenvolvidas na organização.⁹⁰

Foi somente no século XX que ao termo empreendedorismo foi associada a idéia de inovação.

A falta de consenso sobre o termo empreendedor deriva, principalmente, das disputas entre duas correntes que tentam explicar o fenômeno: a primeira é a dos economistas, que associam o empreendedor à inovação e a seu papel fundamental no desenvolvimento econômico; e a segunda é formada pelos comportamentalistas, que enfatizam os aspectos atitudinais do empreendedor.⁹¹

⁹⁰ Este histórico foi baseado na dissertação de mestrado de Engenharia de Produção de Alexandre Zeni intitulada *Centro de Empreendedorismo: um estudo para implantação*. Santa Maria: UFSM, 2002.

⁹¹ DOLABELA, Fernando. *Oficina do empreendedor: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza*. São Paulo: Cultura, 1999.

Entendemos que essas duas vertentes não são contraditórias, mas complementares, pois enquanto os economistas associam o estudo do empreendedorismo à idéia de inovação e como força direcionadora do desenvolvimento, os comportamentalistas preocupam-se com características como criatividade, intuição, persistência e liderança.

Cantillon, conforme informa Dolabela, um banqueiro que viveu no século XVIII, é considerado pela maioria dos pesquisadores um dos pioneiros na conceituação de empreendedorismo. Ele dizia que o empreendedor era aquele que comprava matéria-prima por um preço certo para revendê-la por um preço incerto, e, se o empreendedor lucrasse mais que o esperado, significava que ele havia inovado. Na verdade, ele era o que hoje seria classificado como um investidor em capital de risco.

Outro pioneiro foi Jean Baptiste Say, que viveu quase um século depois e que estabeleceu o que seria uma diferença entre os lucros apurados pelo empreendedor e pelo capitalista. Say foi o primeiro administrador a utilizar o termo *entrepeneur* ao elaborar uma teoria sobre as funções do empresário, e ao conferir a ele uma importância especial no crescimento da economia.

Entretanto, foi Joseph Schumpeter quem, segundo McClelland, na década de 30 do século passado, incorporou ao conceito de empreendedorismo a idéia de inovação, enfatizando a importância de o empreendedor realizar coisas novas ou fazê-las de outra maneira. O empreendedor deveria “destruir” uma determinada ordem econômica e reconstruí-la de uma nova maneira. Ou seja, os aspectos

comportamentais do empreendedor, como a inovação, a independência e a liderança passam a fazer parte das análises.

Julgamos importante informar que as teorias comportamentalistas seriam hegemônicas apenas a partir dos anos 1970, período em que os behavioristas progrediam. Nesse período, Davis McClelland⁹² analisou os fatores que explicam o apogeu e o declínio entre civilizações.

Sua conclusão foi de que as gerações que precediam o apogeu de um povo eram fortemente influenciadas por modelos, heróis que haviam sido personagens populares na literatura e com os quais os jovens se identificavam. Criando-se um efeito de estímulo capaz de aumentar a necessidade de conquistas entre estes jovens que desejavam se aproximar de seus heróis.⁹³

Essas pesquisas de McClelland suscitam uma série de outras investigações nos anos posteriores no sentido de entender a personalidade do empreendedor. Porém, não foi possível definir com clareza esse perfil, dadas às múltiplas conclusões a que chegaram os pesquisadores.

Foi no final dos anos 1980 que o empreendedorismo passou a ter uma importância maior como tema de estudos em muitas áreas do conhecimento.

Atualmente existe uma corrente que busca abordagens mais amplas e que reconhecem as variáveis sociais (mobilidade social, sociedade, cultura), econômicas (incentivos de mercado, estoque de capital), psicológicas além das características comportamentais como formadoras e influenciadoras do surgimento do empreendedorismo.⁹⁴

⁹² McCLELLAND, David. *The Achieving Society*. New York: Irvington, 1976. apud FILLION, Louis Jacques. O Empreendedorismo como Tema de Estudos Superiores. In: *Empreendedorismo: Ciência, técnica arte*. Brasília: CNI – IEL Nacional, 2001.

⁹³ MONNERAT & FERRAZ, São Paulo, 2002.

⁹⁴ Ibidem

Podemos citar alguns conceitos mais atuais sobre empreendedorismo:

“O empreendedorismo é o resultado tangível ou intangível de uma pessoa com habilidades criativas, sendo uma complexa função de experiências de vida, oportunidades, habilidades e capacidades individuais e o seu exercício está inerente a variável risco.”⁹⁵

Fortin⁹⁶ conceitua empreendedor como alguém que é capaz de transformar um sonho, um problema ou uma oportunidade de negócios em uma empresa viável.

Filion⁹⁷ diz que empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões; para isso precisa ter imaginação, criatividade.

Para Dolabela⁹⁸ empreendedor é “aquele que se dedica à geração de riquezas, seja na transformação de conhecimentos em produtos ou serviços, na geração do próprio conhecimento ou na inovação em áreas como marketing, produção, organização”. Afirma também que empreendedora “é uma pessoa que acredita que pode realizar seu próprio sonho, julgando-se capaz de mudar o ambiente em que está inserido.”

⁹⁵ GIMENEZ, Fernando et al. Uma investigação sobre a tendência do comportamento do empreendedor. In: *Empreendedorismo: competência essencial para pequenas e médias empresas*. Brasília: ANPROTEC, 2001.

⁹⁶ FORTIN, P.A. *Devenez entrepreneur*. Québec: Éditions de l'entrepreneur, 1992.

⁹⁷ FILION, Louis Jacques. *Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios*. Revista de Administração, São Paulo, v.34, n.2, p.5-28, abril/junho, 1999.

⁹⁸ DOLABELA, Fernando. *O Segredo de Luísa*. São Paulo: Cultura, 1999.

Finalmente, Dornelas⁹⁹ considera empreendedor aquele que detecta uma oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre ela, assumindo riscos calculados.

Segundo Alexandre Zeni, todas essas conceituações nos levam a concluir que

[...] além de características comuns nas pessoas chamadas empreendedoras, da vontade de gerenciar seus negócios ou projetos, da liderança intrínseca, de transformar idéias e sonhos em negócios, de serem criativos, de terem iniciativas, de aprenderem com os erros e acertos, eles possuem o que chamamos de espírito empreendedor, que está relacionado com o processo de iniciar um negócio, organizar os recursos necessários e assumir seus respectivos riscos e recompensas; são as pessoas que querem controlar o seu próprio destino.¹⁰⁰

Dornelas¹⁰¹ assevera que o empreendedor de sucesso possui algumas características extras, além dos atributos do administrador que seria o fato de conhecer como poucos o negócio em que atua. Diz ainda, que os empreendedores são pessoas diferenciadas que possuem motivação singular; são apaixonadas pelo que fazem; não se contentam em ser mais um na multidão; querem ser reconhecidos e admirados, referenciados e imitados; querem deixar um legado.

Finalmente, a historiografia consultada autoriza-nos a discriminar três tipos de empreendedores: os independentes (que não possuem apoio ou benefícios provenientes de outra organização), os *spin-off* (que tem fortes vínculos e apoio de

⁹⁹ DORNELAS, José Carlos Assis. *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

¹⁰⁰ ZENI op. cit.

¹⁰¹ DORNELAS, op. cit.

uma organização já estabelecida) e os internos (que trabalham em empresas já consolidadas, mas agregam valor aos negócios existentes).¹⁰²

Levando em consideração a história do empreendedorismo e as suas conceituações mais atuais, podemos apontar os empresários citados como representantes do empreendedorismo no início do século XX, com destaque para Pedro Adams Filho pela sua relação com a emancipação política de Novo Hamburgo.

O Estado do Rio Grande do Sul ainda não possuía uma indústria desenvolvida naquele início de século. A pecuária ainda era a principal atividade econômica e o charque e o couro os produtos mais importantes dos gaúchos. A tecnologia empregada era rudimentar, o que tornava o produto local menos competitivo no mercado internacional, principalmente dos países do Prata. Outro fator determinante para a supremacia das atividades agropecuárias no Estado foi a eclosão da Primeira Guerra Mundial, que representou um grande incremento nos negócios, aliado à implantação dos frigoríficos norte-americanos.

Nesse contexto dinâmico de supremacia da economia agropecuária, alguns empresários destacaram-se na criação de indústrias com bases modernas de produção.

Evidentemente, não podemos esquecer de que existiam algumas condições favoráveis a este surto industrial do final do século XIX, como o fornecimento de

¹⁰² BATEMAN, Thomas S. & SNELL, Scott A. *Administração: Construindo Vantagem Competitiva*. São Paulo: Atlas, 1998.

matéria-prima, o couro, para a indústria de calçados, por exemplo. Ou o capital acumulado pelos comerciantes de origem imigrante que poderia subsidiar alguns negócios. Além dessas condições locais, o governo federal, com sua política emissionista acabava aumentando o preço dos produtos importados e incentivando a produção nacional, o que foi intensificado com a guerra de 1914, que praticamente acabou com a concorrência dos produtos estrangeiros.

Inseridos nessa conjuntura, nós podemos perceber importantes características empreendedoras nos empresários teuto-gaúchos citados anteriormente.¹⁰³

Os empresários apontados conseguiram agir em diversas áreas desde a metalurgia, passando pelo curtume, a fábrica de calçados, de bolsas, de molduras, pelo vestuário, até a fábrica de conservas e de doces. Nesse sentido, aproveitaram as oportunidades de negócios oferecidos por um mercado consumidor, a facilidade de adquirir matéria-prima e a inexistência de concorrência para esses produtos no mercado local, regional e nacional.

As oportunidades econômicas de um negócio, as habilidades criativas de cada um dos empreendedores e a persistência deles foi fundamental para o sucesso de seus empreendimentos. Muitos empresários eram de família humilde e

¹⁰³ Optamos em trabalhar com os teuto-gaúchos em função de Pedro Adams Filho encontrar-se nessa categoria e por esse segmento representar comprovadamente pela historiografia que trata das questões econômicas do Rio Grande do Sul, um dos setores que mais contribuiu para o desenvolvimento industrial do estado. Jean Roche, op cit, faz um minucioso relato seguido de dados estatísticos da supremacia da indústria teuto no período por nós analisado. Como exemplo, o autor coloca que no período de 1914/18 apenas nos ramos industriais da vinificação e na fabricação de manteiga é que os teutos não estavam em primeiro lugar. p. 511.

“trabalharam duro” ¹⁰⁴ para conseguir juntar um capital que pudesse dar início ao “sonho” ou transformá-lo em uma empresa viável.

As experiências prévias de vida dos profissionais também foram importantes, já que muitos haviam iniciado sua vida profissional na sua futura área de atuação, como Ludwig, Haas, Renner, Jung e Spindler e os que não tinham foram buscar no exterior a experiência, como no caso de Bins, Neugebauer, Alles e Oderich.

Evidentemente, o risco esteve presente em todos os negócios, pois mesmo uma conjuntura favorável e experiência na área, não eram garantia de sucesso. A transformação do sonho em uma empresa viável e geradora de riquezas dependia de uma série de outros fatores e a possibilidade de insucesso era muito grande.

Outro elemento importante apontado por Dolabela ¹⁰⁵ e que caracteriza o empreendedor é o desejo de mudar o ambiente de trabalho no qual ele está inserido.

A mudança nos casos analisados consistiu basicamente da modernização da produção de muitos produtos que ainda eram feitos artesanalmente. A tecnologia empregada nessas empresas, na maioria das vezes importada da Europa, foi fundamental para o seu sucesso. O domínio dessa tecnologia pelos empreendedores também era uma realidade, pois todos atuavam diretamente em suas empresas, comprando matérias-primas, lançando o produto no mercado e

¹⁰⁴ Expressão que aparece profusamente em referência aos pioneiros do setor coureiro-calçadista nas entrevistas realizadas para o livro de SCHEMES, Claudia op. cit.

¹⁰⁵ DOLABELA, op. cit.

realizando sua venda, muitas vezes de forma direta, como no caso da Neugebauer, cujos proprietários batiam de porta em porta para comercializar seus produtos.

Além da inovação tecnológica, a mudança no cotidiano dava-se através do consumo de produtos que até então eram inexistentes, como as capas impermeáveis e os ternos industrializados criadas por Renner, os produtos para viagem de Haas e até ousar com uma nova forma de transporte, por exemplo.

Outra característica que chamou a atenção foi a capacidade de tomar decisões desses empreendedores, pois eles assumiram a direção e a administração de suas empresas, cercando-se de pessoas de confiança, muitas vezes da própria família, e delegaram o poder que julgaram necessário. Pedro Adams Filho é exemplo, pois seu irmão assumiu um lugar de destaque em sua empresa desde seu surgimento, Arlindo Spindler também teve seu irmão, Emílio Edwino Spindler, como sócio e um de seus principais colaboradores.

Essa capacidade de liderança aparece em várias áreas, não só na econômica, mas também na política, comunitária, etc. Nos casos analisados, isso fica mais uma vez claro, pois todos os industriais participaram da vida política e comunitária de suas cidades. Alguns, como Bins e Ludwig, mais diretamente na vida política, assumindo cargos de deputado, vice-intendente e intendente, outros, com uma participação comunitária mais acentuada, como Haas, Alles, Renner e Oderich. Porém, todos foram pessoas influentes e participativas na comunidade, variando apenas a área de atuação.

Se fosse o caso, utilizando a classificação criada por Bateman ¹⁰⁶, esses empreendedores poderiam ser classificados como *independentes*, ou seja, não possuíam apoio ou benefícios de outra empresa ou organização já estabelecidas, como Ludwig, Haas, Jung, Alles, Spindler, Oderich e Neugebauer. Eles iniciaram seus negócios de maneira autônoma e sem nenhum respaldo econômico de alguma outra instituição, segundo nos mostram as fontes consultadas e já citadas no decorrer desse trabalho.

Renner pode ser classificado como *spin-off*, que são os empreendedores que possuem fortes vínculos e apoio de uma organização já estabelecida, neste caso, a empresa da família de sua mulher já existia, mas trabalhava com outro tipo de negócio.

Finalmente, Bins enquadra-se na categoria dos empreendedores *internos*, que são aqueles que já trabalham em empresas consolidadas (metalúrgica Berta), mas agregam valor aos negócios existentes, pois foi ele o responsável pelas inovações tecnológicas da empresa que geraram a melhoria dos produtos. ¹⁰⁷

Acreditamos que os empreendedores citados neste trabalho, Renner, Bins, Oderich, Neugebauer, Ludwig, Jung, Haas, Alles, Spindler podem ser considerados como pioneiros em suas áreas de atuação.

Até hoje seus nomes são referência nas comunidades onde atuaram, mesmo que suas empresas não existam mais ou não pertençam mais à família

¹⁰⁶ BATEMAN, op. cit.

¹⁰⁷ MONTE DOMECCQ, op. cit. p. 139-150.

que lhes deu origem. Com exceção de Ludwig e Haas, todos demais foram lembrados por suas comunidades que lhes deram nomes de ruas ou praças.¹⁰⁸

Segundo Fortes, esses industriais teuto-brasileiros conquistaram uma influência política, não apenas em função de sua importância econômica, mas por outros dois fatores adicionais:

[...] de um lado, a ampla autonomia cultural desfrutada pela colônia alemã desde o início da imigração, em 1824, que se refletia, por exemplo, na rede de instituições e organismos mantidos até a Segunda Guerra Mundial, de outro, a ascendência que possuíam sobre segmentos da própria classe trabalhadora, por meio de um sofisticado sistema paternalista que integrava empresa, família e comunidade, perpassadas por valores e práticas culturais estruturados por relações hierárquicas de gênero e etnia.¹⁰⁹

Outro fator importante de salientar nos empresários do setor coureiro-calçadista era a hegemonia dos teuto-brasileiros em detrimento das demais etnias e a presença predominante do capital nacional.

Entretanto, segundo Carneiro¹¹⁰, o capital alemão investido no Brasil também foi significativo, pois segundo dados econômicos da época, como o Censo Industrial de 1920, 40% de todo o capital investido pelos alemães na indústria brasileira concentravam-se no Rio Grande do Sul, zona de colonização

¹⁰⁸ KERN, Paulo Henrique. *Ruas & Praças de Novo Hamburgo: Quem é Quem*. 2.ed. Novo Hamburgo: Metrópole, 2002.

¹⁰⁹ Segundo FORTES, op. cit. p.179

Lembramos, ainda, Nelson Boeira que desenvolveu a idéia do “positivismo difuso”, em que mostrou que as idéias positivistas foram absorvidas e vulgarizadas por uma variedade de públicos que fazia uso daquilo que mais lhes convinha. No caso de Pedro Adams Filho, o axioma positivista de integração do proletariado à sociedade de classes pode ser considerado uma forma de “positivismo difuso”. In: O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius (orgs). *RS: Cultura & Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p.45,46

¹¹⁰ CARNEIRO, Lúcia Gomes. *Trabalhando o couro – Do serigote ao calçado “made in Brazil”*. Porto Alegre: L&PM/CIERGS, 1986. p.76

alemã que se dedicava ao comércio e à indústria, estabelecendo vínculos com empresas de sua pátria de origem.

A participação do teuto-brasileiro e do capital alemão, entretanto, não foi suficiente para mudar a situação periférica da economia do Estado do Rio Grande do Sul. No final do século XIX e início do XX, havia como principais produtos aqueles que eram ligados à indústria agropastoril (banha, charque, vinho, por exemplo), já os produtos ligados ao setor calçadista atendiam mais ao mercado regional.¹¹¹

A trajetória de Pedro Adams Filho, como vimos, dá-lhe condições de participar do seleto grupo de empreendedores do início do século XX na região Sul, é dele, portanto, que trataremos a seguir com maior profundidade.

1.3–Pedro Adams Filho: de Moers a Novo Hamburgo

Pedro Adams Filho era filho e neto de imigrantes. Seu avô, Mathias Josef Adams, nascido em Moers¹¹², região da Renânia, Alemanha, por volta de 1800, era casado com Margaretha Scholles, nascida aproximadamente em 1802 e natural de Warmsroth.¹¹³

¹¹¹ Ibidem, p.76,77.

¹¹² Moers fica na Renânia, próximo a Düsseldorf.

¹¹³ As informações referentes à história dos pais e avós de Pedro Adams Filho foram pesquisadas no arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre por Thelmo José Bins, marido de Carla Adams Bins, filha mais nova de Pedro Adams Filho.

Alguns anos depois que Mathias morreu, em 1856, Margaretha decidiu vir para o Brasil, em 1862, com seis dos seus sete filhos: Johannes, nascido em 08/11/1831, Pedro José, 02/02/1835, Martin, 09/05/1837, Christina, 16/02/1839, Johann Peter, 08/06/1844 e Mathilde, 30/03/1846. Margaretha, nascida em 05/12/1840 não veio junto com sua família por motivos desconhecidos.

As razões particulares que fizeram a família Adams deixar a Europa e imigrar para o Brasil são desconhecidas. Acredita-se que, entre eles, estejam as perspectivas econômico-sociais que levaram milhares de europeus a tomar a mesma decisão. Uma mãe viúva com sete filhos alguns com idade suficiente para assumirem o sustento da família, pois o mais velho já estava com 31 anos e o mais novo com 27, sendo que quatro deles eram homens e apenas duas mulheres, podia vislumbrar com otimismo o uso da força física para trabalhar nas terras que eram prometidas pelo governo brasileiro.

A história conta que Margaretha se estabeleceu, primeiramente, em Nova Petrópolis e, mais tarde, em Dois Irmãos¹¹⁴, mas os registros desses fatos se perderam e não se sabe ao certo onde ela viveu, o que fazia para sobreviver e como conseguiu criar seus filhos.

O que sabemos é que Johann Peter Adams, ou Pedro Adams, casou com Maria Angelina Loeblein, natural de Dois Irmãos, em 29/06/1869 nesta mesma cidade. Ambos tiveram sete filhos: Pedro Adams Filho, nascido em 13/04/1870, Catharina Joana, em 18/03/1872, Ana Catharina, em 23/05/1875, Maria Mathilde,

¹¹⁴ Segundo consta no livro *Povoadores do Rio Grande do Sul (1853-1863)*. Porto Alegre: EST Edições, 2004, Margaretha chegou a bordo do navio *Continentista* em Rio Grande e depois foi até Porto Alegre.

em 30/03/1881, Maria Luiza, em 23/06/1883, Carlos, em 09/02/1886 e Alberto em 07/08/1890.¹¹⁵

Pedro Adams Filho não nasceu em Dois Irmãos, mas em Santa Clara do Sul, distrito de Lajeado¹¹⁶. O motivo mais comum que levava as famílias a se estabelecerem em Santa Clara do Sul, era a possibilidade de adquirirem terras que estavam sendo loteadas naquele distrito, e melhorarem as condições de vida, além do fato de as migrações internas serem bastante comuns naquela época, pela busca de oportunidades econômicas, principalmente comerciais, que algumas localidades poderiam oferecer. Muitos colonos de Dois Irmãos e de áreas circunvizinhas estabeleceram-se no vale do Rio Taquari.¹¹⁷

Entretanto, os motivos concretos que levaram a família Adams a deixar Dois Irmãos e estabelecer-se no vale do Taquari são desconhecidos.

Santa Clara do Sul era um local bastante agradável de se viver, como demonstra a descrição feita, em 1896, por Theodor Firmbach:¹¹⁸

Quem, partindo de Estrela, transpõe o rio Taquari, defronta-se com um belo e romântico quadro provinciano ao longo do curso de água. Atravessando São Gabriel, avista-se uma região montanhosa, cheia de exuberantes plantações que atestam a segurança e bem-estar dos numerosos colonos alemães que lá vivem. Magníficos milharais, soberbos ervais, saborosa e succulenta cana-de-açúcar, ondulantes campos de cereais e majestosa selva constituem-se em aconchego para

¹¹⁵ TRÄSEL, Pe. *Dicionário Geral de Lajeado*. Lajeado, s.d.

¹¹⁶ Segundo SCHIERHOLT, José Alfredo. *Lajeado I – povoamento – colonização – história política*. 2. ed. Lajeado: Prefeitura Municipal.1993, a cidade de Lajeado foi colonizada em 1855, através de um empreendimento particular de Antônio Fialho de Vargas que, em 1870, foi o responsável pelo loteamento de Santa Clara. Entretanto, a partir de 1869 os primeiros colonos alemães já se estabeleceram naquela localidade.

¹¹⁷ *Ibidem*, p.50.

¹¹⁸ Este autor era médico e atendeu os feridos nos combates ocorridos naquele distrito na Revolução Federalista. Como ficou muito impressionado com o que viu, resolveu documentar essa história, que foi publicada em 1896 em alemão e traduzida em 1995 por Hilda Agnes Hübner Flores.

os alemães. Até onde a vista e o ouvido alcançam, encontra-se labor alemão e estilo alemão, verdadeiro espelho do bem-estar existente nas moradias dos colonos, duráveis, feitas de pedras e madeira de lei, com bom gosto e funcionalidade.

Santa Clara é o nome desta bonita picada alemã, cujos moradores não têm outro objetivo senão cultivar os campos, educar seus filhos com escola e igreja e pagar ao Estado, de bom grado, aquilo que de direito ele exige dos cidadãos.

Sim, os moradores de Santa Clara estão satisfeitos com a sorte que lhes é oferecida neste belo torrão.¹¹⁹

Segundo o padre Träsel¹²⁰, Johann Peter Adams foi um dos 87 pioneiros fundadores de Santa Clara do Sul, em seu primeiro período de colonização, que foi de 1869 a 1885. Ele foi, também, um dos responsáveis pela construção da primeira capela da vila, a de São Francisco Xavier e o responsável pela criação do primeiro empório comercial do distrito. A criação desse estabelecimento vinha ao encontro das necessidades dos moradores da vila de centralizar a produção da colônia que cultivava cana-de-açúcar, erva, milho e cereais, conforme vimos na descrição de Firmbach.¹²¹

Johann Peter Adams centralizava a produção, e era o responsável pela venda do excedente para outras localidades, principalmente Lajeado, pelo transporte dessas mercadorias até o porto de Cruzeiro do Sul, bem como por trazer para o distrito outros artigos de primeira necessidade que não eram produzidos por lá.

¹¹⁹ FIRMBACH, Theodor. *Santa Clara – o combate federalista*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1995. p.33,34

¹²⁰ As informações referentes a Johann Peter constam no *Dicionário Geral de Lajeado* e foram escritas pelo pesquisador padre Alberto Träsel.

¹²¹ FIRMBACH op.cit. p.33,34

Segundo Moure, o comerciante controlava a produção do agricultor, fixava os preços, monopolizava o crédito, o que acabou gerando um acúmulo de capital em suas mãos e condições de investir em empreendimentos comerciais e industriais ainda maiores.¹²²

Embora não possuamos informações referentes à infância de Pedro Adams Filho, acreditamos ser possível indicar algumas situações baseadas na historiografia disponível sobre as localidades em que nosso biografado viveu.

Essa historiografia utilizada, embora seja de cunho narrativo e positivista, faz recortes históricos menores e nos permite buscar informações periféricas que nos ajudam a conhecer a conjuntura em que viveu Pedro Adams Filho.¹²³

O contexto em que ele estava inserido na sua infância pode ser identificado através da sua participação nas histórias das cidades em que ele viveu (Santa Clara do Sul, Dois Irmãos, Novo Hamburgo).

Através da participação de Pedro Adams Filho na vida cotidiana, como industrial, festeiro, político, podemos compreender como ele relacionou-se com a comunidade por meio do trabalho, da vida social, cultural e, principalmente, como tomou suas decisões políticas e econômicas.

¹²² MOURE, op. cit. 97,100

¹²³ LANG, Guido. *Jacob Lang – A História de um Imigrante Pioneiro*. São Leopoldo: Rotermund, 1992 e *Reminiscências da memória colonial – Teutônia – RS*. Campo Bom: Papuesta, 1999; FIRMBACH, Theodor. *Santa Clara – o combate federalista*. Porto Alegre: Novo Dimensão, 1995; SCHIERHOLT, José Alfredo. *Lajeado I*. 2.ed. Lajeado: Prefeitura Municipal, 1993 e VIER, Justino Antonio. *História de Dois Irmãos*. Passado e Presente. Dois Irmãos: Gradfil, 1999.

Quando tratamos de cotidiano, uma referência que se faz obrigatória é Agnes Heller ¹²⁴, pois, segundo essa autora, a vida cotidiana é uma dimensão da vida que todos os homens possuem e, além disso, é uma categoria que engloba a vida do homem como um todo, pois aí se colocam em funcionamento todos os seus sentidos, as suas capacidades intelectuais, suas habilidades, seus sentimentos, paixões, idéias e ideologias. Diz, ainda, que a vida cotidiana é heterogênea principalmente no que se refere ao conteúdo e à significação dos vários tipos de atividades (trabalho, vida privada, lazer, etc.), além disso, afirma que a vida cotidiana possui várias características: a espontaneidade, a probabilidade, o economicismo, o pragmatismo, a imitação.

Para Heller, é muito difícil separarmos o comportamento cotidiano do não cotidiano por limites rígidos, pois todos os indivíduos estão inseridos numa cotidianidade e são, ao mesmo tempo, particulares e genéricos.

Feitas essas considerações teóricas, podemos dizer, baseados nas palavras de Lang ¹²⁵, que viver na zona rural era sinônimo de muito trabalho e pouco conforto e, para as crianças, havia muitos deveres e poucos direitos.

A labuta parecia um sentido existencial, pois norteava todas as atividades coloniais. As gerações novas tinham a necessidade de auxiliar nas inúmeras tarefas, que não eram questionadas e sim cumpridas. [...] Os pais, em hipótese alguma, admitiam a criação de membros familiares desonestos ou malandros, que poderiam ostentar tendências em sobreviver através do parasitismo social. Os jovens, em meio ao

¹²⁴ HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

¹²⁵ A respeito da vida nas colônias alemãs ver LANG, Guido. *Reminiscências da memória colonial* – Teutônia-RS. Campo Bom: Papuesta, 1999. O autor conta, detalhadamente, como era o cotidiano na região onde hoje se localiza a cidade de Teutônia e que era o mesmo das áreas circunvizinhas, como Santa Clara onde Pedro Adams Filho nasceu.

desconhecimento de maiores realidades, ajustavam-se àquele mundo cultural. [...] ¹²⁶

Nesse contexto, o ensino formal era um luxo a que poucos tinham acesso, já que a educação não era uma prioridade para o governo e as escolas eram escassas, principalmente em áreas afastadas dos grandes centros. ¹²⁷

Pedro Adams Filho teve como escolaridade formal, apenas três meses de aulas com uma professora particular de Santa Clara, o que era muito comum na época. Na verdade, seu aprendizado ocorreu muito mais de forma prática, através da curiosidade e da observação. ¹²⁸

A sua infância pode ser caracterizada, segundo Lang, como a de muitas crianças filhas de colonos alemães que viviam em pequenas localidades do interior onde a cada um cabia um papel pré-determinado, ou seja, os meninos ocupavam-se com a criação de gado ou outros animais que porventura a família possuísse, e com a roça de subsistência; e as meninas dedicavam-se aos afazeres domésticos, mas todos tinham as suas obrigações.

Segundo palavras de Lang, “o mundo rural era controlador e punitivo, no qual a criança conhecia limites e obrigações. Os valores familiares e comunitários eram incutidos pela força das circunstâncias, que advinham das agruras da sobrevivência.” ¹²⁹

¹²⁶ LANG, op.cit. p.66

¹²⁷ Ver capítulo 3.

¹²⁸ MONTE DOMECCQ, op. cit. p. 242.

¹²⁹ LANG, op. cit. p.67.

É o mesmo autor quem diz que, mesmo sendo uma vida sacrificada, as crianças se divertiam das mais diversas formas, utilizando-se, principalmente, de objetos que a própria natureza fornecia, ou seja, pedra, madeira, terra, água, mais uma dose de criatividade supria as necessidades dos brinquedos que eram tão raros naqueles tempos. As pescarias e as caçadas com estilingues eram outras brincadeiras das crianças nas colônias.

O lazer dos adultos limitava-se aos bailes que aconteciam esporadicamente nos armazéns dos comerciantes e eram animados por algumas músicas tocadas pelos colonos mais talentosos, e aos casamentos, nas casas dos próprios colonos, ocasiões em que as pessoas se reuniam e, de forma festiva, saíam da rotina.

O *kerb*, a festa mais esperada do ano, era o momento da fuga da rotina, da fatura, da alegria, de muita música, dança, comidas e bebidas, conversas, animação.

O *kerb*, homenagem ao padroeiro da igreja, rendia três dias de festa, começando com missa ou culto pela manhã, depois comilança nas residências repletas de parentes vindos de longe. À noite o baile na sociedade local atraía toda a família. Junto ao salão havia um quarto com amplas camas onde se acomodavam as crianças vencidas pelo sono. Eram imperdíveis as três noites de animado baile do *kerb*: ostentava-se vestido novo, matava-se saudades de velhas amizades que acorriam de longe, confraternizava-se jantando na copa anexa ao salão de baile, engrenavam-se namoros.¹³⁰

¹³⁰ FLORES, Hilda Agnes Hübner. *História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST Edições, 2004. p.132

Os preparativos para a festa eram intensos e contavam com o envolvimento de todos os familiares nas mais diversas tarefas para a festa para as quais as famílias chegavam a economizar o ano inteiro. A compra de uma roupa ou um calçado novo sucedia-se, geralmente, nessa ocasião, pois todos deveriam estar muito bem trajados.

Os habitantes dessas colônias alemãs (Santa Clara do Sul entre elas) viviam praticamente isolados dos outros municípios ou vilas, abandonados pelo poder público estadual que não se preocupava com as suas dificuldades. Daí a importância da união dos colonos na organização das suas próprias instituições: funerárias, como o cemitério; de consumo, como as lojas ou armazéns, conhecidos como vendas; e educativo-religiosas, como as escolas, as igrejas, os clubes de lazer e, principalmente, sociedades de bolão e de tiro ao alvo.¹³¹

Nesse contexto, as vendas tinham um papel fundamental, pois era o local de maior movimento na região colonial em função das operações comerciais, trocas de informações e encontros sociais.

O vendeiro aproveitava o movimento de pessoas para tomar conhecimento das notícias e difundi-las. Esses comerciantes acabavam se tornando, junto com o pastor, padre e professor a pessoa de confiança dos moradores e, até certo ponto, influenciavam a opinião pública as decisões a serem tomadas na comunidade.

¹³¹ LANG, op. cit. p. 68.

Havia venda em todas as colônias, às vezes mais de uma, numa média de uma para cada 30 famílias de colonos.¹³²

Os vendeiros eram pessoas de prestígio, pois eram os responsáveis pela comunicação direta ou indireta com a capital da província. Por isso eram muito bem informados e exerciam controle sobre as transações econômicas dos colonos.¹³³ Era o vendeiro o responsável pela compra dos produtos coloniais (lingüiça, banha, vinho, etc.) e a venda dos produtos industrializados feitos em outros locais. Muitas vezes as vendas agiam como bancos, guardando o dinheiro dos colonos e podendo utilizá-lo para seus negócios.

Segundo Flores,

Na dinâmica da venda, tinham papel importante a mulher do vendeiro e suas filhas, que atendiam no balcão e na ausência do vendeiro o substituíam com êxito. Nas compras, a mulher decidia sobre artigos de armarinhos, tecidos e artefatos femininos.¹³⁴

As vendas, segundo Müller, eram muito parecidas umas com as outras: possuíam armários envidraçados até o teto que continham baldes, regadores, bacias de alumínio, urinóis, bombas de “flit”, caçarolas, louça de barro, cafeteiras

¹³² Segundo ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.p. 58

¹³³ A primeira venda de Novo Hamburgo foi fundada por Alexandre Kersting, natural de Hamburgo, Alemanha e que, por volta 1830 passou o ponto para Johann Peter Schmitt, que veio da Alemanha em 1825. Schmitt era “*pessoa influente na localidade e na região e seu nome identificava o lugar. Foi escolhido para exercer as funções de Inspetor para as áreas de Estância Velha, Bom Jardim e Campo Bom, e, em 1861, eleito Juiz de Paz da Capela da Piedade do Hamburger Berg. Colaborou nas obras da Igreja Evangélica, Igreja Católica, escolas e em outras iniciativas de interesse comunitário na localidade. Sensível à música, participava de um dos primeiros corais da região. Após o falecimento de sua primeira esposa, Ana Barbara Blauth, com quem teve 4 filhos, casou-se com Catharina Keiper em 1839, com quem teve mais 16 filhos. Faleceu em 16 de junho de 1868, aos 67 anos.*” (<http://www.scheffel.com.br/casaschmitt.htm>)

¹³⁴ FLORES, op.cit. p.98

esmaltadas, tecidos em peças, miudezas para costura, chinelos, tamancos, ferramentas, fumo em corda, bibelôs, mantimentos e muito mais.¹³⁵ Funcionavam, também, como farmácias, vendendo alguns tipos de medicamentos mais comuns (xaropes, pomadas, esparadrapo, vermífugos, etc.) e produtos de higiene pessoal.

Não se deve esquecer o prazer das crianças: as balas e os chocolates. Essas tentações estavam em grandes vidros na outra extremidade do balcão, junto à balança. A variedade de balas não era muito grande: balas de frutas, café-com-leite [...] e umas coloridas com listras de várias cores, cilíndricas, em pequenos pedaços. Eram do Neugebauer [...]. Em outro vidro estavam as balas à base de guaco, escuras, açucaradas, indicadas contra tosse [...] O chocolate [...] uns pirulitos vermelhos [...] Num outro vidro estavam as rapaduras [...]

Uma das vendas mais conhecidas da região foi a Casa Schmitt Presser, que foi construída na primeira metade do século XIX e constitui-se num dos mais antigos exemplares do Rio Grande do Sul, da arquitetura enxaimel, característica das áreas de imigração germânica.¹³⁷

¹³⁵ MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia Alemã – Imagens do Passado*. Porto Alegre: EST, 1981. p.74, 75

¹³⁶ *Ibidem*, p.74,75

¹³⁷ Nesse sistema de construção, as paredes são formados por um tramado de madeira onde as peças horizontais, verticais e inclinadas são encaixadas entre si e os vãos, posteriormente, são preenchidos com taipa, adobe, pedra ou tijolo. Essa casa é notável por ser uma das únicas construções em enxaimel, no Estado, em que há remanescentes de taipa nas vedações das paredes externas. Internamente, a maior parte das paredes, também ,foi assim construída. As peças estruturais são em madeira falquejada, demonstrando sua antiguidade. Em 1923, com o rebaixamento da rua, aos alicerces originais foram acrescentadas grossas paredes de pedra e tijolo. A construção ganhou assim mais um pavimento. As várias ocupações, ao longo dos anos, submeteram a casa a modificações, dificultando a identificação precisa de funções e aspectos físicos originais. Segundo site <http://www.scheffel.com.br/casaschmitt.htm>



Figura 8 - Venda de Johann Peter Schmitt no início do século. ¹³⁸

Johann Peter era o vendeiro local e, segundo a historiografia, foi uma pessoa bastante conhecida em função de sua atividade. Seu negócio foi bastante rentável, pois aproximadamente dezoito anos depois de ter se estabelecido em Santa Clara, ele retornou para Dois Irmãos e teve a satisfação de distribuir a cada um de seus seis filhos (o sétimo ainda não tinha nascido) a quantia de 40 contos de réis, valor bastante alto para a época. ¹³⁹

A família Adams, por volta de 1886-7, deixou a vila de Santa Clara do Sul e voltou para Dois Irmãos. Entretanto, não se sabe a data certa em que a família saiu de Santa Clara, mas há indícios sobre isso no Livro de Eleitores de Estrela de 1890, onde não consta o nome de Johann Peter, portanto, ele não deveria mais estar residindo naquele município. Ao mesmo tempo, segundo Monte Domecq,

¹³⁸ Jornal *NH*, 05/04/2002

¹³⁹ Segundo PETERSEN, Sílvia F. As greves no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius (orgs.) *RS: Economia & Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 283, o salário de um operário qualificado era de 150\$000 e as despesas que uma família de seis pessoas tinha por mês com aluguel, lenha, água e alimentação era de 125\$000.

Pedro Adams Filho já estava estabelecido em Dois Irmãos em 1888 com uma sapataria e selaria.¹⁴⁰

A vida em Dois Irmãos, segundo Vier, também não foi fácil para os colonos e seus descendentes que lá viviam. Desde o início da colonização, antes da criação das cooperativas e das Caixas Rurais os colonos não tinham nenhum auxílio financeiro, contando apenas com sua força de trabalho para sobreviver.¹⁴¹

Neste capítulo, buscamos narrar a história de Pedro Adams Filho e povoar o seu contexto de vida através da narrativa de trajetória de homens que, como ele, investiram momentos de suas vidas à criação de empresas, inovações tecnológicas e formas de agremiação de cunho religioso, educativo e/ou recreativos. Tais iniciativas e/ou atividades deixaram vestígios que permitem conhecer um pouco aspectos da vida cotidiana e da história de suas respectivas cidades.

¹⁴⁰ MONTE DOMEQ, op. cit. p.242.

¹⁴¹ Segundo VIER, Justino Antonio. *História de Dois Irmãos/RS – Passado e Presente*. São Leopoldo: Gradfil, 1999, em 1929 Adams criou a Caixa Rural União Popular de Novo Hamburgo que financiava pequenos proprietários auxiliando-os nos negócios.

CAPÍTULO 2 – INDÚSTRIA CALÇADISTA

2.1 - A Fábrica de Calçados Sul-Riograndense

Neste capítulo vamos tratar dos seguintes aspectos relativos a Pedro Adams Filho: suas empresas, a Fábrica de Calçados Sul-Riograndense e o Curtume Hamburguez, o design de calçados, as exposições industriais, as questões de trabalho na cidade e de energia elétrica.

A busca sobre a criação da indústria por Pedro Adams Filho, levou-nos a fazer uma análise historiográfica sobre a história do setor coureiro-calçadista para situarmos o caráter de empreendedorismo presente nas iniciativas de nosso personagem.

A narrativa começou com a análise de um livro chamado *O Rio Grande do Sul Colonial*, publicado em 1918 pela Societé de Publicité Sud-Americaine Monte Domecq & Cia.¹⁴², empresa franco-espanhola. De forma laudatória, o livro conta a história do Estado através de fatos municipais e biografias de seus principais empresários e políticos. As empresas de Pedro Adams Filho são descritas com

¹⁴² SOCIÉTÉ DE PUBLICITÉ SUD-AMERICAINE MONTE DOMEcq & CIA. *O Rio Grande do Sul Colonial*. Paris/Barcelona: Estabelecimento Gráfico Thomas, 1918.

detalhes nessa obra, e as informações ali contidas foram de grande valia para este trabalho.

Encontramos também uma obra sobre a história dos curtumes e seu funcionamento, de autoria de E. Belavsky,¹⁴³ publicada nos anos 1960, e que nos ajudou a compreender a história do curtimento do couro.

Foi somente a partir dos anos 1990 que o setor coureiro-calçadista do Vale do Sinos começou a ser estudado com mais profundidade. Desse período temos as obras de Brenner¹⁴⁴ e Fensterseifer¹⁴⁵ que analisam a indústria de calçados no Brasil e no Vale. Mais recentemente, há as obras de Rupenthal¹⁴⁶, Costa & Passos¹⁴⁷, que organizam um livro com vários artigos específicos sobre o tema, e Motta¹⁴⁸ que faz uma pesquisa integrando o calçado e a moda no Brasil.

Sobre a indústria calçadista de Novo Hamburgo, a obra mais recente está vinculada a um projeto desenvolvido pelo Centro Universitário Feevale através de seu grupo de pesquisa Memória e História da Comunidade e do Museu Nacional do Calçado intitulado *Memória do Setor Coureiro-Calçadista: Pioneiros e Empreendedores do Vale do Rio dos Sinos*¹⁴⁹, em que foram narradas, através de

¹⁴³ BELAVSKY, E. *O curtume no Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1965.

¹⁴⁴ BRENNER, G. *A indústria de calçados no Brasil*. trabalho, competição e produtividade. Dissertação Mestrado, PPGA, UFRGS, 1990.

¹⁴⁵ FENSTERSEIFER, Jaime E. (org.) *O Complexo Calçadista em Perspectiva: Tecnologia e Competitividade*. Porto Alegre: Ortiz, 1995.

¹⁴⁶ RUPENTHAL, Janis Elisa. *Perspectivas do Setor Couro do Estado do Rio Grande do Sul*. Tese de doutorado. UFSC. PPG Engenharia de Produção. Florianópolis, 2001.

¹⁴⁷ COSTA, Achyles Barcelos da & PASSOS, Maria Cristina (orgs.) *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos.2004.

¹⁴⁸ MOTTA, Eduardo. *O Calçado e a Moda no Brasil: um olhar histórico*. Porto Alegre: Litokromia/Magno, 2005.

¹⁴⁹ SCHEMES, Claudia et alii. *Memória do Setor Coureiro-Calçadista: Pioneiros e Empreendedores do Vale do Rio dos Sinos*. Novo Hamburgo: Feevale, 2005. Nessa obra foram colhidas 23

depoimentos orais, as histórias dessas pessoas que tiveram alguma participação na formação desse setor.

O CD-ROM *Memória do Setor Coureiro-Calçadista: Pioneiros e Empreendedores do Vale do Rio dos Sinos*, que contém fotografias relacionadas à história da cidade de Novo Hamburgo e sua indústria, e cuja elaboração teve a participação da autora desta tese, foi outra obra muito importante para esta pesquisa.¹⁵⁰

Para analisar o contexto de criação da empresa de Pedro Adams Filho, é preciso apontar a forte tradição pecuária do Estado que remonta ao século XVII com a introdução do gado pelos jesuítas no Rio Grande do Sul, pois essa atividade representou sua primeira força econômica, e foi a responsável pela sua integração ao restante do país. Inclusive o período que vai do século XVII a meados do XIX ficou conhecido por parte da historiografia brasileira como Idade do Couro. Foram os produtos derivados do setor primário os responsáveis pelo início da industrialização gaúcha (tecidos, lãs, couro, calçados, entre outros).

Desde o século XVIII, o gado era abatido, principalmente, para o aproveitamento das peles que eram exportadas para fora do Estado, já que não existia mercado consumidor para uma grande quantidade de carne. O couro, nessa conjuntura, era utilizado de maneira bruta, mais tarde é que passou a ser

entrevistas com mais de 50 horas de gravação e 12 meses de pesquisa. As categorias representadas nessa pesquisa foram: empresários e trabalhadores, caixeiros-viajantes, transporte rodoviário, imprensa e raid do calçado, FENAC (Feira Nacional do Calçado), prefeitos, exportadores e estilistas.

¹⁵⁰ SCHEMES, Claudia & PRODANOV, Cleber. Memórias do setor coureiro-calçadista: um acervo fotográfico [recurso eletrônico]. Novo Hamburgo: Feevale, 2006. 1 CD-ROM.

curtido. Com o desenvolvimento das charqueadas, essa produção, mesmo perdendo o valor, aumentou e continuou sendo vendida para o exterior. Apenas com o desenvolvimento da indústria frigorífica na primeira década do século XX é que as peles passaram a ter um uso mais racional através de seu processamento industrial.¹⁵¹ A economia gaúcha então centrava-se em três produtos: o gado vivo, o charque e o couro.

Segundo Belavsky¹⁵², as técnicas relacionadas ao curtimento do couro desenvolveram-se vagarosamente, uma vez que a arte de curtir as peles foi introduzida pelos árabes na Europa já no século VIII, mas apenas no século XVIII, quando houve a instalação do primeiro curtume na Europa, é que se iniciaram as pesquisas nessa área.¹⁵³ Até esse momento, o trabalho artesanal e os segredos do curtimento eram passados de pai para filho, baseados, principalmente, na observação e experiência.

Acredita-se que o primeiro curtume do Brasil foi fundado no início do século XIX, no Rio Grande do Sul,¹⁵⁴ e prosperou rapidamente no Vale do Sinos, uma vez que havia poucos produtos de couro no mercado. Entretanto, ele era utilizado em quase todos os artigos que o gaúcho possuía: “na construção de sua moradia,

¹⁵¹ Para conhecer o histórico da pecuária e curtumes do RS ver: RUPENTHAL, Janis Elisa. *Perspectivas do Setor Couro do Estado do Rio Grande do Sul*. Tese de doutorado. UFSC.PPG Engenharia de Produção. Florianópolis, 2001 e SANTOS, André Maurício. A Indústria de Curtumes do Rio Grande do Sul. In: COSTA, Achyles Barcelos da & PASSOS, Maria Cristina (orgs) *A Indústria Calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

¹⁵² BELAVSKY, E. *O curtume no Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1965.

¹⁵³ Foi apenas por volta de 1800 que iniciaram as experiências com o tanino (extrato vegetal de árvores) para o curtimento do couro e introduzidas as máquinas nos curtumes. RUPENTHAL op cit.p.73,74.

¹⁵⁴ Segundo BRENNER, G. *A indústria de calçados no Brasil: trabalho, competição e produtividade*. Dissertação Mestrado, PPGA, UFRGS, 1990. O autor ainda diz que no Rio de Janeiro, em 1816, 85% da população andava descalça e as mulheres usavam sapatos de seda que duravam aproximadamente dois dias.

no mobiliário rústico, no transporte, no armamento, no vestuário e em outros utensílios.”¹⁵⁵ O couro era uma mercadoria de grande valor que, em alguns momentos, chegou a ser moeda corrente, todavia, essa importância não foi sempre a mesma.

Segundo Selbach,

[...] foi Nicolau Becker [...] no final do século XVIII, o primeiro a trabalhar com curtume e selaria. Instalado na Estrada das Tropas, na altura do que viria a ser Hamburgo Velho, via passar a sua frente os tropeiros vindos das estâncias localizadas na parte sul do Estado rumo ao mercado principal de Sorocaba, em São Paulo. Além do ponto privilegiado, pouco valia a matéria-prima utilizada no fabrico dos artigos de montaria [...] Para os estancieiros, o que importava no boi era a carne e não o couro; este era tão somente utilizado na própria estância. Desta forma o negócio prosperou. [...]¹⁵⁶

Mas mesmo a indústria de couro tendo prosperado no Vale do Sinos, os colonos alemães não foram os primeiros a se dedicarem a esse tipo de atividade, pois os portugueses já haviam instalado curtumes na região de Pelotas e Rio Grande. Mesmo assim, colonos alemães tornaram-se os principais produtores de artigos de couro, como arreios, guaiacas, perneiras, botinas, chinelos, tamancas, sapatos, etc., criando as primeiras sapatarias.

¹⁵⁵ SANTOS, André Maurício. A Indústria de Curtumes do Rio Grande do Sul. In: COSTA, Achyles Barcelos da & PASSOS, Maria Cristina (orgs) *A Indústria Calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 99

¹⁵⁶ SELBACH, Jeferson. *Pegadas Urbanas* – Novo Hamburgo como palco do flâneur. Cachoeira do Sul: Ed. Do Autor, 2006.p.181

O pioneirismo dos colonos na indústria de calçados surgiu principalmente pela necessidade de proteção dos pés, não só por causa do frio, mas também por causa dos bichos e arbustos existentes em profusão nas zonas de colonização.¹⁵⁷

O trabalho na agricultura, nas roças, também exigia o uso do calçado que não era comercializado em lojas. Os sapateiros faziam-nos sob medida e por encomenda.

É bom lembrar que o imigrante alemão trouxe o hábito de andar calçado e tinha mais condições financeiras de adquirir esse produto que a maioria da população brasileira, portanto, mesmo que a utilização do calçado fosse bastante restrita em todo o país, no Vale do Sinos era muito utilizado desde meados do século XIX.

Segundo Santos¹⁵⁸, no século XVIII a média de exportação anual girava em torno de 120 mil couros, e os impostos excessivos cobrados pelo governo imperial juntamente com o contrabando eram motivos de descontentamento e de protesto por parte dos produtores.

A Idade do Couro terminou em meados do século XIX, mas a sua importância na economia perdurou e lançou as bases do setor coureiro-calçadista, que impulsiona até hoje a economia do Estado.

Dentro desse contexto de abundância de peles e de inserção do colono no uso e produção de calçados, encontramos Pedro Adams Filho, então com 18

¹⁵⁷ COPETTI, Américo. Monografia da Indústria de Calçados do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CORAG, 1976.

¹⁵⁸ Ibidem, p.100

anos, que vai trabalhar como aprendiz de seleiro com o mestre Jacob Bossle dono de uma selaria e uma sapataria na colônia de Taquara do Mundo Novo, atual cidade de Taquara por volta de 1886-87.¹⁵⁹

Não foram preservados documentos que explicassem a ida de Adams a cidade de Taquara, nem como foi sua estada naquele local. Provavelmente, ele passou alguns meses por lá apenas para aprender um ofício, já que possuía dinheiro para investir em um negócio próprio, e ainda não tinha uma formação profissional.¹⁶⁰

Ao lado desse desenvolvimento dos curtumes, a produção de calçados havia tomado um impulso bastante grande na segunda metade do século XIX com a Guerra do Paraguai, que aumentou a demanda de calçado, e com a urbanização e a conseqüente diminuição dos produtos de montaria no mercado. Nesse período, os artigos de montaria, por exemplo, ainda eram produzidos de forma artesanal enquanto na fabricação do calçado já eram utilizadas algumas máquinas.

Vimos que a instalação da fábrica de Pedro Adams Filho está intimamente ligada ao estabelecimento, no Estado, dos primeiros curtumes, que impulsionaram a produção de artigos de couro.

Depois de aprender seu ofício de seleiro, Adams mudou-se para Dois Irmãos onde trabalhou como empregado numa fábrica de couros curtidos e numa

¹⁵⁹ Segundo suplemento especial da Cia. Jornalística Caldas Junior, 1974.

¹⁶⁰ Entramos em contato com a família Bossle de Taquara que não tinha informações a respeito de Jacob Bossle, seu negócio e a passagem de Pedro Adams Filho por aquele local.

correaria, com salário inicial de oito mil réis mensais e, rapidamente, passou a contra-mestre, ganhando 22\$000.

Segundo Monte Domecq,

Por muito modesta que pareça essa situação, ela bastou ao jovem trabalhador para inculcir-lhe no espírito a esperança de um futuro mais risonho para o qual sua energia e seu modo econômico de viver se encaminhava, resolutamente, embora aos poucos, constituindo, assim, um pequeno capital inicial.

Pedro Adams [...] conheceu, na sua mocidade, todas as dificuldades que o *struggle for life* reserva aos que devem conquistar o seu lugar na vida, contando, apenas, com a sua inteligência, o seu amor ao trabalho e a sua vontade de vencer.¹⁶¹

Não tardou muito para o jovem Adams, em 1888, então com 18 anos de idade, estabelecer-se em Dois Irmãos como sapateiro e seleiro usando seus próprios recursos, como nos informa Monte Domecq. Esses recursos, como vimos¹⁶², não provinham apenas de seu trabalho, mas também do dinheiro juntado por seu pai na casa de comércio que a família possuiu em Santa Clara.

Essa cidade, mesmo estando voltada para a agricultura colonial, conheceu a criação de vários tipos de manufaturas e agroindústrias de gêneros alimentícios, pois os colonos possuíam famílias numerosas, uma média de sete a dez filhos, e tinham de sobreviver de qualquer maneira. Essas atividades artesanais abrangiam uma série de artigos, utensílios e alimentos que eram consumidos localmente e vendidos para outras cidades.¹⁶³

¹⁶¹ MONTE DOMEcq, 1918, p.242

¹⁶² Conforme capítulo 1 desta tese.

¹⁶³ VIER, Justino Antonio. *História de Dois Irmãos – RS – passado e presente*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p.117

Normalmente as sapatarias funcionavam em uma peça da casa do sapateiro, e os calçados fabricados, mesmo não sendo sofisticados, eram de boa qualidade.¹⁶⁴

Os produtos mais procurados na oficina de Adams eram os arreios de montaria e tração, dado que o cavalo era o principal meio de transporte da época.¹⁶⁵

A produção de arreios acabou influenciando a fabricação dos calçados, já que havia muita sobra de couro, principalmente das pernas e virilhas dos animais que não eram aproveitáveis para o material de montaria, mas serviam para a fabricação dos tamancos, chinelos, solas e saltos.

Além dos chinelos, a produção da sandália iniciou no final do século XIX e teve como um dos seus primeiros fabricantes Paulo Triebse, que constatou, pela análise técnica, que esse produto era mais leve, cômodo e de baixo custo. Assim, logo teve ampla aceitação no mercado.¹⁶⁶

Adams notou que o mercado era amplamente favorável e que alguns fregueses faziam pedidos específicos de alguns produtos. Começou então a fazer chinelos e botinas que eram produzidos em pequena quantidade e, na maioria das vezes, segundo o gosto do comprador.

Dentre as atividades citadas pelo autor estão: alambiques, atafonas, moinhos de grãos, serrarias, carpintarias, olarias, ferrarias, selarias, alfaiatarias, matadouros, cantarias, bebidas.

¹⁶⁴ Ibidem, p.120.

¹⁶⁵ Ibidem, p.120.

¹⁶⁶ SCHÜTZ, Liene M.Martins. *Novo Hamburgo: Sua História, Sua Gente*. Porto Alegre: Palotti, 1976. p. 103

Nessa época, as oficinas empregavam, no máximo, dois funcionários: os aprendizes, que em geral não recebiam salários pelo seu trabalho, exceto a comida. Esses aprendizes eram, normalmente, da própria família, e/ou tinham relações de amizade ou de vizinhança com o dono da oficina.¹⁶⁷

Segundo depoimento de J.A. Wirth, as oficinas tinham instalações simples e precárias: apenas algumas mesas, cavaletes e bancos. Os instrumentos e ferramentas de trabalho eram rudimentares e pertenciam ao dono do estabelecimento. A oficina de Adams era um pouco maior que a média das oficinas da cidade e tinha doze pessoas trabalhando na fabricação de chinelos.¹⁶⁸

Os produtos da oficina de Adams foram assim anunciados em jornal da época:

Em nenhum outro negócio se compra tão barato como na fábrica de calçados de Pedro Adams Filho, em Dois Irmãos. Todos os artigos são feitos à mão e são de 25 a 30% mais baratos do que toda a concorrência, como, por exemplo: um par de botas para cavalgar somente 28\$000 e um par de calçado masculino (botina) somente 12\$000.¹⁶⁹

Não havia, nesse final de século XIX, uma estrutura organizada de vendas como vai ocorrer mais tarde. As vendas dos produtos eram feitas pessoalmente por Pedro Adams Filho, que se embrenhava nas picadas¹⁷⁰ pelo interior apenas com uma carreta e o desafio de colocar no mercado o maior número possível de mercadorias. A maioria dessa produção artesanal era comprada pelas casas

¹⁶⁷ Depoimento de WIRTH, J. A., empresário do setor calçadista da cidade de Dois Irmãos, em novembro de 2004.

¹⁶⁸ Ibidem

¹⁶⁹ Jornal *Deutsches Volksblatt*, 17/07/1900.

¹⁷⁰ Picada, segundo Jean Roche op. cit., são caminhos estreitos abertos a golpe de facão no mato.

comerciais locais, chamadas de vendas, e pelo comércio da capital, Porto Alegre.¹⁷¹

Segundo relato de J.A. Wirth, em Dois Irmãos “tinha a família Adams, do Pedro Adams Filho, que tinha uma pequena selaria e sapataria.” Diz o depoente, que com a ida do trem a Novo Hamburgo a família decidiu abrir uma fábrica maior naquela cidade, “eles enxergaram longe por causa do trem”.¹⁷² Portanto, além da prosperidade alcançada nos negócios o que o incentivou a transferir-se para Novo Hamburgo em 1898, foi a facilidade do transporte ferroviário, que poderia significar um aprimoramento da rede de distribuição de seus produtos para fora da área colonial, especialmente para Porto Alegre.

Na nova cidade, Adams instalou sua oficina no mesmo local da sua futura indústria, e logo teve de aumentar o seu número de funcionários.

Entretanto, Pedro Adams Filho tinha planos de aumentar seus negócios e, assim, em 1901 resolveu associar-se a José Frederico Gerhardt para instalar uma fábrica de calçados em moldes mais modernos, com um maior número de máquinas e funcionários, a *Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense*.

A análise das condições da selaria de Adams, sua preocupação com anúncios nos jornais e até mesmo sua transferência para Novo Hamburgo, denotam uma preocupação em fazer seu negócio prosperar e ganhar um mercado maior do que aquele proporcionado pelo artesanato. Tinha, pois, uma visão

¹⁷¹ Jornal *NH*, 05/04/1977.

¹⁷² Segundo depoimento de J. A. Wirth (nov/2004).

industrial, como tantos outros empreendedores que estavam surgindo nas diversas colônias do Estado.



Figura 9 - Primeira foto tirada em frente a fábrica em 1901. (AFA) ¹⁷³

Essa foto, segundo informação de Carmen Mosmann ¹⁷⁴, foi a primeira a ser tirada da fábrica logo após sua instalação no centro da cidade, na Rua Júlio de Castilhos, e mostra-nos o numeroso grupo de trabalhadores que a empresa empregava (mais de 100) e, dentre eles, um número considerável de mulheres (20%). Adams, como um típico capitão da indústria colocou-se no centro e à frente de todos.

¹⁷³ Para a análise das fotos neste trabalho utilizamos como referencial as obras: KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989 e BORGES, Maria Elisa Linhares. *História & Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

¹⁷⁴ Neta de Pedro Adams Filho. Depoimento concedido em junho de 2005 e abril de 2006.

Para Lagemann ¹⁷⁵, a expressão “indústria de calçados” pode ser empregada somente a partir do início do século XX, quando, em 1907, no levantamento realizado pelo Centro Industrial do Brasil, foram registradas nove indústrias calçadistas. Baseados nesse autor, podemos conferir à empresa de Adams o título de primeira indústria de calçados nos moldes modernos em Novo Hamburgo.

Segundo Rupenthal¹⁷⁶, um fator conjuntural importante a ser lembrado é que as altas taxas de importação criadas pelo governo republicano incentivavam a criação de indústrias. Mesmo assim, havia apenas duas empresas calçadistas com mais de 100 empregados no ano de 1900 (Pelotas e Porto Alegre) e, pelo censo de 1907, metade da produção de calçados estava concentrada no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, e supria 90% do mercado interno (a taxa sobre os calçados importados era de 115% e o governo estadual incentivava as vendas para outros Estados).¹⁷⁷

O capital investido inicialmente pelos sócios, Adams e Gerhardt, foi de 22:000\$000 e o início das atividades apresentou uma série de problemas, como acontece com qualquer negócio. A fabricação dos produtos requeria muito trabalho, e a colocação de novos produtos no mercado, juntamente com a criação de um mercado consumidor, apresentava uma série de dificuldades.

¹⁷⁵ LAGEMANN, Eugenio. O setor coureiro-calçadista na história do Rio Grande do Sul. Indicadores Econômicos. *Ensaios FEE*, Porto Alegre, ano 7, n.2, p.69-82, 1986.

¹⁷⁶ Op cit. p. 76,77.

¹⁷⁷ O censo industrial de 1907 atribuía ao Estado 9 indústrias calçadistas e, em 1912, contabilizando também as indústrias de pequeno porte, somavam-se 699 fábricas de calçados que se concentravam na região de Porto Alegre e Vale do Sinos.

Em 1912, Adams já era agente do Banco da Província em Novo Hamburgo, o que certamente lhe facilitou a obtenção de créditos para suas empresas.

Logo que abriu sua empresa, Pedro Adams Filho contratou seu irmão Alberto para gerente técnico, e dedicou-se integralmente às questões administrativas.¹⁷⁸

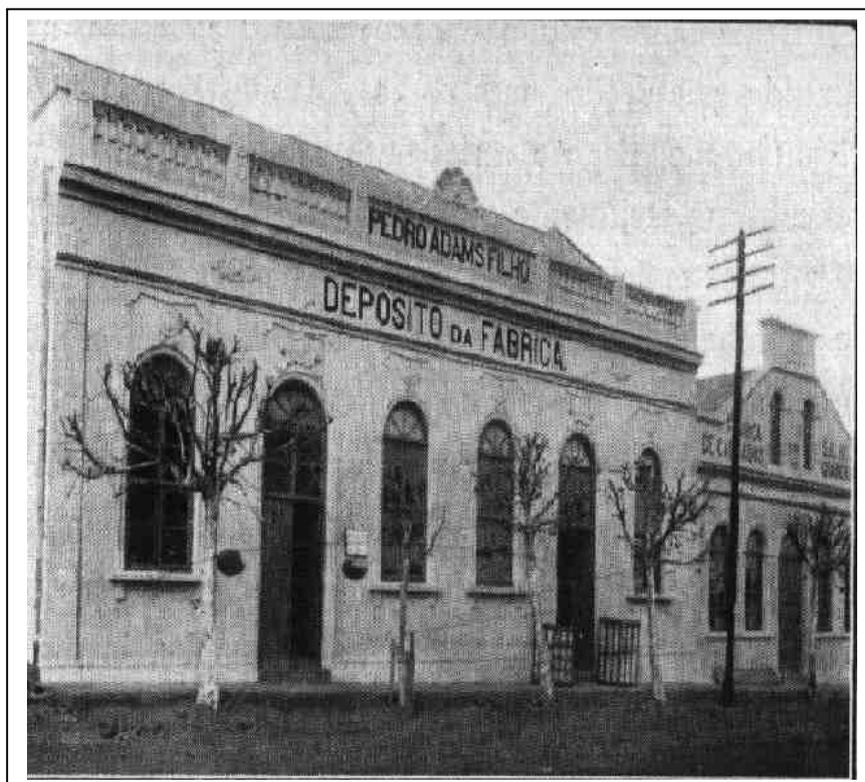


Figura 10 - Vista externa do depósito da empresa de Pedro Adams Filho em 1918¹⁷⁹.

¹⁷⁸ MONTE DOMECCQ, op. cit. p.242

¹⁷⁹ Ibidem, p.242



Figura 11 - - Vista interna do depósito da fábrica.



Figura 12 - Vista interna do depósito da fábrica.¹⁸⁰

¹⁸⁰ Ibidem, p.245



Figura 13 - Setor de expedição.¹⁸¹

O depósito localizava-se bem ao lado da fábrica, o que facilitava o transporte de material entre os dois prédios. Percebemos nessas fotos a extrema organização do local e a grande quantidade de material estocado, desde couros, caixas de papelão, até componentes para calçados, (fivelas, fitas, solas, saltos, linhas, forros, etc.) No setor de expedição, podemos ver as caixas de calçados e os rolos de couro sendo preparados para a sua comercialização.

¹⁸¹ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

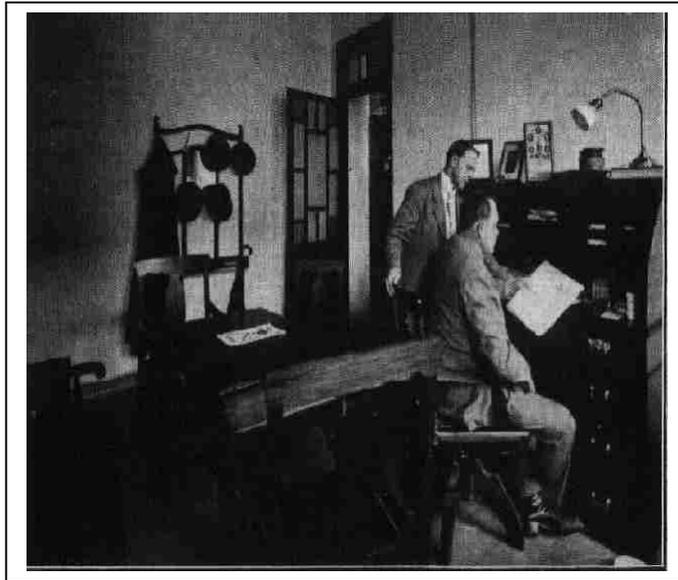


Figura 14 - Gabinete de trabalho de Adams.¹⁸²



Figura 15 - Um dos escritórios da empresa.¹⁸³

Na primeira foto, vemos Adams posando para o fotógrafo com um de seus funcionários do setor administrativo e, na segunda, uma imagem de um dos escritórios, em que percebemos a ausência de paredes, que possibilita um

¹⁸² *Ibidem*, p.242

¹⁸³ *Ibidem*, p.243

controle mais direto e intensivo do trabalho de seus funcionários, o que indica que Adams utilizava-se dos princípios de administração científica criadas por Taylor¹⁸⁴.

Apenas três anos depois de iniciada a empresa, José Frederico Gerhardt retira-se satisfeito com seu capital e lucro, segundo Monte Domecq, deixando-a nas mãos apenas de Pedro. A partir daí, a fábrica passa a se chamar *Pedro Adams Filho & Cia. Ltda.*¹⁸⁵

Na ocasião da saída de seu sócio, Pedro nomeou a empresa Franco, Ramos & Cia., de Porto Alegre, como seus agentes gerais.



Figura 16 – Cabeçalho de papel de carta da empresa, 1916 (AFA)

¹⁸⁴ Frederick Winslow Taylor (1856-1915), engenheiro norte-americano, criou um método, conhecido como taylorismo, de racionalização e controle do tempo do trabalhador, elevando sua produtividade individual, eliminando o desperdício e gerando redução dos custos de produção.

¹⁸⁵ Conforme MONTE DOMEcq, op. cit. p.242.

No início, em 1901, a empresa contava com 112 funcionários e, em 1918 esse número havia passado para 180, o que representou um aumento na produção, não só em função do maior número de trabalhadores, mas também por causa da aquisição de máquinas mais modernas, que aumentavam a produtividade da empresa.

A *Pedro Adams Filho & Cia. Ltda* conheceu um rápido crescimento, pois, segundo Monte Domecq¹⁸⁶, o capital social da empresa em 1918 era de R\$ 600:000\$000, sendo o capital de giro de 4:000:000\$000. Já as vendas da fábrica e do curtume somaram durante o ano de 1916, o valor de 1.969 contos de réis.

Segundo Rupenthal¹⁸⁷, na primeira década do século XX há uma proliferação de fábrica de calçados no Estado, pois esse tipo de indústria não exigia grandes investimentos e havia mão-de-obra abundante (ex-comerciários e ex-agricultores), entretanto, a produção ainda era artesanal. Diz, ainda, que em 1912 havia 699 fábricas de calçados, a maioria com dois a sete empregados, produzindo 1,15 milhões de pares. Quatro anos depois, já havia 736 fábricas, mas apenas quatro tinham mais de 100 empregados e eram responsáveis por quase 50% da produção nacional.

Numa região em que o processo de produção era quase artesanal, uma fábrica que dispunha de maquinário importado era vista com grande admiração, conforme palavras de Monte Domecq:

¹⁸⁶ MONTE DOMECCQ, op. cit. p. 8

Embora não seja uma obra de cunho crítico, ela traz informações e descrições inéditas sobre muitas empresas e faz um histórico da vida de muitos personagens importantes da história do Rio Grande do Sul.

¹⁸⁷ Op cit p.77, 78.

Apesar do nosso ofício de publicistas obrigar-nos a uma assimilação rápida dos processos industriais que somos chamados a estudar, confessamos que a nossa visita á fábrica de calçados do Sr. Pedro Adams Filho deixou-nos um tanto aturdidos, pela surpreendente variedade e pela precisão no trabalho das máquinas, que concorrem para a fabricação deste artigo de primeira necessidade: um par de botas. Sentíamos-nos muito longe dos nossos velhos sapateiros d'outrora trabalhando a grandes golpes de martelo, com a forma entre as pernas, a soveia entre os dentes, as mãos pegajosas; o industrialismo acabara com essa figura, que nos foi familiar, e dessa execução encarregaram-se alguns Pedro Adams Filho espalhados pelo Mundo...Se o nosso amor ás coisas velhas nos incita a lamentá-lo (somos todos um pouco amantes daquilo que foi...), *em compensação nossas finanças não se queixam e, muito pelo contrário, nem nosso instintivo desejo de beleza das linhas, pois a máquina moderna, pelo menos na industria do calçado, substitui, vantajosamente, a mão do artista e produz, ao mesmo tempo, obras tão agradáveis à vista,*¹⁸⁸ (grifo nosso)

Percebe-se, nesse excerto, a estranheza com que era encarada essa “nova” indústria e até certa nostalgia em relação ao passado e à produção artesanal. Mas, mesmo assim, os autores do texto (Monte Domecq) que visitaram a empresa de Adams, são obrigados a prestar tributo a essa nova maneira de fabricar o calçado, que é mais rentável, segundo constatação dos próprios autores, e com tanta qualidade quanto um calçado feito de forma artesanal.

¹⁸⁸ MONTE DOMEcq, op.cit.p.243,244.

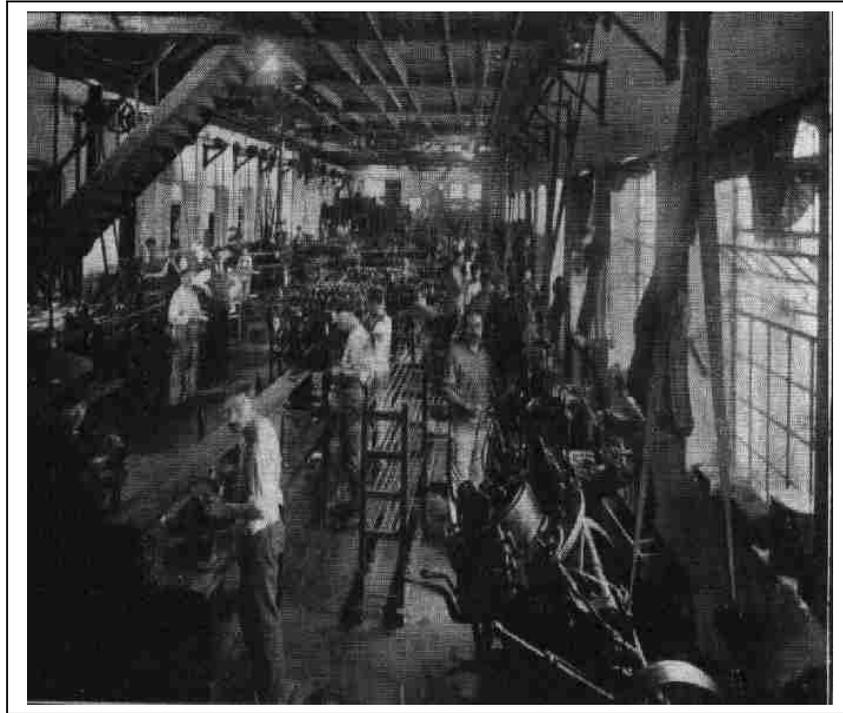


Figura 17 - Atelier de fabricação de calçado.¹⁸⁹

Essa foto mostra que a fábrica possuía um sistema de produção em esteiras e a especialização do trabalho, muito próximo do que podemos ver numa empresa de hoje.

¹⁸⁹ MONTE DOMEQ, op. cit. p.243



Figura 18 - Atelier de fabricação de calçado.¹⁹⁰

Percebemos, nessa foto, a coexistência das máquinas e dos instrumentos manuais, como o martelo, utilizados pelos velhos sapateiros que a nova indústria ainda não conseguia suplantar.

A máquina como substituta do trabalho do homem era, ainda, objeto de reflexões.

Percorrendo as grandes salas de trabalho [...] seguíamos, etapa por etapa, as manipulações para a fabricação do calçado e todo esse trabalho inteligente da matéria bruta, guiada pela mão do homem, nos parecia natural, como se não pudesse ser diferente e como se, desde que os homens andam calçados, as máquinas tinham necessariamente produzido o mesmo trabalho. E quando nosso amável guia (Alberto Adams) nos informava da utilidade de alguma máquina nova, que ele tinha resolvido importar, logo que as circunstâncias o permitissem, para simplificar ou ativar alguma manipulação, nos dizíamos a nós mesmos: “Pra que? Será possível simplificar ainda este trabalho que nos parece ter reduzido á mais simples expressão a intervenção do homem? Entretanto se ele assim fala, deve ser certo, - ele entende bem disto...” – e quase suspeitamos que o arrojado industrialista estava sonhando

¹⁹⁰ Ibidem, p.246

alguma máquina que, recebendo todos os apetrechos, devolveria o calçado inteiramente acabado.¹⁹¹

Essa estranheza em relação à tecnologia empregada na fabricação do calçado, que ficou clara na citação anterior, aponta ao gerente da fábrica como empresário “arrojado”, pois Alberto Adams buscava novas tecnologias para aperfeiçoar um produto que, em essência, já era considerado muito bem feito apenas pela mão do trabalhador.

Os autores desse mesmo livro seguem sua visita pela empresa e continuam a descrição do maquinário moderno utilizado. Descrevem o processo de produção detalhadamente, e surpreendem-se com uma “máquina circular, cuja faca, seguindo o molde da madeira, corta as solas em ambos os pés”. Eles explicam, também, que era colocado um feltro entre as palmilhas e a sola para tornar o calçado impermeável, o que era incomum naqueles tempos.

¹⁹¹ Ibidem, p.244



Figura 19 - Seção de corte e modelagem.¹⁹²



Figura 20 - Seção de corte.¹⁹³

¹⁹² Ibidem,p.244

Descrevem, ainda, máquinas especiais para pregar o calçado, para montar o bico, para costurá-lo e que dependiam de operários hábeis e que dominassem o uso do maquinário. Destacam uma preocupação inusitada com a estética do produto, manifesta pelas costuras que ficavam escondidas por pedaços de couro colados com um produto feito pela própria empresa que, além de representar uma considerável economia, ainda constituía-se uma forma de exclusividade de fabricação e valorização do produto Adams.

A citação a seguir exemplifica o encantamento dos observadores para com o número e a eficiência das máquinas utilizadas na produção de um simples par de sapatos masculinos:

Finalmente, intervém uma das **máquinas** mais curiosas da oficina, a **máquina Black**, que deve seu nome a um preto americano, que a inventou, e que acaba de costurar firmemente o rosto do calçado á sola. Nesta altura da fabricação, o calçado está já firme e definitivamente construído nas suas partes essenciais; o rosto e a sola.

Outras **máquinas** aparecem, logo, para alisar a sola e marcar a veia exterior; esta ultima é das mais aperfeiçoadas e gira, a razão de 6.000 voltas, por minuto.

Falta colocar ainda os saltos. Estes vêm, grosseiramente, preparados por camadas superpostas de couro. Uma primeira **máquina** prega, fortemente, essas camadas e, outra, segura a ultima camada externa. O salto, ainda rudimentar, é, seguidamente, colocado numa **máquina** poderosa que o comprime sob uma pressão de 30.000 quilos, formando a concavidade da parte superior, que encaixará com a sola, na parte do calcanhar, pela intervenção de outra **máquina** muito mais delicada, destinada a pregar o salto á botina: é a única parte do calçado que leva pregos. (grifos meus)¹⁹⁴

¹⁹³ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

¹⁹⁴ Ibidem, p. 244,245



Figura 21 - Setor de montagem.¹⁹⁵

Nessas seções de corte, montagem e modelagem (figuras 19, 20 e 21), chama-nos a atenção a presença, provavelmente, de um contra-mestre postado com as mãos na cintura, observando o trabalho sendo realizado pelos operários, que pode ser, mais uma vez, um aspecto do controle que havia em relação ao trabalhador e ao tempo utilizado por cada tarefa.

Por fim, depois de o calçado ter passado por tantas mãos e utilizado tantas máquinas, ele é ainda “bastante rudimentar”. Para sanar esses problemas, outros equipamentos modernos se faziam necessários.

Uma **máquina** ronha o salto; **outra** lixa o salto por meio de duas pedras rotativas de espessura diferente, deixando-o perfeitamente liso; e **outra** ainda acaba de lixar a sola, que toma um aspecto perfeitamente liso numa última **máquina**. Falta pintar a sola, queimá-la com cera e lustrá-la,

¹⁹⁵ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

operações estas, que são, também, feitas mecanicamente, e o artigo está prestes a receber o carimbo do fabricante, a numeração e o elegante invólucro de papelão, para sair ao assalto de todos os mercados do Brasil, afirmando cada dia, mais poderosamente, a pujança da indústria deste recanto gaúcho, que mereceria ser mais eficazmente conhecido.¹⁹⁶

O uso intensivo da máquina é um dos fatores que diferenciava Adams dos demais empreendedores da época no Vale dos Sinos. Ele via na tecnologia uma maneira de destacar seu produto. Poderia ter mantido sua fábrica com um maquinário mais rudimentar, com um trabalho mais artesanal, mas optou pela inovação.

A qualidade e a acabamento do calçado produzido, como vimos, também são detalhes que não passam despercebidos, deixando claro ao leitor que aquele era um produto feito dentro da mais alta tecnologia, o que confirmava a pujança do Estado nesse setor da economia.

Essas máquinas foram importadas da Alemanha e eram da marca *Moenus*, mas durante a 1ª. Guerra Mundial, Pedro Adams Filho, por pressões políticas e econômicas,¹⁹⁷ foi obrigado a substituí-las por máquinas norte-americanas.¹⁹⁸

Procurando, ainda, melhorar o sistema de produção, Pedro Adams Filho trouxe técnicos da Itália e do Uruguai para operarem essas máquinas.¹⁹⁹

¹⁹⁶ Ibidem, p. 244,245

¹⁹⁷ Segundo Jornal *NH*, 05/04/1977

¹⁹⁸ Embora Adams tenha importado suas primeiras máquinas da Alemanha, a maior parte do maquinário era produzido nos Estados Unidos, que desde o início dedicaram-se a produção em massa do calçado, enquanto que outros países que lideravam a produção e o comércio se apegavam à manufatura, como a Inglaterra, que mesmo dominando no negócio do calçado foi obrigada a pagar royalties aos americanos pelo uso de suas máquinas. MOTTA, Eduardo. *O Calçado e a Moda no Brasil: um olhar histórico*. Porto Alegre: Litokromia/Magno, 2005. p.67.

Ele foi, também, o responsável pela vinda dos três primeiros técnicos em fabricação de calçados, Salvador Ingletto, Nicolas Daile e Paulo Triebes que “transformaram sua indústria numa verdadeira escola, da qual começaram a sair as outras fábricas do Vale.”²⁰⁰

Essa “inovação”, a preocupação com o ensino do ofício, pode ser inserida dentro de um processo mais amplo de modernização do setor calçadista brasileiro, que ocorreu entre 1880 e 1920, em função da substituição de importações.²⁰¹ Já no final do século XIX, o uso de máquinas a vapor (marco no desenvolvimento tecnológico mundial) intensificou-se nos curtumes e indústrias calçadistas no Brasil. Além disso, os novos avanços tecnológicos europeus passaram a ser incorporados pelas indústrias do Vale dos Sinos nas primeiras décadas do século XX.

Aliado a todo o processo de produção básico do calçado, havia, também, outros processos acessórios que eram fundamentais para dar um bom acabamento ao produto, como o “cimento especial”, feito de borracha vinda do Pará e utilizado para colar o couro. Mais uma vez Monte Domecq explica como se dá essa parte da produção:

O couro, cortado em tiras de 15 a 20 centímetros de largura, é chanfrado, mecanicamente, nas suas extremidades, que são coladas, cabo a cabo, por meio do cimento especial, de modo a oferecerem uma espessura igual em todo o comprimento. A máquina de chanfrar trabalha por meio de uma navalha, sem fim, que se afia na própria máquina. A comprida

¹⁹⁹ Jornal *NH*, 05/04/77

²⁰⁰ Guia do Vale, 28/07/72

²⁰¹ REICHERT, Clóvis Leopoldo. A evolução tecnológica da indústria calçadista no sul do Brasil. In: COSTA, Achyles Barcelos da & PASSOS, Maria Cristina (orgs) *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.p.52

banda de couro entra logo em outra máquina, que a debita em tiras estreitas, que são as viras de que anteriormente falamos.²⁰²

Em raros momentos, os operários da fábrica são lembrados pelos visitantes (Monte Domecq) como protagonistas, pois, o encantamento com a máquina era tal que parecia não haver pessoas ali trabalhando.

É apenas na descrição da etapa de acabamento do calçado que os operários são citados:

Quando iniciamos o estudo das diversas máquinas, que concorrem ao acabamento, recebemos os rostos dos calçados já preparados. Eles vêm do atelier de costura, servido por máquinas, dirigidas por mulheres. Uma máquina perfura a biqueira da bota; outra, chanfra as tirinhas de couro, que servirão interna ou externamente; outra, abre e costura as casas para abotoar, com incedível perfeição, sendo essas casas consolidadas n'outra máquina; outra, ainda, e não a menos interessante, costura botões. Uma máquina "Singer", trabalhando com quatro novelos, faz duas costuras, simultaneamente, na parte posterior do rosto. E todo esse trabalho, se efetua num *zum-zum*, quais novas abelhas em sua tarefa, com vertiginosa rapidez e singular perfeição. As máquinas não descansam, pois os pedidos estão lá, prementes, que exigem uma atividade febril. Acontece por acaso um desarranjo? Quebra uma peça? Imediatamente, o hábil mecânico da fábrica conserta o desarranjo ou fabrica uma peça nova.²⁰³

²⁰² MONTE DOMECCQ, op. cit. p. 245

²⁰³ Ibidem, p.245

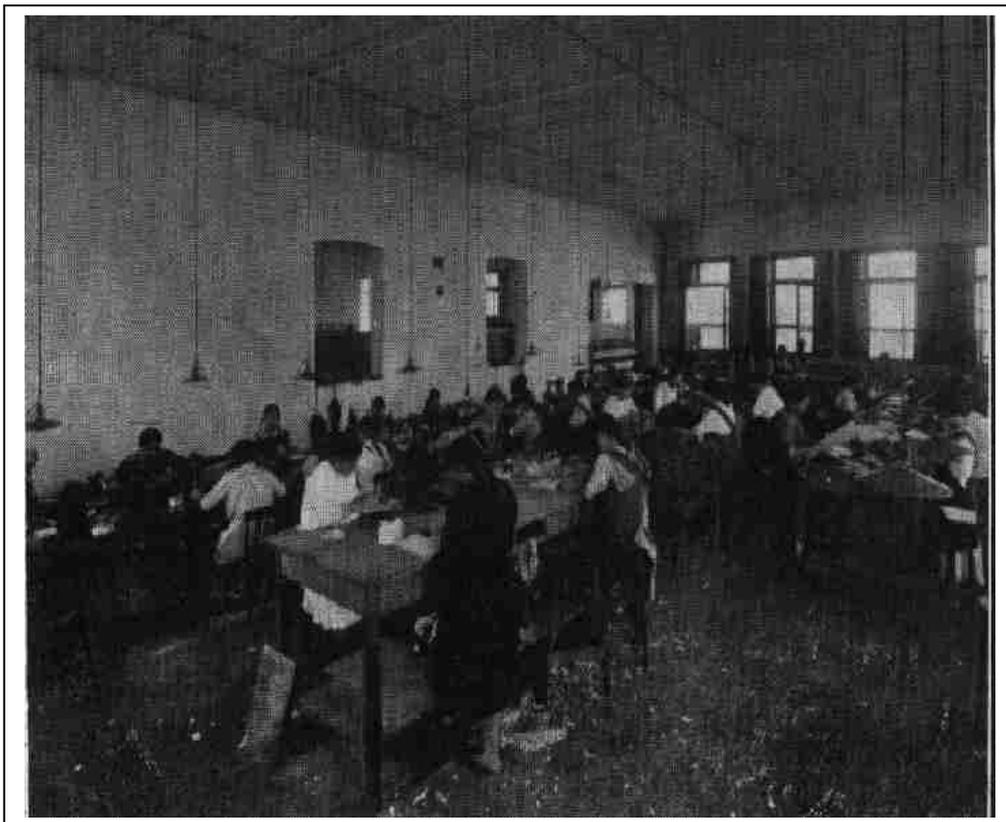


Figura 22 - Ateliê de costura.²⁰⁴



Figura 23 - Ateliê de costura e seção de corte de calçados.²⁰⁵

²⁰⁴ Ibidem, p.244

Esse “zum-zum” das “abelhas” nos remete à rapidez com que as mulheres trabalhavam e ao tempo que passou a ser precioso, pois os pedidos exigiam uma atividade febril e, nesse contexto, a máquina era uma aliada fundamental.

Embora Monte Domecq descreva detalhadamente as máquinas da empresa de Adams, percebemos que, nas fotos, elas quase não aparecem, são os operários que se destacam nas imagens.



Figura 24 - Pedro Adams Filho, de branco, com uma bota produzida por sua empresa. (AFA)

O calçado era produzido, na sua maioria, dentro da fábrica, mas também havia calçados femininos e infantis feitos em ateliê de costura fora da fábrica.

A permanência do trabalho artesanal mostra-nos que a industrialização ocorreu de modo lento. Não se nota a passagem abrupta de um modo de produção a outro, mas sim, a coexistência, durante muitos anos, do artesanato e da indústria. Aliás, é peculiar ao setor calçadista a continuação, até a atualidade,

²⁰⁵ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

do trabalho artesanal por razões estéticas e/ou de especificidade do produto demandado.

A produção dos calçados era, então, feita sob encomenda, o que impossibilitava a formação de grande número de calçados estocados à espera de compradores: “É que não há tempo para armazenar. Os viajantes e representantes da fábrica não dormem; trabalham sempre...e o calçado fabricado é d’ante-mão vendido.”²⁰⁶ Vejamos o que Monte Domecq conta:

Assim, vendo a fuga dos seus produtos, o Sr. Pedro Adams, sempre, vigilante, sempre empreendedor e ansioso por desenvolver, ainda e sempre, o seu negócio, sonha em máquinas novas e aperfeiçoadas que duplicarão, triplicarão a produção, permitindo a invasão pacífica dos mercados americanos, e quiçá europeus, pelos seus modelos e pela sua marca. Os 700 modelos que fabrica são poucos para sua justa ambição; exige os mais numerosos e melhores, - e tem razão. Ele pode e deve completar a sua obra, deve levá-la até o extremo possível do aperfeiçoamento, como um exemplo nobre, para os seus patrícios e mesmo para o estrangeiro, do que pode a inteligência prática servida pelo trabalho.²⁰⁷

Adams, além de fabricar os produtos, era também o responsável pelas vendas. De início ele utilizava uma carroça²⁰⁸ puxada por quatro cavalos para ir até São Leopoldo, Montenegro e Taquara, onde vendia acessórios de couro e calçados e comprava a matéria-prima de que necessitava. Nessas andanças, tinha um companheiro chamado Felter, mais conhecido por “Father”, que o acompanhava nas viagens de negócios.

²⁰⁶ Ibidem, p.245

²⁰⁷ Ibidem, p.245

²⁰⁸ A carroça de quatro rodas e tração animal, fabricada inicialmente em São Leopoldo, foi introduzida pelos imigrantes em substituição ao carro de boi de duas rodas e com eixo móvel. Segundo FLORES, Hilda Agnes Hübner. In: *História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul*. EST Edições:Porto Alegre, 2004. p.103

Father lembra que uma vez, ao tentarem ultrapassar o rio Santa Maria em Taquara, quase perderam a vida, pois a carroça foi arrastada pelas águas. Eles conseguiram se salvar, mas o mesmo não aconteceu com a carroça, os cavalos e a mercadoria, que foi totalmente perdida.²⁰⁹ É bom lembrar que o estado das estradas nessa época era péssimo e constituía-se num dos itens de maior número de reclamações para o governo do Estado, visto que representava um entrave para a comercialização das mercadorias produzidas nas colônias.

Com o tempo, a carroça já não correspondia mais às necessidades do industrial. Ele então adquiriu um automóvel da marca Fiat, importado e com 24 HP de potência, o que representava um avanço no sistema de compra e venda de mercadorias.

Entretanto, para dirigir esse carro, Adams achou melhor contratar um motorista - Christiano Huber - que o levava a todos os locais onde tinha negócios, tanto no Vale dos Sinos quanto na serra e litoral (São Leopoldo, Linha Hortênsia, Porto Alegre, Nova Petrópolis, Caxias do Sul, Tramandaí, entre outras).

O motorista Christiano deixou registradas algumas das peripécias das viagens realizadas por eles: “De Novo Hamburgo a Porto Alegre gastava-se normalmente de 3 a 4 horas, mas houve casos que para vencer o trecho Sapucaia-Canoas (o pior de todos) consumiram-se 7 horas.” Lembra, também,

²⁰⁹ Jornal *NH*, 05/04/1977

que “como Christiano fumasse charuto, era normalmente confundido por Pedro Adams nas localidades em que chegavam pela primeira vez.”²¹⁰

Um dos empregados de Adams, que provavelmente estava aprendendo a falar alemão, presenteou-lhe com uma história em quadrinhos que fazia menção ao automóvel e à carroça como meios de transporte do couro, fazendo referência a uma venda realizada por Pedro Adams Filho.

Foi difícil traduzir a história e compreendê-la, mas, mesmo assim, achamos válido incluí-la neste trabalho, uma vez que corrobora as informações acerca da comercialização das mercadorias.

²¹⁰ Ibidem.p.56

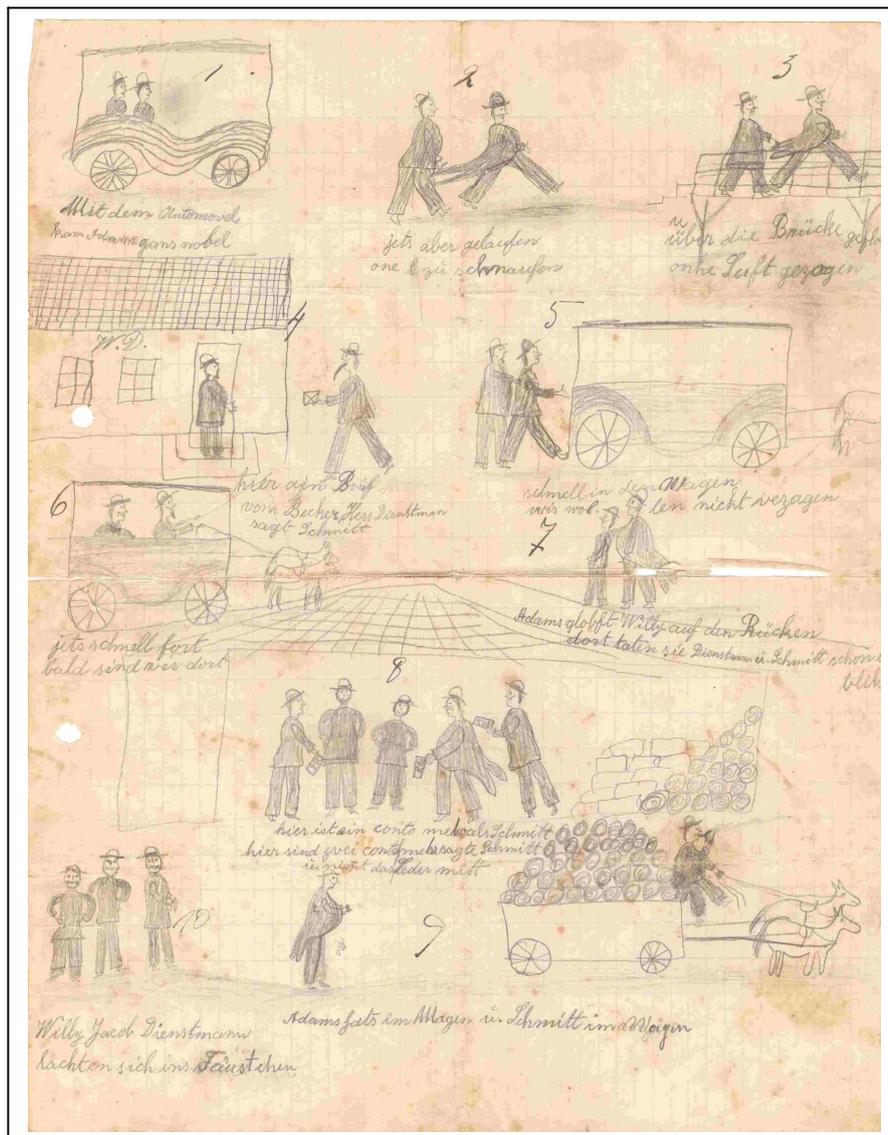


Figura 25 - História em quadrinhos. (AFA)

- “1 - Com o automóvel Adams pode mover-se;
 2 - Agora caminha sem ofegar;
 3 - Voou sobre a ponte sem respirar;
 4 - Aqui está uma carta do sr. Becker e do sr. Dienstman, diz Schmidt;
 5 - Rápido para dentro do carro;
 6 - Agora vamos embora rápido, logo estaremos lá;
 7 - Adams bate nas costas de Willy, aí eles riem;
 8 - Aqui tem um conto a mais, Schmidt. Aqui tem dois contos a mais, diz Schmidt e não
 leva o couro
 9 - Eles riram muito.”²¹¹

²¹¹ Tradução da história em quadrinhos.

Depois da carroça e do automóvel, a empresa passou a contar com um grupo de vendedores, os representantes comerciais, ou caixeiros-viajantes²¹², como eram conhecidos na época, que eram incumbidos de colocarem o produto no mercado. Inicialmente o calçado era vendido apenas no Estado do Rio Grande do Sul, mais tarde passou a ser vendido, também, para outros Estados, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo Hilda Flores, o caixeiro-viajante já era uma profissão comum nos países europeus e, no Rio Grande do Sul, ele percorria as zonas coloniais estabelecendo relações de amizade com as comunidades, principalmente com os vendeiros, levando os mostruários, recebendo encomendas, cobrando faturas e entregando pedidos. Ao mesmo tempo era uma espécie de informante, não só dos mercados e preços, mas também das notícias sociais, esportivas e políticas da capital e do mundo. Diz a autora, ainda:

A presença do caixeiro viajante na venda atraía a atenção dos colonos. Demorava-se vários dias, enquanto visitava os vendeiros dos arredores. Participava da vida social e das atividades da comunidade, aproveitando o relacionamento para fazer promoção dos produtos que oferecia. Palavra fluente – alguns caixeiros eram exímios contadores de piadas – valia-se desse recurso para aumentar os negócios. Dançava com a filha do vendeiro e não raro casava com ela. Vez por outra constituía um segundo lar no interior, para compensar as longas ausências da família legítima, em Porto Alegre. Casos houve de problemas na hora de receber o pecúlio por morte, que era reclamado pela “outra” e que estatutariamente cabia à mulher legítima. Em 1885 nasceu a Sociedade dos Caixeiros Viajantes, que congregou esses profissionais e suas famílias, com fins esportivos, sociais e também previdenciários. [...]²¹³

²¹²FLORES, Hilda Agnes Hübner. In: *História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul*. EST Edições: Porto Alegre, 2004. p. 99,100

²¹³ Ibidem, p. 100.

Além das vendas no Brasil, a empresa também exportou perneiras para o exército da Bolívia e da Venezuela. Uma curiosidade é que as perneiras produzidas por Adams tinham a cor vermelha, o que as diferenciava das demais.²¹⁴

A questão dos transportes no Estado torna-se importante para esta tese, na medida em que informa que a comercialização do calçado e do couro na região até meados de 1920 dava-se, principalmente, por meio da rede ferroviária, já para os outros estados do Brasil era através da navegação de cabotagem.²¹⁵

A partir dessa época, a rede ferroviária foi incapaz de suprir a demanda, pois a malha não interligava todas as regiões e o transporte marítimo e fluvial era descuidado e arcaico. Nessa conjuntura, o transporte rodoviário de cargas, por meio de caminhões, tornou-se o principal elo do Rio Grande do Sul com o centro do país.

Nesse mesmo período, as estradas praticamente inexistiam, pois o governo central também não investia nesse setor. O sistema viário do Estado seguia o mesmo caminho utilizado pelos tropeiros e carreteiros. As carroças seguiam com importante papel nas áreas em que as mercadorias não chegavam de trem ou navio.

Para calcular-se a precariedade dos meios de circulação de mercadorias, até o desenvolvimento do transporte, os produtos do Vale do Sinos, como

²¹⁴ Informação fornecida por Pedro Adams Neto em depoimento concedido em junho de 2005.

²¹⁵ Segundo o Anuário Estatístico do Brasil do IBGE de 1939/1940, o Rio Grande do Sul enviava para outros Estados do Brasil 95,1% de sua produção por cabotagem e apenas 4,9% era transportado por vias internas.

chinelos, sapatos, couros, solas, etc., até o desenvolvimento do transporte rodoviário, eram levados até São Leopoldo de carroça e embarcados num vapor a Porto Alegre pelo Rio dos Sinos.

Somente no ano de 1927, o novo-hamburguense Arlindo Spindler ²¹⁶ comprou um caminhão, e iniciou os fretes de cargas em São Leopoldo e Novo Hamburgo, chegando, logo, a Porto Alegre.

Nessa época, as empresas não se preocupavam em produzir apenas uma linha de calçados. No início, a empresa produzia calçados masculinos, femininos e infantis. Por volta de 1930, passou a se concentrar na produção de sandálias, época em que a empresa de Adams já possuía mais de 250 empregados. Entretanto, o calçado masculino em toda a história da empresa sempre foi o carro-chefe.

Além de calçado, a empresa produzia, também, outros produtos de couro, como assentos e encostos de cadeiras, que eram feitos com máquinas nacionais e importadas. A máquina que era responsável pela gravação do couro havia sido criada no Brasil, e foi patenteada por Pedro Adams Filho.

O couro, previamente cortado do tamanho conveniente, é introduzido nessa máquina que o prensa, poderosamente, sobre um clichê de metal onde está gravado o desenho, em negativo; o relevo do desenho fica admiravelmente gravado no couro, e inapagável. A produção é intensiva. Ao lado, existe uma curiosíssima máquina, de fabricação alemã e única neste Estado, que serve para medir exatamente o tamanho dos couros. Estes passam rapidamente debaixo de um cilindro e uma agulha indicadora marca sobre um círculo dividido em polegadas quadradas e metros quadrados a medida exata. Não se pode imaginar operação mais rápida, nem máquina mais engenhosa. ²¹⁷

²¹⁶ Conforme abordado no capítulo 1, Os Empreendedores Coloniais.

²¹⁷ MONTE DOMECCQ, op.cit. p.246

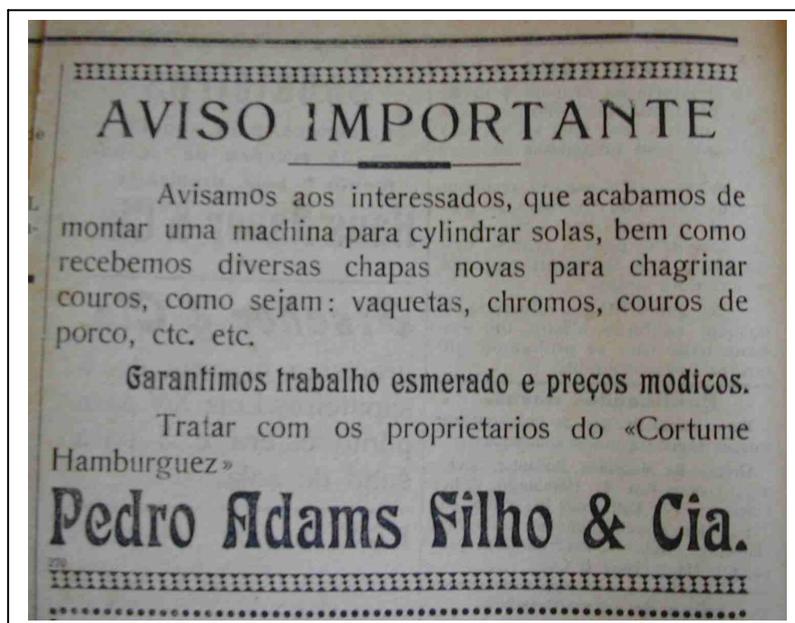


Figura 26 - Jornal *O 5 de Abril*, 1935 (APVS)

Através desse anúncio lemos que várias das atitudes e escolhas características do empreendedor foram adotadas por Pedro Adams, tais como: o domínio da tecnologia, a publicidade e a divulgação no mercado. Salienta-se a garantia dos serviços a preços módicos e tratamento individual e diferenciado.

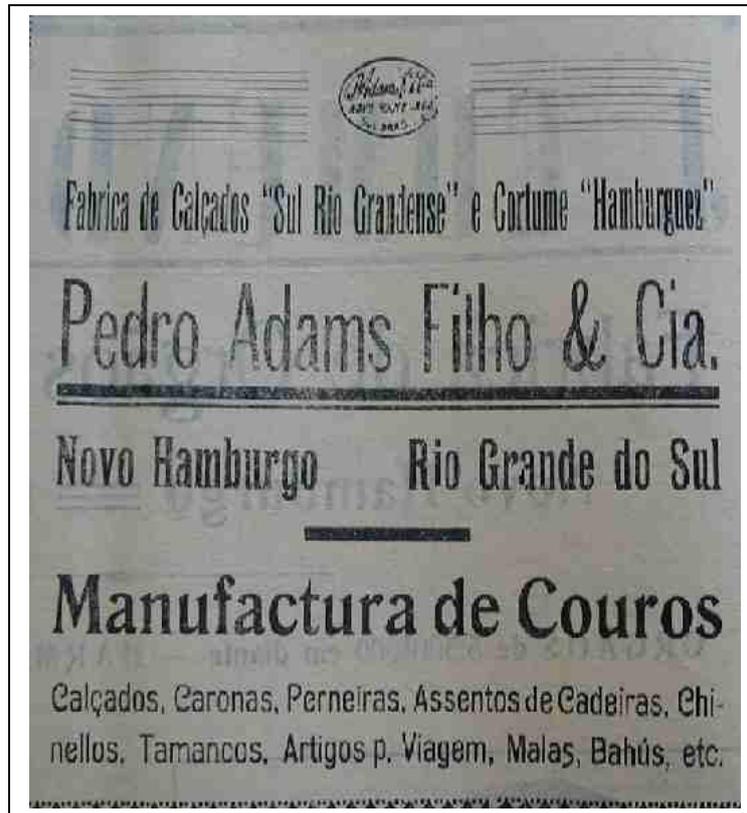


Figura 27 - Jornal *O 5 de Abril*, 1927 (APVS)

Segundo informações dos familiares de Adams entrevistados, os seus negócios sempre foram bem, e não consta em nenhum documento disponível algo sobre problemas em suas empresas. Entretanto, em uma correspondência pessoal de Adams, há indícios de que alguns de seus trâmites envolvendo outra pessoa poderiam ter sofrido algum contratempo.²¹⁸

²¹⁸ Segundo Ângela de Castro Gomes, *"a correspondência pessoal expande-se ao processo de privatização da sociedade ocidental, com a afirmação do valor do indivíduo e a construção de novos códigos de relações sociais de intimidade. [...] A escrita de cartas expressa de forma emblemática tais características, com uma particularidade: elas são produzidas tendo, a priori, um destinatário. Assim, tal como outras práticas de escrita de si, a correspondência constitui, simultaneamente, o sujeito e seu texto.[...] A escrita epistolar é, portanto, uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos. Isso ocorre em*

Tratam-se de duas correspondências produzidas em maio de 1921, e enviadas de Paris por um emissor que se intitulava compadre de Adams, o sr. J. Akeret. Dessas correspondências, entendemos que alguns negócios mantidos por ambos não iam bem, pois Akeret pedia a Adams que ele fosse até o Banco Pelotense para obter informações a respeito de seus títulos que haviam sumido do mercado de ações e dizia que ele poderia resgatar somente através de suas contas correntes de Paris e de Porto Alegre. Akeret mencionou uma possível fraude em algum negócio não especificado (possivelmente venda de couro) e que estaria dando-lhe um grande prejuízo, mas como essa fraude teria acontecido na Europa, e Akeret não tinha nenhum conhecido influente, nada poderia ser feito. Contava então apenas com a ajuda de Adams.²¹⁹

O compadre de Adams, conforme a carta, diz que enviaria pelo correio 2.000 barbeadores e 2.000 lâminas Gillette para que ele pudesse vender no Brasil e resgatar uma parte do prejuízo que teve com os negócios.

Akeret aconselhou Adams a esperar quando o mercado estivesse melhor para fazer negócios de exportação com a Europa, pois naquele momento eles ainda representavam um grande risco.

Entende-se que Pedro Adams Filho realizou alguma transação comercial não especificada com esse compadre e não obteve o resultado esperado, razão

sentido duplo, tanto porque se confia ao "outro" uma série de informações e sentimentos íntimos, quanto porque cabe a quem lê, e não quem escreve, a decisão de preservar o registro". In: Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 19

²¹⁹ Segundo correspondência pessoal de Adams fornecida por sua neta.

pela qual a correspondência falava em prejuízo e na forma de minimizar as perdas.

Essas correspondências pessoais ²²⁰ são pequenas pistas que nos ajudam a mapear o grau de complexidade da vida desse empresário, cujos negócios nem sempre traziam bons resultados. O exemplo dessa transação comercial, mesmo deixando lacunas e muitas perguntas sem respostas, é claro nesse sentido.

Mesmo com esses contratempos observados, as empresas de Adams foram bem sucedidas, tanto que sobreviveram por muitos anos depois de sua morte e continuam sendo referência na industrialização do município. Apenas achamos importante ressaltar essas descontinuidades da trajetória empresarial, que vêm ao encontro do que escrevemos na introdução deste trabalho a respeito da não linearidade na trajetória de vida de uma pessoa.

2.1.1 – O design de calçados

No início do século, quando Adams iniciou sua empresa, em 1901, a indústria calçadista não tinha uma preocupação com o *design*, pois o calçado era produzido para atender a uma necessidade imediata: proteger os pés. ²²¹

²²⁰ Segundo Gomes, op. cit. p. 21 *“a correspondência privada é, com frequência, um espaço que acumula temas e informações, sem ordenação, sem finalização, sem hierarquização. Um espaço que estabelece uma narrativa plena de imagens e de movimentos, dinâmica e inconclusa como cenas de um filme ou de uma peça de teatro”*.

²²¹ MOTTA, Eduardo. *O Calçado e a Moda no Brasil: um olhar histórico*. Porto Alegre: Litokromia, 2004. p.49

Dentre os primeiros calçados que se tem notícia no Rio Grande do Sul, ainda no século XVI, está a “bota de garrão de potro”, que já era utilizado pelos indígenas, gaúchos e tropeiros e que era, na verdade, o couro extraído inteiro da pata do boi, utilizado sem emenda ou costura e, normalmente, com os dedos de fora ou com a ponta amarrada.²²² Esse calçado, entretanto, não era usado por todos, pois o peão e sua família usavam, normalmente, os pés descalços.²²³

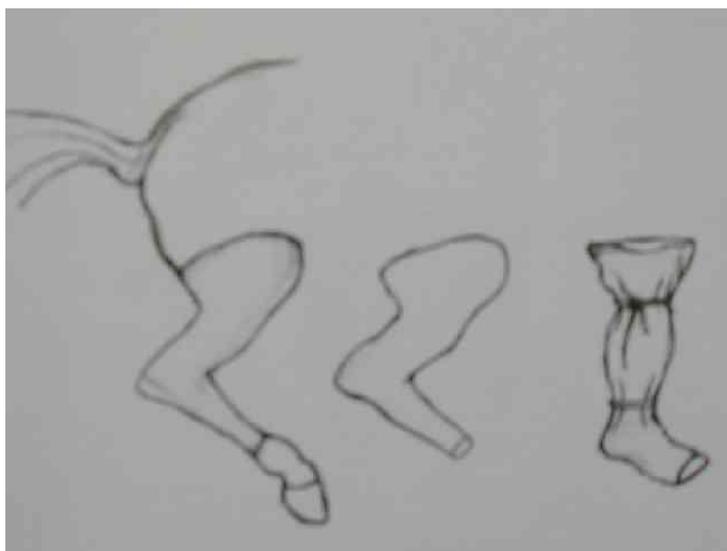


Figura 28 - Bota de garrão de potro.²²⁴

Com a vinda do imigrante alemão para o Vale do Sinos no século XIX, que dominava a técnica artesanal da produção do calçado, novos modelos foram surgindo. Em primeiro lugar, os chinelos, bastante rústicos e sem nenhuma preocupação estética, mas muito duráveis e resistentes, pois garantiam a proteção dos pés dos colonos nas lidas do campo.

²²² Ibidem, p.49

²²³ ZATERA, Vera Stedile. *Cone Sul, adereços indígenas e vestuário tradicional*. Porto Alegre: Pallotti, 1999.

²²⁴ Motta, 2004.p.49

Logo depois dos chinelos, começaram a ser produzidos os tamancos, com as mesmas características de rusticidade e resistência. No campo passaram a ser usadas as botas de cano alto, algumas até as coxas: as granaderas.



Figura 29 -Tamanco usado pelos imigrantes alemães desde o século XIX produzido artesanalmente. (MNC)

Se no Rio Grande do Sul a produção de calçados era artesanal, o mesmo não se pode dizer da capital do País, o Rio de Janeiro, pois com a vinda da corte portuguesa ao Brasil, em 1808, o comércio sofreu um incremento e os costumes europeizaram-se, principalmente devido a um “complexo de inferioridade” em relação ao europeu, e um desejo de diferenciar-se do escravo e do índio.²²⁵

Nicolau Sevckenko, informa que, no Brasil, até o século XIX, os escravos eram proibidos de usar certos tipos de tecidos, roupas e acessórios, que eram

²²⁵ Com relação a questão da indumentária no Rio de Janeiro no século XIX ver: RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A Cidade e a Moda*. Brasília: Editora UNB, 2002.

reservados aos grupos sociais dominantes e, principalmente aos brancos; dentro desses acessórios proibidos estava o calçado.²²⁶

Segundo Sevckenko, um viajante francês que estava no Brasil fez uma visita a uma ex-escrava, e achou interessante o fato de ela ter um par de sapatos de boa qualidade, mas antigo, colocado em uma mesinha de altar no salão principal de sua casa. Isso, segundo o autor, comprova o fato constatado por historiadores de que muitos escravos, assim que conseguiam sua liberdade, compravam um par de calçados como símbolo da nova condição social. Como muitos não se acostumavam a usá-lo, acabavam transformando-o em objeto de decoração ou carregando-os, orgulhosamente, nos ombros ou nas mãos.²²⁷

Nesse contexto, o calçado passou a ser parte integrante da indumentária e a ter uma importância que não tinha até o momento. O seu uso se disseminou em função do desenvolvimento urbano e da vida social (teatros, restaurantes, bailes, festas). Além disso, o calçado, juntamente com a roupa, traduzia posições e interesses de atores sociais distintos, pois os trajes eram fundamentais para a distinção dos grupos na sociedade.²²⁸

²²⁶ SEVCENKO, Nicolau. Os Sem Sapato. *Revista Nossa História*, Rio de Janeiro, n.30, p.89, abr 2006

²²⁷ Ibidem

²²⁸ Segundo ZATTERA, op. cit. No período de 1865 a 1950 [...] *O gaúcho urbano usa camisa branca de colarinho e terno completo, composto de calça, paletó e colete, gravata de nó ou borboleta, chapéu de feltro e, às vezes, polainas. A senhora urbana do final do século dezenove usa um vestido de seda com corte "V" na cintura, jabô e fichu de rendas. As mangas são bufantes, ajustando-se no punho. Complementa com broche e brincos e carrega nas mãos uma sombrinha ou leque. Os cabelos são presos no alto da cabeça, estilo "cebola", por travessas. Nos pés, usa botinas ou sapatos fechados.*

O gaúcho fazendeiro veste bombachas e botas, colete, paletó, camisa e lenço branco e cinturão sobre a faixa. Na lida do campo adota chapéu de feltro e pala. A mulher rural, de 1865 a 1920, usa saia menos rodada e blusa ou vestido, muitas vezes estampados em tecido leve. A blusa tem mangas bufantes e é enfeitada por babados ou rendas como acabamento. Não deixa de usar o casaquinho acinturado e a saia longa, que caracterizaram a época anterior. A silhueta deste

Jean Baptiste Debret, em sua visita ao Brasil, faz uma descrição muito pontual em matéria de calçados:

O europeu que chegasse ao Rio de Janeiro, em 1816, mal poderia acreditar, diante do número considerável de sapatarias, todas cheias de operários, que esse gênero de indústria se pudesse manter numa cidade em que os cinco sextos da população andam descalços. Compreendia-o, entretanto, logo quando lhe observavam que as senhoras brasileiras, usando exclusivamente sapatos de seda para andar com qualquer tempo por cima das calçadas de pedras, que esgarçam em poucos instantes o tecido delicado do calçado, não podiam sair mais de dois dias seguidos sem renová-los, principalmente para fazer visitas.²²⁹

Afirma ainda o autor que as cores utilizadas eram o branco, o rosa e o azul e que mais tarde acrescentaram-se o verde e o amarelo, que eram as cores imperiais. Conta ainda que as senhoras obrigavam suas escravas a usar sapato quando a acompanhavam nas missas ou passeios. Em casa, os escravos andavam descalços e as mulheres usavam chinelos.

O calçado normalmente era importado da Europa, tendo sua produção incrementada no Brasil com a transferência da capital do reino para cá.

O modelo básico do calçado do final do século XIX era a botina fechada de camurça, de pelica ou de seda para as mulheres mais abastadas, e os chinelos para o restante da população feminina.

período é marcada por cinturas finas, destacadas por um cinto bem apertado. Nos pés, botinas ou sapatos fechados. p. 179,180

²²⁹ DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca ao Brasil*. São Paulo: Jangada Brasil, 1999.



Figura 30 - Loja de sapateiro, onde é mostrado o trabalho artesanal desenvolvido no Rio de Janeiro do século XIX.²³⁰

O calçado, assim como toda a moda brasileira, era uma cópia dos modelos europeus. A civilização européia era o modelo a ser copiado, quanto mais europeu o brasileiro se parecesse, mais “civilizado” ele seria. Não havia, nesse contexto, a menor possibilidade de desenvolvimento de uma “moda nacional”, incluindo aí, o calçado. Por isso, os modelos utilizados pelas brasileiras, deveriam ser iguais aos

²³⁰ Debret, 1999. Segundo a Enciclopédia Koogan-Houaiss, Jean Baptiste Debret, pintor e desenhista francês (1768-1848), foi membro da missão de artistas franceses, solicitada por D. João VI, que chegou ao Brasil em 1816. Regressou à França em 1831 e, três anos depois, publicou *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, uma série de gravuras sobre aspectos, paisagens e costumes do Brasil, de valor fundamental para nossa história do começo do século XIX.

usados pelas européias, não havia espaço para modelos nacionais e adequados ao nosso clima e necessidades.²³¹



Figura 31 - Modelo de calçado feminino do final do século XIX produzido na Europa com tecido e bordados artesanais.²³²

O estilismo de calçado, nesse contexto, não tinha como se desenvolver aqui, inclusive, foi somente na passagem do século XIX para o XX que o fenômeno do *designer* de calçados com *status* autoral surge na Europa. Segundo Motta,

[...] Até então, sapateiros tinham a mesma posição social que carpinteiros, jardineiros e outros prestadores de pequenos serviços. Na Europa, costureiros da época ficavam famosos enquanto os sapateiros permaneciam sem reconhecimento, atendendo anonimamente a demanda das *maisons*, as grandes casas de costura. No início do século, um fato inesperado alterou esse quadro: por força de uma vida urbana que exigia praticidade, o traje feminino foi simplificado, o comprimento dos vestidos subiu consideravelmente e os sapatos ganharam visibilidade, destacando os criadores. [...] 233

²³¹ Segundo MOTTA, op cit, O calçado era feito, normalmente, sob medida, somente a partir do momento em que as sapatarias começaram a produzir excedentes é que foi criado um padrão de medidas que é utilizado no Brasil até hoje. Uma curiosidade é que a unidade base da medida foi definida dividindo-se por 40 vezes o pé do rei francês Carlos Magno. p.66

²³² Motta, 2004.p.62

²³³ Ibidem, p.79

Se na Europa os *designers* de calçados passaram a ser valorizados apenas no início do século XX, no Brasil esse apreço só acontecerá, por volta da década de 50.

Apesar da pouca valorização de cunho estético, a importância do calçado no Brasil foi se tornando cada vez maior na sociedade brasileira. A industrialização, a urbanização e os novos hábitos sociais fizeram com que as pessoas necessitassem de calçados, pois o costume de andar descalço no campo, o chinelo e o tamanco não supriam mais as necessidades das pessoas. Ao mesmo tempo, um sapato elegante começou a ser uma maneira de diferenciar as pessoas: mostrava quem tinha condições de adquirir um par de calçados de qualidade, diferentemente da roupa que poderia ser copiada de uma vitrine e feita com material mais barato.

O modelo de sapato mais usado no Brasil nos anos 10 e 20 do século passado era o borzeguim ou a botina, pois os pés femininos ainda não poderiam ser expostos, mesmo que os vestidos já tivessem subido seu comprimento.

[...] quanto mais subiam os vestidos maiores eram os canos das *bottines*. Geralmente, tinham fechamento lateral, com fileira de botões e acabamento de volteados curvos na pala trespassada ou versões de amarrar, muito populares. Variações elegantes, com trançado de influência greco-romana, também eram objeto de desejo. Quando confeccionados em dois materiais, o tecido ficava na parte de cima, facilitando a modelagem rente ao tornozelo. Alguns eram ricamente bordados com motivos florais e adornados com cadarços de seda, usados em ocasiões importantes.[...] ²³⁴

²³⁴ Ibidem, p.81



Figura 32 - Borzeguim de 1922 produzido no Rio de Janeiro. (MNC)

O pós-guerra representou uma mudança muito grande na maneira de vestir e de calçar. A mulher passou cada vez mais a sair às ruas, a praticar esportes e a cuidar do corpo (o tênis é inventado nessa época). Além disso, os vestidos encurtaram, e os sapatos ficaram mais à mostra, aumentando a preocupação com a estética do calçado.

Os sapatos ficaram mais abertos, deixando o peito descoberto, e podiam ter alças em cima do pé e fechadas lateralmente ou tiras na parte traseira ou presas no tomazelo. O conforto era importante, por causa disso, os saltos não eram muito altos, e permitiam dançar o *jazz* e o *charleston* com desenvoltura.²³⁵

²³⁵ Nos anos 20 foi introduzida no Brasil uma máquina americana de colar a sola no sapato, não havia mais a necessidade de pregá-lo, o que foi uma revolução no sistema de produção e tomou os sapatos mais leves.



Figura 33 - Modelo de calçado feminino dos anos 20, fabricado em Novo Hamburgo, semelhante ao produzido pela empresa de Adams. (MNC)

Ao contrário da euforia dos anos 1920, a moda dos anos 1930 refletiu a crise econômica mundial.²³⁶ Os sapatos, portanto, tornaram-se mais sisudos, mais pesados e com saltos mais grossos. Por outro lado, o *glamour* das estrelas e do cinema norte-americano também influenciou o estilismo de calçado com a introdução das plataformas e das sandálias.

²³⁶ Na cidade de Novo Hamburgo, nesse mesmo período, o vestuário básico era o terno com colete e flor, geralmente camélia na lapela nos dias de festa, vestidos longos sem decote, chapéus para homens e mulheres. As calças dos homens eram largas e os trajes de banho iam até o joelho. Jornal *NH*, 05/04/2002



Figura 34 - Modelo de calçado dos anos 30. (MNC)

Os grandes nomes internacionais do estilismo de calçados nos anos 1920 e 1930 eram os do francês André Perugia e do italiano Salvatore Ferragamo, que se destacavam por suas criações originais e utilização de novos materiais.²³⁷

Não podemos deixar de considerar que as mudanças na moda influenciavam a modelagem do calçado, principalmente o feminino, que se transformava numa velocidade muito mais rápida que o masculino, aliás, tendência verificada até os dias atuais.

Segundo Carneiro, essa necessidade de acompanhar a moda será um dos fatores que influenciará a especialização do Vale do Sinos na produção do calçado feminino, pois uma forte característica da indústria do Estado era o pouco

²³⁷ O'KEEFFE, Linda. *Sapatos*. Colônia:Könemann, 1996. p. 46 e 374.

uso das máquinas, as pequenas unidades de produção e o trabalho mais artesanal, o que facilitava a substituição de um modelo de calçado para outro.²³⁸

A empresa de Pedro Adams Filho, nos anos 1920, produzia mais de 700 modelos de calçados diferentes²³⁹ para crianças, homens e mulheres, e sua produção diária era de 2.000 pares de calçados, sendo 1.500 sandálias e 500 sapatos masculinos.²⁴⁰

Nessa época já existiam alguns modelistas que vinham de fora da cidade, como Jeronymo Issler, e ofereciam seus serviços de confecção de calçados pelos métodos “*modernos*”, conforme anúncio abaixo.²⁴¹

Quereis ser bom modelista? Então aproveite a ocasião única que oferece um professor competente, tanto na theoria como na prática da confecção de calçado á geometria, pelos métodos mais modernos.
O curso será aberto em 15 de maio do anno corrente.
Para demais informações e matrícula, dirigir-se das 18 as 20 horas ao Hotel Familiar a Jeronymo Issler.

²³⁸ Segundo CARNEIRO, op.cit. p.112,113.

²³⁹ MONTE DOMECCQ, op. cit. p.246.

²⁴⁰ Jornal *A Federação*, 18/08/1930. p.3

²⁴¹ Jornal *O 5 de Abril*, 24/04/1931

Quereis ser bom modelista?

Então aproveite a ocasiãc unica que oferece um professor competente, tanto na theoria como na pratica da confeccão de calçado à geometria, pelos metthodos mais modernos.

O curso será aberto em 15 de Maio do anno corrente.

Para demais informações e matricula, dirigi-se das 18 a 20 horas ao Hotel Familiar a

523 Jeronymo Issler.

Figura 35 - Jornal *O 5 de Abril*, 24/04/31

Porém, foi apenas nos anos 1950 que a indústria calçadista gaúcha especializou-se no calçado feminino.²⁴²

²⁴² CARNEIRO, op. cit. p. 113

Adams pode ser considerado como um dos responsáveis indiretos pelo fato de a cidade ser uma das principais produtoras de calçado feminino, pois quando um de seus empregados saía da empresa para abrir um negócio próprio, procurava não competir com o antigo patrão, já que, muitas vezes, era ele que ajudava financeiramente essa nova fábrica. Essas novas fábricas produziam, preferencialmente, os calçados femininos - o que acabou sendo uma tendência importante para a cidade até os dias atuais -, visto que Adams dedicou-se mais ao calçado masculino.²⁴³ Todavia, a empresa, nos anos 1930, já possuía uma divisão de sandálias femininas que eram produzidas num local separado do sapato masculino.

Era dentro desse contexto que Pedro Adams Filho desenvolvia seus produtos, portanto, não podemos nos admirar com o fato de não existir uma preocupação estética tão grande. O que caracterizava o calçado no Vale do Sinos até o final dos anos 30, período em que Adams esteve a frente de seus negócios, era a durabilidade, a qualidade, e não o *design*. A inovação estava muito mais na forma de produzir o calçado (em algumas empresas com um maquinário mais avançado, como na de Adams, noutras com um trabalho mais artesanal) do que nas questões de *design* ou estética do produto.

²⁴³ Segundo depoimento de seu neto Pedro Adams Neto, concedido em junho de 2005.

2.2 – O Curtume Hamburguez

Pedro Adams Filho, como vimos, ao contrário da maioria dos industriais do setor coureiro-calçadista, iniciou seu negócio com uma fábrica em lugar de um curtume. Ele desejava uma maior independência das exigências do mercado em relação à compra de matérias-primas necessárias para a fabricação do calçado, assim, decidiu abrir um curtume.

Adams, já naquela época, percebeu a importância do que hoje denominamos verticalização da produção, ou seja, a empresa é responsável por todas as etapas necessárias para a produção do calçado o que representa um ganho de capital e uma autonomia que são de fundamental importância no mundo dos negócios.

Por esse motivo, em 1917, ele fundou o *Curtume Hamburguez*, na mesma rua de sua fábrica, o que representou um incremento em seus negócios, pois neste início de século, o curtume no Rio Grande do Sul tinha uma importância econômica muito maior que o calçado. Como vimos, será apenas nos anos 1950 que a indústria calçadista e a do couro igualar-se-ão.

Este curtume não foi o primeiro, pois já havia no Vale dos Sinos muitos desses empreendimentos. Segundo registros da época, em 1829 havia dez curtumes; em 1858, trinta e dois, e uma rua só de curtumes em Novo Hamburgo. Esses estabelecimentos produziam lombilhos (usado na montaria em substituição à sela, selim e serigote), cinchas (faixa de couro que segura a sela), sobrecinchas (tira de couro usada para apertar os arreios), serigotes (um tipo de lombilho mais

confortável), rédeas e outras peças de montaria.²⁴⁴ Os produtos de couro tinham uma importância fundamental para a economia, sendo responsáveis, até a metade do século XIX, por 30 a 50% das exportações do Estado. Somente a partir do século XX o calçado passará a ter mais importância econômica que o couro.²⁴⁵

Com relação, especificamente, a Novo Hamburgo, o jornal *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, diz que, em 1835, a cidade já contava com sete curtumes, e, em 1845, já produzia botinas, courinhos lavrados, lombilhos lisos e lavrados, sola, tamancos e vaquetas. A produção no ano de 1858 foi avaliada em cerca de 300:000\$000, quantia bastante alta para a época. Diz, também, que, naquele ano de 1927, a produção estava em torno de 9.000:000\$000.²⁴⁶

Várias foram as causas que levaram os curtumes a se desenvolverem amplamente no Estado. Segundo Carneiro,

[...] O crescimento das atividades dos curtumes, lombilharias e sapatarias foi devido ao fato de suprirem as necessidades mais cotidianas da população – vestimenta e transporte – contribuindo também o periódico aumento da procura, causado pelas sucessivas guerras que agitaram a província, pois permitiu que o artesanato do couro vivesse fases de expansão que colaboraram para sua consolidação. Contudo, a característica mais importante era a de ser um artesanato que, além de produzir artigos que utilizavam matéria-prima abundante no Rio Grande, confeccionava-os para um mercado que estava próximo. Isto lhe permitia sobreviver naquelas fases em que as encomendas externas (como as provocadas pela Guerra do Paraguai) diminuam.²⁴⁷

²⁴⁴ Segundo CARNEIRO, Lígia Gomes. *Trabalhando o Couro: Do serigote ao calçado “made in Brazil”*. Porto Alegre: L&PM/CIERGS, 1986, o primeiro curtume instalado no Rio Grande do Sul, antes da chegada dos alemães, localizava-se perto de Porto Alegre e foi montado em 1820 por um técnico francês, pois esta atividade exigia um conhecimento técnico específico. A autora diz que não se sabe ao certo quem instalou o primeiro curtume em São Leopoldo, se Luiz Rau ou Nicolau Becker. p.14 e 21.

²⁴⁵ Ibidem, p.23

²⁴⁶ Jornal *Diário de Notícias*, apud Jornal *O 5 de Abril* de 07/10/1927

²⁴⁷ Carneiro, op. cit. p.32

Além desses produtos, os artesãos que trabalhavam nos curtumes também costumavam produzir calçados mais simples para seu próprio uso, já que os imigrantes alemães não estavam acostumados a trabalharem descalços, ao contrário dos escravos que viviam no país. Os imigrantes vieram ao Brasil com um nível de renda superior ao da maioria da população, o que lhes permitia o consumo de produtos que os escravos e a população livre de baixa renda não tinham condições de consumir.

Segundo Carneiro, existiam três tipos de estabelecimentos em que eram comercializados os calçados: as pequenas lojas de sapateiros, onde o calçado era encomendado; as lojas de calçados, que tinham artesãos próprios e confeccionavam o calçado sob medida e que importavam; e as lojas de artigos para vestuário, onde eram comercializados também os calçados.²⁴⁸

A instalação do curtume de Adams, porém, teve um início difícil, principalmente em função da aquisição de seu maquinário, visto que estava em curso a 1ª. Guerra Mundial, o que dificultava as importações, mas, mesmo assim, o curtume produzia couros e solas de diversas qualidades, dentre elas, a de couro suíno e, no mesmo ano de sua instalação, o curtume já exportava para a Europa (Suíça).

O *Curtume Hamburguez* já foi criado com características de produção bastante modernas para a época. Os processos de curtição eram diversos, dependendo de cada exigência, e eram feitas experiências com cascas

²⁴⁸ Ibidem, p. 35

misturadas com folhas de manga, cromo ou quebracho, que davam ótimos resultados.

O tempo necessário para tirar os pêlos do couro também foi reduzido no curtume de Adams. O couro bruto era imerso em tanques grandes e fundos com água e ácidos, principalmente cal, e por meio de uma hélice colocada no fundo do tanque, e que mantinha a água em movimento, o processo era concluído em três dias, quando normalmente se levava dezoito dias.

Para lavagem e curtimento dos couros ao cromo e ao quebracho, a fábrica dispõe de 5 grandes tambores giratórios, e de grande quantidade de pilhas de cimento que recebem o extrato vegetal preparado em pilhetas especiais. Os couros ficam mergulhados por camadas superpostas de couros e matéria curtidora. Segundo as qualidades, a imersão é mais ou menos prolongada, sendo de 3 meses para as solas, e de menor tempo para as vaquetas.²⁴⁹

O curtume também conseguiu reduzir o tempo de lavagem e curtimento do couro com quebracho, que era preparado no próprio curtume “conseguindo-se couros admiravelmente curtidos num prazo de 36 horas, em vez de 3 meses, que dura a operação nos tanques.”²⁵⁰

Depois de curtido o couro era empilhado, esticado à mão (três vezes para aumentar de tamanho) sobre grandes mesas e estendido para secar.

Na descrição do processo de produção, mais uma vez é colocada a questão da tecnologia utilizada em larga escala na empresa.

²⁴⁹ MONTE DOMECCQ, op. cit. p. 246

²⁵⁰ Ibidem, p.247

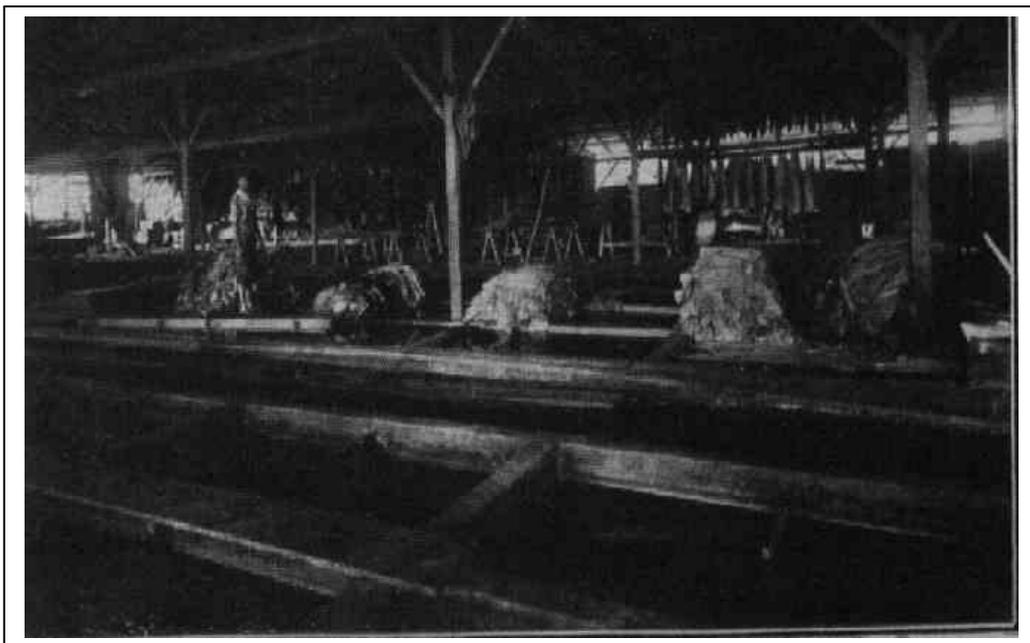
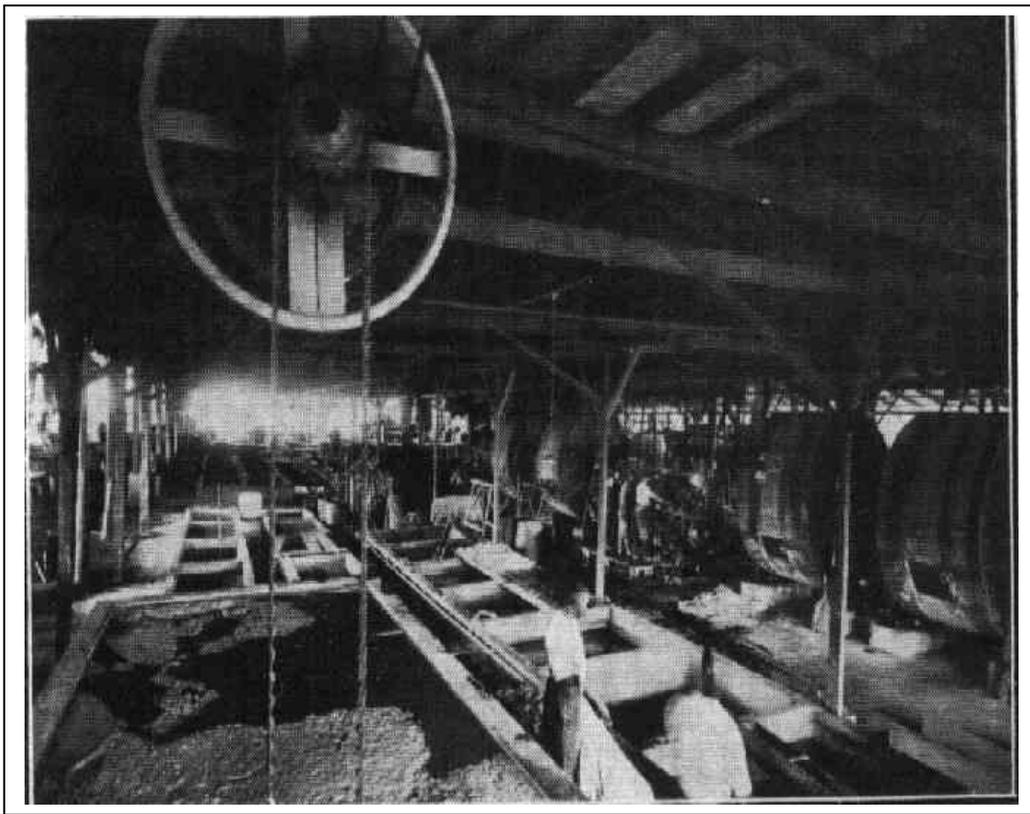
Diversas máquinas são usadas para ultimar a preparação do produto. Uma delas comprime o couro entre um plano fixo e um cilindro rotativo, para igualar a espessura; outra, por meio de um braço armado com um cilindro de pedra Agatha que bate e esfrega sucessivamente cada parte do couro, dá o brilho necessário; outra ainda, projeta com violência um braço armado com dois maxilares, que agarram o couro solidamente mantido pelo operário, esticando-o. Há uma máquina, de incomparável precisão, que corta o couro na espessura fazendo dois de um.

A tintura dos couros é feita depois de acabado o curtimento. É uma operação bastante delicada, principalmente para se conseguir uma cor havaneza.²⁵¹

Entendemos que o processo de produção do couro demandava um número significativo de máquinas e de experimentos com substâncias utilizadas para o curtimento do couro. Como essa descrição da produção foi feita apenas um ano depois da abertura do curtume, deduzimos que ele já iniciou sua produção de forma bastante eficiente.

As fotos a seguir mostram aspectos internos do curtume de Adams onde podemos ver as diversas fases da produção do couro.

²⁵¹ Ibidem, p. 247



Figuras 36 e 37 -Tanques de cimento usados para curtir o couro.²⁵²

²⁵² MONTE DOMECCQ, op. cit. p.246

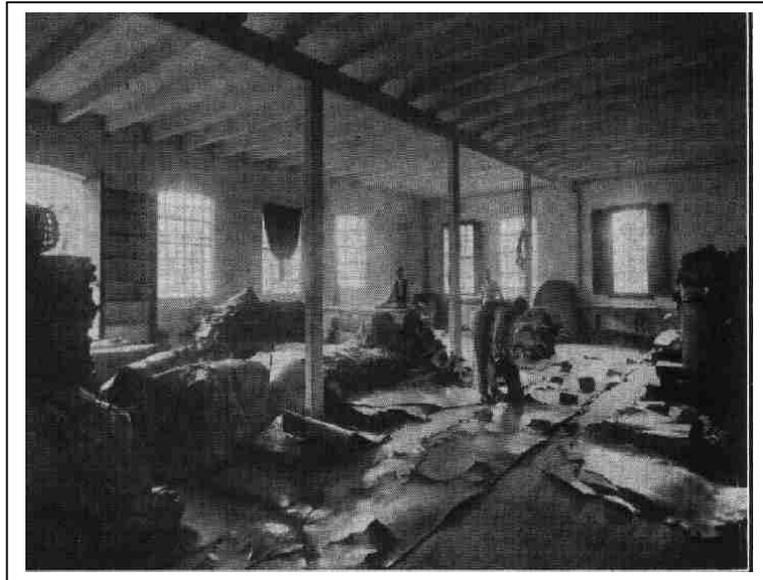


Figura 38 - Máquina geradora de força, tambores para curtir couros (fulões) à esquerda e máquina para igualar espessura de couros, à direita.²⁵³

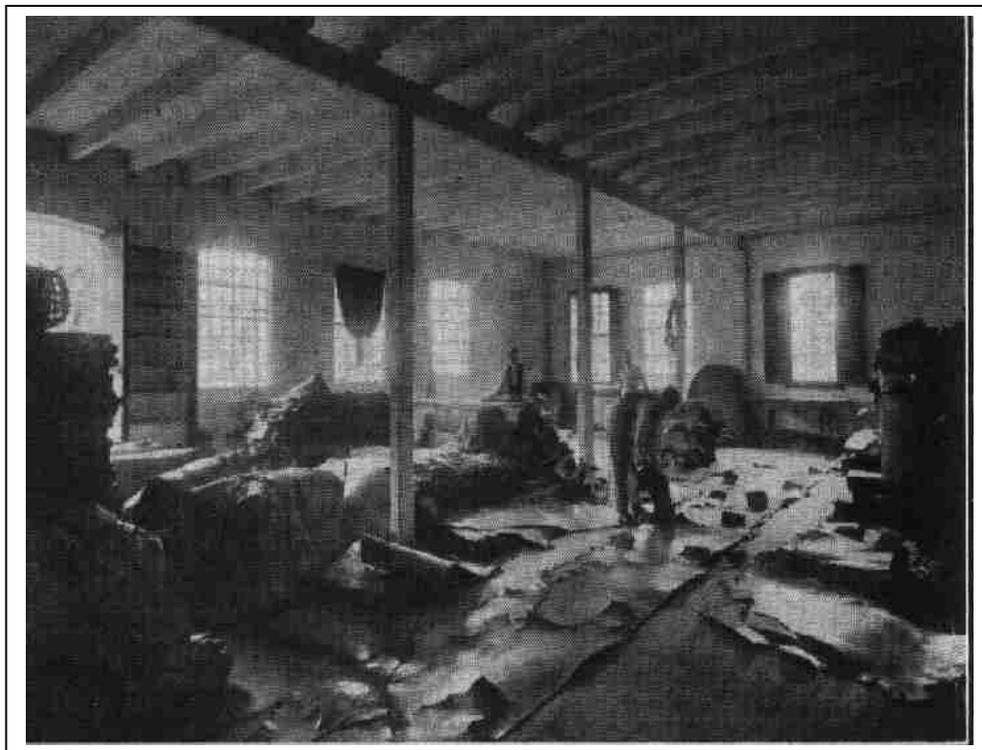


Figura 39 - Seção de armazenagem e embalagem de couros curtidos.²⁵⁴

²⁵³ Ibidem, p.247

²⁵⁴ Ibidem, p.247

Se compararmos o curtume de Adams com outro que havia na mesma época, o Curtume Momberger, também criado em 1917, podemos perceber que o primeiro tinha instalações mais organizadas, prédios melhor estruturados e maquinário mais moderno e sofisticado.²⁵⁵

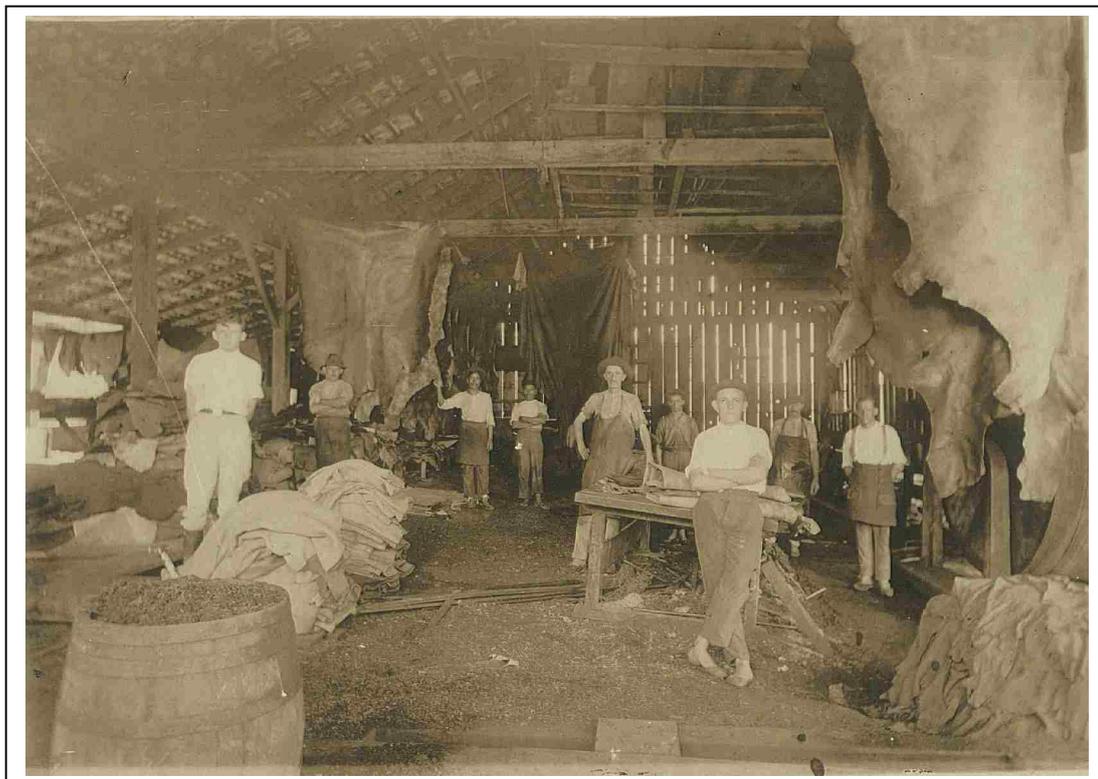


Figura 40 - Curtume Momberger – início década 20.²⁵⁶

²⁵⁵ Segundo Regina Astrid Momberger, neta de Albino Momberger, proprietário do curtume, seu avô chegou a ser sócio do curtume Hamburguez de propriedade de Pedro Adams Filho, mas depois resolveu abrir sua própria empresa. Depoimento concedido em setembro de 2006.

²⁵⁶ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

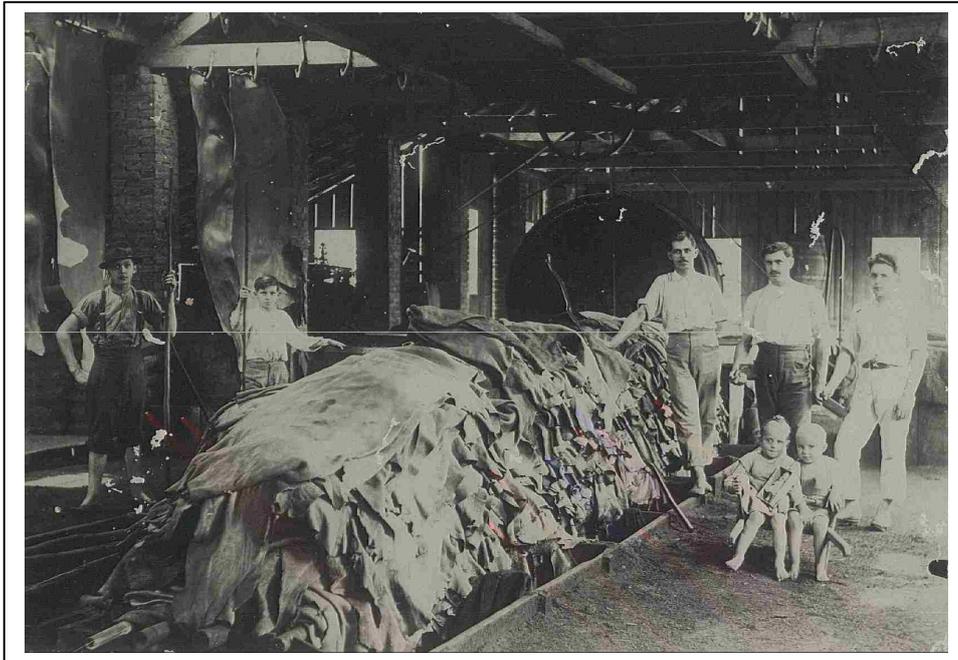


Figura 41 - Curtume Momberger – início década 20.²⁵⁷



Figura 42 - Curtume Momberger – início década 20.²⁵⁸

²⁵⁷ Ibidem

A produção do curtume, no seu primeiro ano de funcionamento, “foi bastante resumida”²⁵⁹, mas de ótima qualidade. E, além de suprir a demanda de sua empresa, ainda era suficiente para a exportação.

A produção moderna em larga escala era um dos motivos de orgulho da cidade, todavia, esse desenvolvimento industrial, ao mesmo tempo em que era valorizado era, também, motivo de preocupação.

Em um artigo de 1931, publicado pelo jornal *O 5 de Abril* e intitulado “*A Machina e os sem-trabalho*”, sem autoria mencionada, são colocadas as problemáticas de uma sociedade excessivamente industrializada, que era a substituição da mão-de-obra humana pela máquina e o alto índice de desemprego daí decorrente. Esse artigo cita, inclusive, um movimento de camponeses espanhóis de destruição de máquinas agrícolas, e sugere que a mesma coisa possa acontecer no Brasil, caso nenhuma medida de controle seja tomada. Termina com a seguinte indagação: “E teremos, nesse caso, a humanidade condenando as próprias conquistas do progresso?”²⁶⁰

Essa era uma preocupação real, já que o desenvolvimento tecnológico era um fato concreto, embora relativamente novo, e que deveria entrar na pauta das discussões do trabalho e do desenvolvimento econômico.

²⁵⁸ Ibidem

²⁵⁹ MONTE DOMECCQ, op. cit. p.246

²⁶⁰ Esse episódio relatado nos remete ao movimento ludista ocorrido na Inglaterra no início do século XIX, que foi uma revolta contra a substituição da mão-de-obra humana pela máquina e o desemprego decorrente dessa nova realidade. Os ludistas invadiram fábricas e destruíram máquinas para mostrar seu descontentamento. Segundo THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa – A força dos trabalhadores*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

Ao mesmo tempo em que a imprensa fazia a crítica à mecanização e suas conseqüências no mercado de trabalho, as máquinas eram também motivo de orgulho nacional, incensado em notícias como a publicada no jornal *O 5 de Abril* de 11 de setembro de 1931 sobre uma máquina de montar sandálias “Herrero”.

[...] Estas máquinas são fabricadas em dois tipos. O modelo A [...] prega 190 a 200 grampos por minuto, trabalhando com 200 rotações. O modelo B, rápido, trabalha com 280 rotações por minuto e grampeia por minuto 260 a 280 vezes, com uma produção diária de 600 a 800 pares.[...] Trata-se de uma maquina de fabrico nacional, mas muito mais aperfeiçoada, que qualquer máquina estrangeira, [...]. Além disso, o seu preço é 40% mais barato do que a máquina estrangeira, a qual não possui os aperfeiçoamentos e as vantagens que a máquina de grampear *Herrero* oferece.²⁶¹

Não podemos esquecer que, até os anos 1950, praticamente não existia uma produção nacional de máquinas. Elas eram, na maioria, importadas, de forma que os curtumes e indústrias de calçados ficavam dependentes das taxas de câmbio o que muitas vezes dificultava essas importações.

Apesar de a indústria do couro ser considerada a mais importante da cidade de Novo Hamburgo, ela sofreu diversas crises e oscilações de preço e mercado.

Maria Antonieta Antonacci ²⁶² pesquisou a crise dos anos 1920 no Rio Grande do Sul, e constatou que a situação pós-guerra acabou com a euforia econômica em função da retração dos mercados consumidores europeus. Além disso, a concorrência externa com a região do Prata e a concorrência interna com

²⁶¹ Jornal *O 5 de Abril*, 11/09/1931

²⁶² ANTONACCI, Maria Antonieta. A revolução de 1923: as oposições na República Velha. In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sérgio (orgs). *RS: Economia & Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 230

São Paulo, Minas Gerais e outros estados, diminuiu a lucratividade dos investimentos feitos na produção gaúcha.

Segundo a historiadora, a partir dessa crise torna-se inviável a estratégia de desenvolvimento do PRR para o Estado.

Com isso, no movimento dos pecuaristas gaúchos por melhores condições diante da crise econômica do pós-guerra, abriu-se espaço para atuação dos grupos de oposição rio-grandenses. Estes grupos da oposição tiveram uma conjuntura nacional e regional, extremamente propícia à articulação dos grupos rio-grandenses contra o domínio do PRR no RS.²⁶³

No final da década de 1920, essa indústria passou por outra grave crise específica, em parte, decorrente da falta de proteção e das altas taxas sobre o produto face ao contexto grave da economia mundial, cujo epílogo seria a quebra da Bolsa de Nova York em 1929.

A respeito dessa crise o jornal *Diário de Notícias* comentou o seguinte:

[...] Mas onde a causa ainda se torna mais frisante é na indústria do couro. Senão vejamos, isso vem ferir de cheio uma das grandes fontes de riqueza rio-grandense – a pecuária e a correspondente exportação dos produtos beneficiados do couro. Sem entrar no custo da matéria-prima – o couro salgado e seco – cujo beneficiamento para solas e outros tipos mais finos deixaremos de lado, [...] Si não fora a taxação elevada dos calçados, poderíamos muito bem conseguir mercados estrangeiros, para o artigo inferior, como fossem as sandálias, das quais temos uma produção de muitos milhares de pares por dia, e mesmo de botinas de cromo e vaqueta. [...] Conseguindo o imposto equitativo para a importação das matérias-primas a empregar na curtição de solas [...] poderíamos exportar para a Europa as nossas solas, já prontas, dificultando-se assim a exportação de nossos melhores couros salgados ou secos, que saem em enormes quantidades e constituem valores consideráveis no erário estadual.²⁶⁴

²⁶³ Ibidem, p.234

²⁶⁴ Jornal *Diário de Notícias*, apud Jomal *O 5 de Abril*, 17/08/1928

O jornal fez uma análise muito pertinente da situação econômica das regiões que se dedicavam à indústria do couro, salientando, ainda, que a cidade de Novo Hamburgo era uma das mais prejudicadas com essa crise:

Com o beneficiamento ganhariam todos – o industrial, o operário, o Estado – e o nosso torrão teria mais esta primazia nos balanços brasileiros por seus rebanhos e condições naturais que o fazem o maior exportador de produtos da pecuária na comunhão nacional.

Para finalizar convém lembrar que um dos maiores centros da indústria de curtumes e calçados é o município de Novo Hamburgo. Estatísticas aproximadas dão-lhe a produção anual de cerca de 2 milhões de pares de calçados de todos os tipos.

O valor da exportação computa-se em mais ou menos 40 mil contos, dados oficiais, sendo que a renda da coletoria federal deve andar em 1.000 contos de réis.²⁶⁵

A crise econômica pela qual passou a indústria nacional foi amplamente debatida pela imprensa na cidade, entretanto, muitos eram aqueles que viam o problema de uma forma mais global, ou seja, sem culpar apenas a falta de incentivo ou proteção do Estado como únicos fatores.

Além da concorrência com os produtos estrangeiros, havia, também, a pouca capacidade aquisitiva do mercado interno a colaborar com esta situação. Entretanto, segundo editorial do jornal *O 5 de Abril*,

[...] Não parece difícil a quem estuda a situação industrial do Brasil chegar a certas conclusões, que impõem a convicção da necessidade urgente de uma reorganização integral do nosso aparelhamento manufatureiro.

[...] Da análise das condições atuais do nosso sistema industrial e do cotejo delas com a orientação econômica do mundo contemporâneo, ressalta a evidência de que há um vício intrínseco na maquinaria que precisamos renovar, afim de que a sua ineficiência não a incompatibilize para a realização da sua finalidade. [...]²⁶⁶

²⁶⁵ Ibidem

²⁶⁶ Jornal *O 5 de Abril*, 11/04/1930

Em outras palavras, o editorial amplia a discussão mostrando que de nada adianta culpar o governo se as indústrias ainda não estão aparelhadas de forma moderna e, dessa forma, nunca conseguirão competir internacionalmente.

O jornal já havia publicado uma nota conclamando os industrialistas do setor coureiro a irem a um encontro com um técnico em couro, representante do Ministério da Agricultura, para fundarem um centro de defesa e melhoramentos dessa indústria.

[...] É de esperar que este apelo do dr. Alves da Rocha [técnico] encontre eco no seio da classe, e que todos os industriais no ramo, compareçam à reunião em que se tratará do meio mais eficaz de debelar os sérios embaraços com que tem lutado ultimamente a industria de couros.²⁶⁷

O convite, subscrito pelo Dr. Francisco Alves da Rocha, “tecnologista” de couros do Ministério da Agricultura, dizia o seguinte:

Convido os snrs. Industriaes de couros deste prospero município para se reunirem domingo, 8 do corrente, ás 9,30 horas da manhã, na sede da Associação Commercial, a fim de transmitir-lhes um ofício do Centro de Industrias de Couros de Pelotas e tratar da criação de uma associação congênere aqui com o fim de proteger os interesses da classe.²⁶⁸

²⁶⁷ Jornal *O 5 de Abril*, 06/07/1928

²⁶⁸ Ibidem



Figura 43 - Jomal *O 5 de Abril*, 06/07/1928

Um fato importante a salientar é que, em outubro de 1920, foi criada em Novo Hamburgo a Associação Comercial, que mais tarde passará a se chamar Associação Comercial e Industrial (ACI), o que mostra que havia, de um lado, a preocupação de um grupo de empresários para a formação corporativa para solucionar problemas que viessem a atingir a toda a classe. Essa associação, foi criada com a finalidade de atender aos interesses dos comerciantes da região, apenas nos anos 1960 é que passou a ocupar-se, também, com os problemas das indústrias. Dentre os líderes e criadores da ACI estava Pedro Adams Filho, além dos empresários Guilherme Ludwig, Ernesto Möeller e Frederico Kraemer.²⁶⁹

De outro lado, os empresários preocupavam-se, também, com a concorrência entre os próprios Estados vizinhos. Em 1929, houve a manifestação de uma preocupação com o interesse de Santa Catarina em incrementar seu parque industrial, já importante na indústria têxtil. O interesse nas fábricas de calçados era considerado grave, pois ali havia possibilidades de desenvolverem-

²⁶⁹ SCHÜTZ, Liene M. M. op. cit, p.130.

se amplamente. Além disso, o Estado vizinho possuía mão-de-obra e matéria-prima baratas, bem como isentava as novas empresas de impostos por dez anos, o que diferia muito dos altos impostos que estavam sendo cobrados pelo governo estadual gaúcho. O fato de estar mais perto do centro do País também preocupava, pois o Rio Grande do Sul, até esse momento, dominava a indústria de calçados do Rio de Janeiro, porque “dispunha do couro à mão e de operários a menor preço.”²⁷⁰

A grande crítica do *Correio do Povo* estava focada no descaso do governo estadual com suas indústrias e nos exorbitantes impostos, o que abria possibilidades de empresas saírem em busca de melhores condições oferecidas.

O jornal *O 5 de Abril*, na semana posterior à publicação do artigo do *Correio do Povo*, faz um editorial onde corrobora as idéias apresentadas e acrescenta outras. Segundo o editorial, em uma rápida retrospectiva é fácil comprovar o “assombroso desenvolvimento” das indústrias locais nos últimos dez anos. “Esse surto vertiginoso de progresso devemos-lo ao extraordinário espírito de iniciativa de nossa população, que possui, toda ela, a propensão para a carreira industrial.”²⁷¹

Segundo o jornal citado, os motivos do domínio da indústria gaúcha no Rio de Janeiro seriam dois: a perfeição do produto e seu baixo custo.

Somente há uns vinte anos, quando os nossos industriais compreenderam que era necessário conhecer e estudar os novos processos usados na fabricação do couro e do calçado, quando, após visitarem os estabelecimentos congêneres nas Repúblicas Platinas, do Rio, S. Paulo e da Europa, dotaram suas fábricas com os maquinismos

²⁷⁰ Jornal *Correio do Povo*, 14/06/1929

²⁷¹ Jornal *O 5 de Abril*, 21/06/1929

mais modernos, empregando na fabricação os mais recentes processos, de modo a gozar todo o produto saído daqui de justo renome como artigo durável e perfeitamente acabado, somente então começou o formidável incremento das nossas indústrias.²⁷²

O editorial do jornal lembra que a crise econômica mundial de 1930 foi um fator fundamental no crescimento da participação do calçado gaúcho no mercado nacional, já que as indústrias calçadistas do centro do País foram fortemente abaladas por essa crise.

Segundo Carneiro, a depressão que se seguiu à crise de 1929 foi a responsável pelo significativo aumento da penetração dos calçados gaúchos no mercado nacional, devido ao enfraquecimento temporário da indústria de São Paulo. Porém, uma vez recuperada a indústria paulista, o esperado seria que as vendas do Rio Grande do Sul para os outros Estados diminuíssem, mas isso não aconteceu.

A autora aponta como uma das principais desvantagens da indústria calçadista gaúcha em relação à paulista a sua pouca mecanização, que resultava no uso mais intensivo da mão-de-obra e num grande número de pequenas unidades de produção, o que fazia com que funcionasse a custos mais altos, obtendo uma menor produtividade por operário e, conseqüentemente, menores lucros. Por outro lado, o pouco uso das máquinas protegia as indústrias do Rio

²⁷² Jornal *O 5 de Abril*, 21/06/1929

Grande dos problemas que poderiam ocorrer com equipamentos mais sofisticados.

Outra vantagem apontada em relação à indústria gaúcha, era que seu trabalho mais artesanal atendia a um público mais exigente quanto à qualidade do calçado, especialmente o feminino.²⁷³

A idéia de Carneiro explicaria a inserção do calçado gaúcho no mercado do centro do País, mesmo não possuindo uma indústria tão bem equipada e com tanto capital disponível como a de São Paulo, por exemplo. Podemos inferir, a partir desse raciocínio, que a indústria de Pedro Adams Filho, mesmo sendo considerada a primeira indústria com um modo de produção moderno na região, era suficientemente ágil para atender às demandas do mercado da moda, principalmente feminina, que mudava com uma velocidade ainda maior que a do mercado de calçado masculino e infantil.

Uma questão importante a ser salientada e que foi lembrada pelo jornal *O 5 de Abril* é que nem todos os artigos necessários para a produção do calçado eram produzidos na cidade, o que onerava o produto final que dependia de alguns itens apenas fabricados no centro do País, ou eram importados. Como exemplo, podemos citar uma tinta especial para couro muito utilizada pela indústria calçadista para o acabamento do calçado.

Esse produto foi desenvolvido por Walter Kunz que depois de “longos anos de estudos e experiências finalmente conseguiu obter um produto perfeito,

²⁷³ CARNEIRO, op. cit. p.112,113.

superior ao americano e 60% mais barato.” Depois do desenvolvimento desse produto, foi criada a empresa Walter Kunz e Cia., “confortavelmente instalada em novo prédio especialmente construído, e dispondo de todo o aparelhamento necessário, máquinas, tanques, um bem montado laboratório essa nova firma está em condições de fornecer toda e qualquer sorte em tintas.” ²⁷⁴

Esse progresso tão aclamado da cidade também é expresso em forma de números no jornal da cidade. O prefeito Leopoldo Petry publica no jornal *5 de Abril* um quadro estatístico comprovando o crescimento econômico do novo município, sem esquecer o fato de ele ser o “menor município do Brasil”, com apenas 65 km², porém, “relativamente um dos mais importantes, si não o mais importante”. ²⁷⁵

²⁷⁴ Jornal *O 5 de Abril*, 21/06/1929

²⁷⁵ Jornal *O 5 de Abril*, 03/05/1929

Tabela 1 - Crescimento econômico de Novo Hamburgo nos anos 1927/28

ARTIGOS		Quantidade		Valor da unid.		VALOR TOTAL	
		1927	1928	1927	1928	1927	1928
Charutos	Unid.	22.000	17.500	8.200	8.200	1.400\$000	3.500\$000
Cigarros	Cart.	273.500	190.900	8.000	8.000	82.960\$000	58.500\$000
Fumo em bruto	Kg.	8.824		38.000		95.472\$000	
Água mineral	Litros	24.482	21.140	8.000	8.000	21.925\$000	19.096\$000
Gazosa	"	62.350	57.558	18.000	15.000	64.399\$000	57.268\$000
Xaropes para refresco	"	3.054	4.099	38.000	38.000	10.902\$000	15.206\$000
Carveja de alta fermentação	"	18.136	30.000	18.000	18.000	18.105\$000	30.000\$000
Hitter	"	16.886	12.928	48.000	48.000	32.384\$000	51.712\$000
Licores	"	3.354	2.873	48.000	48.000	16.186\$000	13.066\$000
Cognac e semelhantes	"	334	98	68.000	68.000	1.470\$000	460\$000
Vinho de frutas	"	2.651	2.208	18.000	18.200	3.193\$200	2.704\$600
Vinho nacional de uvas	"	2.251	3.060	18.000	18.000	2.851\$000	3.900\$000
Aguardente	"	3.493	4.320	18.000	18.500	2.493\$000	6.480\$000
Botas	Pares	1.734	1.578	50\$000	50\$000	86.700\$000	78.900\$000
Balijas, coturnos, sapatos e horsequina, para crianças	"	826.799	1.114.376	15\$000	14\$500	12.401.965\$000	16.158.152\$000
Idem, idem, idem, para adultos	"	616.721	876.416	22\$000	22\$000	15.419.065\$000	24.539.448\$000
Chinelos	"	402.456	299.734	5\$000	5\$000	2.012.280\$000	1.499.670\$000
Especialidades pharmaceuticas	Vidros	15.514	18.000	28.000	28.000	31.228\$000	36.000\$000
Pernieiras	Pares	19.850	21.637	12\$000	13\$000	238.392\$000	280.891\$000
Conservas	Kg.	37.872	109.452	18\$000	18\$000	56.808\$000	164.178\$000
Vingos	Litros	42.972	30.606	8.400	8.400	16.988\$800	12.323\$200
Artefactos de tecidos	Unid.	1.140	1.082	20\$000	24\$000	22.800\$000	25.968\$000
Chapeos	"	30.879	18.689	20\$000	21\$000	43.580\$000	39.469\$000
Chapeos de sol ou chuva	"	3.275	3.140	16\$000	16\$000	52.400\$000	50.240\$000
Gorros ou bonets	"	2.573	5.069	5\$000	5\$400	12.865\$000	27.372\$700
Debradeiras	Kg.	3.773	6.122	28\$500	28\$500	9.432\$500	15.323\$500
Café	"	193.486	199.244	38\$200	38\$100	95.156\$200	97.656\$100
Manteiga	"	7.002	5.074	46\$000	48\$000	262.488\$000	23.898\$000
Moxeis	Unid.	4.304	5.054			400.000\$000	500.000\$000
Queijos	Kg.	3.725	3.440	28\$000	28\$000	9.312\$500	6.880\$000
Malas	Unid.	7.978	15.697	40\$000	25\$000	319.120\$000	392.425\$000
Bolsas ou valises	"	3.880	6.658	28\$000	42\$000	97.000\$000	279.636\$000
Portas	"	6975	3205	18\$000	17\$000	78.000\$000	54.489\$000
Cartelas	"	34.562	33.740	8\$000	4\$000	172.816\$000	134.060\$000
Cintos	"	3.139	9.497	4\$000	4\$000	36.568\$000	37.988\$000
Bolas de football	"	807	767	13\$000	17\$000	4.605\$000	13.049\$000
Chicletes	"	22.317	1.907	6\$000	7\$000	133.902\$000	13.039\$000
Apparelhos de cabeça (para animaes)	"	616	516	15\$000	15\$000	2.240\$000	151.390\$000
Sellins e semelhantes	"	5.288	3.783	48\$000	40\$000	213.220\$000	10.360\$000
Bolsas de couro para senhoras	"	1.936		16\$000		3.900\$000	7.200\$000
Instrumentos de musica	"	130	946	30\$000	78\$000	12.340\$000	12.340\$000
Espanadores	"		1.500				
Sommas:						33.125.769\$900	45.790.596\$900

Fonte: Jornal *O 5 de Abril*, 03/05/1929

Segundo Petry, o crescimento da produção foi “extraordinário”, pois aumentou, em apenas um ano, 37%. Acrescenta que esse fenômeno não era de momento, mas resultado de um “crescimento regular e seguro”, e informa que, de 1921 a 1928, o valor da produção quintuplicou na cidade de Novo Hamburgo. Finaliza dizendo que os dados divulgados não são “fantásticos” ou “jogos de números”, mas foram fornecidos pela Coletoria Federal.²⁷⁶

Analisando o quadro publicado, percebemos que dos 41 produtos feitos na cidade, os derivados do couro (botas, sapatos, chinelos, coturnos, malas, bolsas,

²⁷⁶ Ibidem

pastas, carteiras, cintos, etc.) são, disparadamente, os mais rentáveis, representando 90% do valor total do faturamento.

Um ano mais tarde, em 9 de maio de 1930, Leopoldo Petry fala, novamente, do “progresso de Novo Hamburgo”, minimizando as conseqüências da crise econômica pela qual estava passando o País face ao contexto internacional. Segundo ele, “[...] a nossa indústria, baseada nos sãos [saudáveis] princípios da atividade incansável e da iniciativa inteligente, representa um organismo sadio, forte e resistente. [...]”²⁷⁷ Ele continua o artigo comparando a produção dos anos de 1928 e 1929, e mostrando como houve considerável crescimento, principalmente no setor calçadista.

[...] Novo Hamburgo pode ufanar-se de que venceu a crise. Em toda parte surgem as provas de nova vida, nova coragem, novo entusiasmo. As fábricas estão começando a readmitir os empregados dispensados a meses atrás. O comércio reanima-se. Os estabelecimentos de crédito vão saindo da reserva, mantida durante alguns meses e novas esperanças animam os industrialistas.[...]

Não há, pois, razão para desânimo, antes pelo contrário, podemos tranqüilamente olhar para o futuro, que acentuará cada vez mais o valor da nossa atividade e do nosso espírito de trabalho e progresso.²⁷⁸

Pesquisando o período de 1927 a 1935 no jornal *O 5 de Abril*, percebemos que invariavelmente as referências à indústria local são feitas de forma ufanosa; as crises são minimizadas e é acentuado o caráter trabalhador da população que luta e é a grande responsável pelo progresso do município.

Ao mesmo tempo em que o *5 de Abril* saudava o desenvolvimento econômico local, mostrava uma preocupação para com o comportamento da

²⁷⁷ Jornal *O 5 de Abril*, 09/05/1930

²⁷⁸ Ibidem

sociedade, e/ou a responsabilidade dos cidadãos perante a situação pela qual a economia mundial passava, como esclareceu o editorial do dia 15 de agosto de 1930:

[...] Eduquemo-nos, pois, na escola da economia e do trabalho, e lembremo-nos do que disse um dos homens mais ricos do mundo, que saiu da pobreza apenas pelo seu esforço e pela sua perseverança, quando perguntado a respeito do segredo da sua vitória: “Todos sabem ganhar o vintém, mas poucos o sabem guardar.” Evitemos os gastos supérfluos, e assim, beneficiando-nos, assegurando-nos para os dias vindouros, teremos contribuído para o fim alevantado de uma Pátria maior, alicerçado na colaboração individual de seus filhos. Eduquemos a nossa vontade, e sejamos mais ou menos financistas, trabalhando e economizando, para bem nosso, da nossa família e do Brasil, que se ergue, projetando-se no ambiente internacional com uma força nova para o Mundo.²⁷⁹

De fato, a crise econômica mundial era de tal ordem que, um ano depois, as preocupações com a saúde da economia nacional e, conseqüentemente, com a municipal, ainda eram a tônica de muitas das matérias e editoriais de jornal.

Numa matéria intitulada “A crise econômica e a situação do Brasil”, publicada n*O 5 de Abril*, são apontados os erros dos governos estaduais e federal, que seriam os principais responsáveis pela crise do país: em primeiro lugar, o câmbio desfavorável e, em segundo, o pagamento de juros dos empréstimos feitos do exterior. Além disso, de acordo com a matéria do jornal, como os governos haviam reduzido as despesas ao mínimo possível e cortado o salário de funcionários, o comércio vinha lutando com a queda do poder aquisitivo da população, e as fábricas não achavam colocação para seus produtos.

²⁷⁹ Jornal *O 5 de Abril*, 15/08/1930

O jornal incita o leitor a reagir e a lutar com energia para dominar a crise, diz ainda que “é lamentável que ainda hoje alguns brasileiros prefiram usar produtos estrangeiros, quando temos similares nacionais tão bons ou melhores”, o que era considerado uma “falta de patriotismo”, pois, dessa forma, deixava-se de dar “trabalho ao operário brasileiro, estimulando sua atividade honesta e útil.”²⁸⁰

O nacionalismo varguista que imperava na política brasileira no período fica explícito nessa passagem, em que a idéia de patriotismo estava intimamente ligada ao nacionalismo econômico e todos aqueles que não colaborassem com o País eram considerados seus inimigos.²⁸¹

Três anos mais tarde, outro editorial intitulado “Sejamos mais bairristas” segue na mesma linha, conclamando a população a privilegiar os produtos locais, tanto do comércio quanto da indústria, pois, dessa forma, a economia não sofreria tanto.

Segundo esse mesmo artigo, se fosse comparada a situação econômica de Novo Hamburgo com a de outras cidades, poderia ver-se como o progresso ainda era uma característica local marcante, e o exemplo dado para tal progresso era o número de prédios que vinham sendo construídos na cidade.

[...] Acontece freqüentemente que se compra um artigo fora da nossa vila, que aqui se pode obter nas mesmas condições ou mais vantajosas. Podemos orgulhar-nos de ter na nossa praça um comércio sério e que não mede esforços para bem servir a freguesia. Naturalmente a boa vontade deve ser correspondida por parte desta, dando sempre preferência, as casas aqui estabelecidas, tanto comerciais quanto industriais. Quanto maior o movimento, tanto melhor pode ser o

²⁸⁰ Jornal *O 5 de Abril*, 09/10/1931

²⁸¹ GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. São Paulo: Vértice, 1988. p. 211

sortimento que se tem para escolher um determinado, porque a procura regula a oferta.

[...] Quem tem interesse no progresso do nosso torrão, e isto deve-se esperar de todo cidadão, seja capitalista ou empregado, porque, quanto maior é o movimento comercial, tanto mais se valorizam os bens de raiz, e se o chefe de um estabelecimento tem lucros compensadores, também o empregado tem probabilidade de progredir.²⁸²

Foram utilizados argumentos de cunho emocional para incentivar a população a comprar os produtos locais, por exemplo, o de que as pessoas que não privilegiassem o comércio e a indústria da cidade seriam indiretamente responsáveis pela estagnação profissional dos empregados que trabalhavam nesses estabelecimentos.

A população também se via, dessa maneira, coagida pelo jornal a consumir somente o que era produzido em Novo Hamburgo, caso contrário não estaria ajudando no “progresso”, além de ser considerada “orgulhosa” e “ vaidosa” por querer usar alguma coisa “diferente”:

Absolutamente não quer isto dizer que devemos boicotar o comércio de outras localidades vizinhas, pois, o intercâmbio de mercadorias sempre traz vantagens mutuas, mas não deixemo-nos arrastar, pela mania da exclusividade, pensando que, fazendo aquisição de um objeto, por exemplo uma roupa, um chapéu, etc., num outro lugar, pode-se apresentar diferente dos outros para satisfazer um orgulho vaidoso.[...] Não desprezemos, pois, o que é nosso e auxiliemos a intensificar o progresso de nossa vila, porque assim contribuiremos não só para o bem estar entre nós, como também para o engrandecimento do Rio Grande do Sul e da nossa cara pátria brasileira.²⁸³

Em outro momento, o jornal faz um alerta à comunidade a respeito da tentativa de algumas cidades de atrair indústrias. Diz que existem pessoas que vêm para Novo Hamburgo com o objetivo de atrair empresas para outros locais e

²⁸² Jornal *O 5 de Abril*, 04/05/1934

²⁸³ *Ibidem*

que os industriais não podem se deixar enganar com falsas promessas, pois a isenção de impostos prometida não é real, dado que nenhum município pode garantir isenções estaduais e federais, além do fato de que os impostos, quando passam a ser cobrados, são muito mais caros do que deveriam ser.

[...] Ainda mais. O nosso município não tem dívida externa e não é preciso salientar aqui a vantagem dessa circunstância; somente quem estuda, a economia pública pode avaliar devidamente o lastro que importa para qualquer empresa ou estabelecimento o encargo proveniente de compromissos em moeda estrangeira.

Também no que diz respeito ao fornecimento de energia elétrica, o nosso município não precisa temer confrontações: uma usina, de que são cotistas a maioria dos industrialistas locais, dirigida por cidadãos ativos e competentes, fornece luz e força em abundância, com regularidade e com preços módicos. [...] ²⁸⁴

O artigo ainda lembra que Novo Hamburgo é uma das cidades que mais oferecia vantagens as suas indústrias, pois cobrava os menores tributos, e a renda do município aumentaria com o desenvolvimento industrial.

Apesar de toda contrapropaganda, Novo Hamburgo, é um centro industrial de primeira ordem, graças a atividade, inteligência e concentração ao trabalho de seus filhos e continuará a sê-lo no futuro, graças à sua mocidade, animada por um sã patriotismo e amor por esta terra, cheia de vida e de coragem, que entra na luta pelo nosso progresso com todo o preparo intelectual e material necessários, que conhece o seu valor, compreende a sublime missão que tem a cumprir, saberá manter bem alto as tradições dessa terra de progresso e prosseguirá na grande obra de construção que, com imensos sacrifícios, foi fundada pelos nossos antepassados. ²⁸⁵

Mais uma vez vemos a responsabilidade pelo progresso do município nas mãos da comunidade, que não se pode curvar às ofertas de outras cidades, pois estaria obstaculizando o desenvolvimento econômico local.

²⁸⁴ Ibidem

²⁸⁵ Leopoldo Petry In: *Jornal O 5 de Abril*, 13/04/1934

Na busca da história do jornal *O 5 de Abril*, tão importante e básico para esta pesquisa, descobrimos que ele foi criado para representar os interesses dos industriais, considerados os responsáveis pelo progresso e desenvolvimento da cidade. Nessa ótica, fazendo uma análise mais detalhada desse periódico em relação aos anúncios e artigos relacionados às indústrias e aos empregos por ela gerados, chegamos a algumas conclusões importantes.

Em primeiro lugar, os jornalistas eram convidados pelas empresas para visitarem-nas, pois em várias ocasiões essa situação é reportada. Em 1934, o jornal fala de uma visita a uma fábrica de malhas e diz “[...] observamos mais um surto na indústria local [...] maquinário moderno e eficiente, com profissionais competentes sob direção de experimentado técnico estrangeiro[...] Confeção moderna e perfeito acabamento dos diversos modelos.[...]”²⁸⁶

Em segundo, essas visitas rendiam os mais largos elogios às fábricas visitadas, o que era uma publicidade gratuita.

O jornal também informava quando algumas empresas recebiam encomendas muito grandes, quando uma indústria se instalava na cidade, ou quando alguma máquina grande era comprada.

E, em terceiro, a indústria sempre foi diretamente ligada à idéia de progresso, de sucesso, de desenvolvimento local, como aparece nesta edição do jornal: “[...] O justo renome de nosso município como grande centro industrial, de há muito não só transpôs as fronteiras de nosso Estado, como já alcançou boa

²⁸⁶ Jornal *O 5 de Abril*, 28/12/1934

parte do estrangeiro [...]”,²⁸⁷ em consonância com o lema positivista “ordem e progresso”, tão caro aos governantes gaúchos do período em questão.

O jornal empenhava-se em mostrar que a indústria era o orgulho local, que tornava a cidade conhecida nacionalmente, como mostra a citação a seguir intitulada “*A indústria de Novo Hamburgo*”

Em ocasiões diversas já tivemos ensejo de nos ocuparmos do adiantamento das indústrias em nosso município, cujo progresso com justiça, já lhe valeu o honroso cognome de ‘Manchester Rio Grandense’, devido ao grande número de fábricas aqui existentes[...].²⁸⁸

Finalmente, o jornal diz que o governo estadual só emancipou a cidade por causa dos formidáveis recursos advindos da indústria e do comércio local. Na ocasião da visita de Flores da Cunha à cidade, o prefeito incluiu no seu discurso os dizeres: “[...] Novo Hamburgo, a cidade-oficina que com as suas duzentas e muitas fábricas, influi poderosamente na economia do Estado[...].”²⁸⁹ Indústrias de algumas cidades vizinhas (Campo Bom, Dois Irmãos) também eram mencionadas pelo jornal como as responsáveis pelo seu progresso.

Feitas as ressalvas, a utilização das matérias do jornal *O 5 de Abril* como fonte dessa pesquisa, impõe-se pelo grande número de informações que trazem e os interesses que esse veicula, que são indícios do contexto em que Pedro Adams vivia e do seu cotidiano.

²⁸⁷ Jornal *O 5 de Abril*, 25/07/1934.

²⁸⁸ *Ibidem*, 21/12/1934

²⁸⁹ *Ibidem*, 10/05/1935

Com relação aos empregos oferecidos pelas indústrias locais, havia muitos anúncios, inúmeras vezes repetidos, em mais de uma edição, o que pode sinalizar um mercado de trabalho bom, em relação aos baixos índices de desemprego da cidade na época. Dentre os empregos oferecidos estavam o de costureira de calçados, de sapateiros, de curtidores e de maleiros, sendo as costureiras as mais procuradas. É importante salientar que o trabalho infantil era considerado normal, como mostra um dos anúncios: “Procura-se um bom sapateiro e meninas que saibam trabalhar em calçados tressé. PAGA-SE BOM ORDENADO. [...]”²⁹⁰ Outro anúncio interessante procurava “um sapateiro e um curtidor competentes que poderão encontrar pronta colocação numa colônia alemã no Paraguai”, que pode significar a procura de mão-de-obra local pela comunidade alemã que se estabeleceu na América do Sul.

A questão do trabalho infantil já havia sido regulamentada há anos atrás.²⁹¹ A legislação previa que era proibido o trabalho de menores de 12 anos de idade. Os maiores de 12 e menores de 14 anos que não tivessem completado a instrução primária, também não poderiam entrar no mercado de trabalho, a menos que uma autoridade competente autorizasse seu trabalho, quando considerasse indispensável para sua subsistência dos mesmos ou de sua família. Aos menores de 18 anos eram proibidos os trabalhos que apresentassem riscos à saúde, à vida, à moralidade ou que fossem excessivamente cansativos. O trabalho dos

²⁹⁰ Ibidem, 14/09/1934. O jornal não informa a idade das meninas que seriam contratadas.

²⁹¹ Um decreto de 1891 proibia o trabalho de crianças em máquinas em movimento, em 1927 é criado o Código de Menores que regulamenta o trabalho infantil, a Constituição de 1934 determina a proibição do trabalho de menores de 14 anos sem permissão judicial. PASSETTI, Edson. Crianças Carentes e Políticas Públicas. In: DEL PRIORE, Mary (org.) *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 351,354.

menores não poderia exceder às seis horas diárias interrompidas por um ou vários repousos, cuja duração não poderia ser inferior a uma hora; não poderiam exercer trabalho noturno; os chefes dos estabelecimentos industriais ou comerciais em que eram empregados os menores eram responsáveis por “velar pela manutenção dos bons costumes e da decência pública”, bem como da higiene e segurança dos lugares de trabalho.²⁹²

Outra característica desses anúncios era a solicitação de candidatos “bons” ou “competentes”, o que vem ao encontro da idéia de empreendedorismo que exige mão-de-obra qualificada.²⁹³

Os donos das indústrias tinham um tratamento privilegiado pelo jornal se comparados a outras categorias profissionais. Em algumas ocasiões, o jornal relatou viagens particulares de um “forte industrialista” e de um sócio de “importante firma” que aparentemente não tinham função alguma para terem sido relatadas. Já em outro momento, foi citado o “nobre e patriótico gesto do forte industrialista” em ajudar na construção de uma estação férrea em Campo Bom, além do chamamento para os industriais mobilizarem-se para a construção de uma nova usina elétrica. Os demais profissionais citados pelo jornal, como advogados, médicos entre outros, não recebiam nenhum tipo de tratamento especial.

²⁹² Jornal *O 5 de Abril*, 26/10/1928

²⁹³ Segundo entrevistas com trabalhadores das décadas de 30 e 40 que dizem que havia uma dificuldade muito grande de se conseguir operários qualificados para a indústria que ainda se encontrava em fase incipiente. In: SCHEMES, Claudia et alii. *Memória do Setor Coureiro-Calçadista*. Pioneiros e Empreendedores do Vale do Rio dos Sinos. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

A importância dada pelo *5 de Abril* aos industriais fica evidenciada em uma matéria de 1935 sobre o progresso da vizinha cidade de Campo Bom. Ela não apenas cita os nomes dos empresários locais, mas ainda descreve suas casas, ao buscar provas de que o progresso econômico profissional vinha acompanhado de uma vida privada muito confortável com vistas a transformar o caso em um exemplo a ser seguido pela população em geral.

Outro indício da valorização é que, sempre que um industrial era citado nos artigos, além de sempre estar associado ao desenvolvimento e ao progresso da cidade, ele tinha uma qualidade agregada a seu nome: “perfeito”, “cavalheiro”, “importante”, “nobre”, “patriótico”, entre outros.

Com relação aos serviços oferecidos às indústrias, poucos anúncios foram feitos durante o período analisado. Muitos eram das mesmas empresas que ofereciam técnicos para consertar qualquer tipo de máquina e em qualquer horário, o que mostra que muitas empresas trabalhavam no turno da noite.

Outros anúncios veiculados no jornal *O 5 de Abril* que se relacionavam com o mundo do trabalho tratavam de venda de máquinas, formas e navalhas para a fabricação de calçados, da venda de um curtume e de propagandas de produtos de fábrica de calçados (por exemplo, “Calçado de tressé moderno e durável. Confecciona-se sob medida na fábrica”), molduras e órgãos e alguns roubos de couro.²⁹⁴

²⁹⁴ Jornal *O 5 de Abril*, 14/09/1934

Vimos que, nesse contexto de progresso econômico e desenvolvimento industrial da cidade, Pedro Adams Filho achava-se inserido. Ele foi um personagem fundamental na história de sua industrialização, porque iniciou uma produção moderna de calçados e financiou outras empresas e curtumes que surgiram na época.²⁹⁵

Muitos dos novos industriais eram seus antigos empregados e Adams dava-lhes assistência, dinheiro e, muitas vezes, comprava-lhes a produção quando não conseguiam vender o que produziam.²⁹⁶

Ele [Pedro Adams Filho] criou trabalho e fez com que muitos dos seus colaboradores se tornassem independentes e fundassem, por sua vez, estabelecimentos próprios, assim incrementando sempre mais a indústria local.²⁹⁷

Segundo depoimentos, podemos concluir que Pedro Adams Filho tinha uma preocupação com a comunidade na qual estava inserido, e acreditava que poderia contribuir para melhorar as condições de vida de seus operários e, em última instância, da população da cidade que o acolheu. Ao mesmo tempo, as pequenas empresas que eram abertas por seus antigos empregados não representavam um risco para seus negócios, pois a sua empresa já era uma das maiores do Vale do Sinos com um volume de vendas e um rendimento que lhe colocavam numa situação financeira confortável e estável.

²⁹⁵ Segundo depoimentos de Pedro Adams Neto e empresários e trabalhadores de Novo Hamburgo que deram seus depoimentos para o projeto de pesquisa desenvolvido pelo Museu Nacional do Calçado, em Novo Haburgo, intitulado Memória do Setor Coureiro-Calçadista no ano de 2002.

²⁹⁶ Ibidem

²⁹⁷ Segundo Ervino João Schmidt, funcionário da empresa de Adams. Jornal *O 5 de Abril*, 22/05/1936

2.3 – As exposições industriais

A participação das empresas em feiras e exposições industriais era fundamental, na ótica do empreendedor, para firmarem-se imagens de instituições sólidas e afinadas com o progresso em nível popular.

As empresas de Pedro Adams costumavam participar desses eventos, e os prêmios recebidos atestavam a qualidade dos seus produtos. Em 1901, a Fábrica de Calçados Sul-Riograndense participou de uma exposição em Porto Alegre, em 1914, em Santa Maria e, em 1916, em Caxias. Em todas elas recebeu medalha de ouro pela boa qualidade e acabamento de seus produtos.²⁹⁸

A trajetória das exposições em Novo Hamburgo, entretanto, é antiga, pois em 1908 já havia sido realizada nos salões da Sociedade de Cantores de Hamburgo Velho, o Frohsin, uma exposição de produtos e máquinas agrícolas organizada pela Sociedade dos Agricultores Riograndenses.

**Quadro 2 - Exposições/Festejos realizados em Novo Hamburgo
(1908-1929)**

Data	Exposição	Local
1908	Produtos e Máquinas Agrícolas	Sociedade Frohsin
1922	Centenário da Independência	Sociedade Frohsin
1924	Centenário da Imigração Alemã	Pavilhão na Praça 20 de Setembro
1929	Homenagem a Getúlio Vargas	Pavilhão na Praça 20 de Setembro

Fonte: PETRY, op. cit.

²⁹⁸ MONTE DOMECCQ, op. cit. p. 247.

Em 1924, foi realizada a terceira exposição na cidade de Novo Hamburgo em comemoração ao primeiro centenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Para esse evento, foi construído um grande pavilhão na Praça 20 de Setembro, e o então presidente do Estado, Borges de Medeiros, compareceu para prestigiá-la.²⁹⁹

Esse evento foi de fundamental importância para a cidade, visto que ela já vinha tentando há vários anos, por vias políticas, tornar-se um município independente da sua sede, São Leopoldo.

Assim, essa exposição representou muito mais para Novo Hamburgo do que possa parecer à primeira vista. Significou uma vitória sobre São Leopoldo, que também tinha pretensões em sediar o evento, mas acabou tendo de ceder para seu distrito mais importante.

Sua importância estratégica também ficou evidente com o fato de os membros da comissão organizadora (moradores de Novo Hamburgo) serem os mesmos que estavam na comissão pró-emancipação da cidade.

Pedro Adams Filho fazia parte da comissão organizadora principal, e atuou muito enfaticamente na organização do evento. Além de Adams, participaram Jacob Kroeff Netto (deputado estadual e industrialista), Leopoldo Petry (professor e coletor da cidade) e Júlio Kunz (industrialista, representante da Sociedade Frohsin), representando o 2º. distrito e João Correia (candidato à intendência),

²⁹⁹ Sobre essas comemorações ver: WEBER, Roswithia. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul – O “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924-1949*. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2004.

Oscar Stabel (vice-intendente), Arthur Ebling (advogado e secretário da intendência), Leopoldo Hofmann Filho (Sociedade Ginástica de São Leopoldo) e Ernesto Rotermond (redator da *Deutsche Post*).³⁰⁰ Essa comissão era formada, portanto, por políticos e empreendedores do comércio, indústria e de clubes locais.³⁰¹

O que nos interessa, especificamente nesse caso dos festejos, foi a sua ligação com o movimento emancipacionista que já estava sendo pensado há algum tempo e que veremos mais adiante. Contudo, como coloca Weber, não podemos esquecer que a maior parte dessa comissão era composta por descendentes de alemães e que aquele evento “foi um momento de manifestação da identidade de imigrantes alemães e de seus descendentes”, além de ter representado um fortalecimento desses vínculos étnicos e uma trégua das disputas religiosas e políticas.³⁰²

Ficou determinado que a exposição industrial, que era um dos eventos dos festejos, aconteceria no 2º. distrito - Novo Hamburgo - que possuía um potencial econômico significativo e havia feito muita pressão política por parte da comissão que o representava. Sedar o evento era visto como uma grande oportunidade

³⁰⁰ Esses mesmos representantes de Novo Hamburgo, Kroeff, Adams, Petry e Kunz, já haviam participado da comissão organizadora dos festejos do centenário da independência do Brasil que aconteceu no ano de 1922. Adams, além de colaborar com a organização, ainda doou medalhas de ouro para os vencedores do torneio de tiro que aconteceria nos clubes hamburguenses. Segundo, SCHUTZ, op. cit. p.39,42.

³⁰¹ WEBER, op.cit. faz, também, uma análise do sentido simbólico da festa como momento da criação de uma memória, salientando que esses rituais não atingem todos da mesma forma e que não só o progresso foi comemorado, mas, também, o início da imigração alemã, a etnia alemã, a Alemanha e a própria cidade de São Leopoldo e seus distritos. Diz que as comissões formadas para organizarem esse evento representavam vários segmentos que “*buscaram brechas para a inclusão de seus símbolos para a defesa de interesses pessoais ou institucionais e ainda para uma série de outras manifestações.*” p..25

³⁰² Ibidem, p.25

para mostrar a potencialidade do distrito e as condições para a sua emancipação. Segundo Carlos Dienstbach, um dos membros da comissão organizadora, “a celebração das festas do centenário alemão e a municipalização de Novo Hamburgo eram duas idéias irmanadas.”³⁰³

Para essa exposição, foi construído um pavilhão de madeira, na Praça 20 de Setembro, de 88 metros de comprimento por 62 metros de largura, com um único acesso, um palco, banheiros, um restaurante e local para deixar animais.

Os 230 expositores estavam divididos em duas grandes áreas: indústria e agricultura e pecuária. Cada área estava subdividida em seções e, estas, em classes. A divisão industrial tinha representantes do couro, da madeira, da metalurgia, de bebidas, de álcool e de vinagre, do fumo, de produtos alimentícios e de outras indústrias; já a divisão da agricultura e da pecuária, em produtos vegetais e animais. O regulamento da exposição organizava o setor indústria, que é o que nos interessa da seguinte forma:

1ª. Divisão: Indústria

³⁰³ Carlos Dienstbach organizou um “livro-arquivo”, que se encontra no Arquivo Público de Novo Hamburgo, com todas as informações a respeito da exposição industrial e da emancipação de Novo Hamburgo. Ele guardou todos os recortes de jornais do Estado, em língua portuguesa e alemã, que publicaram artigos sobre esses assuntos, tirou várias fotos, guardou telegramas, cartas, cartazes, papel timbrado e tudo que julgou necessário para preservar a história do município. No final desse livro, ele deixa a seguinte declaração: *Uma vez guardados todos os recortes de jornais, por até hoje colleccionados, e que se referem a história da Exposição do Centenário em 1924 e a Emancipação Municipal de Novo Hamburgo em 1927 e arquivados neste livro, dou por finda a minha por mim mesmo demarcada missão. Quem quiser saber mais da história de Novo Hamburgo, estude-a no “O 5 de Abril”, jornal que ali surgiu depois de sua separação de São Leopoldo e também colecionado e arquivado. Por que me dei o trabalho de colleccionar o conteúdo deste livro? – Por amor ao povo laborioso de Novo Hamburgo. Penso que esta collecção mais tarde, com toda certeza daqui a 100 annos, quando elles festejarem o segundo anniversário da immigração allemã ao Rio Grande do Sul, ou quando elles festejarem o 1º Centenário da Emancipação de Novo Hamburgo, terá um certo valor como material para historiadores! E sendo assim: então ajudei edificar um monumento para Novo Hamburgo – e para mim. Carlos Dienstbach, julho 1928*

1ª. Secção – industria de couro

1ª classe: couros beneficiados

1º grupo – couros vaccuns cortidos em cor natural.

2º grupo – idem tingidos

3º grupo – pelles cortidas em cor natural

5º grupo – idem tingidas

6º grupo – idem envenizadas.

2ª classe: calçados etc.

1º grupo – calçados (botas, botinas, sapatos, etc. etc. etc.)

2º grupo – sandálias

3º grupo – chinellos e semelhantes

4º grupo – perneiras

3ª classe: arreimentos, trançaria, pellegos, etc.

1º grupo – arreimentos

2º grupo – caronas, serigotes e pertences

3º grupo – sellas, sellins (sellas inglezas e mexicanas) e pertences

4º grupo – pellegos cortidos, cochinchos e semelhantes

5º - obras de trançaria e anexos

4ª classe: bahus, malas, bolsas, carteiras e anexos

1º grupo – bahus, malas de viagem e anexos

2º grupo – malas e bolsas de mão e anexos

3º grupo – carteiras, bolsinhas e anexos

4º grupo – cintas e cartucheiras – artigos de caça e sport [...] ³⁰⁴

A diversificação da produção industrial é um aspecto que nos chama muito a atenção, pois são citados mais de 30 produtos relacionados à indústria de couro, além de toda uma vasta produção ligada a outros tipos de indústria.

A empresa de Pedro Adams Filho também participou mostrando parte de seus produtos, conforme registrado na legenda da foto do evento.

³⁰⁴ Parte do regulamento da exposição (APVS)



Figura 44 - Estande da empresa Pedro Adams Filho e Cia. (APVS)

Analisando detalhadamente essa foto, constatamos que o estande da empresa de Adams apresentava mais de 150 modelos de calçados masculinos, femininos e infantis. Embora os masculinos fossem a maioria, foram destacados os sapatos de mulher, provavelmente porque elas formavam o grande público consumidor. As modelagens eram ricas e variadas para a época, com produtos em várias cores, alturas de saltos e detalhes, tanto para os modelos femininos como para os masculinos.

A simplicidade do local indica que deveria ser destacado o produto e não o seu entorno, o que não impedia que a decoração privilegiasse o nacionalismo. A bandeira do Brasil, com o seu lema colocado em destaque, as fitas e balcões com as cores do Rio Grande do Sul, podiam significar e passar a idéia de

pertencimento e de orgulho da nação brasileira, do Estado gaúcho e do progresso industrial.

Tais considerações contrastavam com as mensagens passadas pelo caráter bilíngüe das informações que favoreciam e incentivavam o germanismo local.

Alguns cuidados extras foram tomados para evitar problemas, como a colocação de alguns cartazes no pavilhão da exposição.

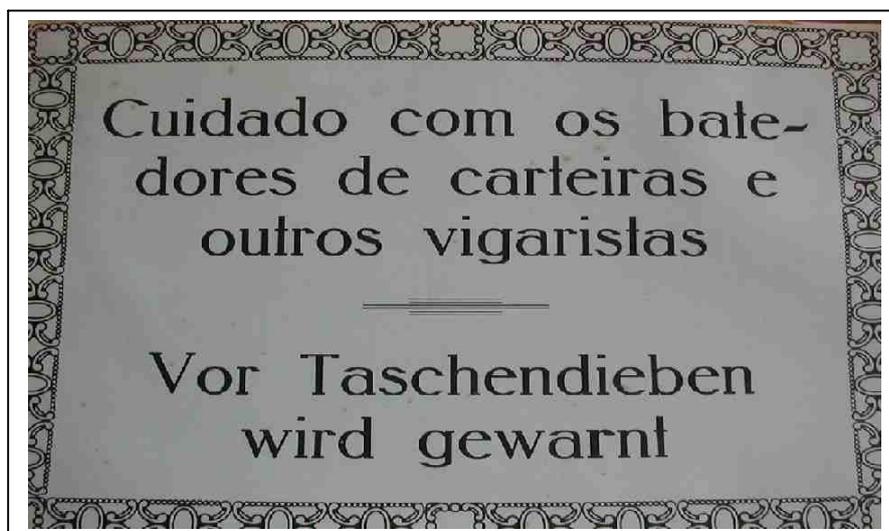


Figura 45 - Cartaz da exposição

O cartaz, se por um lado surpreende face ao fato de a cidade contar com poucas ocorrências policiais, conforme observamos na seção de ocorrências do jornal *O 5 de Abril* durante os anos pesquisados, por outro lado, pode indicar o grande número de pessoas que circulavam na cidade e que realizavam pequenos furtos. Esses “vigaristas” deveriam ser comuns nesses eventos, caso contrário, não haveria a necessidade desse alerta.

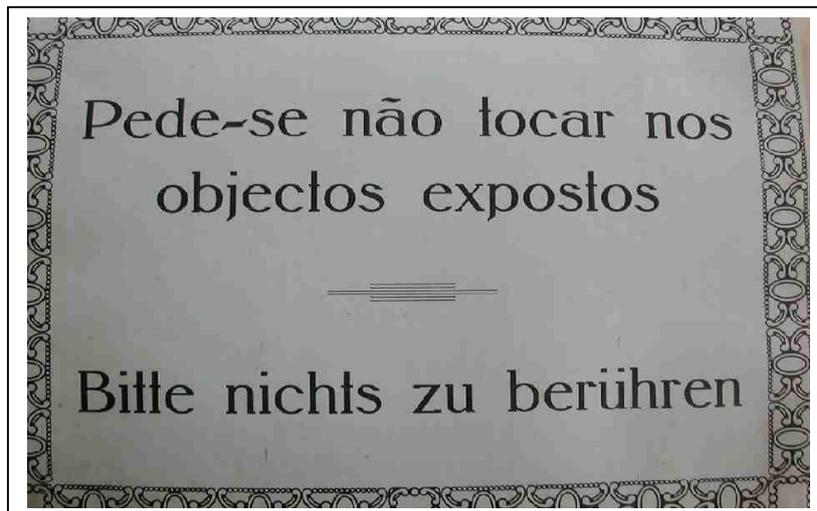


Figura 46 - Cartaz da exposição. (APVS)

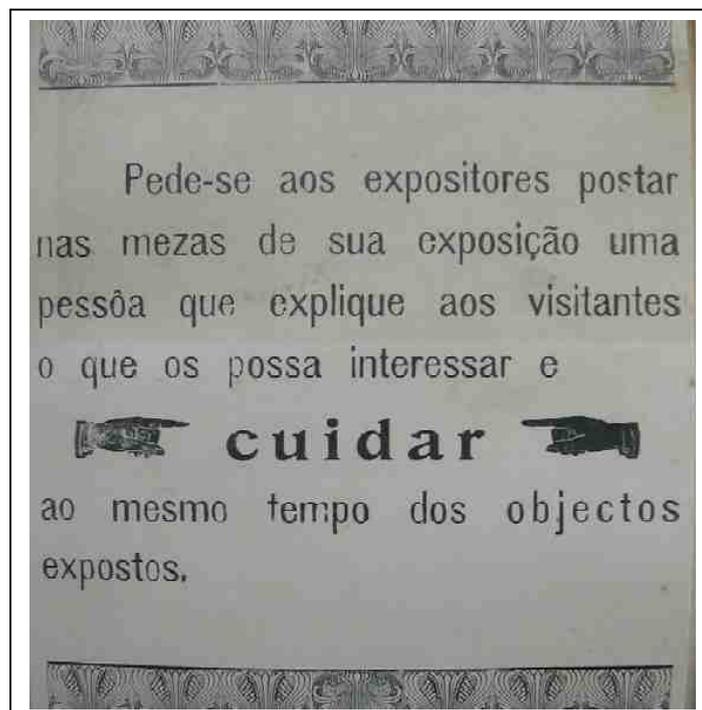


Figura 47 - Cartaz da exposição. (APVS)

Percebemos, também, os objetivos e a preocupação de cunho pedagógico da exposição, quando a comissão organizadora solicitou que os expositores disponibilizassem pessoas para explicar aos visitantes o que estava sendo

exposto e, dessa forma, informava detalhadamente à comunidade sobre como eram feitos os produtos na cidade.

Além do estande de Adams, outros também foram fotografados na Exposição, e podemos ver que todos seguiam o mesmo padrão em relação a forma de expor seus produtos.

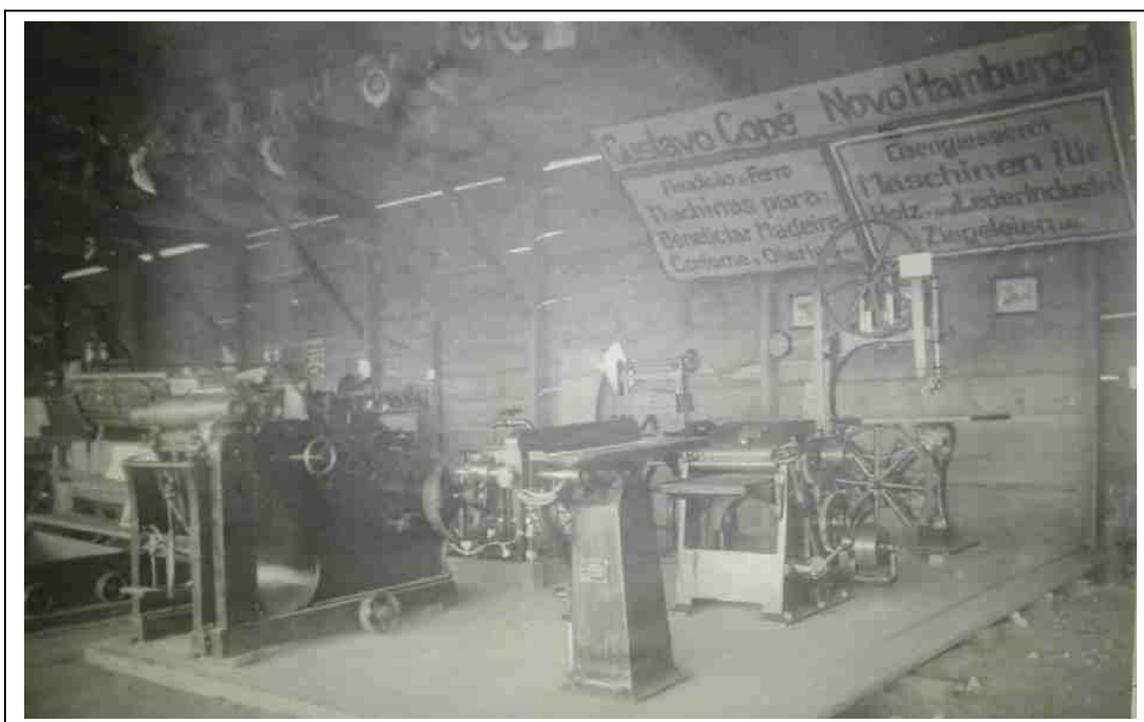


Figura 48 - Estande da empresa de máquinas Copé. (APVS)



Figura 49 - Selas e perneiras produzidas pelo Curtume Central de propriedade de Albino Momberger (APVS)



Figura 50 - Fábrica de bijuterias e artigos de prata e metal H.F.Kondörfer & Cia. (APVS)



Figura 51 - Fábrica de café e caramelos e funilaria Bertholdo Rech (APVS)

Além dos estandes com produtos diversos, havia outras atrações que chamavam a atenção do público que participou do evento.

Segundo Weber,

As atrações foram inúmeras e diversas: de uma cuca com mais de um metro de diâmetro, passando por pão representando um aeroplano com o comprimento de 2,80 metros [...] Mereceu destaque da imprensa uma pirâmide (de molduras coloridas) confeccionada no estabelecimento de Pedro Alles, que foi erguida no centro do pavilhão. Na parte externa da exposição, foram montados, ao ar livre, um carrossel e um cinematógrafo público.³⁰⁵

³⁰⁵ WEBER, op. cit. p.61

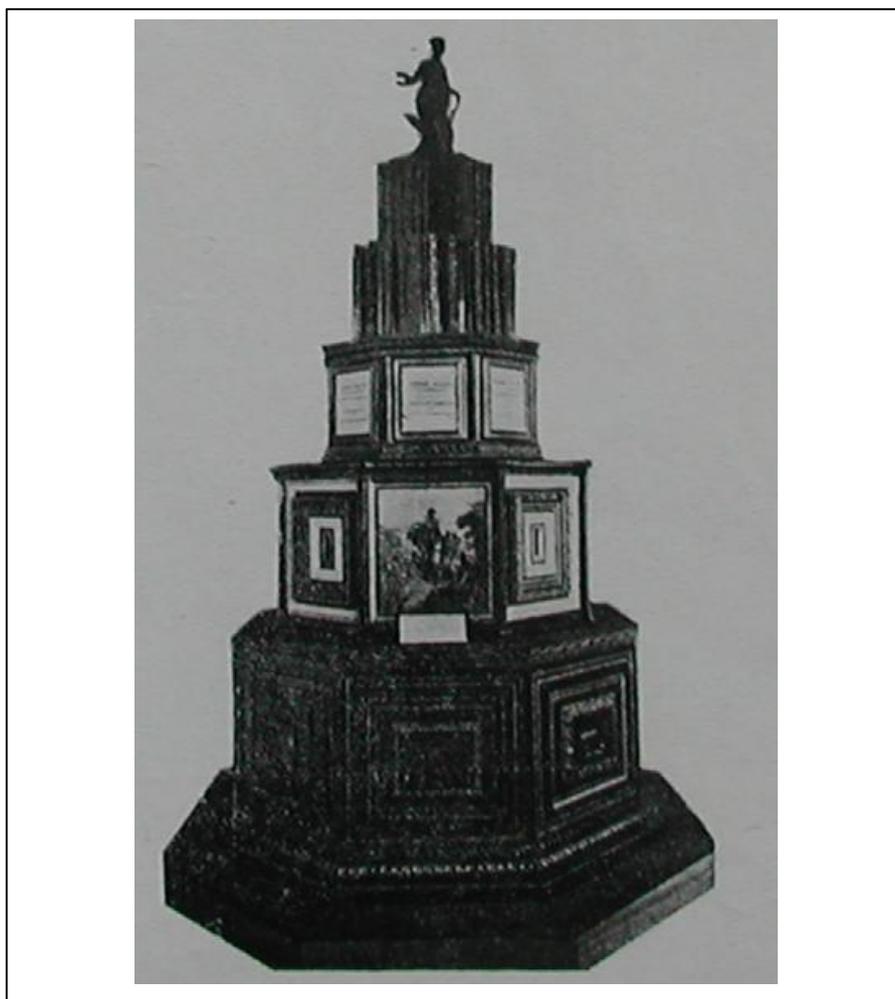


Figura 52 - Pirâmide de molduras da empresa de molduras Alles. (APVS)

O evento foi notícia em diversos órgãos de imprensa, não só locais, como o *Deutsche Post*, mas também da capital, como *Correio do Povo* e *A Federação*. Vários convites foram enviados para todas as autoridades estaduais que, na maioria das vezes, respondiam confirmando suas presenças, mandando representantes ou justificando sua ausência. Podemos constatar isso no telegrama enviado pelo intendente Flores da Cunha a Jacob Kroeff Neto:

Associando-me de coração festas commemorativas centenário colonisação allemã peço representar este município juntamente coronel

João Correa ahi e São Leopoldo. Saudações cordeaes. Flores Cunha Intendente.³⁰⁶

A programação oficial das festas comemorativas foi amplamente divulgada, e a organização das mesmas foi impecável, como podemos verificar no material impresso que foi distribuído antes do início do evento e definia o que seria feito desde as seis horas da manhã até às 21 horas. A exposição aconteceu entre os dias 20 de setembro e 5 de outubro e, em todos esses dias, uma extensa programação fora organizada. A disponibilidade de hotéis e restaurantes também foi divulgada, mostrando o grau de profissionalismo do evento que buscou evitar problemas e tornar o contexto o mais agradável possível para os visitantes.

A inauguração da exposição contou com a presença do presidente do Estado, Borges de Medeiros e várias autoridades, entre secretários de Estado, arcebispo, industrialistas e políticos locais, entre outros. A esposa de Borges e outras senhoras da capital também compareceram ao evento.

³⁰⁶ Telegrama de Flores da Cunha a Jacob Kroeff Neto. (APVS)



Figura 53 - No dia 23 de setembro de 1924, a esposa do presidente do Estado, sr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, dona Carlinda, com grande commitiva de senhoras das rodas mais altas de Porto Alegre, veio visitar a exposição. Foto onde aparece, à frente, Dna. Carlinda, esposa de Borges de Medeiros, sr. Pedro Adams Filho, Frederico Wolffenbüttel, vice-intendente de São Leopoldo, a sra. do Dr. Jacob Kroeff Netto, presidente da diretoria da exposição, o sr. Pedro Alles, industrialista, o sr. Luiz Moog, coletor estadual em São Leopoldo.³⁰⁷

Dentre as empresas premiadas na exposição estava a de Pedro Adams Filho, que ganhou a medalha de ouro, o prêmio máximo, juntamente com outros empresários de outros ramos. Pela quantidade de prêmios distribuídos, vimos que a exposição teve um grande número de participantes, por volta de 230, segundo registros.

Conforme o livro de atas da exposição, das vinte e três empresas que receberam o “grande prêmio”, dezesseis eram de Novo Hamburgo, sendo que quatro estavam ligadas ao setor coureiro (Arthur Haas e Cia., Albino Momberger, Pedro Adams Filho e Cia. e Schneider e Zwetsch). As demais empresas

³⁰⁷ Legenda da foto escrita por Carlos Dienstbach (APVS)

agraciadas eram de propriedade de teuto-brasileiros, fato que, de certa forma, reforça a idéia sobre o empreendedorismo dos teuto-gaúchos na industrialização da cidade.

As empresas que não eram agraciadas com medalhas, recebiam diplomas de participação, e o público poderia adquirir lembranças da exposição, como medalhas comemorativas, como vemos a seguir.



Figura 54 - Diploma Grande Prêmio. (APVS)

O diploma enfatizava a questão do trabalho, como podemos ver nas duas imagens superiores, uma de um trabalhador no campo e outra de um trabalhador numa empresa, onde aparecem máquinas e outras ferramentas. O brasão do

Brasil, o do Rio Grande do Sul e o da Alemanha, podem significar a idéia do entrelaçamento e/ou harmonia entre as nações.



Figura 55 - Cartaz da exposição. (APVS)

A venda de lembranças pode significar o interesse dos organizadores da exposição em manter esse evento na memória da comunidade, dessa forma, uma medalha comemorativa é um objeto que poderia permanecer por muito tempo em posse de seu comprador e, portanto, manteria viva a idéia da pujança e do progresso do município.



Figura 56 - Lembrança da exposição (frente e verso) (APVS)

A legenda laudatória da lembrança deixa claro o apoio do "benemérito" Presidente do Estado, Borges de Medeiros, ao evento realizado, quando diz que ele "prestou eficaz auxílio moral e financeiro nos festejos", e sua ligação ao grupo organizador da exposição.

A necessidade de mostrar o desenvolvimento econômico e a pujança do almejado distrito, fica bastante evidente quando observamos as seguintes fotos que apresentam grandes pavilhões, automóveis, pessoas bem trajadas, bandeiras:



Figura 57 - Foto do pavilhão da Exposição Municipal. (APVS)



Figura 58 - Foto do pavilhão da exposição. (APVS)

Essas fotos foram encontradas no livro-ata sobre o evento, e tinham a seguinte legenda: “No dia do encerramento da exposição, dia 5 de outubro. No fim da festa. Tinha havido corso e batalha de flores e confetti. Já se tinha retirado a maioria do povo, quando o photographo pediu que alguns dos automóveis que tinham tomado parte, entrassem no recinto para tirar a photographia delles.[...]”

Constatamos que, embora presentes em várias matérias sobre a história de Novo Hamburgo, essas fotos foram pouco aproveitadas. Sugerimos sua análise como uma montagem de cenário que vinha ao encontro dos interesses dos organizadores da festa, pois os carros representavam um símbolo de modernidade e a pujança do município.

O encerramento do evento aconteceu em grande estilo, com convites distribuídos pela cidade, conclamando o povo a participar para abrilhantar o final de tão importante evento para a cidade, principalmente, os “senhores proprietários de autos e carros para a batalha de flores [...]”, como podemos ver a seguir:

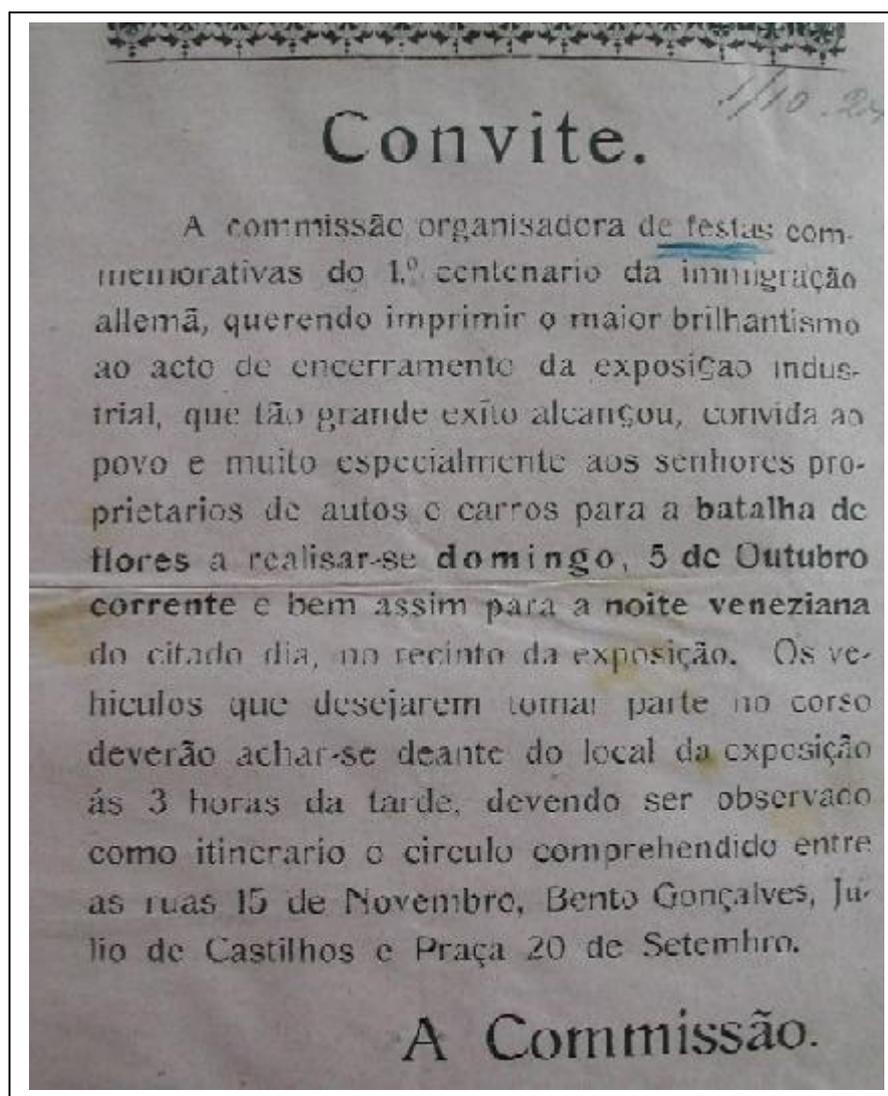


Figura 59 - Convite para as festas comemorativas do centenário da imigração alemã. (APVS)

A participação da cidade em exposições industriais continuou em outros anos, pois em 1928 a cidade de Novo Hamburgo foi convidada a fazer parte de um pavilhão exclusivo da *Grande Exposição-Feira Commercial, Industrial e Agro-Pecuaria* que se realizaria em Porto Alegre. A imprensa da época apoiou incisivamente a participação, pois achava que a cidade tinha de mostrar seu potencial, já que havia se tornado município há pouco tempo, e precisava afirmar sua importância econômica.

[...] Positivamente, Novo Hamburgo é dos municípios do Estado, o de maior densidade comercial e industrial, e, embora ser o menor, está colocado em 5º. lugar, pelo que nos ensina a estatística, quanto á exportação.

Infelizmente, devido a falta de publicidade, este fato é desconhecido em grande parte do Brasil e mesmo do nosso Estado.

Magnífica é, pois, a oportunidade que ora se apresenta, para evidenciarmos nosso adiantamento e a nossa produtibilidade.

É pois, de esperar que todos os nossos industriais, de todos os ramos, participem daquele grande certame.

Além de facilitarem a realização de vantajosos e avultados negócios, virão contribuir para o engrandecimento do nosso município, fazendo-o conhecido e falado em todo o país.³⁰⁸

Um ano depois, em 1929, foi realizada uma exposição na cidade, em homenagem a Getúlio Vargas.

A exposição de 1929, portanto, foi a quarta. Para a sua realização também foi construído um pavilhão na Praça 14 de Julho, e contou com a presença de Getúlio Vargas e de Osvaldo Aranha, Secretário do Interior.

Essa exposição, mais uma vez, foi fundamental para mostrar a pujança do município e, para isso, foi organizada uma comissão, formada pelos mais importantes empresários da cidade, que deveriam incentivar a participação do maior número de industrialistas possível.

Pedro Adams Filho, mais uma vez, fez parte dessa comissão, que foi dividida em três grupos para agilizar os trabalhos: recepção, ordem e policiamento e ornamentação.³⁰⁹

³⁰⁸ Jornal *O 5 de Abril*, 10/08/1928

³⁰⁹ Faziam parte da comissão de recepção: Leopoldo Petry (intendente municipal), Guilherme Ludwig (vice-intendente), Eduino Brodbeck (presidente do Conselho), André Kilpp (coletor federal),

Segundo o jornal *O 5 de Abril*, a acolhida que teve a comissão foi a melhor possível, pois “[...] todos compreenderam que essa exposição, além de ser uma magnífica homenagem prestada ao Presidente do Estado, traria reais proveitos para a indústria local [...]”³¹⁰

O pavilhão foi construído pela empresa Breidenbach, Mosmann & Cia., pelo valor de 15\$000, e o valor dos ingressos foi fixado em 1\$000 para adultos e \$500 para crianças, sendo que as escolas eram isentas de pagamento no dia da inauguração. Junto ao pavilhão foi construído um palco onde teriam apresentações artísticas, projeções de filmes, etc.

Esse evento, portanto, além de ser importante como mostra industrial, era, também, uma grande festa popular que tinha diversão para o público de todas as idades.

Essa exposição foi amplamente divulgada pela imprensa local e da capital, que exaltava a qualidade da indústria local e a sua capacidade de concorrer, inclusive, com produtos importados.³¹¹

O jornal *A Federação*³¹² de Porto Alegre, órgão oficial do PRR, assim se referiu a ela:

Augusto Wolf (coletor estadual), Eduardo Santos Maya (juiz distrital), Marcolino dos Santos Pacheco (Delegado de polícia), Pedro Adams Filho, José J. Martins, Arthur Haas, Carlos Berner, Samuel Dietschi, Julio Kunz e Ewaldo Koch.

³¹⁰ Jornal *O 5 de Abril*, 13/09/1929

³¹¹ Jornal *Correio do Povo*, 11/10/1929

³¹² Segundo SPALDING, Walter. *Os construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Sulina, 1969. O jornal *A Federação* foi fundado em 1884 com o objetivo de propagandear as idéias republicanas e defender o Partido Republicano Rio-Grandense, o PRR.

A exposição industrial de Novo Hamburgo representa um motivo de justificado orgulho para o Rio Grande do Sul.

A variedade da produção e o grande aperfeiçoamento alcançado revelam a brilhante situação da cultura industrial que tanto enobrece o próspero município. Há cerca de cinco anos visitamos ali mesmo uma outra exposição, a que concorreram muitos dos mesmos expositores que lá vimos agora, junto a outros novos.

Alguns estabelecimentos que trabalhavam em pequena escala, com poucos operários, apresentam-se no momento já como fortes industrialistas, oferecendo o belo espetáculo da atividade vitoriosa e compensadora. As magníficas impressões recebidas pelo Sr. Presidente do Estado encontram ampla justificativa no fecundo labor, de tão úteis conseqüências, e que está fomentando por forma tão sugestiva a riqueza do município e do Estado.

Disse-o S. Excia. com a maior clareza, em palavras que servirão de poderoso estímulo para os nossos operosos patrícios. [...] ³¹³

O jornal *Diário de Notícias*, também da capital, publicou um artigo louvando o povo trabalhador da pequena cidade de 65 km² “exemplo admirável na actividade industrial do Rio Grande”, cidade que deveria ser aplaudida pelo seu “labor incessante” e “espírito de iniciativa”. ³¹⁴ Diz ainda:

Não exageramos se afirmarmos que a vida do homem de trabalho ali é de uma vibração tão intensa e vale por uma manifestação de vontade tão notável, que bem podia servir de modelo aos surtos de todas as nossas atividades. Ninguém diz que aquele povoado que há pouco se fez vila e se constituiu em município, é hoje uma colméia onde todos trabalham e lutam. Não há casa que não seja uma oficina: não há oficina que dentro em pouco não esteja transformada numa verdadeira fabrica. Todas as principais indústrias riograndenses estão ali dignamente representadas. A próxima exposição municipal que Novo Hamburgo vai promover em honra do presidente do Estado será, indiscutivelmente, o melhor índice dos inúmeros fatores que colocam aquele núcleo obreiro em situação tão invejável perante as demais comunas do Rio Grande. ³¹⁵

Esse artigo revela a forma como foi criado o mito do povo laborioso, do trabalhador incansável de Novo Hamburgo, do seu rumoroso progresso através de

³¹³ Jornal *A Federação* apud PETRY, 1944. p.108

³¹⁴ Jornal *Diário de Notícias*, apud, Jornal *O 5 de Abril*, 13/09/1929

³¹⁵ Ibidem

sua indústria que foi disseminado com muito afinco pelos grupos dominantes locais e regionais e teve boa repercussão no imaginário da coletividade.

O evento contou, segundo relato de seus organizadores no jornal *O 5 de Abril* de 25 de outubro de 1929, com 150 expositores e com a visita de 25.000 pessoas, muitas vindas de trem de outras cidades. A exposição mostrou toda a produção do município, como tintas, ceras para calçados, bolsas, chapéus, couros, calçados, artefatos de madeira, arreios, peças e máquinas para móveis, cartonagem, molduras, charutos, balas, torrefação de café, bebidas, instrumentos musicais, etc.

Dentre os expositores estava a firma de Pedro Adams Filho & Cia., que, segundo o jornal *O 5 de Abril*, foi uma das que se destacou pela abundância de mostruários e excelência dos produtos. Essa empresa teria apresentado “verdadeiras maravilhas em manufatura de calçados”.³¹⁶

³¹⁶ Jornal *O 5 de Abril*, 25/10/1929



Figura 60 - Diploma para expositores. (APVS)

O diploma dado aos expositores nesse evento que homenageou Getúlio Vargas também é bastante laudatório. Abaixo da foto do Presidente, envolto nas bandeiras do Brasil e Rio Grande do Sul, está a legenda “para glória do Brasil”, ou seja, ele representava a salvação e a glória nacional. Ao mesmo tempo, sua ligação com a cidade era concretizada com dois monumentos importantes, o Monumento do Imigrante e o chafariz da Praça 14 de Julho.

Se a exposição de 1929 obteve êxito, o mesmo não pode ser dito sobre a participação das empresas da cidade na *Exposição Agrícola, Pastoril e Industrial do Estado do Rio Grande do Sul*, que aconteceria no ano de 1931.

O jornal local contou as dificuldades encontradas pela comissão formada por industriais para tratarem da representação da indústria de Novo Hamburgo naquele evento, pois o momento era crítico, não só para a economia local, como também para a estadual e a federal. Segundo o jornal, a comissão chegou à conclusão de que apenas com um auxílio financeiro do município algumas empresas poderiam expor seus produtos. Aproximadamente 40 empresas foram procuradas, e apenas sete dispuseram-se a participar da Exposição, dentre elas a firma Pedro Adams Filho & Cia., que estava disposta a alugar 20 m², desde que o aluguel não fosse superior a 25\$000.

As exposições industriais, portanto, foram importantes não só para fins econômicos, mas também para fins políticos, pois representavam uma oportunidade para realizar uma aproximação com a comunidade. Para empreendedores como Pedro Adams Filho, a aliança entre a indústria e a comunidade era feita através de ações políticas, o que ficou claro e explicou todo o seu empenho para que tais eventos ocorressem e tivessem a participação popular.

Margaret Bakos ³¹⁷, analisando as exposições ocorridas em Porto Alegre nos anos 1920 e 1930, afirma que os governantes, para manterem sua hegemonia, julgavam importante “empresariar exposições grandiosas para mostrar e incentivar, com prêmios pecuniários e honrarias, a produção industrial e agropecuária no Estado e Município.”

³¹⁷ BAKOS, op. cit. p. 27

Acreditamos que em Novo Hamburgo essa mesma idéia perpassou os projetos de governantes e de empresários locais que viam nessas exposições uma forma de se perpetuarem no poder mostrando as potencialidades do município. Ao mesmo tempo, ainda conforme exemplo de Bakos, pode-se fazer a conjectura de que os organizadores desejavam tornar Novo Hamburgo a “*sala de visitas*” do Vale do Sinos, título que Porto Alegre recebeu em nível estadual.³¹⁸

Nesse sentido, cogita-se que Pedro Adams Filho foi, de um lado, um entusiasta promotor das exposições por elas mostrarem a força do setor industrial de Novo Hamburgo e, de outro, pelo seu desejo de ampliar as bases comerciais e de representação política da cidade, o que operava com sua condição de empresário e de líder comunitário.

2.4 – As relações de trabalho

As relações de trabalho em Novo Hamburgo sofreram as condições estabelecidas por um contexto nacional e estadual que são de fundamental importância para a sua compreensão.

As condições de trabalho dos operários no início do século eram precárias. Não havia direitos trabalhistas como férias remuneradas, indenizações, licenças médicas, pagamento de horas extras, aposentadoria. As jornadas de trabalho eram de 16 horas diárias, a semana de trabalho era de seis ou sete dias.

³¹⁸ Ibidem, p. 15 e 185.

As primeiras medidas tomadas pelos trabalhadores, ainda no final do século XIX para reverterem essa situação, foram a organização de associações de socorro mútuo, em que cada trabalhador contribuía com uma porcentagem de seu salário para formar uma reserva que seria utilizada quando fosse necessário.

Segundo Petersen, quase ao mesmo tempo, os operários começaram a organizar-se em sociedades de resistência, “embriões dos sindicatos”, com o objetivo de enfrentar essa situação de exploração e as péssimas condições de trabalho. Nesse período, as idéias socialistas e anarquistas européias já estavam influenciando o movimento operário gaúcho e “tais idéias ressignificadas no contexto gaúcho, foram os grandes princípios orientadores, embora não os únicos, do movimento operário local.”³¹⁹

Essa organização dos operários culminou com a realização da primeira grande greve geral de Porto Alegre ocorrida em 1906. Segundo Petersen,

Essa greve foi a maior manifestação pública do operariado até então ocorrida no Rio Grande do Sul, marcando a visibilidade da classe diante do patronato, dos poderes públicos e da sociedade em geral, em uma cidade onde avançavam a industrialização e as relações capitalistas de produção.³²⁰

A mesma autora ainda lembra que o Estado “relegava as relações de trabalho ao âmbito privado e seu controle à polícia”, daí a inexistência de uma legislação social que regulamentasse as relações de trabalho, situação que assumia um “contorno mais nítido” no Rio Grande do Sul em função da influência

³¹⁹ PETERSEN, Silva R.F. & SCHMIDT, Benito B. O movimento operário no Rio Grande do Sul: militantes, instituições e lutas (das origens a 1920). In: GRIJÓ, Luiz Alberto et alii (org) *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004. p. 210,211.

³²⁰ Ibidem, p. 215

do positivismo nos governos de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros que orientou as relações estado-economia-trabalho.³²¹

Os efeitos da Primeira Guerra Mundial vão agravar as condições econômicas do país aumentando o custo de vida e o desemprego levando o Estado a um novo processo de agitação e greves.

[...] os anos 1917 a 1919 constituíram a culminância da mobilização operária na Primeira República. Se quisermos caracterizar o padrão organizativo dessa etapa, observamos que as sociedades operárias – ligas, uniões, sindicatos – quaisquer que fossem suas tendências ideológicas, eram iniciativas constantes, embora de pequeno alcance e duração. A elas se deve, até a Revolução de 30, uma vida associativa autônoma e combativa que realizou numerosas greves, fundou escolas, publicou jornais e denunciou as diferentes formas de exploração a que os operários eram submetidos.³²²

A revolução de 1930 e a criação da legislação trabalhista quatro anos depois representaram uma mudança de rumos nas relações de trabalho a nível nacional e estadual.

Durante o primeiro governo Vargas (1930/1934) foram promulgadas várias leis que regulamentaram o trabalho no País, tanto relacionadas às condições de trabalho, como às férias, ao repouso semanal remunerado, à jornada de trabalho de oito horas semanais, à regulamentação do trabalho da mulher e do menor, à obrigatoriedade da carteira de trabalho, à isonomia salarial, ao salário mínimo, à indenização por demissão sem justa causa, quanto em compensações sociais,

³²¹ PETERSEN, Sílvia R.F. As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919). In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius (Orgs.) *RS: Economia e Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 27

³²² PETERSEN, Sílvia R.F. & SCHMIDT, Benito B. O movimento operário no Rio Grande do Sul: militantes, instituições e lutas (das origens a 1920). In: GRIJÓ, Luiz Alberto et alii (org) *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004. p. 210,211.

como direito aposentadorias e pensões. Além disso, foram criados mecanismos institucionais para enfrentar os conflitos de trabalho, como as comissões e juntas de conciliação e as convenções coletivas de trabalho.

Segundo Gomes,

Trata-se de um período chave, no qual o Estado assumiu a primazia incontestável do processo de elaboração da legislação social, tentando através dela desenvolver uma série de contatos com “empregados” e “empregadores”. Seu objetivo era ajustar os interesses em confronto, fazendo-os participar da dinâmica do ministério.³²³

Mais uma vez, o jornal *O 5 de Abril* vai nos auxiliar na compreensão dessas questões no que tange à história de Novo Hamburgo.

Considerando operários/trabalhadores como uma categoria a ser analisada, percebemos que o jornal pouco faz referência a ela. Se fizéssemos uma média das vezes que essa categoria aparece no jornal, poderíamos dizer que era uma vez por mês, no máximo. Na maioria das vezes, esses trabalhadores são citados quando os imigrantes alemães e seus descendentes são homenageados como os responsáveis pelo progresso da região. Na ótica da criação mitológica, os trabalhadores alemães eram “concentrados no trabalho”, possuíam “espírito ordeiro” e deixaram seus “continuadores”. Na ocasião da visita de Flores da Cunha à cidade, o 5 de Abril confirma essa idéia dizendo que o município muito contribuiu para a economia do Estado “embora a maioria da população seja descendente de uma raça estrangeira que demonstrou amor ao Rio Grande em

³²³ GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Vértice/IUPERJ, 1988. p.177

nada inferior aos genuínos riograndenses [...]”, fala também das “belas qualidades de trabalho das famílias alemãs e dos seus descendentes [...]”³²⁴

O enaltecimento do trabalhador alemão, seu espírito ordeiro e obediente era um dos elementos destacados pelos governantes. Segundo Weber, o discurso de Borges de Medeiros na exposição de 1924 em Novo Hamburgo deixa isso bem claro, quando ele elogia os descendentes de alemães por cultivarem a comunhão de interesses, de sentimentos e de opiniões.³²⁵

Não podemos esquecer que para o governo era estratégico considerar o alemão ordeiro e pacífico, pois, caso contrário, ele poderia representar uma ameaça à ordem reinante.

Essa questão germanidade *versus* nacionalismo perpassou muitos dos discursos oficiais do período. Havia a necessidade e o interesse de se criar uma identidade nacional, mas os laços que uniam os descendentes de alemães à sua antiga pátria eram muito fortes e tinham que ser habilmente tratados.

[...] os divulgadores da germanidade defendiam, no todo ou parcialmente, a preservação do idioma, das instituições, dos costumes e tradições. No processo de demarcação étnica, pesavam, portanto, indicadores culturais como idioma e descendência comum. Essa última integrou o ideário de superioridade racial acionado também para estereotipar o imigrante alemão como trabalhador.³²⁶

Não temos dados para precisar o número de trabalhadores descendentes de alemães nas indústrias de Novo Hamburgo, mas, seguramente, um grande

³²⁴ Jornal *O 5 de Abril*, 03/05/1935

³²⁵ WEBER, Roswithia op. cit. p. 68.

³²⁶ *Ibidem*, p.48

número de trabalhadores não tinha vinculação com essa nacionalidade e, por isso, foi sistematicamente ignorado pelo jornal.³²⁷

O operariado em geral só era citado pelo jornal quando era noticiada alguma visita de governador ou presidente e dever-se-ia detalhar o público presente, ou era mencionado algum evento específico para os trabalhadores como uma sessão da Ação Integralista Brasileira, por exemplo:

[...] realizou-se no domingo último uma sessão de difusão e propaganda do Integralismo, analisando a questão social dentro do mesmo, combatendo com vasta argumentação o absurdo do comunismo e os erros da liberal-democracia, para demonstrar as vantagens do Integralismo para o operariado em geral. [...]³²⁸

A criação do Círculo Operário em Novo Hamburgo, em 1935, foi um momento importante para a organização dos trabalhadores da cidade, embora poucas vezes o jornal *O 5 de Abril* tenha se referido a ele.³²⁹

O Círculo Operário fazia parte de um projeto sócio-político da Igreja Católica no Brasil e era, portanto, uma entidade patrocinada por ela. Desde o seu

³²⁷ Essa idéia da superioridade do trabalhador de origem alemã é tão forte que até hoje se mantém. Segundo Schneider, que analisa a mercado de trabalho do setor, [...] *o elemento diferenciador do operário antigo em relação aos demais estratos sociais do mercado de trabalho, e que marca sua trajetória como assalariado, é o conteúdo étnico que esses operários fazem questão de ressaltar. Essa etnicidade refere-se às formas específicas de incorporação da disciplina na execução das tarefas produtivas e à observância a valores e normas características da cultura germânica. Essa situação é facilmente perceptível entre os trabalhadores do setor calçadista, pois um operário de origem alemã sempre se considera 'mais' trabalhador do que o outro (em geral o migrante, vindo 'de fora') mediante a auto-afirmação de suas relações pessoais, subjetivas e de cunho étnico com os patrões.* SCHNEIDER, Sérgio. O Mercado de trabalho da indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento. In: *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p.39

³²⁸ Jornal *O 5 de Abril*, 03/05/1935

³²⁹ O Círculo Operário foi criado no mesmo ano da morte de Pedro Adams Filho, entretanto, achamos importante abordá-lo nessa tese, pois, mesmo enfermo, Adams continuou, até o dia de sua morte participando e sendo informado de tudo o que acontecia na sua empresa, segundo relato de seus familiares.

início, teve estreita ligação com os empresários que colaboravam financeiramente com o movimento, pois era muito melhor uma entidade representativa dos trabalhadores estar sob a tutela do empresariado e da Igreja do que dos sindicatos mais combativos.

Lembramos que nos anos 1910, os sindicatos estavam se organizando de forma mais efetiva e estavam sob orientação do anarco-sindicalismo, que era muito mais combativo e independente. Daí surge a estratégia de recuperação católica que estava assentada no tripé:

[...] combate ostensivo ao materialismo, através do púlpito e da “boa imprensa”; organização de associações de senhoras, de estudantes, de moços, Ação católica, Liga Eleitoral Católica, onde se formavam líderes imbuídos do espírito cristão”; e, finalmente, aproximar-se do operariado pela organização dos Círculos Operários.³³⁰

É nesse contexto que foi criado o Círculo Operário em Novo Hamburgo, em 1º. de maio, com a presença do Padre Leopoldo Brentano, que foi o iniciador do movimento circulista no Brasil, tendo fundado o primeiro Círculo na cidade de Pelotas, em 1932.

O Círculo de Novo Hamburgo ocupou as dependências do Sindicato dos Sapateiros e reuniu trabalhadores de todas as categorias. A sua primeira diretoria foi composta por Eugenio Afonso Schwan e Vicente Kieling, ambos do sindicato dos marceneiros, e Augusto Edmundo Lichtler, representante dos sapateiros.³³¹

³³⁰ DIEHL, Astor Antônio. *Círculos Operários no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990. p.26

³³¹ SAUL, Marcos Vinícios de Almeida. *Classe Operária e Sindicalismo no Rio Grande do Sul* (Novo Hamburgo: 1945-1964). Santo Ângelo: FUNDAMES, 1988. p.29

Astor Diehl³³² faz uma pesquisa bastante aprofundada sobre esse movimento no Rio Grande do Sul, e mostra que o Círculo era uma resposta da Igreja Católica ao liberalismo e ao marxismo,³³³ que eram considerados os responsáveis pelo afastamento do homem e da sociedade dos ideais religiosos. Esse projeto da Igreja oferecia uma possibilidade à sociedade brasileira de viver em harmonia, sem conflitos sociais e, ao mesmo tempo, ocupava um espaço político do Estado, já que, até esse momento, era ele que monopolizava os sindicatos.³³⁴

Segundo Diehl, “o liberalismo abre um flanco para a atuação das associações orientadas pela Igreja, como projeto cristianizador do capitalismo, organizadas dentro da mística paternalista, sob o imperativo ético, moralizando-o a partir da prática do assistencialismo e do mutualismo.”³³⁵

O autor ainda afirma que, nem a orientação positivista do governo do Rio Grande do Sul, que tinha um projeto de participação das classes subalternas nas

³³² DIEHL, op.cit.

³³³ *A “questão social”, no final do século XIX, na visão da Igreja, mostrou as falhas ao mesmo tempo da MORAL e da COMPETÊNCIA do Estado na resolução do problema da relação capital-trabalho. O Estado liberal deixara, assim, a sociedade abandonada a si mesma na resolução deste problema e em consequência tornou incapaz de organizar-se e apresentar soluções, permitindo que a miséria ameaçasse a própria sociedade liberal.* Ibidem, p.16

³³⁴ *Interpretar a posição da Igreja nos anos 20 e 30 significa fazer uma avaliação do seu papel nesse momento histórico. Esta interpretação requer a verificação dos espaços político-ideológicos ainda não ocupados pelo Estado. Pois, com o advento da república, a Igreja perdera a estrutura administrativa do Estado, fato que se agravou com a falta de clérigos, que de certa forma foi suprida pela atuação do laicato e da Ação Católica. Portanto, até esse momento, duas posições ficam evidentes: um projeto de formação de uma elite intelectual para a “reconquista” da hegemonia no pensamento e nos diversos setores da sociedade brasileira; um projeto sócio-político junto à massa operária, como forma de legitimar a Igreja numa posição histórica.* Ibidem, p.37

³³⁵ Ibidem, p.19

decisões político-sociais, conseguiu deter a atuação da Igreja. O que pode ser visto pela rede de escolas católicas que atingiu todo o Estado.³³⁶

Provavelmente, Pedro Adams Filho apoiou a criação da entidade, porque achava esta uma alternativa melhor do que o sindicato para os trabalhadores da sua empresa, pois o Círculo representava o controle dos operários, enquanto o sindicato poderia ser muito mais combativo e perigoso para os seus interesses.

Além dele, o Círculo contou com a colaboração financeira de outras empresas e particulares.

O jornal *O 5 de Abril* diz o seguinte a esse respeito:

É admirável o entusiasmo e a atividade reinantes no núcleo local do Círculo Operário. Mas, deve-se admirar ainda mais, o apreço e o bom acolhimento que gozam os sócios circulistas nesta florescente vila. A lista áurea que segue é a prova eloqüente do que afirmamos. [...]³³⁷

³³⁶ Ibidem, p.24

³³⁷ Jornal *O 5 de Abril*, 19/07/1935

Tabela 2 – Empresas contribuintes para o Círculo Operário

Contribuinte	Ramo de atividade	Valor
P.Alles & Cia.	Fábrica de molduras	20\$000 mensais
Pedro Adams Fo. & Cia.	Fábrica de calçados	20\$000 mensais
Breidenbah,Mosmann& Cia.	Construção civil	20\$000 mensais
N. Lichter & Cia.	Curtume	10\$000 mensais
Leopoldo Petry	Particular	10\$000 mensais
José J. Martins	Particular	20\$000 mensais

Fonte:Jornal *O 5 de Abril*, 19/07/1935

Podemos ver que a fábrica de Adams foi uma das empresas que mais colaborou para essa entidade, fato muito significativo, pois o Círculo Operário era uma entidade muito mais assistencialista que combativa, procurava cooptar o operário mais pelos seus benefícios materiais do que por sua luta em prol de melhores condições de trabalho e salários. A assistência social e a luta contra a *“subversão da ordem”* eram os princípios norteadores do movimento.

Segundo Diehl, o Círculo Operário se baseava nos seguintes princípios:

- a) a doutrina moral de Cristo, código inigualável de justiça, respeito mútuo, amor e harmonia;
- b) a orientação sociológica contida nas encíclicas *Rerum Novarum*, de Leão XIII, *Quadragesimo Anno* e *Divini Redemptoris*, de Pio XI;
- c) repúdio à luta sistemática e violenta de classes;
- d) a fórmula de Toniolo: “O Trabalho cada vez mais dominante, a natureza cada vez mais dominada e o capital cada vez mais proporcionado”;

- e) a necessidade de intervenção moderada do Estado na questão social, no sentido de controlar e regular o justo salário, a justa produção e o justo preço;
- f) conservar-se acima e fora da política partidária.³³⁸

A política assistencial dos Círculos acontecia efetivamente através da assistência médica e jurídica, das vilas operárias, das escolas noturnas, das creches.

Em Novo Hamburgo, via-se essa prática através de vários descontos em serviços e comércios, que eram oferecidos aos seus associados, como a cedência gratuita do carro fúnebre, pela prefeitura, e descontos aos associados segundo a tabela abaixo:

Tabela 3 – Sócios do Círculo Operário e benefícios concedidos

Associados	Profissão	Descontos
Wolfram Metzler	Médico	20 a 30%
Rudolfo Walch	Médico	20 a 30%
Pedro Alfredo Klein	Dentista	20 a 30%
Lino Ernesto Juchem	Dentista	20 a 30%
J. Willibaldo Sperb	Padaria	15%
Albino Kieling	Charutaria	10%
Pharmacia Hamburgueza	Medicamentos	10 a 15%
Ruth Trindade	Modista	10%
Heidrich & Ebling	Loja de fazendas	5% em compras superiores a 10\$000

Fonte: Jornal *O 5 de Abril*, 19/07/1935

³³⁸ DIEHL, op.cit. p.66

As notícias do Círculo Operário veiculadas no jornal deixam claro que essa entidade era muito mais ligada aos patrões que aos operários. O Círculo Operário teve uma pequena divulgação, mas mesmo assim, maior que a dos sindicatos, já que não encontramos nenhuma referência a eles.

O jornal apóia a iniciativa do Círculo, dizendo que esse era uma salutar instituição que deveria ser levada a sério pela comunidade, pois ela “vem se batendo com entusiasmo e resultados satisfatórios pelos interesses da classe trabalhista do nosso Estado [...] agremiação sindical que, baseada na pura doutrina cristã, está fundamentada no corporativismo moderno, já empregado em diversos países. [...]”³³⁹

Em outro momento, o jornal publica um artigo intitulado “*O Círculo Operário é uma vitória*”, que retrata com muita fidelidade o que os empresários e os grupos ligados a eles pensavam do operariado. Segundo esse artigo, o *Círculo* era uma “dádiva da Providência Divina”, pois o trabalhador era uma pessoa “pobre, desanimada, sem amor, sem dinheiro e sem alegria” que só teria uma vida digna se tivesse a “complacência, o apreço e a caridade” do Círculo.

Ainda segundo o artigo do jornal, os operários “sedentos de amparo” acorreram em grande número ao movimento circulista. Em três anos o número de associados decuplicou e os seus benefícios aumentaram, já que “os nobres corifeus da causa operária não descansam, antes se consomem por seu estremecido operário”, ou seja, é através dos favores dos empresários que o operário terá seus problemas resolvidos e não através da sua luta.

³³⁹ Jornal *O 5 de Abril*, 13/03/1935

Outra questão importante abordada é com relação à "ordem social" que precisava ser mantida a qualquer custo:

[...] E com "ordem social" não combinam greves nem revoltas. E queixas contra seus chefes não serão impassivelmente toleradas aos sócios circulistas. Se as queixas forem justas, com brandura, procurar-se-á extinguir a causa. Se forem queixas injustas, também com brandura, serão explicados os direitos dos patrões e o dever de entendimento dos empregados. O operário deve ter em grande consideração o seu chefe, do mesmo modo, como este, por um dever de consciência não deve abusar da simplicidade operária. [...] ³⁴⁰

O Círculo vinha, assim, ao encontro dos interesses dos empresários, pelos seus objetivos de transformação do trabalhador infeliz e desamparado no operário alegre, entusiasmado, pacato e assíduo, cujo sucesso seria alcançado através da máxima positivista ordem e progresso, tão cara à nação e, principalmente, ao Estado do Rio Grande do Sul e ao PRR.

Segundo Petersen, a influência positivista norteava as relações de trabalho no Estado preservando "o privatismo nas relações econômicas e a autonomia estadual, cerrando o Rio Grande a qualquer intromissão federal e às iniciativas federais de legislação reguladora do trabalho." ³⁴¹

Diz, ainda, que, mesmo defendendo esse privatismo nas relações de trabalho, o governo gaúcho com "um paternalismo também comteano", adotou medidas estatais de proteção ao trabalhador industrial, o que era aparentemente contraditório, mas se explicava dentro do marco positivista que poderia ser "constatado no Parlamento, onde os representantes gaúchos se opuseram sempre

³⁴⁰ Jornal *O 5 de Abril*, 07/06/1935

³⁴¹ PETERSEN, Sílvia R.F. As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919). In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius (orgs.) *RS: Economia & Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. 279,280.

aos projetos de regulamentação do trabalho, mas apoiaram as iniciativas de indenização ao trabalhador.”³⁴²

O Círculo, diz Marcos Saul, reuniu líderes de sindicatos já oficializados e operários de todas as categorias, sindicalizados ou não, em torno de seus benefícios assistenciais, culturais e recreativos em que exercia uma função doutrinária em que a tônica era a manutenção da paz e da ordem.³⁴³

Afirma ainda,

[...] Os indícios, portanto, levam a pensar que estava [o Círculo Operário] contribuindo para o esvaziamento dos sindicatos, ainda que estes estivessem organizados, atuando de acordo com a lei. Exemplifica-se com uma nota de jornal segundo a qual a firma N. Lichter & Cia., colaboradora financeira do Círculo, despediu um de seus operários, de nome Casseiro Moreira, motivando protesto dos Sindicatos dos Trabalhadores em Couro e seus Artefatos junto ao Inspetor Regional do Ministério do Trabalho no Rio Grande do Sul porque o operário demitido era, justamente, o único sindicalizado na empresa.³⁴⁴

Os Círculos tinham uma fundamentação ideológica e doutrinária identificada com o Estado em relação ao movimento operário, pois se mantinham dentro dos limites legais do Ministério do Trabalho e supriam a deficiência beneficiária do governo através de seu mutualismo. Dessa forma, a organização desse movimento acabou sendo absorvida, mais tarde, por Getúlio Vargas e sua política populista.³⁴⁵

³⁴² Ibidem, p. 280

³⁴³ SAUL, op. cit. p.30

³⁴⁴ Ibidem, p.30

³⁴⁵ DIEHL, op. cit. p.104

Pedro Adams Filho, como seguidor do ideário católico, tinha motivos para apoiar esse movimento, já que ele, de certa forma, educava o operário para exercer seu trabalho e conduzir sua vida cotidiana dentro da mais perfeita ordem e harmonia, o que era o objetivo final de qualquer empresário que não quer conflitos. Esse aspecto educacional-pedagógico do movimento é que era o ponto de convergência e de apoio de Adams ao circulismo.

Nas palavras de Diehl,

[...] os Círculos Operários ocupam o espaço de intercâmbio ideológico entre a Igreja e o Estado, cumprindo a função de base realimentadora do sistema corporativo. Este fato demonstra a capacidade reivindicatória incipiente do operariado circulista, que estava colocado entre duas forças que buscavam sua hegemonia sobre a sociedade civil. Mais tarde, porém, o Estado Novo cria mecanismos de maior eficácia no controle social, como a propaganda repetitiva, a legislação autoritária e intervencionista, além de ser o patrocinador das formas sócio-educacionais e interlocutor das camadas assalariadas, via populismo.³⁴⁶

O Círculo Operário, mesmo sendo uma entidade ligada aos interesses dos empresários, não teve ampla divulgação no jornal da cidade. Aos operários era dado muito pouco espaço de divulgação para os assuntos de seu interesse. Desse modo, os sindicatos dos trabalhadores que já haviam se formado na cidade, poucas vezes tinham suas ações divulgadas pelo *5 de Abril*.

Segundo Marcos Saul,

[...] Curiosamente, a primeira vez que a palavra “sindicato” apareceu no jornal local, *O 5 de Abril*, em 1928, referia-se ao movimento associativo dos fabricantes de sandálias que procuravam fundar uma entidade

³⁴⁶ Ibidem, p. 121, 122.

patronal, embora as categorias econômicas já estivessem representadas, desde 1920, por uma Associação Comercial. [...] ³⁴⁷

Além do Círculo Operário, outras instituições já haviam sido criadas para defender os trabalhadores, como a Liga Operária Hamburguesa, surgida na cidade em 1929 e que teve curta duração, provavelmente em função das perseguições políticas e policiais.

[...] um grupo de operários da indústria de calçados, liderados por Augusto Edmundo Lichtler, Clemente Alialdos e Júlio Mohr, fundou a Liga Operária Hamburguesa, associação da qual pouco se sabe [...]. Lichtler foi inclusive ameaçado de morte e, em 1932, ficou desempregado por oito meses. ³⁴⁸

Alguns anos mais tarde, em 1932, foi formada a União Operária Beneficente, outra entidade representativa dos trabalhadores apoiada pelos empresários.

Com a presença de representante do Ministério do Trabalho deste Estado [...], do presidente da Federação Operária do Rio Grande do Sul [...] e do consultor jurídico desta entidade de classe, a União Operária Beneficente [...] empossou a sua diretoria.

Na abertura dos trabalhos, o dr. Ernani de Oliveira, saudou os operários novo-hamburgueses, representados por seleta e numerosa assistência, dizendo que individualmente e em nome do Ministério que representa, hipotecava inteira e absoluta solidariedade nos operários em geral, acompanhando-os na luta e na conquista dos seus direitos sagrados e inconfiscáveis, uma vez que esses direitos sejam perfeitamente previstos e assegurados em Lei.

Terminando, o dr. Ernani de Oliveira estendeu-se em considerações em torno dos direitos e dos deveres que assistem aos operários em suas relações com a classe patronal, concitando os presentes a que se congreguem e se unam, porque só congregados e unidos seriam fortes e necessariamente respeitados. [...] ³⁴⁹

³⁴⁷ Ibidem, p.26

³⁴⁸ Ibidem

³⁴⁹ Jornal *O 5 de Abril*, 08/07/1932

Mais uma vez fica explícita a forma paternalista com que eram tratados os operários. Seus direitos eram, na prática, considerados uma dádiva do Ministério do Trabalho. Os trabalhadores, segundo podemos inferir pela documentação existente, tinham pouca força política, pois suas entidades de luta estavam muito mais vinculadas aos interesses patronais, do que a seus próprios interesses de classe, tanto na Liga Operária Hamburguesa, quanto na União Beneficente.

Apenas em 1933 é que surgiram os primeiros sindicatos de trabalhadores na cidade: em 20 de janeiro, foi fundado o Sindicato dos Marceneiros e Carpinteiros e, em 21 de fevereiro, o Sindicato dos Trabalhadores em Couro e seus Artefatos. É interessante salientar, que, dentre os seus fundadores, estavam nomes de trabalhadores que se destacariam mais tarde no sindicalismo da cidade: Rodolpho Reinaldo Terra, Clemente Alialdos, Augusto Edmundo Lichter e Júlio Mohr.³⁵⁰

É importante informar que na ótica do jornal *O 5 de Abril*, as relações de trabalho em Novo Hamburgo nos anos 1930 davam-se na mais perfeita ordem e harmonia. Em nenhum momento foi noticiado algum problema relacionado à indústria ou aos industriais locais. Ao contrário, o progresso e a pujança municipais sempre foram a tônica das notícias. Os trabalhadores, por sua vez, ou estavam ligados aos colonos alemães e eram, portanto, os responsáveis pelo “trabalho bem feito”, ou eram os coitados que precisavam da tutela do patrão para serem “pessoas mais felizes”.

³⁵⁰ Segundo SAUL, Marco V.A. *Classe Operária e Sindicalismo no Rio Grande do Sul* (Novo Hamburgo: 1945-1964). Santo Ângelo: FUNDAMES, 1988, p.28.

Esse silenciamento sobre um movimento operário mais combativo é bastante significativo se levarmos em consideração quem eram as pessoas formadoras da opinião pública da cidade, ou qual era a linha editorial do jornal *O 5 de Abril*, porta-voz dos empresários de Novo Hamburgo.

Eni Orlandi diz que “todo poder se acompanha de um silêncio”, que ela chama de “política do silêncio”. A autora subdivide essa política em duas formas: o “silêncio constitutivo”, ou seja, “a parte do sentido que necessariamente se sacrifica, se apaga, ao se dizer”, pois toda a fala silencia necessariamente e o “silêncio local”, aquele que “é produzido ao se proibir alguns sentidos de circularem.”³⁵¹

Acreditamos que esse silenciamento sobre as questões dos operários faz parte de um *silêncio local*, ou seja, o jornal não dá voz aos trabalhadores, eles não falam, eles “são falados”, mas esse silêncio é significativo, pois, segundo Orlandi, nele há um sentido. Os empresários representados pelo jornal, não tinham interesse em dar voz aos trabalhadores, pois essas vozes poderiam destoar do discurso hegemônico da harmonia entre patrões e empregados.

Uma das poucas notícias que encontramos no jornal foi sobre um festival operário organizado no mês de fevereiro de 1933 no cinema Guarany, em Novo Hamburgo, em função da criação dos dois sindicatos. Na programação do evento

³⁵¹ ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista* – Discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990. p. 49,50.

constava a projeção de um filme e, logo depois, discursos de alguns líderes sindicais sobre a “causa do operariado nacional”.³⁵²

O jornal que noticia tal evento faz uma crítica muito significativa a respeito da fala de um dos oradores que, segundo ele, diminuiu o brilho com que vinham decorrendo os trabalhos, pois se utilizou de uma linguagem “pouco cortez” e atacou os patrões de uma forma a que a cidade não estava acostumada.

[...] Simpatizando com a causa do nosso operariado, não aprovamos, todavia, a maneira violenta com que querem fazer valer os seus direitos.

[...] o último orador [...] visava rebelar o operariado contra os seus patrões.

Ora, haverá motivos para tanto? Só mesmo espíritos mal formados poderão admitir isso.

Não está ainda esquecida a violenta crise, por que todas as indústrias passaram e que ainda hoje se faz sentir, se bem que já em marcha bem acentuada para a melhora. Não compreenderão os operários que durante esta época toda deram mais prejuízos do que lucros aos seus patrões? Muitas casas trabalhavam para não deixar os seus operários sem ganhos, ou a viver da “brisa”. Os balanços bem o demonstram.³⁵³

O artigo afirma que os patrões fizeram sacrifícios financeiros para cumprirem com as suas obrigações e que, naquele momento, eram os operários que deveriam colaborar. Continua dizendo:

Veio a lei em favor do operariado, e querem agora os favorecidos a “revanche” do que lhes foi beneficiado em tempos que ainda não vão longe...A lei está aí e será cumprida, por que, então, o sr. Castilhos procura rebelar o operariado? [...]

Que quer o sr. Castilhos? Implantar o comunismo? Suas palavras pareciam mais uma propaganda comunista do que uma defesa da causa operária. [...]

Não vemos futuro muito risonho para o operariado, com representantes deste gênero, e seria pena, pois, aqueles braços que trabalham e dos quais tanto o Brasil precisa e espera, merecem uma proteção. São homens como todos os demais.

³⁵² Jornal *O 5 de Abril*, 10/02/1933

³⁵³ *Ibidem*

Mas se seguirem as insinuações do último orador que ouviram terça-feira última, não serão dignos de compaixão e benefícios, porque acabarão deixando de ser Brasileiros, cerrando fileiras ao lado do comunismo.³⁵⁴

Este artigo deixa explícita a política sindical varguista vigente nesse período, pois a lei de sindicalização de 1931 redirecionou a função dos sindicatos, que passaram a ser órgãos consultivos e de colaboração com o poder público, ou seja, as associações operárias passaram para a órbita do Estado, e qualquer sindicato combativo que propagasse ideologias políticas diferentes daquelas apoiadas pelo governo teria seu funcionamento proibido.

Segundo Elizabeth Pedroso, essa lei definiu a estrutura sindical baseada na unicidade e verticalidade, submeteu os sindicatos ao estatuto padrão elaborado pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, que determinava as relações e ações sindicais, proibiu atividades políticas, greves, filiação a entidades internacionais e a sindicalização dos funcionários públicos; limitou a participação de operários estrangeiros na liderança dos sindicatos; passou a fiscalizar recursos financeiros, o processo eleitoral e as assembleias, e assegurou o direito de o governo intervir nos sindicatos.³⁵⁵

A indignação mostrada pelo jornal ao líder de um grupo de trabalhadores que visava “rebelar o operariado” e “implantar o comunismo”, deixa explícito a que tipo de política sindical o operariado da cidade deveria se filiar.

³⁵⁴ Ibidem

³⁵⁵ Segundo PEDROSO, Elizabet M.K. *Movimento Sindical Urbano no Brasil*. Porto Alegre: Evangraf, 1998.

É claro que grande número de trabalhadores não se submeteu a essas interferências, mas todos tiveram que arcar com as conseqüências da insubordinação.

Nas palavras de Ângela de Castro Gomes,

O período que vai de 1931 a 1933 foi de franca disputa física e ideológica pela liderança do movimento operário organizado, caracterizando-se pela existência paralela de um sindicalismo oficial e de um sindicalismo independente, não importando aí qual o tipo de corrente de esquerda o dominava.³⁵⁶

Essa disputa entre o sindicalismo oficial, que era contrário a qualquer forma mais combativa de atuação e que acreditava que o operariado deveria esperar as leis recém-criadas serem postas em prática, sem contestar, aparecia na cidade de Novo Hamburgo, como fica exemplificado no artigo de jornal citado.

Vemos, também, um líder sindical com formação acadêmica, criticando essa mesma política trabalhista. A crítica não fica clara, pois o jornal negou-se a reproduzir o discurso, mas podemos pensar que foram colocados os problemas por que estavam passando os trabalhadores da cidade ou as leis que ainda não haviam saído do papel, por exemplo. O “sr. Castilhos” (líder sindical) foi considerado um incitador, um “comunista” que queria rebelar os operários contra os patrões, que eram pessoas que deveriam ser reconhecidas por terem sofrido com crises econômicas recentes e mantido suas obrigações para com seus funcionários, mesmo tendo prejuízos.

³⁵⁶ GOMES, op.cit.p.177

Ainda segundo palavras do jornal, o mesmo orador teve a “petulância” de falar mal dos industriais estrangeiros, provavelmente alemães, o que era considerado uma crítica grave, já que o trabalhador alemão, como já foi colocado, era o modelo de trabalhador. Falou mal, ainda, do representante do Ministério do Trabalho, o que foi considerado uma ofensa sem igual.

O artigo termina de certa forma ameaçando os trabalhadores que se deixam liderar por esse tipo de sindicalista, afirmando que não terão um “futuro risonho” e não serão dignos de “compaixão e benefícios”.

Essa idéia da compaixão mais uma vez mostra o olhar das classes dirigentes sobre a legislação trabalhista: era um favor do governo e dos empresários para os trabalhadores, não um direito conquistado por eles.

Em outro momento, o jornal local fala sobre a “união dos trabalhadores e suas verdadeiras finalidades políticas”, onde é condenada a questão da interferência política no sindicato.

[...] Constitui um erro grave, gravíssimo e, aliás, condenável, injetar-se no espírito, ainda em formatura das massas proletárias a ideologia política desta ou daquela facção partidária. Qual a melhor? Qual a verdadeira? Qual a política que mais convém ao homem das mãos calosas? [...]. Procuramos cumprir fiel e precisamente, à sombra da Bandeira Proletária que neste campo de ação empunhamos, sem deslize e sem vacilações o espírito da Lei. As massas proletárias do Rio Grande do Sul, não necessitam, até este instante de outra ideologia política, a não ser sua própria, calcada da própria Lei, consubstanciada na mais sã e mais perfeita equidade econômica social. Desviá-las deste ponto, ao que nos parece digno dos melhores aplausos, é desrespeitar a sábia e justa Legislação Social Brasileira.³⁵⁷

³⁵⁷ Jornal *O 5 de Abril*, 17/02/1933

O cumprimento da lei era o argumento utilizado para evitar que houvesse a cooptação dos operários a “ideologias políticas” e “facções partidárias”. A disciplina era considerada fundamental para as organizações sociais e ela só seria alcançada através do cumprimento das leis.

Os oportunistas políticos, pescadores de águas turvas, fantasiados de proletários, procuram por todos os meios ao seu alcance, lançar grande parte da massa, ainda inconsciente, neste labirinto sem ideal e sem vida, porém, com o despertar da consciência verdadeiramente social, eles tombarão fulminados e ficarão aonde sempre estiveram...

[...] Amparados na Lei protetora das organizações sociais, havemos de marchar para o futuro, congregando o homem trabalhador e disciplinando-o, para a grandeza das pátrias e felicidade geral dos povos. Se errarmos, erramos dentro da lei e se acertamos, cumprimos com os nossos deveres.

E nesta marcha diária, que conscientemente encetamos, seguiremos para a frente, sem política aristocrática e sem mentiras convencionais, socializando e civilizando, ouvindo e harmonizando capital e trabalho, pelo progresso, pela justiça, pela verdade e pela razão. (Reynésio Barbosa, Representante geral da União de Trabalhadores em Construção Civil de Porto Alegre)³⁵⁸

A pretensa harmonia entre capital e trabalho fica mais uma vez clara nessa passagem que mostra, também, que o trabalhador deveria ser disciplinado, protegido e guiado pela razão, nunca por paixões ideológicas.

As questões trabalhistas durante a era Vargas sempre foram amplamente discutidas e muito importantes para os empresários de Novo Hamburgo, pois elas iriam definir, na lei, os direitos e os deveres dos trabalhadores.

Em outubro de 1932, o jornal *O 5 de Abril* transcreve um artigo da *Revista do Commercio e Industria do Rio Grande do Sul* de 1918 que trata das relações entre patrão e empregado. Diz o artigo que entre o capital e o trabalho há um

³⁵⁸ Ibidem

profundo antagonismo e que entre os “detentores do capital” e os “detentores do trabalho” existe uma disputa porque ambos querem tirar o maior proveito da produção. Segundo ele,

[...] durante séculos e por motivos eminentemente complicados, dentre os quais se destaca a desigualdade jurídica e política das duas espécies em conflito, os patrões levaram a melhor; sobrepunham-se simplesmente aos operários [...] Tinham por si o dinheiro, a nobreza, as leis e os governos. À medida, porém, que foram ruindo os privilégios á medida que a instrução penetrava nas camadas inferiores da sociedade, começou a produzir-se um movimento nivelador: o pedestal dos patrões foi se esboroando ao contacto das idéias novas, a instrução e a educação técnica elevaram gradualmente o operário. A luta está neste pé. Na impossibilidade de agirem isoladamente, os operários se congregaram, organizaram a resistência às imposições dos patrões, estes á sua vez se preparam para resistir. [...]³⁵⁹

O artigo segue analisando a Constituição vigente na época (1891), asseverando que ela impossibilitava qualquer regulamentação do trabalho, pois garantia o livre exercício das profissões e, conseqüentemente, o Congresso não tinha competência para regulamentar esse exercício. O dispositivo que garantia a igualdade de todos perante a lei era outro empecilho a uma regulamentação, pois já estava garantindo os direitos de todos. O artigo é concluído dessa forma:

[...] Decretado ou estabelecido tal código podem se nos oferecer três hipóteses:
1º. Os dispositivos dele garantem os operários contra os patrões – privilegiando-os, pois, contra aqueles;
2º. Ou aparelham melhor os patrões contra os operários – privilégio dos primeiros contra os segundos;
3º. Ou seria absurdo imaginá-lo - deixariam as cousas no mesmo pé em que estão, nada adiantando nem a uns nem a outros.
Esta última hipótese fica desde logo fora de discussão; mas a realização de qualquer das primeiras representaria a criação de um privilegio em favor de um grupo de habitantes, fossem estes quais fossem e isto é, precisamente, o aspecto inconstitucional do assunto, é o que repugna ao texto ora transcrito.³⁶⁰

³⁵⁹ *Jornal O 5 de Abril*, 28/10/1932

³⁶⁰ *Ibidem*

É importante observarmos como essas questões trabalhistas já vinham sendo discutidas há mais de dez anos, e como os argumentos utilizados em 1918 ainda eram considerados válidos para os anos 1930, como demonstra a transcrição do artigo pelo jornal.

Como afirmamos, o jornal *O 5 de Abril* era veículo de informação dos empresários locais e, como tal, representava e explicitava seus interesses. Ou seja, a discussão a respeito de um código do trabalho era, no mínimo, “inconstitucional”, para não falar da “luta de classes” incutida nele.

Em 1934, quando da visita do Ministro do Trabalho, Salgado Filho, à cidade, os empresários locais reuniram-se na sede do Sindicato dos Industriais do Couro e, em discurso proferido pelo secretário do sindicato, Ervino João Schmidt, pediram ao ministro maior empenho do governo no setor, em função da crise de superprodução pela qual estava passando e da facilidade de importação de máquinas, o que aumentava seus problemas. O orador salientou ao ministro o compromisso das classes patronais com a legislação social do governo:

[...] Pode v.ex. ter a certeza de que a nossa classe patronal reconhece a humanidade e a justiça de nossas leis sociais, mesmo porque elas emanam dos próprios preceitos divinos e por que são necessárias. Por isso, embora as responsabilidades delas decorrentes para as classes patronais sejam pesadíssimas e onerem excessivamente na época atual, em que nossos estabelecimentos lutam tenazmente para a sua própria estabilidade e sua própria subsistência, as nossas leis sociais terão inteiro cumprimento de nossa parte, para a satisfação dos que conosco e por nós mourejam em seu labor quotidiano e para a tranqüilidade de nós próprios.³⁶¹

³⁶¹ Jornal *O 5 de Abril*, 09/03/1934

Os empresários, portanto, sugeriam uma espécie de troca: de um lado o governo limitava as importações de máquinas que estavam prejudicando os negócios locais e, de outro, eles comprometiam-se a praticar a leis trabalhistas. Mesmo porque, segundo eles, essas leis emanavam dos “preceitos divinos”, provavelmente eles referiam-se à justiça, à igualdade e a melhores condições de vida.

O ministro Salgado Filho, em seu discurso, também reforça a questão das relações de trabalho, salientando que a revolução que colocou Vargas no poder tinha como uma das finalidades a conquista da igualdade de direitos de todas as classes, pois só assim haveria ordem e tranqüilidade no país.

[...] Daí, surgiu a legislação de que o Governo Provisório, espontaneamente, sem exigências de qualquer natureza, dotou o país, não só com o objetivo de amparar a classe operária mas, também, de manter a tranqüilidade no país, pois está convencido de que só na existência de direitos e obrigações recíprocas pode ser assegurada a ordem de que todos nós almejamos. [...] porque inexistindo leis, inexistindo garantias em favor do trabalhador, este só tinha um meio hábil para a reivindicação dos seus interesses, e que era a violência, violência essa perturbadora da paz, da ordem e da tranqüilidade. [...] ³⁶²

Mais uma vez, as manifestações operárias em favor de seus direitos são confundidas com ações violentas e perturbadoras da ordem e da paz. O discurso do ministro mostra o controle que o governo passou a ter do movimento sindical, principalmente com a lei de sindicalização de 1931.

Se analisássemos somente esse jornal, seríamos levados a concluir que os trabalhadores serviam apenas para comparecer às comemorações, e eram

³⁶² Ibidem

facilmente cooptados, já que em nenhum momento houve referências à classe trabalhadora como possuidora de identidade e interesses próprios. Essa idéia de harmonia nas relações de trabalho foi corroborada em outras instâncias, por exemplo, por Getulio Vargas quando de sua visita à cidade, por ocasião da exposição em sua homenagem quando disse ele em seu discurso:

Nota-se ordem por toda parte, o que denuncia a harmonia existente entre patrões e operários.

O que venho de verificar, se não a união completa, pelo menos um entendimento recíproco, e a prova da tolerância dos industrialistas para com os operários.

E que aqueles bem compreendem a sua posição de patrões, tanto é assim, que os operários deles não se queixam. Aqui, pois, não existe a chamada questão social, e disso é prova exuberante a inexistência de greves. Bem se pode dizer que o proletariado está aqui integrado na sociedade, como elemento de ordem e progresso.³⁶³

Há evidências de que as palavras de Vargas antecipam de forma clara as idéias que seriam implantadas por seu governo nos próximos 15 anos. Esse trabalhador dócil, ordeiro, alegre, disciplinado que teria sido forjado pelo varguismo ficou no imaginário político e popular durante muitos anos.

A ideologia varguista enfatizava a busca da harmonia social e a eliminação dos conflitos entre as classes. O seu objetivo consistia na construção de uma sociedade fraterna, via Estado, devendo este atuar como defensor das classes trabalhadoras. Com base nessas idéias de harmonia e fraternidade, criou-se a imagem do trabalhador feliz, através da qual se tenta constituir uma imagem da sociedade coesa e unida em torno do líder.

³⁶³ VARGAS, apud PETRY, op.cit.p.108

A idéia do povo ordeiro e trabalhador foi corroborada, também, por Leopoldo Petry:

O fato encerra [discurso de Vargas], demais, um sintoma excelente para a situação atual do Rio Grande. Ele é um complemento lógico das aspirações, do espírito construtor, de ordem, progressista do povo rio-grandense. Nesta altura da campanha liberal em que estamos empenhados, aquela solenidade tem uma significação toda especial, ali estava o Rio Grande do Sul que trabalha, que produz, revelando como se desdobra a fortuna particular, base de fortuna pública, digno das atenções de toda a Nação, que tem no nosso Estado um dos melhores esteios da sua força e da sua economia.³⁶⁴

A idéia de que o trabalhador local era um trabalhador satisfeito, era uma constante nos escritos da época. As condições de vida do operário de Novo Hamburgo eram consideradas satisfatórias, pois em nenhum momento foi divulgada alguma reivindicação ou insatisfação com relação a ela.

Uma matéria publicada no jornal *O 5 de Abril*, em 1930, chama-nos a atenção a sua mensagem implícita. O jornal transcreve um artigo escrito em Berlim, por um alemão que contava como vivia um operário na Alemanha. O artigo procurava comprovar, por meio de dados estatísticos, que o operário alemão vivia muito mal, levava uma “vida duríssima, reduzida exclusivamente à luta pela existência”, ou seja, se até um operário de um país industrializado e rico vivia mal e assombrado pelo desemprego, por que o operário brasileiro deveria reclamar?

Essas idéias de Vargas, apoiadas por Leopoldo Petry, já eram difundidas desde o início dos anos 1930 na sua propaganda eleitoral, quando candidato à

³⁶⁴ PETRY, op.cit. p.108

presidência da República pela Aliança Liberal. Sua plataforma foi amplamente divulgada pelo jornal local que, ao longo de sete edições, procurou esmiuçá-la.

Com relação, especificamente, à questão social, a Aliança Liberal explicitava sua posição da seguinte forma:

[...] se o nosso protecionismo favorece os industriais em proveito da fortuna privada, corre-nos, também, o dever de acudir ao proletário, com medidas que lhe assegurem relativo conforto e estabilidade e o amparem nas doenças como na velhice. [...] A atividade das mulheres e dos menores, nas fábricas e estabelecimentos comerciais está em todas as nações cultas subordinada a condições especiais, que, entre nós até agora, infelizmente, se desconhecem.[...] ³⁶⁵

Embora houvesse todo um discurso oficial que se referia à relação harmônica entre patrão e empregado, isso nem sempre correspondeu à realidade, pois as greves existiram na cidade como uma forma de protesto, embora muito pouco se tenha documentado sobre isso.

A primeira greve ocorrida em Novo Hamburgo aconteceu na primeira empresa aqui criada: a de Pedro Adams Filho. Entretanto, a manifestação iniciada em 4 de abril de 1930, embora legítima, foi tratada como um “caso de polícia”, conforme prática da época. ³⁶⁶

Essa greve teria sido motivada pelo desconto de 10% nos salários proposto pela empresa de Adams por conta da crise econômica pela qual estava passando a economia nacional.

³⁶⁵ Jornal *O 5 de Abril*, 17/01/1930

³⁶⁶ SAUL, Marco V.A. *Classe Operária e Sindicalismo no Rio Grande do Sul* (Novo Hamburgo: 1945-1964). Santo Ângelo: FUNDAMES, 1988.p.27.

Assim que foi deflagrada a greve, o Departamento de Polícia de Porto Alegre foi avisado e enviou para Novo Hamburgo um contingente da Brigada Militar, comandado pelo delegado especial Dario Barbosa para controlar a situação, e o movimento acabou quatro dias depois sem maiores problemas.

A presença de força militar numa vila que em quase sua totalidade é constituída de operários, se torna estranhável, porquanto até hoje não se registrou ali caso algum de violência coletiva [...]

Nas outras fábricas, que continuam a pagar seus operários sem abatimento, não se registrou tentativa de greve, prosseguindo ali o trabalho normalmente [...]

O pequeno município de Novo Hamburgo, que é exclusivamente industrial, sofre mais que qualquer outro a crise econômica porque passa todo o estado, havendo fabricas que só trabalham três vezes por semana, e havendo as que só não deixam de funcionar para não ficarem sem seus operários, já tendo uma grande parte abandonado o município em busca de afazeres em outros pontos [...]

O Sr. Pedro Adams Filho é um dos chefes políticos situacionistas de Novo Hamburgo, parecendo que a requisição de força militar partiu do intendente do Município.³⁶⁷

Por essa notícia, constatamos que o desconto salarial foi uma atitude isolada da empresa de Adams, porque, embora a crise seja generalizada, outros empresários resolveram de outra maneira o problema.

Essa greve é importante para compreendermos que, se de um lado havia uma relação harmoniosa entre o empresário Pedro Adams Filho e seus operários como aponta o *5 de Abril*, de outro, havia insatisfeitos que não se deixavam cooptar por ele.

Se houve uma greve é, muito provavelmente, porque algo não estava bem e poderia, segundo os grevistas, ter sido modificado. A falta de documentação sobre esse importante fato dificulta uma análise mais apurada do acontecimento,

³⁶⁷ Jornal *Correio do Povo*, 08/04/1930

mas nos dá pistas sobre as discrepâncias existentes entre o discurso oficial e os fatos acontecidos. O jornal local, *O 5 de Abril*, publicou apenas uma pequena nota falando da greve e dizendo que ela havia durado, praticamente, um dia, e tinha sido desnecessária a interferência da Brigada Militar da capital.³⁶⁸

A atitude tomada pela empresa de Adams em relação à greve ocorrida não contrasta com a política adotada pelo Estado, que previa o uso da força pública sempre que a ordem fosse ameaçada.

Sérgio Schneider³⁶⁹ analisa a formação do mercado de trabalho do setor calçadista, e afirma que, antes de a indústria estruturar-se de modo assalariado, as relações entre empresários e trabalhadores eram fortemente perpassadas pelo parentesco e pela origem étnica germânica em comum. Segundo o autor, a origem artesanal de muitas fábricas teve um papel importante nessa relação, já que empregavam muitos parentes próximos e as relações de solidariedade e reciprocidade que se formavam eram muito fortes.

Imagens de relações de solidariedade e de reciprocidade entre empresários e funcionários eram produzidas por Adams nas quais ele aparecia na condição de amigo e protetor. A foto a seguir, mostra o empresário em um evento recreativo oferecido aos seus empregados.

³⁶⁸ Jornal *O 5 de Abril*, 11/04/1930

³⁶⁹ SCHNEIDER, op.cit. p.38



Figura 61 - "Pin-Nic" oferecido por Pedro Adams Filho aos seus funcionários (década de 30) (AFA)

Corroborando essa idéia, seu amigo Leopoldo Petry, por ocasião de sua morte, fez o seguinte discurso laudatório, que era representativo da imagem que as pessoas tinham de Adams :

[...] Grande era o interesse que tomava pela sorte de seus operários – sem falar nos auxílios que particularmente ele e sua virtuosa consorte dispensavam às famílias necessitadas, procurava sempre melhorar a vida daqueles que considerava seus auxiliares no trabalho e mais de uma vez queixava-se a mim, de não existirem instituições beneficentes, onde o empregado fosse atendido, guiado, auxiliado e instruído convenientemente. [...] ³⁷⁰

³⁷⁰ Jornal *O 5 de Abril*, 13/09/1935

De fato, as relações de trabalho eram muito mais complexas do que deixa transparecer a historiografia local, e a greve em uma empresa de Pedro Adams Filho é um indício disso.

Lembramos que, se de um lado Adams estava inserido em um contexto histórico que provocou e justificou a decisão por ele tomada em relação à greve dos funcionários, de outro, acreditamos que os indivíduos não possuem uma vida coerente e orientada para um determinado fim único e objetivo, mas uma vida multifacetada, muitas vezes sem unidade e coerência, fato que revela as contradições que pautavam a vida do empresário.³⁷¹

O atendimento às necessidades dos trabalhadores, longe de um dever, era visto como um gesto de extrema bondade, da mesma forma que as ações das entidades beneficentes, que muitas vezes serviam mais para aliviar a consciência dos empregadores do que prestar um serviço aos trabalhadores.

O trabalhador era considerado pelo jornal como pertencente a uma categoria que necessitava do apoio do patrão e era tratado quase como uma criança desamparada, como mostra um título de uma nota sobre a reclamação

³⁷¹ *Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. [...] o advento do romance moderno está ligado precisamente a esta descoberta: o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório.* BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janáina. Usos e abusos da história oral. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.185

dos preços das pensões utilizados pelos operários na cidade: “Lamentações fundamentais de um pobre operário”³⁷²

O grande envolvimento de Adams em relação a seus empregados pode ser exemplificado com a criação de uma vila operária para os trabalhadores de sua empresa em que, num primeiro momento, o funcionário alugava a casa, para adquiri-la mais tarde quando tivesse condições financeiras para isso.³⁷³

A vila foi construída próxima ao centro da cidade. O fato era visto com simpatia pelos operários, pois um dos problemas sociais mais graves era a falta de moradia. Para o empresário, deveria ser uma maneira muito cômoda de manter seus empregados sob controle.³⁷⁴

O fato de a mão-de-obra especializada ser escassa era um fator determinante para que o empresário criasse essas moradias e garantisse a manutenção da força de trabalho. A criação da vila operária assegurava a fixação e o controle desse trabalhador, o que, em contrapartida, gerava sua permanência na empresa, garantindo assim a qualidade de produção.³⁷⁵

Essas vilas eram comuns no Brasil desde o início do século XX, e constituíam uma forma de higienizar e disciplinar a sociedade. Segundo Margareth

³⁷² Jornal *O 5 de Abril*, 30/01/1931

³⁷³ Segundo depoimento de Pedro Adams Neto concedido em abril de 2006.

³⁷⁴ *Ibidem*

³⁷⁵ HERÉDIA, Vania B.M. A Construção de Vilas Operárias no Sul do Brasil: O Caso de Galópolis. *Scripta Nova*, Barcelona, v.VII, n.146(080), ago. 2003. p.3

Rago, “[...] muito mais que uma maneira de morar, as vilas representam a vontade de impor sutilmente um estilo de vida.”³⁷⁶

Mesmo que Adams não tenha exercido um controle tão intenso como se observou nas vilas instaladas nas capitais (São Paulo e Porto Alegre, por exemplo), ele, certamente, viabilizou nessas vilas condições de melhorar o rendimento de seus funcionários o que, em última instância, trar-lhe-ia benefícios diretos.

Por fim, com base nas fontes utilizadas e considerando que a cidade já vinha se industrializando desde o final do século XIX e, nesse período (início século XX), as idéias socialistas e anarquistas vinham penetrando no país, acreditamos que o movimento operário local, além de pouco combativo, foi muito silenciado. É importante lembrar que em nível estadual, esse movimento já vinha se dando de forma mais ágil, com a organização de ligas, associações, sindicatos e greves. Em 1906, eclodiu a primeira greve geral de trabalhadores em Porto Alegre, e, durante os anos da guerra, várias greves aconteceram no Estado. Houve até uma paralisação geral em 1917, organizada, também, pelos socialistas e anarquistas.³⁷⁷

Não podemos esquecer que a ideologia positivista adotada pelo governo local tinha uma posição clara em relação a essas questões reivindicatórias, pois

³⁷⁶ RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar* – A utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930). 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987. p. 177

³⁷⁷ Essas questões são tratadas por SCHMIDT, Benito B. & PETERSEN, Sílvia R.F. O movimento operário no Rio Grande do Sul: militantes, instituições e lutas (das origens a 1920). In: GRIJÓ, Luiz Alberto et al. *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

achava que o governo só deveria interferir quando patrões e empregados não entrassem em consenso ou quando a ordem estava ameaçada.

O positivismo estadual estava comprometido com o desenvolvimento do capitalismo e, segundo Bakos, na sua “versão castilhistas” depois seguida por Borges de Medeiros, apresentava um projeto de certa forma progressista, se comparado ao reacionarismo europeu. A autora diz, ainda, que

A ideologia, tipicamente burguesa, continha em si os ingredientes necessários para seduzir desde uma fração de pecuaristas gaúchos, descontentes com a política econômica nacional, até os novos grupos emergentes (comerciantes, industriais e financistas), detentores de capital, setores médios urbanos e com o colonato.³⁷⁸

Os operários em Novo Hamburgo demoraram a organizar-se, segundo Saul. Os sindicatos estavam atrelados a uma estrutura paternalista caracterizada pela idéia da harmonia entre capital e trabalho. A ordem legal não deixava espaço para contestações, tanto que no período que compreende esta pesquisa, os movimentos reivindicatórios praticamente não ocorreram, ou, pelo menos, não foram registrados pela historiografia, pois apenas a greve da empresa de Adams aparece nos jornais.³⁷⁹

Um motivo que pode ter contribuído para a formação de uma aparente harmonia nas relações de trabalho foi a origem rural de muitos trabalhadores, que viam no trabalho assalariado da cidade a grande oportunidade de suas vidas.³⁸⁰

³⁷⁸ BAKOS, op. cit. p. 38

³⁷⁹ SAUL, op. cit. p. 105-107

³⁸⁰ Ibidem, p.89-91

Apoiados nos jornais utilizados para esta pesquisa e no trabalho de Saul, acreditamos que a idéia de que o operário, com seu esforço e labor, conseguiria tornar-se patrão foi difundida pelos discursos das lideranças empresariais e sindicais da cidade. Para isso, a criação do mito da ascensão social foi fundamental para conciliar os interesses de dois grupos sociais tão distintos. Esse mito estava apoiado também na herança migratória e na cultura do trabalho muito difundida em comunidades coloniais como Novo Hamburgo em que, com o trabalho, o indivíduo vai progredindo em sua vida.

2.5 – Energia para a cidade e empresa

A energia utilizada pelos curtumes era a térmica, mas ela não se mostrou suficiente para atender a toda a demanda das empresas que foram se criando na cidade de Novo Hamburgo, logo, um de seus problemas mais graves e que trazia maiores conseqüências à indústria era o fornecimento de energia elétrica.

Pedro Adams Filho, como um dos maiores industriais da região, tinha na questão do abastecimento de energia o ponto básico para o desenvolvimento de seus negócios, daí sua preocupação e seu envolvimento com a criação de uma empresa geradora de energia elétrica para a cidade.³⁸¹

Segundo Carneiro, a primeira preocupação de uma indústria quando se estabelecia em alguma cidade era com o tipo de energia que iria utilizar, pois a

³⁸¹ PETRY, op. cit. p.93

energia elétrica gerada pela própria fábrica representava maiores gastos para ela, mesmo que seus custos operacionais fossem menores. Já a energia térmica tinha um custo de instalação menor, mas seus custos operacionais eram maiores.³⁸²

A falta de energia e a irregularidade no seu fornecimento eram constantes na cidade desde a época em que ela era ainda um distrito de São Leopoldo.³⁸³

São Leopoldo foi a primeira cidade do Estado a instalar uma usina elétrica pública na Picada 48, em Ivoti. Essa usina tinha a potência de 200 HP e foi construída em 1912. Funcionou durante quinze anos de forma ininterrupta, o que ocasionou o desgaste de suas máquinas e instalações, além do mau estado das linhas de distribuição que faziam parar seguidamente as indústrias a ela ligadas.³⁸⁴

Essa usina foi a responsável pelo abastecimento de energia nas cidades de Novo Hamburgo, ainda não emancipada, e São Leopoldo, tanto dos pequenos estabelecimentos artesanais quanto das indústrias de maior porte.³⁸⁵

Em 1923, iniciou-se um movimento liderado por industriais de Novo Hamburgo e São Leopoldo pela solução do problema da falta de energia, já que essa situação obrigaria inúmeros empresários a investirem altas somas em geradores a motor para evitar que suas empresas parassem. Essa usina foi

³⁸² CARNEIRO, op.cit. p.77

³⁸³ PETRY, op. cit. p.93

³⁸⁴ Ibidem, p.92

³⁸⁵ AXT, Gunther. A indústria de energia elétrica em São Leopoldo (1913-1946). *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, Unisinos, vol.2, no.2, 1998.

construída em 1927, depois de enfrentar uma série de problemas, principalmente de ordem econômica.³⁸⁶

Pedro Adams Filho, diante dessa situação problemática e que trazia dificuldades para sua empresa e para outras da cidade, decidiu instalar outro motor de 200 HP em sua empresa em Novo Hamburgo, cedendo a energia que não precisava a outros consumidores, o que solucionou, temporariamente, o problema do fornecimento ineficiente. Entretanto, mesmo assim, esse serviço não foi satisfatório e as reclamações não cessaram.³⁸⁷

Com a emancipação política da cidade em 1927, o dever de assegurar o fornecimento de energia passou a ser da competência do município que, inicialmente, fez contatos com São Leopoldo para tentar solucionar o problema.

A cidade vizinha tentou impor um preço que foi considerado alto demais (500 réis por quilowatt), mas acabou baixando para 350 réis, o que permitiu a assinatura de um contrato entre os intendentes. Entretanto, esse acordo não foi considerado satisfatório, e as discussões a respeito dele apareceram nos jornais das duas cidades em várias ocasiões.

Segundo *O 5 de Abril*,

³⁸⁶ René Gertz em sua obra *O Aviador e o Carroceiro – Política, Etnia e Religião no Rio Grande do Sul dos anos 20*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, faz uma análise bastante complexa dessa questão da energia utilizando, para isso, os jornais *Deutsche Post* que relatam todas as dificuldades pelas quais passaram três intendentes do município até a conclusão da usina. Os problemas de financiamento, o acordo com a cidade de Taquara para a construção, o medo do município não conseguir honrar com as dívidas contraídas dos empréstimos com o governo do Estado já que Novo Hamburgo estava em vias de se emancipar, são alguns dos problemas abordados.

³⁸⁷ PETRY, op. cit. p. 93,94

Já nos habituamos de certo tempo a esta parte com as continuas interrupções de nossa luz elétrica. Esse fato, como todos sabem, verifica-se significativamente sempre que neste município realiza-se qualquer festa. Isso, no entanto, não é para admirar. A direção desse serviço, todos disso têm conhecimento, está afeta à administração de São Leopoldo, por enquanto.³⁸⁸

Os próprios festejos de emancipação de Novo Hamburgo sofreram com esse problema, já que a praça principal da cidade teve que ser iluminada pelos faróis dos carros para que a festa pudesse continuar noite adentro.³⁸⁹

Como a questão da energia elétrica era fundamental para o desenvolvimento econômico da cidade, e o abastecimento estava deixando muito a desejar, em agosto deste mesmo ano, 1927, foi publicado um edital de concorrência pública para o fornecimento de luz e força elétrica ao município.

A importância dada à energia elétrica pelo poder público fica explicitada em um editorial do jornal *O 5 de Abril*, em que expõe seus benefícios à população. Diz o artigo que a eletricidade é uma das maiores descobertas do homem e, indubitavelmente, é a mola propulsora do desenvolvimento “vertiginoso” que se observava na época. Além disso, é a ela que devemos a “rapidíssima comunicação radiophonica que, a qualquer hora, nos põe em contato com os maiores e mais civilizados centros”. A energia elétrica, portanto, não estava apenas ligada ao progresso da indústria, mas às benesses e confortos que poderiam trazer ao trabalhador comum e às pequenas empresas:

[...] A distribuição de energia, sem dificuldades, pelo poder público, soube favorecer enormemente os pequenos industrialistas, pela sua fácil e

³⁸⁸ Jornal *O 5 de Abril*, 24/06/1927

³⁸⁹ *Ibidem*, 06/05/1927

pouco onerosa aquisição, tem ainda a vantagem de poder disseminar-se por todo o território de um município, concorrendo assim para o desenvolvimento de uma circunscrição inteira e proporcionando, ao mesmo tempo, ao homem, a felicidade de trabalhar em seu próprio lar, ao lado de sua família e, quando for possível, com o auxílio desta.

Aqui mesmo em Novo Hamburgo, muitos operários já trabalham em suas casas, em artefatos de couro e mesmo em calçados, para várias fábricas, com máquinas próprias movidas por aquela força.

Dessa maneira, pois, o homem não só trabalha mais a sua vontade, e com maior proveito, por estar ao lado de sua família, que, em muitos casos, o pôde substituir, como, também, auferir maiores lucros e aproveitar melhor o tempo.

Feliz o Estado ou Município que puder proporcionar a todos os seus habitantes meios de força motriz assim tão fáceis e econômicos. [...]³⁹⁰

O artigo termina dizendo que o município reconhece as múltiplas vantagens e melhorias decorrentes de uma boa fonte de energia elétrica e está se empenhando ao máximo para resolver o mais brevemente possível esse importante problema que, “sem dúvida nenhuma, envolve um dos principais interesses do laborioso povo novo-hamburguez!”

Uma questão que chamou nossa atenção foi uma matéria d'O 5 de Abril que afirma que, além de promover o desenvolvimento urbano, a energia elétrica influenciaria “a formação do nosso caráter, dos nossos costumes e da nossa mentalidade em geral.”³⁹¹

Uma cidade mais iluminada traria, teoricamente, mais segurança à população, as pessoas poderiam sair mais tranquilamente à noite, poderiam realizar tarefas domésticas e profissionais até mais tarde, por exemplo, mas o que poderia significar uma mudança de caráter? Ou de mentalidade? Provavelmente o exagero nessas colocações deve-se ao objetivo de mexer com o imaginário das

³⁹⁰ Jornal *O 5 de Abril*, 02/09/1927

³⁹¹ *Ibidem*, 09/09/1927

lideranças intelectuais da cidade, a ponto de acreditarem que o caráter de alguém poderia ser modificado com o acesso a mais tempo de iluminação artificial.

Segundo o mesmo jornal, a Intendência Municipal abriu as propostas para o fornecimento de energia, e foram apresentadas nove, duas assinadas por Rudolfo Motz e Júlio Aichinger, e sete delas pela empresa Pedro Adams Filho e Cia.

O jornal mostrava, de maneira explícita, que havia um interesse dos industriais nessa questão, pois o progresso de seus negócios dependia disso. Além disso, dizia que o cidadão poderia também participar da empresa de fornecimento de energia comprando ações.

[...] Efetivamente, o plano desses industrialistas, que se baseia no grande ideal pelo qual há muito nos vimos batendo – a união dos industrialistas de Novo Hamburgo – nos vem proporcionando nova oportunidade para formarmos um bloco industrial, que poderá ter uma influencia no nosso desenvolvimento econômico, que nem de longe, se pode, de momento, prever. Realmente é por demais conhecido o velho adágio “União faz a força” para que ainda percamos tempo em discutir esse assunto. O que ainda falta a alguns, é a boa vontade de envidar todos os esforços para se conseguir esse invejável Estado que tão grandes vantagens irá trazer-nos. Quanto á companhia a fundar-se, será ela em ações de 200\$ cada uma, de maneira que quase todo o morador pode tornar-se acionista, tendo assim oportunidade de participar dos lucros da nova empresa e, tendo lucro, naturalmente também se interessará pelo seu progresso e desenvolvimento. [...]³⁹²

Depois de vários pareceres técnicos favoráveis, Pedro Adams Filho venceu a concorrência firmando contrato em dezembro do mesmo ano. Formava-se, então, a *Energia Elétrica Hamburguêsa Ltda.*, que adquiriu a concessão da firma citada e comprou todas as instalações e acessórios ainda pertencentes à Intendência Municipal. A nova empresa comprometeu-se a colocar um motor de

³⁹² Jornal *O 5 de Abril*, 30/09/1927

“600 cavallos”, além de um de 200 que já existia, o que resolvia o problema naquele momento. A nova empresa comprometia-se a não alterar os preços da luz.

Segundo Gertz,³⁹³ os acontecimentos nos bastidores continuaram mesmo tendo o problema sido resolvido. Alguns meses depois de terminada a concorrência pública, pessoas ligadas a Motz e Aichinger, que haviam perdido a concorrência para Adams, iniciaram uma divulgação sobre o preço de fornecimento de energia que São Leopoldo poderia oferecer e que era inferior ao que cobrava a nova empresa de Adams.

Dessa forma, alguns industrialistas da oposição de Novo Hamburgo iniciaram conversações com João Corrêa para a assinatura de um contrato de abastecimento de energia para esses industriais e outras pessoas interessadas. Esse contrato acabou sendo assinado em dezembro de 1927.

Foi elaborado um contrato entre Corrêa, por um lado, e Guilherme Ludwig, Rodolfo Motz, Albino Momberger, Emílio Strassburger e D'Angello/Sperb e Cia., representado por Nicolau Angello, de outro, para quebrar o monopólio de Pedro Adams, que se teria instituído a partir de um edital de concorrência quase “despercebido”.³⁹⁴

Esse fato nos mostra, mais uma vez, que os sujeitos não são entidades dotadas de um único sentido, ou seja, não podemos buscar coerências na história de uma vida. Adams foi considerado por uma parcela da sociedade, um “salvador” em função de suas abnegação aos problemas de Novo Hamburgo, mas, por outro

³⁹³ GERTZ, op. cit. p.233

³⁹⁴ Ibidem, p. 233

lado, foi considerado pouco ético por aproveitar-se de uma dificuldade para assumir uma empresa que lhe traria vantagens econômicas óbvias.

Mesmo com todas essas discussões decorrentes das rivalidades e descontentamento de São Leopoldo com os rumos tomados pelo seu antigo distrito,³⁹⁵ durante alguns anos o fornecimento foi normalizado, pois as linhas distribuidoras existentes foram melhoradas e outras construídas, além da instalação de motores mais novos e com maior capacidade.

Entretanto, alguns setores da comunidade não concordaram com a concorrência pública e com o contrato firmado com a empresa de Pedro Adams Filho. Foi publicado um artigo no *Correio do Povo* criticando as negociações relacionadas à questão do fornecimento de energia e, segundo o jornal *O 5 de Abril*, houve uma “tenaz campanha difamatória” contra o contrato firmado cujo único objetivo era “criar dificuldades a organização da companhia”.

[...] Depois de tudo aprovado pelo conselho municipal o Intendente Major Leopoldo Petry, por um dever disciplinar e de justificado escrúpulo, submeteu o dito contrato à opinião das autoridades superiores do Estado, que julgaram-no perfeitamente de acordo com as formalidades legais. [...] Tal atitude (campanha difamatória), não produziu os desejados efeitos, pois, ao ser aberta ontem a lista de subscritores de cotas para a organização da companhia, atingiu esta, em poucas horas a importante cifra de seiscentos e vinte e dois contos, o que prova cabalmente que a propaganda contrária não encontrou guarida no seio da honrada e laboriosa classe comercial de Novo Hamburgo. [...] A firma concessionária tem o intuito de abdicar do privilégio que possui, afim de que, a Companhia de Luz e Força de Novo Hamburgo tome-se uma empresa pertencente à indústria e ao comércio locais, para que possamos ter energia e iluminação sob a fiscalização de todos, e ainda com a grande vantagem de ser nossa, inteiramente nossa.³⁹⁶

³⁹⁵ A direção do PRR de Novo Hamburgo foi queixar-se a Borges: “[...] contando com a estranha interferência do cel. João Corrêa, intendente de São Leopoldo, procura a oposição [...] a fim de que a intendência de São Leopoldo forneça energia elétrica por preço ínfimo” o que mostraria a “evidente má vontade da administração de São Leopoldo, que chaga a conluir-se com o adversário.” Ibidem, p.233

³⁹⁶ Jornal *O 5 de Abril*, 20/01/1928

Não foram divulgados os reais motivos da “campanha difamatória”, mas parece que havia grupos interessados que não conseguiram a concessão, daí suas críticas à concorrência dirigida pelas autoridades municipais. Não podemos esquecer, também, que Novo Hamburgo tinha conquistado sua emancipação há oito meses, o que causou descontentamento por parte de grupos do município de São Leopoldo.

Essa rixa entre as duas cidades está no bojo dos inícios do processo de emancipação de Novo Hamburgo, o qual vai perdurar por muitos anos, Não podemos afirmar as razões que levaram à campanha contra a concessão para Pedro Adams Filho. Para exemplificar o tom desse enfrentamento iniciado, temos a nota publicada pelo jornal *Deutsche Post*, de São Leopoldo:

Desde o início do mês a Companhia Energia Elétrica Hamburguesa assumiu o fornecimento de luz e energia. Mas, ó pena! Já no dia 7 faltou energia. Por quê? A um pedido de informação veio a resposta de que por causa do feriado católico a usina não trabalhava. A famosa ‘Manchester do Brasil’ encontrava-se, portanto, sem energia. Se a coisa começa desse jeito, pode ficar engraçada!³⁹⁷

O 5 de Abril responde de forma irônica: “São essas as palavras que o Deutsche Post emprega e que novamente vêm demonstrar o alto grau de simpatia para conosco que o anima. Continue assim que vai bem!”³⁹⁸

Diante desse estado de ânimo, em março de 1928 foi realizada uma assembléia dos cotistas para a constituição da *Sociedade Energia Electrica*

³⁹⁷ *Deutsche Post* apud, GERTZ op.cit. p.234

³⁹⁸ Jornal *O 5 de Abril*, 26/06/1928

Hamburgueza Ltda., em que compareceram 29 pessoas físicas ou jurídicas³⁹⁹ que representavam 83% do capital subscrito. Nessa assembléia foi eleito, por unanimidade, Pedro Adams Filho como diretor-gerente, José J. Martins como seu suplente e o conselho fiscal foi composto por João Wendelino Hennemann e Adams, Becker & Cia.



Figura 62 - Jornal *O 5 de Abril*, 16/03/28 (APVS)

³⁹⁹ Os cotistas eram os seguintes: Pedro Adams Filho, Pedro Adams Filho e Cia., Sociedade Terrestre e Agrícola Adams & Englert, José J. Martins, A. Jaeger & Cia., Oscar R. Jung, Nedel, Jung, Hermann & Cia., Emilio Leyser, João Lackman, Vva. Fr. Hammer e Fos., Adams, Becker & Cia., A. Hugo Lipp, Alonso Bernd, Manoel da Silva Quintas, Egon Leyser, Martin Pilger, Fridolino Hack, Pedro Alles & Cia., Breidenbach, Mosmann & Cia., Dr. René Ledoux, Oscar Lackmann, Hans Nauer & Cia., Erich Gaeversen, Eduardo Schall, João F. Schneider, Alberto Muller, Zeno Adams, Telmo José Alles e André Kilpp. Jornal *O 5 de Abril*, 16/03/1928

O jornal *O 5 de Abril*, em sua edição de 13 de abril de 1928, transcreve um artigo publicado no jornal *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, no qual há uma crítica às cláusulas de exclusividade na exploração dos serviços de bondes, energia e luz elétrica previstos para Novo Hamburgo. Segundo o *Diário de Notícias*, a exclusividade é um privilégio proporcionado ao concessionário que o protege de quaisquer problemas que possam surgir, e sinaliza no sentido das vantagens da livre concorrência. *O 5 de Abril* não se posiciona, apenas reproduz o artigo, mas se pode imaginar que considere importante não perder de vista essas questões, entretanto, não quer se expor manifestando uma opinião que possa ferir os interesses das lideranças políticas e econômicas da cidade.

Nessa mesma edição, publica um anúncio, reproduzido a seguir, assinado por Pedro Adams Filho, informando que todos os bens móveis e imóveis, máquinas e acessórios da usina elétrica pertencentes à empresa de Adams agora passariam para a *Sociedade Energia Elétrica Hamburgueza Ltda.*



Figura 63 - Jornal *O 5 de Abril*, 13/04/1928 (APVS)

Após oito meses da instalação da Sociedade, Adams publica outro anúncio onde torna público à população que a nova distribuidora de energia tem condições de atender a qualquer pedido de ligação de luz ou força. Ao mesmo tempo, demonstrando uma preocupação com o bem-estar da comunidade, afirma que a Sociedade seria muito grata se “cada assignante participasse por escripto ao Diretor desta Empreza, snr. Pedro Adams Filho, qualquer anormalidade que succeder na rede elétrica.”⁴⁰⁰

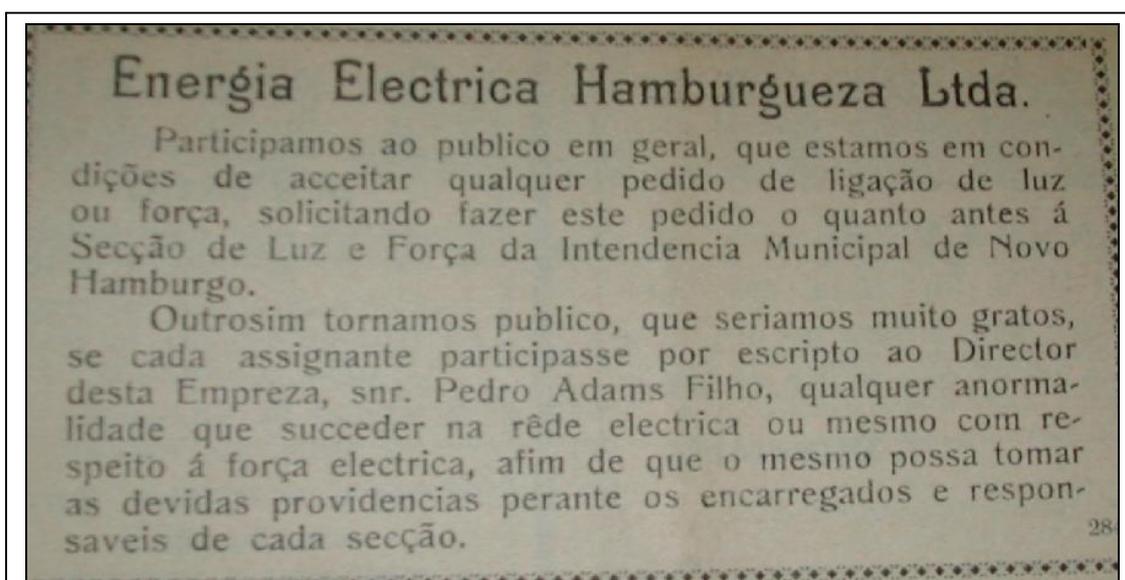


Figura 64 - Jomal *O 5 de Abril*, 30/11/1928 (APVS)

As indústrias locais tiveram um crescimento considerável, decorrente da melhora no abastecimento, o que acabou demandando mais energia. Isso obrigou a *Energia Elétrica Hamburguesa Ltda.* a adquirir a cascata do Herval, no rio Cadeia, para iniciar a construção de uma usina hidrelétrica com capacidade de

⁴⁰⁰ Jornal *O 5 de Abril*, 30/11/1928

2.000 HP, e que solucionaria por um bom tempo o problema das indústrias, das residências e da iluminação pública.⁴⁰¹

Um fato importante a salientar é que a energia em Novo Hamburgo era mais barata por ser proveniente de empresa nacional, enquanto a de Porto Alegre, de origem norte-americana, era mais cara. Em 1929, parte da iluminação pública de Novo Hamburgo era gratuita e o quilowatt por força era de quatrocentos réis, no máximo. Já em Porto Alegre, a iluminação pública era toda paga e o quilowatt não custava menos de mil réis.⁴⁰²

Já em 1928, o jornal *O 5 de Abril* sinalizava essa questão de preço dizendo que com as novas instalações da usina “teremos luz e força excelente, em abundancia e a mais barata do Estado.”⁴⁰³

Nesse mesmo ano, quando foi anunciada a implantação de uma usina elétrica com capital norte-americano em Montenegro, a imprensa criticou essa “invasão do capital americano que conquistava o apoio dos homens de consciência ofuscada” e ressaltava que em Novo Hamburgo “o dinheiro sai do bolso do contribuinte brasileiro e entra para o bolso do industrial brasileiro”⁴⁰⁴; ou seja, pagar imposto para uma empresa nacional era aceitável, mas para uma empresa estrangeira, não.

⁴⁰¹ PETRY, op. cit. p.94,95

⁴⁰² Jornal *O 5 de Abril*, 09/05/1930

⁴⁰³ Jornal *O 5 de Abril*, 26/10/1928

⁴⁰⁴ Jornal *O 5 de Abril*, 21/06/1929

O apoio dado à empresa local era explícito, ainda mais se tratando de um dos empresários mais envolvidos com as questões comunitárias e dos mais engajados politicamente.

Um dado importante a salientar é que Adams, além de ser presidente da companhia de energia, era um dos principais plantadores de eucalipto da cidade, juntamente com seus amigos Jacob Kroeff Neto e Guilherme Ludwig.

Segundo Petry, esse problema da falta de lenha era antigo, tendo sido inclusive alvo de um movimento reivindicatório pelas donas de casa que exigia uma atenção do poder público em relação a essa questão, pois a lenha era fornecida por cidades vizinhas e estava cada vez mais escassa.⁴⁰⁵

Como possibilidade de solucionar o problema e como uma boa oportunidade de negócio, Adams aponta para o cultivo de eucalipto, pois sabia que a cidade teria que comprar de alguém esse combustível para a companhia elétrica. Por que, então, ele não poderia fornecê-lo?

Embora o investimento em energia elétrica tenha sido uma das prioridades do município, essa questão continuaria sendo um problema para o crescimento da cidade por muito tempo ainda, porque depois de todo esse investimento em usina hidrelétrica, em 1933 o jornal local assim se refere à questão:

Efetivamente, não é das melhores a impressão que se tem, a noite, da iluminação nas ruas e pior da nossa pracinha. Já não queremos exigir que as lâmpadas nas ruas sejam aumentadas ou substituídas por mais fortes, mas torna-se necessário uma substituição na praça 14 de julho, que a noite parece um doente, de olhar tristíssimo, esperando a hora

⁴⁰⁵ PETRY op. cit. 1.ed. p.96,97.

fatal. É ela o ponto *chic* da nossa vila e cremos que, se mesmo aumentar as despesas, uma substituição de lâmpadas, estas serão melhor compensadas, com o aspecto que então apresentará, do que a economia com essa carinha triste e melancólica.⁴⁰⁶

Essa questão da energia elétrica mostra-nos e exemplifica o caráter empreendedor de Adams, pois, já que era uma pessoa politicamente influente, ele poderia ter pressionado o poder público para resolver um problema que era fundamental para o progresso econômico da cidade e que não poderia ser negligenciado. Porém, preferiu ele mesmo assumir o risco do negócio que lhe rendeu muitas críticas das lideranças de São Leopoldo que não queriam perder o fornecimento de energia para Novo Hamburgo.

Dentre os conceitos de empreendedorismo utilizados para este trabalho, podemos dizer que Adams possuía características de vários deles, pois ele assumiu a empresa prestadora de serviço, apostando que poderia mudar o ambiente em que estava inserido. A seguir, ele detectou oportunidade para criar ou gerenciar um negócio e capitalizar sobre ele, mesmo havendo alguns riscos. Ele transformou esse problema em uma oportunidade de negócio viável e, finalmente, tomou para si a responsabilidade de controlar o destino de sua empresa.

Por outro lado, como já fizemos menção anteriormente, o fato de Adams ter assumido para si a responsabilidade pelo fornecimento da energia, não significa que ele era um cidadão desprendido e interessado apenas no bem comum.

⁴⁰⁶ Ibidem, 07/04/1933

Obviamente, seus interesses pessoais influenciaram enormemente no seu envolvimento nessa questão.

O comprometimento de Adams com a comunidade é o tema do próximo capítulo, em que trataremos, também, de suas atividades políticas.

CAPÍTULO 3 – ATIVIDADES POLÍTICAS E VIDA COMUNITÁRIA

3.1 – As atividades políticas e a emancipação da cidade

A atuação política de Pedro Adams Filho na cidade de Novo Hamburgo iniciou em 1917, dez anos antes de sua emancipação e, ao lado de sua empresa, teve importância central na sua vida. Com a idade de 47 anos, ele foi escolhido para representar o Partido Republicano Rio-Grandense na cidade de Novo Hamburgo⁴⁰⁷. Foi durante dez anos conselheiro municipal representando o distrito de Hamburger Berg na Câmara de São Leopoldo e um dos líderes da emancipação do município.

⁴⁰⁷ Com a proclamação da República, o Estado do Rio Grande do Sul elegeu de forma indireta o republicano Júlio de Castilhos, político de inspiração positivista, que acreditava num governo autoritário e centralizador, que promoveria o progresso econômico dentro da ordem social. Castilhos foi um dos principais responsáveis pela primeira constituição republicana do Estado de cunho altamente autoritário e centralizador. Entretanto, havia grupos descontentes com o rumo que a política gaúcha vinha tomando e, assim, foi formado o Partido Republicano Federal que se opunha ao governo e que chegou a depor Júlio de Castilhos e anular a Constituição de 1891. Porém, já no ano seguinte, o Partido Republicano Rio-Grandense, criado em 1882, aliado ao Exército, reconduziu Castilhos ao poder e nas eleições de 1893 o mesmo político sai vitorioso das eleições. Em 1898 Castilhos é substituído por Borges de Medeiros que dá continuidade à política positivista autoritária e centralizadora de seu antecessor, portanto, até o final da Primeira Guerra Mundial, o PRR se manteve no poder sem maiores problemas, conciliando interesses de grupos dominantes ligados ao comércio, indústria, agricultura e camadas médias urbanas, além da coerção levada a efeito pelo Exército e Brigada Militar. PESAVENTO, 1979. op. cit.

Vimos que Adams, primeiramente, dedicou-se aos seus negócios e não se envolveu diretamente nas questões políticas e, em segundo lugar, à liderança comunitária, que o levou a participar mais efetivamente da política.

Assim, em 1917, ele tornou-se representante do distrito de Hamburger Berg na Câmara Municipal da cidade de São Leopoldo, à qual Novo Hamburgo estava ligada, representando o PRR. Adams, há algum tempo, já exercia o papel de chefe local desse partido.

Adams participava da vida pública, provavelmente, porque sabia que o desenvolvimento econômico da cidade somente dar-se-ia se viesse acompanhado de decisões políticas favoráveis aos negócios da comunidade, e, na sua atuação, sempre buscou defender os interesses locais que, muitas vezes, eram minimizados pelos representantes de São Leopoldo.⁴⁰⁸

⁴⁰⁸ É importante lembrar que durante os anos 20, o Estado gaúcho se achava numa situação periférica em relação ao centro do país e as suas decisões. Entretanto, sempre foi um Estado importante no Congresso Nacional, já que sua bancada era numerosa e isso garantia um poder de barganha considerável.

A situação econômica do Estado também era peculiar, pois como seus principais produtos econômicos tinham no mercado interno sua colocação, os interesses dos grandes exportadores não tinham grande relevância local. Essa situação foi modificada no pós-guerra, já a situação européia também se transforma repercutindo na economia local e sendo uma das responsáveis pela crise que assolou o Rio Grande do Sul nos anos 20, principalmente na pecuária e na lavoura colonial. Aliado à crise econômica, a política federal de proteção ao café descontentou a oposição gaúcha, descontentamento agravado pela vitória de Artur Bernardes, que representava a continuidade da política econômica federal.

No Estado gaúcho, Borges de Medeiros passou a ser cobrado pelos pecuaristas por uma política de apoio maior, o que não aconteceu, gerando, assim, uma nova revolta das elites econômicas no Estado: a revolução de 1923 sob a liderança de Assis Brasil.

Nessa revolução se formaram 3 grupos: os federalistas, os democratas e os republicanos dissidentes que, mais tarde, deram origem à Aliança Libertadora. Os revoltosos pretendiam que o governo federal intervisse no Estado, o que não aconteceu.

Essa revolta terminou com um acordo chamado Pacto de Pedras Altas, que determinou a revisão da Constituição e a não reeleição de Borges de Medeiros que já estava em seu quinto mandato. PESAVENTO, 1979. op. cit.

A rivalidade entre São Leopoldo e a vila de Hamburger Berg, o 2º. distrito, é muito antiga. Não se pode precisar exatamente quando iniciou, mas podemos deduzir que o desenvolvimento econômico da segunda incitou os ânimos de grupos políticos e empresários locais que, desde logo, viram a possibilidade de administrarem a cidade e seus recursos de forma autônoma.

René Gertz⁴⁰⁹, analisando o jornal *Deutsche Post*⁴¹⁰, diz que essa rivalidade fica clara quando, em 1924, iniciaram-se as discussões a respeito da construção de um monumento comemorativo ao centenário da imigração alemã que, tanto São Leopoldo quanto Novo Hamburgo, queriam em sua localidade. Para iniciar a coleta de verbas para a construção do monumento, foram criadas duas comissões paralelas que mais tarde se unificariam, quando foi decidido que seriam construídos dois monumentos para contemplar as duas cidades. São Leopoldo ficava com o monumento do desembarque dos colonos, e Hamburger Berg com o da colonização.⁴¹¹

⁴⁰⁹ GERTZ, René. *O Aviador e o Carroceiro* – Política, etnia e religião no RS dos anos 20. Porto Alegre: Edipucrs, 2002. p. 206

⁴¹⁰ Jornal evangélico, de conteúdo político-confessional, criado pelo pastor Wilhelm Rotemund em 1880 e que circulou até 1928.

⁴¹¹ [...] *O suntuoso edifício foi erguido no terreno que fazia parte do lote número 1 da “colônia da Costa da Serra”, pertencente a Libório Mentz, imigrante chegado na segunda leva em 6 de novembro de 1824. Sua estrutura em tijolo e cimento armado media 23 metros de altura e era guarnecido por 8 colunas redondas. Em seu interior havia escadas que davam acesso às sacadas. Nas quatro faces viam-se placas de mármore com os seguintes dizeres: “100 anos da colonização – em comemoração ao centenário da colonização alemã no Rio Grande do Sul 1824-1924. Honrando os pais, ensinando os filhos”. Com o marco inicial da obra posto no ano de 1924, o “sumptuoso monumento, erigido numa das mais pitorescas colinas de Hamburgo Velho”, levou três anos para ser concluído. [...] SELBACH, Jeferson. *Pegadas Urbanas* – Novo Hamburgo como palco do flâneur. Cachoeira do Sul: Ed. do Autor, 2006. p.121*

A comissão de Novo Hamburgo tinha como um dos representantes Júlio Adams, filho de Pedro Adams Filho, que procurava envolver seus filhos nas atividades políticas que considerava importantes.⁴¹²

Essa comissão percorreu diversos municípios com o objetivo de arrecadar fundos para os monumentos, e levar o *“livro-ouro”*, no qual as pessoas poderiam opinar a respeito da colonização alemã no Estado. Segundo Weber, “essa integração permite afirmarmos que a preparação dos festejos foi um momento em que algumas rivalidades internas de ordem diversa foram suspensas em favor de interesses da coletividade.”⁴¹³

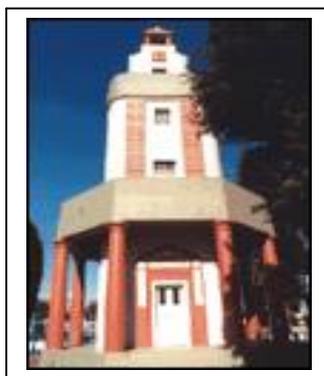


Figura 65 - Monumento ao Imigrante

Pedro Adams Filho, como conselheiro representante do 2º. distrito, teve uma importante atuação em muitas dessas discussões que colocavam as duas localidades em confronto, conforme podemos observar nas atas do Conselho Municipal. A principal delas, entretanto, foi a questão da emancipação, que requer

⁴¹² Segundo depoimento de Pedro Adams Neto, concedido em abril de 2006.

⁴¹³ WEBER, op. cit. p.39

uma análise mais detalhada, pois foi um movimento fundamental para a história política do município, o que implica examinar a posição de um empreendedor local, no sentido que damos a essa condição de Pedro Adams.

O movimento emancipacionista já vinha sendo pensado desde o início da República, pois, em 1897, foi encaminhado um memorial ao Conselho Municipal de São Leopoldo, pedindo a desanexação do distrito, e a formação de um novo município, que se limitaria ao sul com o Rio dos Sinos. O Conselho do município vizinho indeferiu a solicitação, mas esse fato já mostrava o desejo da emancipação política.

Entretanto, o fator que desencadeou a luta do distrito pela sua emancipação foi a negativa da intendência de São Leopoldo em pagar parte da construção da primeira ponte sobre o arroio Luiz Rau no ano de 1920. Essa ponte era importante, pois representava um avanço para a circulação de pessoas e para os negócios da cidade.⁴¹⁴

Leopoldo Petry, em um artigo no jornal *O 5 de Abril* intitulado “A emancipação de Novo Hamburgo”, lembra que

[...] O plano de criação de um município com sede em Novo Hamburgo [...] já era muito velho. Nasceu logo depois de terminada a revolução de 1893. Foi, porém, abandonado, [...] mas não chegou a morrer. Sempre vivia no íntimo de muita gente boa.

Foi em maio de 1924. Numa roda de chimarrão, no escritório do Sr. Pedro Alles, conversei com aquele cidadão, sobre a idéia que tinha, de dar alguns passos para ver si seria possível separar Novo Hamburgo de S. Leopoldo, pois, como simples distrito, não havia possibilidade para um desenvolvimento dos recursos de sua potencia industrial, aliada a sua posição privilegiada, como centro para onde naturalmente converge o

⁴¹⁴ PETRY, op. cit. p.39

comércio de uma grande e próspera zona agrícola, que forma o seu *hinterland*.

O sr. Alles abraçou com entusiasmo o meu pensamento e já dois dias depois fomos procurar o dr. Jacob Kroeff Netto, então deputado estadual, a quem expomos o nosso projeto. Após alguma hesitação, este concordou conosco. Fomos em seguida expor o nosso plano ao conselheiro municipal sr. Pedro Adams Filho, o qual imediatamente se prontificou a acompanhar-nos nos passos que íamos dar. [...]⁴¹⁵

Pedro Adams Filho e Jacob Kroeff Netto⁴¹⁶, deputado estadual e industrialista, uniram-se na indignação e perceberam que não poderiam contar com São Leopoldo para os melhoramentos da cidade e, principalmente, à expansão de seus negócios. Para isso teriam que continuar investindo recursos próprios.

Kroeff, juntamente com Adams, era uma das principais lideranças políticas de São Leopoldo e ambos vinham atuando juntos há bastante tempo. Segundo Gertz,

[...] Carta de 6 de junho de 1919 a Borges de Medeiros, assinada por Jacob Kroeff Netto, Pedro Adams Filho e José Martins informou que cerca de dois meses antes os signatários tinham estado com o “Dr. Intendente” [Gabriel Azambuja Fortuna] e obtido dele a promessa de que não seriam mudados os nomes de Novo Hamburgo e Hamburger Berg (Hamburgo Velho). Mas em 28 de fevereiro o intendente mudara o primeiro desses nomes para Borges de Medeiros, e em 11 de junho rebatizara o segundo para Cel. Genuíno Sampaio. Questionado, Azambuja Fortuna teria dito que agira assim, porque não fora desafiado, e não poderia parecer germanófilo nem medroso.⁴¹⁷

⁴¹⁵ Jornal *O 5 de Abril*, 08/04/1932

⁴¹⁶ Netto do imigrante alemão Jacob Kroeff que se estabeleceu como hoteleiro em Hamburgo Velho por volta da metade do século XIX e filho de Jacob Kroeff Filho, açougueiro, que se tornou proprietário de um dos maiores matadouros da região (Matadouro Kroeff, onde também fabricava conservas de carne) e era proprietário de fazendas e estâncias no Alto da Serra. A partir de 1887 tornou-se conselheiro municipal de São Leopoldo e de 1892 a 1905 foi deputado estadual pelo partido republicano. Jacob Kroeff Netto era advogado formado pela primeira turma da Faculdade de Direito de Porto Alegre e elegeu-se deputado estadual em 1904 permanecendo no cargo até 1929, além de cuidar dos empreendimentos da família, em especial do Matadouro Kroeff. GERTZ, op. cit. p.177,178

⁴¹⁷ *Ibidem*, p.182

Entretanto, Borges não aceitou a homenagem, e os antigos nomes foram mantidos.

Daí para a organização de um grupo de comerciantes e industriais favoráveis à separação foi um passo, pois o distrito já vinha demonstrando pujança e força econômica muito grande, não precisando mais da tutela da cidade vizinha.

Aliada a esse interesse coletivo pela emancipação, foi organizada, como mencionado, a 1.^a Exposição Industrial de Novo Hamburgo, em 1924. A festa comemorou o centenário da imigração alemã na região, e demonstrou, pela pujança, que Hamburger Berg tinha condições econômicas suficientes para sua independência política. O fato de a exposição não ter acontecido em São Leopoldo, sede do distrito, constituiu-se em um indicativo da importância econômica do 2.^o distrito.

O grupo responsável pela campanha emancipacionista foi formado exatamente pelos organizadores dessa exposição: Jacob Kroeff Neto, Pedro Adams Filho, Leopoldo Petry⁴¹⁸, André Kilpp⁴¹⁹, Júlio Kunz⁴²⁰, José João Martins⁴²¹ e Carlos Dienstbach⁴²².

⁴¹⁸ Leopoldo Petry assumiu em 1917 o cargo de secretário da Intendência Municipal de São Leopoldo, permanecendo até 1923. Mais tarde foi coletor estadual de Novo Hamburgo até 1927, quando iniciou sua carreira política ao ser eleito intendente da cidade de Novo Hamburgo, cargo que manteve até 1930, quando foi preso por alguns dias por não aderir à Frente Única, que era muito forte na região. Em 1931 foi nomeado ajudante do Cartório de Notas e Registro de Imóveis de Novo Hamburgo e aposentou-se na função de titular. Foi presidente da comissão executiva do Partido Republicano, ao qual era filiado. Era, também, escritor e jornalista. Jornal *NH*, 05/04/2002

⁴¹⁹ André Kilpp era major do Exército, coletor federal e membro do Partido Republicano. Passou a residir em Novo Hamburgo após seu casamento. Jornal *NH*, 05/04/2002



Figura 66 - Sentados (esquerda para direita): Pedro Adams Filho, Jacob Kroeff Netto, Júlio Kunz e André Kilpp. Em pé (esquerda para direita): Leopoldo Petry, José João Martins e Carlos Dienstbach. *Jornal NH*, 05/04/2002 (APNH)

A primeira tentativa efetiva pela emancipação ocorreu em 17 de maio de 1924, quando alguns membros do movimento, representado pelo deputado Jacob Kroeff Neto, Pedro Adams Filho e Leopoldo Petry, procuraram Borges de Medeiros, presidente do Estado, e João Corrêa da Silva, chefe do partido republicano e candidato a intendente do município de São Leopoldo, a fim de consultá-los sobre o assunto.

⁴²⁰ Empresário que instalou a primeira empresa de formas na cidade, destacou-se nas artes, principalmente na música. Foi membro do Partido Republicano e por mais de 20 anos subintendente de Hamburgo Velho. De 1920 a 1924 foi membro do Conselho Municipal de São Leopoldo. *Jornal NH*, 05/04/2002

⁴²¹ Filho de um marinheiro alemão emigrado, foi um dos principais líderes dos libertadores da cidade, até tornar-se republicano em 1924 e ser escolhido como presidente da Comissão Pró-Vilamento de Novo Hamburgo. Trabalhou em diversas fábricas de calçados, dentre elas a de Pedro Adams Filho. Em 1906 abriu a sua empresa; também foi diretor da Energia Elétrica Hamburguesa. *Jornal NH*, 05/04/2002

⁴²² Professor e subintendente de Novo Hamburgo por duas gestões, quando a cidade ainda era localidade de São Leopoldo, também foi subintendente de Sapiranga. Foi nomeado escrivão do 1º Cartório Civil de Novo Hamburgo. *Jornal NH*, 05/04/2002

Segundo Petry,⁴²³ Borges achou a questão muito justa e passível de ser resolvida dentro dos trâmites legais. Porém, João Corrêa da Silva, mesmo reconhecendo a justiça do empreendimento, achou que seria melhor esperar até ele assumir o cargo para o qual seria eleito. Em vista disso, foi adiado o prosseguimento dos trabalhos, e as comissões organizaram abaixo-assinados em que os moradores de Hamburger Berg pediam a desanexação de seu território do território vizinho para formar um município autônomo.

Por outro lado, nesse mesmo ano, no mês de outubro, um dos representantes do Conselho Municipal colocou na pauta de discussões a questão da emancipação. Segundo o conselheiro José Antônio de Oliveira Neto, esse projeto envolveria, além do 2º. distrito, o 3º. , 4º., 5º. e 8º. distritos, respectivamente, Ivoti, Dois Irmãos, Sapiranga e Boa Vista do Herval. Os membros do Conselho que estavam presentes julgaram inoportuno o projeto e, além de votarem contra ele, encaminharam um telegrama a Borges de Medeiros e ao intendente João Corrêa protestando.⁴²⁴

⁴²³ PETRY, op. cit.p.40

⁴²⁴ Segundo ata do Conselho Municipal, 20/10/1924

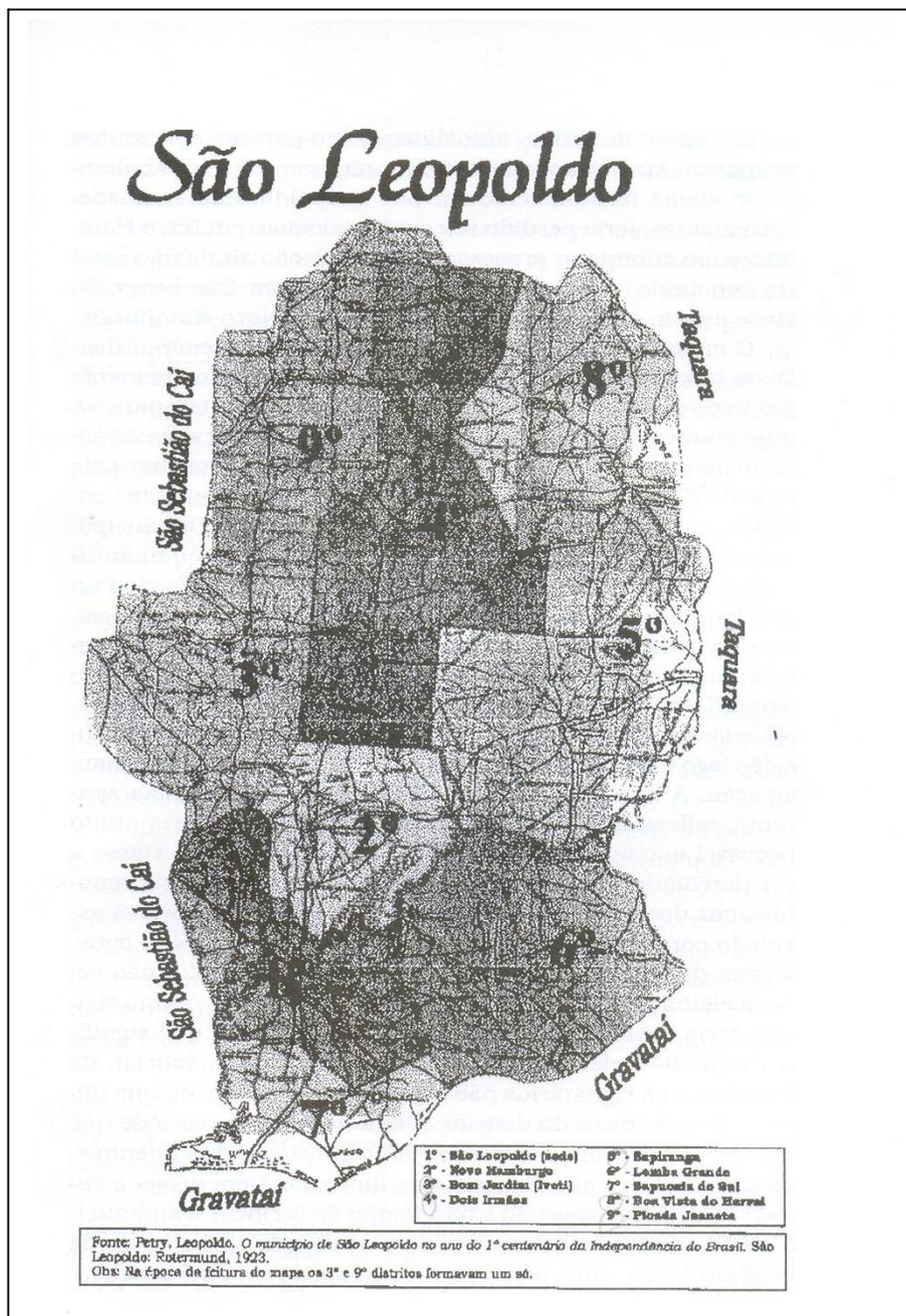


Figura 67 - Mapa com divisão dos distritos.⁴²⁵

⁴²⁵GERTZ, op. cit.p.215

Várias notícias eram veiculadas nos jornais, principalmente no *Deutsche Post*, a respeito dessa questão, e João Corrêa tentava acalmar os ânimos, prometendo um olhar mais atento aos problemas do distrito descontente. Teria, inclusive, “proclamado sua disposição de colocar no 2º distrito uma instância coletora dos impostos municipais locais e garantiria que 50% deles seriam investidos no próprio distrito.”⁴²⁶

A partir de 1925, entretanto, a participação de outros distritos no movimento já deixou de ser referida, mas as discussões continuaram na pauta do *Deutsche Post*, espaço em que os leitores poderiam dar suas opiniões a respeito. Esse tema despertava interesses tão apaixonados que o jornal abriu durante um mês uma coluna especial para debatê-lo.⁴²⁷

Os jornais apontavam a pujança econômica do distrito e o descaso com ele, reclamando das condições vergonhosas em que se encontrava. Faltavam serviços de coleta de lixo, de resíduos fecais, as estradas estavam em péssimo estado e não havia carteiros. Os argumentos dos que se opunham eram de duas ordens: a primeira dizia respeito a pequena área rural que teria o novo município, fato que poderia gerar problemas futuros; a segunda era o fato de que a emancipação serviria apenas de motivo para a criação de mais cargos públicos, e não traria reais benefícios aos cidadãos; a terceira, seria a maior disputa entre os dois distritos, quando foi dito que o “pessoal de Novo Hamburgo sempre foi do contra”

⁴²⁶ Ibidem, p. 208

⁴²⁷ Ibidem, p.208

(referindo-se aos festejos do centenário da imigração alemã e à construção do monumento).

A participação de Pedro Adams Filho também foi questionada pelo *Deutsche Post* em 11 edições sucessivas, entre os dias três e 27 de fevereiro de 1925. Segundo um dos leitores, esse assunto poderia ser decidido por plebiscito, mas, como a pretensão emancipacionista poderia ser derrotada, ao Conselho Municipal foi dado o poder decisório que seria pressionado por Borges de Medeiros para manifestar-se a favor do novo município. Ora, se no Conselho havia um representante de Novo Hamburgo, por que ele não lutou pelas melhorias reivindicadas? E se não tivesse conseguido nada, por que não renunciou?⁴²⁸

Em contrapartida à discussão defendida pelo *Deutsche Post*, o jornal *Deutsches Volksblatt*⁴²⁹ defendeu a emancipação dizendo que o jornal concorrente incentivava a oposição, esquecendo que muitas das promessas de melhorias de infra-estrutura que teriam sido prometidas para o distrito nunca saíram do papel.

É importante lembrar ainda que Pedro Adams Filho, Jacob Kroeff Neto e outros líderes do movimento eram católicos. O fato sugere a existência de uma disputa religiosa entre eles e os protestantes de São Leopoldo. Acreditamos que

⁴²⁸ Ibidem, p. 208, 209, 210 apud *Deutsche Post* de 03, 04, 05, 07, 12, 16, 17, 19, 21, 25 e 27/02/1925.

⁴²⁹ Jornal católico dirigido por Hugo Metzler que atuou na defesa da germanidade. Exemplar de 23/02/1925.

essa disputa tenha sido sutil, pois não encontramos elementos que a explicitem. Por esses motivos não analisaremos essa questão pela via religiosa.⁴³⁰

Ainda no início de 1925, o grupo líder do movimento teve uma reunião com Borges de Medeiros que decidiu valer-se da Constituição Estadual de 1891, que estabelecia que não se poderiam alterar os limites dos municípios sem a aprovação dos Conselhos Municipais. A questão, então, deveria ser resolvida nesse âmbito, cabendo ao Presidente do Estado tomar a decisão final apoiado na decisão do Conselho.

O grupo pró-emancipação colheu a assinatura de 872 moradores do distrito a favor da emancipação, e enviou para o Conselho Municipal de São Leopoldo que, em 26 de setembro de 1925, negou o pedido, pois, ao mesmo tempo em que esse abaixo-assinado circulava, os conselheiros de São Leopoldo recém eleitos aprovaram uma moção contrária a qualquer desmembramento do território do município. Obviamente que Pedro Adams Filho votou contra essa moção. Esse mesmo documento foi enviado mais duas vezes e obteve a mesma resposta.

O memorial enviado ao Conselho Municipal de São Leopoldo dizia o seguinte:

Os abaixo assinados, moradores do segundo distrito, vêm perante esse Conselho pedir licença para a desanexação do mesmo, para, [...] formar um município autônomo, com sede em Novo Hamburgo. Baseiam o seu pedido na aspiração unânime do povo sensato, aspiração justa e natural. Justa porque a renda da zona em questão é suficiente para cobrir as despesas da administração e o grau de educação cívica é bastante adiantado, para poderem os habitantes escolher seus

⁴³⁰ Acreditamos ser este um tema importante para futuras investigações.

administradores. Natural é a aspiração, pois todos os seres, mesmo os irracionais, procuram emancipar-se.⁴³¹

Os nove motivos apresentados pelo memorial foram os seguintes:

1º. Os municípios de área menor são mais fáceis de administrar;

2º. Os governos estadual e federal já instalaram coletorias na cidade;

3º. Novo Hamburgo tem renda suficiente para se sustentar;

4º. Os outros municípios não serão prejudicados, pois a renda que lhes ficará será suficiente para custear os trabalhos públicos;

5º. Novo Hamburgo e Hamburgo Velho, pelo seu desenvolvimento dos últimos anos, não têm mais como adiar obras de infra-estrutura e saneamento;

6º. Não há inconveniente no fato de as sedes dos dois municípios ficarem próximas, pois outros municípios também se encontram nessa situação (Lajeado e Estrela; Montenegro e São Sebastião do Caí) e podem ajudar-se mutuamente com mais rapidez;

7º. A criação de novos municípios ajudaria a manter a estabilidade e a tranqüilidade do povo por este poder ser controlado mais de perto;

8º. Com a emancipação da cidade algumas das principais estradas se tornar-se-iam intermunicipais e sua conservação passaria para a órbita do Estado;

⁴³¹ Jornal *NH*, 05/04/2002

9º. As sedes dos municípios formariam centros que irradiariam o progresso para as áreas rurais, sendo um dever de patriotismo facilitar sua formação.

O documento termina da seguinte maneira:

Por isso, certo de que nosso conspícuo Conselho, inspirado pelo mais puro patriotismo e tendo em vista unicamente o bem do povo, não criará dificuldades a aspiração justa e natural que acima vem exposta, antes pelo contrário, tendo como o mais elevado amor ao nosso querido Rio Grande do Sul e a nossa amada Pátria Brasileira, procurará facilitar uma medida de que tão grandes vantagens advirão ao público. Nestes termos, P. deferimento, Novo Hamburgo, 13 de setembro de 1925.⁴³²

Segundo o jornal *Diário de Notícias*, a reunião do Conselho, onde foi analisado esse memorial, teve a participação de Alberto Bins, vice-intendente de Porto Alegre e representante de Borges de Medeiros, Frederico Wolffenbüttel, vice-intendente de São Leopoldo, Alberto Chaves, juiz da comarca, Jacob Kroeff Neto, deputado estadual e Júlio Casado, secretário da intendência local.⁴³³

René Gertz, sobre o evento, diz literalmente:

A reunião foi tensa. Kroeff afirmou que João Corrêa se comprometera formalmente perante ele [...] com a emancipação do 2º. distrito. Como entre os presentes fossem levantadas dúvidas sobre essa afirmação, Kroeff apresentou documentos, enfatizando que, se Corrêa pudesse provar o contrário, ele [...] entregaria seu diploma de deputado estadual e se retiraria da vida pública. Alberto Bins informou que Borges considerava justa a pretendida emancipação. Mas que estava ali para ouvir também o outro lado. Nesse contexto, foi sugerido que a reunião passasse a ser restrita, ao que o juiz, Alberto Chaves, reagiu com energia, declarando que só se retiraria do recinto se fosse à força, porque não poderia concordar que altos interesses municipais fossem discutidos de portas fechadas. [...]⁴³⁴

⁴³² Ibidem.

⁴³³ Jornal *Diário de Notícias*, 15/09/1925.

⁴³⁴ GERTZ, op.cit. p.212

Os jornalistas do jornal *Última Hora* e de outros jornais não puderam participar da sessão por determinação dos participantes de São Leopoldo, e mostraram sua indignação apoiando o movimento dos novo-hamburguenses, justificando que esse distrito possuía todas as condições para a sua separação e que o fato de nada ter sido decidido nessa reunião mostrava o descaso dos conselheiros municipais para com a questão.

[...] Ainda não sabemos o motivo que levou nobre câmara municipal a assim proceder, pois se tratando de um assunto de alta transcendência política e até mesmo financeira, que interessa, sobretudo, toda a população do município, não se pode admitir, por nenhum modo, esse processo de discussão a portas fechadas, a revelia da coletividade, tanto mais que estamos num Estado em que “viver às claras”, é um dogma que muita gente se ufana. [...] ⁴³⁵

Depois dessa reunião, na qual nada foi decidido, foram realizados outros encontros envolvendo a Comissão de Petições e Reclamações do Conselho Municipal, composta por Vicente Hennemann, de Dois Irmãos, e Gustavo Vetter, de Campo Bom, que disseram que precisariam de alguns dias para redigir um parecer.

Ainda segundo René Gertz,

Pedro Adams Filho protestou contra esta proposta, argumentando que o conteúdo da petição era de conhecimento de todos há um bom tempo e que, por consequência, não havia necessidade de longos estudos e elaborações. ⁴³⁶

⁴³⁵ Jornal *Última Hora*, 13/09/1925.

⁴³⁶ GERTZ, op. cit. p.213

Foi apenas em 25 de setembro de 1925 que o Conselho se manifestou de forma contrária à emancipação.⁴³⁷

Antes dessa importante reunião, o jornal *Última Hora*, mais uma vez fez um apelo aos conselheiros para que não esquecessem da autonomia que gozava o município; portanto, para não se deixarem influenciar pelos interesses do governo do Estado; e, ao mesmo tempo, serem justos com os interesses dos separatistas. Dizia o jornal que “[...] o município não é só a “escola primária da democracia”, isto é, a retorta onde se fundem a altivez, o brio e a independência cívicas; é, também, o fogo potente onde se temperam a fibra varonil e o caráter rijo dos homens políticos.[...]”⁴³⁸

Segundo Bakos, o município funciona, na ótica do positivismo castilhistas, “[...] como a escola primária da democracia, onde nascem e vivem os elementos geradores dos movimentos sociais e políticos, matriz de homens e líderes que deverão futuramente agir na observância de tais valores.”⁴³⁹

O longo parecer da comissão apresentou razões de ordem geográfica, administrativa, financeira, etnológica e política para desaprovar as pretensões do distrito vizinho:

1º. Razões geográficas: São Leopoldo tinha uma área pequena e, com a divisão, ficaria menor ainda e com grandes dificuldades de sobrevivência, a exemplo do que havia ocorrido com São Jerônimo e Triunfo; as sedes dos dois

⁴³⁷ Ibidem

⁴³⁸ Jornal *Última Hora*, 25/09/1925

⁴³⁹ BAKOS, op. cit. p. 40

distritos ficariam muito próximas e que outros distritos (Ivoti, Dois Irmãos, Sapiranga, Boa Vista do Herval e Picada Joaneta) iriam acabar querendo anexar-se a ele, o que deixaria São Leopoldo apenas com os distritos de Lomba Grande e Sapucaia do Sul; a divisão fiscal justa era impossível do ponto de vista geográfico, pois transformaria a cidade num corredor entre Novo Hamburgo e São Sebastião do Caí.

2º. Razões administrativas: aumento do número de funcionários que seriam necessários para administrar o novo município.⁴⁴⁰

3º. Razões financeiras: o município de São Leopoldo sempre teve bom crédito e, conseqüentemente, conseguiu empréstimos para obras de saneamento e energia elétrica que acabaram beneficiando, também, Novo Hamburgo e a inadimplência que poderia ocorrer com a separação seria desastrosa. O parecer cita números envolvendo a arrecadação dos dois distritos, e mostra como o segundo foi mais beneficiado que o primeiro, em investimentos.

4º. Razões etnológicas: o distrito de Novo Hamburgo ainda não estava totalmente nacionalizado, necessitando manter o vínculo com São Leopoldo, que já havia perdido seu caráter alemão.

5º. Razões políticas: foram as mais destacadas, pois tentaram mostrar que o movimento não era legítimo, pois Jacob Kroeff Neto não representava a maioria da população, e o abaixo-assinado apresentado era apoiado apenas por 1/3 dos

⁴⁴⁰ Ata da reunião do Conselho Municipal de São Leopoldo de 19/09/1925.

eleitores ⁴⁴¹. A desqualificação de Kroeff não parou por aí. Ele foi considerado como um *“eterno descontente”*, que fazia oposição a qualquer candidato que não era de seu grupo, conseguindo bons resultados por causa de sua proximidade com Borges de Medeiros.

6°. Questão da segmentação do Partido Republicano em Novo Hamburgo, onde grande parte dos membros não aceitaria a liderança de Kroeff e de Adams.

7°. Possibilidade de ter havido falsificação de algumas assinaturas do documento, pois um dos cidadãos que assinou seria deficiente auditivo e juridicamente incapaz.

A possibilidade de realização de um plebiscito para resolver a questão também foi descartada, pois foi considerada inadequada em função das disputas que abalariam o partido e a ordem pública, além de abrir um precedente para resolver todos os problemas que não fossem resolvidos pelas vias legais.

Depois de todas essas argumentações, o parecer foi aprovado por todos os membros do conselho, menos por Pedro Adams Filho, que foi o primeiro a votar e assim se manifestou: “Voto pela separação que, de acordo com nosso preclaro chefe, é justa e oportuna.” ⁴⁴²

⁴⁴¹ [...] Destacou-se que o memorial estava assinado por 799 cidadãos, dos quais, porém, apenas 473 constariam das listas eleitorais oficiais, os restantes 326 não seriam eleitores ou não residiriam no 2º distrito. Na última eleição, teria havido 1.322 eleitores nesse distrito, o que significava que 849 eleitores deixaram de assinar o memorial, de forma que os signatários não representariam mais do que um terço dos eleitores do distrito. [...] GERTZ, op. cit. p.216

⁴⁴² Jornal *Última Hora*, 26/09/1925.

Nessa mesma ocasião, o conselheiro Adolfo Moog sugeriu que constasse na ata da reunião um voto de solidariedade ao intendente João Corrêa, que foi aprovado com restrições por Adams, que estava muito contrariado com o resultado da reunião.

Segundo a *Última Hora*,

[...] Do exposto resulta claro e indisfarçável um caso jamais registrado nos anais políticos do Rio Grande do Sul – a independência e altivez do Conselho Municipal de S. Leopoldo, opondo-se formalmente a imposição do chefe do P. R. riograndense dr. Borges de Medeiros, derrotando-o, por fim, fragorosamente, por 8 votos contra 1.⁴⁴³

Os jornais da época noticiaram amplamente essa decisão tomada pelo conselho. Disseram, nas entrelinhas, que nem o presidente do Estado nem o intendente de São Leopoldo eram contra a separação, mas que Kroeff colocava-se de forma tão acintosa (com ameaças à intervenção de Borges) que todo o processo acabava sendo dificultado.

O grupo pró-emancipação decidiu enfrentar o intendente leopoldense, João Corrêa da Silva, e tratar do assunto diretamente com o governo estadual de Borges de Medeiros, já que o parecer foi considerado uma afronta aos justos interesses da comunidade hamburguense.

A questão do nacionalismo, ou etnológica, que o parecer aponta, foi repudiada fortemente, conforme podemos ler no protesto enviado ao conselho e assinado por mais de uma centena de industriais e comerciantes:

⁴⁴³ Ibidem, 26/09/1925.

[...] O povo de Novo Hamburgo, pelo abaixo-assinado protesta veementemente contra o insolente procedimento de VV.SS., atirando à face do povo honesto e laborioso deste distrito, a pecha de incapazes civis e negando-lhe sua nacionalidade brasileira, afronta esta contida no parecer da respectiva Comissão e por VV.SS. aprovado em sessão de 25 de setembro desse Conselho, que teve por objeto o pedido de emancipação administrativa desta localidade.

Esse parecer atesta patentemente a crassa ignorância da Comissão referida, que no caso serviu de simples instrumento de uma política vil e odiosa, e o Conselho Municipal, por oito de seus membros, aprovou *intotum* o mesmo parecer, sedento da conquista de um Estado de incapacidade, de inépcia para desempenhar o honroso mandato, que o povo do município de São Leopoldo lhe confiou.⁴⁴⁴

O protesto é enfático e deixa muito claro o descontentamento com a decisão tomada pelo Conselho que “menosprezou” e “afrontou” a população de Novo Hamburgo, deixando nas entrelinhas a idéia de que o movimento não vai parar com essa decisão, pelo contrário, ficará cada vez mais forte.

O povo de Novo Hamburgo repele energicamente a afronta que VV.SS, querem assacar-lhe e que é apenas digna de seus autores.

Representando o reprovável gesto desse Conselho um menosprezo ao povo local, é do dever de honra de VV.SS, tomarem a atitude que a dignidade lhes impõe.

Rematando, cumpre acentuar bem, que o povo de Novo Hamburgo saberá, como sempre, manter-se num terreno elevado e digno, pelo que não se nivela com os membros desse Conselho, que cometeram a vilania apontada hábil e mui industriosa urdida por seus mentores cujos ensinamentos cívicos o povo de Novo Hamburgo jamais requereu e não necessita. Saudações.

Novo Hamburgo, 27 de setembro de 1925⁴⁴⁵

Essa carta ao Conselho Municipal da cidade vizinha mostra o estado de ânimo da comunidade novo-hamburguesa quando fala no “insolente procedimento” do Conselho, na “ignorância” da Comissão, na “política vil e

⁴⁴⁴ *Diário de Notícias*, 03/10/1925

⁴⁴⁵ *Ibidem*

odiosa”, dentre outros adjetivos pouco amigáveis. As relações entre as duas comunidades foi se deteriorando cada vez mais.

O descontentamento com o parecer também foi explicitado por Leopoldo Petry, um dos líderes do movimento emancipacionista do município, que escreveu um parecer sobre ele contestando, um a um, os argumentos apresentados.⁴⁴⁶

Quanto às questões geográficas, Petry, segundo Gertz, diz que o pedido de emancipação se referia apenas ao 2º. Distrito, e não aos demais, e “apontou como contraditória a afirmação de que distritos próximos de Novo Hamburgo não quisessem a emancipação, e depois afirmar que, uma vez separado Novo Hamburgo, estes pleitearão [...] seu desmembramento de São Leopoldo.”⁴⁴⁷ Diz, também, que, se São Leopoldo tinha uma receita de 286 contos, não deveria temer pela sua sobrevivência financeira, uma vez que essa receita era superior a de muitos grandes municípios do Estado. Desmente o fato de Novo Hamburgo e São Leopoldo estarem muito mais próximas que outros municípios de suas sedes, exemplificando com o caso de Triunfo e São Jerônimo, além de Lajeado e Estrela.

Com relação às questões administrativas, o parecer questiona a afirmação de os subintendentes gozarem de autonomia e de as arrecadações serem feitas nos distritos, e ajudam seus cidadãos dizendo que isso não era verdade.

As razões de ordem financeira são as mais rebatidas, pois, segundo o mesmo autor, não se poderia vincular o crédito de um município ao tamanho do

⁴⁴⁶ PETRY, Leopoldo. *A emancipação de Novo Hamburgo: análise do “parecer” aprovado pelo Conselho Municipal e outras notas*. Novo Hamburgo: Typographia Hans Behrend, 1925.

⁴⁴⁷ GERTZ, op. cit. p.220, 221.

seu território; os investimentos feitos em Novo Hamburgo também não correspondiam com a realidade, pois o município não tinha calçamento, praças ou qualquer tipo de higiene pública. Além disso, os investimentos feitos na cidade foram menores que os realizados em São Leopoldo. Por fim, diz que, se os indicadores econômicos fossem medidos pela produção, Novo Hamburgo teria receita superior a de São Leopoldo.

O parecer não questionou a importância política de Adams e Kroeff, mas criticou o encorajamento feito à oposição de Novo Hamburgo que era contra a emancipação.

As razões etnológicas, entretanto, foram as mais discutidas por ele.

Segundo ele, nesse ponto não se tratava de uma questão material, mas da dignidade dos cidadãos de Novo Hamburgo. 'Que tivessem negado o pedido de separação é admissível, mas que tivessem aproveitado o ensejo para insultar, em documento público, uma população honesta e laboriosa, isso excede tudo quanto até agora, em matéria política e administrativa, no Estado do Rio Grande do Sul se tem observado.' [...] fez uma defesa veemente do patriotismo dos novo-hamburgueses, patriotismo que estaria configurado na sua imensa dedicação ao trabalho em benefício do Brasil.⁴⁴⁸

René Gertz enfatiza a posição radical de Petry que insinuou que São Leopoldo era muito menos "patriótica" que Novo Hamburgo, pois durante a Primeira Guerra Mundial, quando o idioma alemão teve sua utilização restringida na cidade, a Sociedade Ginástica (de São Leopoldo) teria preferido fechar suas portas a sacrificar o idioma.⁴⁴⁹

⁴⁴⁸ PETRY, apud GERTZ, op. cit. p.222

⁴⁴⁹ Ibidem.

Por fim, Petry teria considerado um absurdo o conselho não ter permitido a criação de um plebiscito, resume Gertz, dizendo que essa atitude beirava o “absolutismo”, além disso, colocou que não foram respeitadas as leis que regem essas questões e que dão respaldo ao Presidente do Estado para resolvê-las.⁴⁵⁰

O fato de o Conselho ter acusado os cidadãos de Novo Hamburgo de falta de patriotismo, acarretou uma indignação de grande parte da comunidade, que se expressou das mais variadas formas contra isso, e considerou uma afronta a uma cidade constituída de trabalhadores honestos, e que lutavam pelo engrandecimento do país.

Essa indignação repercutiu em vários periódicos. O semanário *Asóga*, publicado na capital, fez uma referência ao fato de forma irônica: “Consta que os capilés⁴⁵¹ estão com uma sede terrível de nós alemães, porque já não queremos mais bancar a vaca leiteira [...]”⁴⁵² Ou seja, o distrito de Novo Hamburgo já estava sustentando a sua sede e, mesmo assim, era tratado de forma pouco respeitosa.

⁴⁵⁰ [...] no que se refere ao parágrafo 16º do Art. 20 da Constituição estadual, não se trataria de mudar os limites de dois municípios já existentes, mas da criação de um município novo, [...] Reivindicou que a criação de novos municípios caberia ao Presidente do Estado, já que o parágrafo 15º do mesmo Art. 20 estabelece como uma de suas atribuições a “divisão judiciária e civil”, e o parágrafo 2º do Art. 62 atribui ao presidente a extinção de municípios inviáveis. A dedução lógica seria a de que, se o Presidente tem competência para suprimir municípios, a teria muito mais para criá-los. Ibidem, p.223

⁴⁵¹ Forma pejorativa com que eram conhecidos os moradores de São Leopoldo. *Capilé* era o nome de um xarope de framboesa produzido pela Indústria Weinmann, que era servido com água e tomado como refrigerante. Em contrapartida a esse apelido, os leopoldenses chamavam os novohamburgueses de *spritzbier*, bebida caseira feita à base de gengibre e espumante. Assim, *capilé* seria uma crítica ao comodismo de comprar tudo pronto e *spritzbier* soaria como atraso de quem tinha que produzir o seu refrigerante em casa. No entanto, todos tinham orgulho de seus apelidos, São Leopoldo pelo status social que sempre teve, e Novo Hamburgo pela tradição do trabalho. Jornal *NH*, 05/04/2002 p.7

⁴⁵² Semanário *Asóga*, 09/10/1925

Mas a publicação mais curiosa sobre o tema foi de um pasquim em forma de versos distribuído pelas ruas de Novo Hamburgo e que criticava os conselheiros Gustavo Vetter (de Campo Bom) e Vicente Hennemann (de Dois Irmãos) que representavam o distrito de Novo Hamburgo:

DOUS GUASCA QUEIMADO EM PROTESTO

I

Diz os grandes Brasileiros
Que este povo é allamão
Vou defender esta causa
Vou defender esta causa
Sem sentir uma afrição
Nós somos todos Gaúcho
Filhos de uma só nação.

II

O povo deste Districto
Todo ele é Brasileiro
E faz progresso ao luga'
Nem que lhe custe dinheiro
Não são destes meia cara
Que se troca por boeiro.

III

O tal de Gustavo We We Vetter
Morador de Campo Bom
Se abalou de madrugada
Em protesto, a Separação
Com certeza necessita
De mais algum Pontilhão.

IV

Se He He Ennemann é Brasileiro
Eu então o que serei
Por ser muito pobrerão
Protesto não assinei
Toda massa é Brasileira

Agora vos provarei.

V

Se abalou dos Dois Irmãos
O Vicente batateiro
O foi por grande enteresse
O foi por muito dinheiro
Pra dizer que era Alemanha
Em reunir dos conselheiro.

VI

Eu agora me arepende
Se me alembrasse primeiro
Eu não dava o meu voto
Pra voseis ser conselheiro
Agora estão nos ensultando
Eses grande trisoeiro.

VII

Ou Fete ou Eneman
Persiza estudá primeiro
Só andam pello cabresto
Como burro de cargueiro
Vão lá no home de dia
Vão lá se benzer primeiro.

VIII

O povo de Novo Hamburgo
É um povo são e puro
Não offende a humanidade
Nem que sejam: um pouco escuro
Nem ando pello bucal
Como andam estes dois burro.

IX

Não ameço a ninguém
Brazileiro ou allamão
Eu só faço este protesto
Em louvor de um povo são
Defenda-se na mesma forma
Que lhes dou repetição.

X

Pelo povo, brasileiro,
É que eu me manifesto
Este é, um povo são
Não são, allamão, nem resto.
(Pois, mais lamão são voseis)
Nós, ser allemão – PROTESTO!

PROTESTANTES: Nostasinho Perdigão da Nata Magra e Juca Chimarrão do Pinhão Secco⁴⁵³

Esse protesto irônico mostra-nos como a comunidade via alguns de seus representantes que se colocaram contra a emancipação. Julgavam que, mesmo não sendo moradores de Novo Hamburgo, Vetter e Hennemann, deveriam representar os interesses locais, já que Campo Bom pertencia ao 2º distrito, e Dois Irmãos passaria a pertencer também. As ofensas rudes acusam os conselheiros de se submeterem à vontade de seus superiores e de estarem tirando vantagens da situação; os autores salientam a brasilidade e a miscigenação do povo expressa pela sentença “um pouco escuro” como positiva.⁴⁵⁴

Mais uma vez, depois do parecer do conselho de 1925, os jornais *Deutsche Post* e *Deutsches Volksblatt* divulgaram as opiniões de seus leitores. Dentre os assuntos discutidos, estava a questão das dívidas que o 2º. distrito teria para com São Leopoldo, já que a usina da Toca, em São Francisco de Paula, também o teria beneficiado o distrito, assim, caberia a ele pagar parte da dívida.

⁴⁵³ Pasquim de outubro de 1925.

⁴⁵⁴ Esse poema remete-nos ao poema *Antonio Chimango*, sátira política publicada em 1915, no qual Ramiro Barcelos ridicularizava Borges de Medeiros. Nesse poema, Antonio Chimango (Borges de Medeiros) é um jovem desajeitado e incapaz escolhido por seu padrinho (Júlio de Castilhos) para ser capataz de sua estância (Rio Grande do Sul), mas acaba levando-a à bancarrota.

Ao mesmo tempo, a administração leopoldense procurava atender a algumas das reivindicações do distrito vizinho e, para isso, comprou um terreno para o depósito de resíduos fecais, cujo funcionamento iniciou no ano seguinte (1926).⁴⁵⁵

Algumas cidades vizinhas também se posicionavam a respeito do assunto. O jornal *Correio da Serra*, de Santa Maria, escreveu um artigo intitulado “Dae a César o que é de César – Novo Hamburgo quer sua emancipação”, demonstra claramente sua simpatia à causa emancipacionista, dizendo que a cidade tinha todas as condições de se manter sozinha, pois há muito tempo vinha sustentando São Leopoldo. Dizia que a cidade não recebia a atenção merecida e “em vez de enaltecerem as qualidades de trabalho e iniciativa daquele povo, têm, muito ao contrário, por todos os meios possíveis procurado achincalha-lo atirando-lhes até a pecha de impatriotas.”

Percebemos que a indignação causada pela chamada “questão etnológica” ultrapassou os limites do município. O artigo foi finalizado de forma bastante dramática, deixando claro o posicionamento do jornal:

[...] Continue o povo hamburguês unido como até aqui, em defesa de seus ideais, dentro da ordem, e veremos então como mais uma vez sairá vitorioso e altivo da contenda, vilando a sua terra como merece e os algozes que de consciência negam os seus direitos comparecerão ao banquete publico da instalação do novo município com o mesmo cinismo de JUDAS vendendo a CRISTO.⁴⁵⁶

⁴⁵⁵ GERTZ, op.cit. p.219

⁴⁵⁶ Jornal *Correio da Serra*, 31/07/1926

Um fato importante que veio agravar as desavenças entre os dois distritos foi a negação de um pedido de verba (5 contos de réis) para a construção do monumento comemorativo à imigração em Novo Hamburgo. Esse fato foi determinante para que Pedro Adams Filho renunciasse a seu mandato em outubro de 1925, pois não havia mais clima para mantê-lo. Provavelmente, Adams acreditou que seria mais útil agindo diretamente pelo futuro município do que utilizando as vias legais.⁴⁵⁷

Em Novo Hamburgo, os republicanos e a oposição federalista decidiram unir-se, como informa René Gertz, para agilizar o processo que, ao final das contas, viria beneficiar a todos. Para que esse acordo surtisse efeito foi definida qual a parcela de poder que um dos grupos teria com a nova configuração de município. Ficou acordado que o republicano Jacob Kroeff Neto indicaria um nome para o intendente, e o federalista Guilherme Ludwig, o vice. O candidato deveria ser cidadão novo-hamburguense ou, no mínimo, residir na cidade há três anos e, para o Conselho Municipal, cada um indicaria quatro membros, e o nono seria consenso.⁴⁵⁸

A comissão local percebeu que dependeria de outras instâncias para solucionar seu problema, então, depois de algumas tratativas, foi criada a Liga Pró Villamento (ou Pró-Emancipação), destinada a assumir a questão da emancipação. Essa liga foi recebida em 14 de agosto de 1926 pelo governo estadual, que demonstrou interesse em estudar a situação, mas, para isso,

⁴⁵⁷ Segundo atas do Conselho Municipal de 12, 20 e 27/10/1925

⁴⁵⁸ GERTZ, op. cit. p. 223

solicitou ao grupo um memorial com assinaturas da maioria dos eleitores. O grupo sofreu algumas alterações e, naquele momento, estava formado por José João Martins, Guilherme Ludwig (industrial), Ernesto Moeller (funcionário público) e João Wendelino Hennemann (comerciante e diretor de banco).⁴⁵⁹

Ao mesmo tempo em que esse grupo representante da Liga Pró Villamento fazia os contatos políticos, a população foi incentivada pela liderança do movimento pró-emancipação a organizar manifestações a favor do movimento.

Em 20 de agosto de 1926 foi organizada uma concentração popular, por iniciativa do movimento pró-emancipação, no Cine Teatro Carlos Gomes. Nas suas dependências lotadas, a população clamou o governo estadual por agilidade no processo de emancipação. Essa concentração mostrou que o desejo da separação representava um número significativo de cidadãos.

Nessa ocasião, Leopoldo Petry fez um discurso, dizendo que, em pouco tempo, o distrito de Hamburger Berg seria um município autônomo e, por meio do trabalho de seus cidadãos e dirigentes, transformar-se-ia em uma cidade modelo “a Manchester riograndense”, acrescentou ainda: “o patriotismo de ação, de trabalho profícuo e de uma atividade incansável mostrará ao Brasil o que este povo laborioso de Novo Hamburgo pode fazer”, disse, também, que Borges de Medeiros prometeu para breve uma solução.⁴⁶⁰

⁴⁵⁹ Ibidem, p.224

⁴⁶⁰ Jornal *NH*, 05/04/2005

Nessa reunião, foi decidida a criação de outra comissão responsável pela qualificação dos eleitores para um plebiscito. Pedro Adams Filho, a exemplo da sua atuação em outras reuniões, nos anos 1924 e 1925, toma liderança na execução dessa comissão, juntamente com seus dois filhos Oscar e Albano e mais outros 23 cidadãos hamburgueses.⁴⁶¹

Uma das primeiras iniciativas dessa comissão foi a organização de um jogo de futebol amistoso entre dois times organizados por políticos e empresários, a fim de angariarem fundos para o movimento, e colherem assinaturas no memorial que seria encaminhado ao presidente do Estado. Um dos organizadores do evento era Albano Adams, pois seu pai, Pedro Adams Filho, estava afastado temporariamente do movimento.

O silêncio sobre esse afastamento foi rompido por Carlos Dienstbach que escreveu um artigo no jornal dizendo que “[...] O sr. Pedro Adams Filho se acha ausente atualmente. Consideremo-lo por enquanto voluntariamente afastado. Por tudo que já fez, ele como seus amigos Dr. Kroeff Netto e Leopoldo Petry, sempre terão um direito à nossa gratidão.[...]”⁴⁶²

A comissão distribuiu panfletos conclamando os cidadãos a comparecerem ao jogo de futebol:

Grande Meeting no Campo do Sport-Club Novo Hamburgo

⁴⁶¹ Albino Kieling, Norberto Lichter, Carlos Glaser, Hans Nauer, Fernando Korndörfer, Marcos Moog, Valdemar Cremer, Eduíno Brodbeck, Carlos Feltes, Luís Ritzel, José Scherer, Henrique Schneider, I. Allgayer Filho, Albino Schröer, Ervino I. Schmidt, I.W. Hennemann Filho, Djalmo Fett, Marculino dos Santos Pacheco, Carlos E. Vogt, Norberto Michel, Pedro Mentz Sobrinho, Samuel Dietschi.

⁴⁶² *Deutsche Post*, 25/09/1926

Pede-se o comparecimento de todos os eleitores deste distrito munidos de seus títulos federais para assinarem um memorial que será dirigido ao Exmo. Sr. Presidente do Estado.

Deverão comparecer também os cidadãos que não são eleitores ou que tenham extraviados seus títulos, para a comissão requerer segundas vias e dar andamento aos documentos para a qualificação.

No mesmo local realizar-se-á um MATCH AMISTOSO em benefício da Caixa Pró-Emacipação do 2º. Distrito, entre os seguintes quadros:

1º times – Bloco Nicolas D'Ajello versus Bloco Albano Adams

2º times – Bloco José J, Martins versus Bloco Guilherme Ludwig

Entrada Geral 1\$000 Senhoras Grátis⁴⁶³

⁴⁶³ Panfleto distribuído pela comissão. (APNH)



Figura 68 - Panfleto distribuído pela comissão. (APNH)

O panfleto mostra o esforço despendido pela comissão no sentido de organizar o eleitorado para o plebiscito; não só organizar a documentação, mas a assinatura de um memorial que seria encaminhado ao governo do Estado. A partida era uma forma de fazer um apelo popular que poderia atingir àqueles que gostavam de futebol, mas não se interessavam muito pelas questões políticas municipais.

Enquanto a comissão fazia sua parte em relação à divulgação da idéia na cidade, João Corrêa decidiu, em 9 de agosto de 1926, desmembrar parte do território do 2.º distrito, e criar o 10.º distrito, Campo Bom, argumentando que esse era o desejo dos moradores daquele local e que a cidade tinha uma renda muito

boa decorrente do comércio e, portanto, não apresentaria problemas de ordem administrativa e fiscal.⁴⁶⁴

Em dezembro de 1926, foi enviada a Borges de Medeiros mais uma petição assinada por 827 eleitores, solicitando uma solução para a questão. E em janeiro de 1927, a comissão teve mais uma audiência com Borges e entregou-lhe um documento, agora com 900 assinaturas, que, segundo René Gertz, dizia o seguinte:

[...] 1) o desejo de emancipação vem desde o início da República; 2) os governos estadual e federal reconheceram a importância do distrito e abriram coletorias; 3) a criação do novo município garantirá a ordem e o bem-estar; 4) sedes municipais sempre constituem centros de irradiação de desenvolvimento para as áreas circunvizinhas; 5) o distrito possui receitas suficientes para uma boa administração; 6) o restante do município de São Leopoldo não sofrerá prejuízos com a desanexação; 7) Novo Hamburgo e Hamburgo Velho não podem mais esperar para que sejam tomadas medidas no campo do saneamento e das comunicações; 8) uma administração só não consegue administrar adequadamente dois centros urbanos como São Leopoldo e Novo Hamburgo. [...]⁴⁶⁵

Ao mesmo tempo, o apoio dado à causa apareceria em outros jornais como o *Consultor Commercial*, de Porto Alegre, que colocou alguns dados importantes sobre a situação econômica do futuro município.

Segundo o jornal, a importância comercial e industrial poderia ser comprovada pelo rendimento das coletorias federal e estadual da cidade, que lhe deu o direito de ficar em 5.º lugar no Estado em arrecadação. Diz, também, que a estação telegráfica arrecadou 5:966\$471 réis (1482 telegramas emitidos e 1912 recebidos), a agência do correio também tinha intensa movimentação: recebeu

⁴⁶⁴ Relatório de 1927, apresentado ao Conselho Municipal de São Leopoldo, apud GERTZ, op. cit. p. 224

⁴⁶⁵ GERTZ, op. cit. p.225

556 malas com objetos e expediu 597 malas. Com relação ao registro civil, no ano de 1925, houve 281 nascimentos, 63 casamentos e 179 óbitos. Havia na cidade 108 carros entre particulares e “de praça”, 85 “carros e carrinhos”, 250 carretas e 35 carroças; 6 escolas públicas e 3 particulares, mais uma “aula particular”; 7 agências bancárias (Bancos Pelotense, da Província, Nacional do Comércio, Porto Alegre, Brasileiro-Alemão, do Brasil e Casa Bancária Jorge Pfeiffer).⁴⁶⁶

A situação da indústria também foi destacada: havia 24 fábricas e oficinas de calçado, 17 curtumes, duas fundições de ferro, duas de artigos de metal branco, uma de molduras e uma de mosaico. Sobre a indústria moveleira não foi possível encontrar dados precisos, mas era uma das mais importantes e “perfeitas do Estado”. Por fim, o jornal observa que havia duas igrejas de culto católico e duas de culto evangélico.⁴⁶⁷

Segundo Gertz, no mês de março, os jornais noticiaram vários movimentos dos políticos de São Leopoldo com o objetivo de abortarem a emancipação. Fizeram reuniões, encontros e promessas de que parte da arrecadação seria destinada às melhorias do distrito. Surgiram boatos de que o novo intendente seria um político de fora da cidade nomeado por Borges, mas nenhum desses movimentos surtiu o efeito desejado, e o Conselho, “pela primeira vez na história republicana” ousou enfrentar seu Presidente do Estado.⁴⁶⁸

Finalmente, no início de abril, o secretário do presidente estadual telegrafou dizendo: “Estarei aí primeiro trem segunda-feira 4 do corrente a fim de entender-

⁴⁶⁶ Jornal *Consultor Commercial*, 15/01/1927

⁴⁶⁷ *Ibidem*

⁴⁶⁸ GERTZ, op.cit. p. 225,226,227

me convosco de ordem presidente escolha intendente provisório esse futuro município convidando-me espereis já reunidos.”

Segundo Leopoldo Petry,

Unida a população, foi dirigido um memorial ao Exmo. Sr. Dr. A.A. Borges de Medeiros, Presidente do Estado, solicitando a sua intervenção, para ser criado este município. O Sr. Presidente do Estado, reconhecendo a justiça do pedido, atendeu-o, e enviou à nossa cidade, no dia 29 de março de 1927, o Exmo. Sr. Dr. Alceu Barbedo, naquela época secretário da Presidência do Estado, hoje, Procurador Geral da República, afim de entender-se com os líderes do movimento em prol da emancipação a respeito da constituição da nova comuna e da organização do seu primeiro governo.

A vinda do emissário da Presidência do Estado encheu de júbilo o povo desta terra, pois, viam nisso um indício seguro da breve realização de seus sonhos.⁴⁶⁹

No dia 5 de abril de 1927, um novo telegrama é enviado pelo secretário de Borges a Martins informando:

Sr. José João Martins, presidente, e demais membros – Comissão Pró-Villamento – Novo Hamburgo. Foi assignado hoje o decreto no. 3818 criando o município Novo Hamburgo pt Por outro decreto foi nomeado dr. Jacob Kroeff Netto seu primeiro intendente provisório pt Congratulações bons amigos afectuosas saudações.⁴⁷⁰

O decreto 3818 de 5 de abril de 1927 dizia o seguinte:⁴⁷¹

Cria o município de Novo Hamburgo com o território do 2º. Distrito de São Leopoldo. O Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, no exercício da faculdade que lhe confere a Constituição, art. 20, no. 15, considerando que 900 eleitores do 2º. distrito do município de São Leopoldo, por ser uma antiga aspiração coletiva; considerando que o distrito com a

⁴⁶⁹ PETRY, 1944 op.cit. p.40,41

⁴⁷⁰ Jornal NH, 05/04/2005

⁴⁷¹ Segundo GERTZ, op. cit. p. 228, *A parte hilariante do decreto ficou por conta do preceito constitucional invocado como base para o ato. Esperava-se que a emancipação se desse com base no parágrafo 16 do Art. 20 da Constituição Estadual de 1891, que estabelecia a concordância dos Conselhos para a alteração de limites municipais. No entanto, o decreto invocou o parágrafo 23 do mesmo artigo, o qual estabelecia a competência do Presidente do estado para “conceder aposentadorias, jubilações e reformas, somente nos casos de invalidez em serviços do Estado.”*

população recenseada de 8.500 habitantes, ocupando uma área superficial de 62 km², aproximadamente, tem por sede a povoação de Novo Hamburgo com 1.438 prédios e agricultura, comércio e indústria bastante desenvolvidos, que já em 1925 contribuíram para os cofres do município com uma renda superior a 300:000\$000, considerando que o desmembramento do distrito será pouco sensível ao município de São Leopoldo, que ficará, assim mesmo, com uma população de 41.820 almas, no mínimo, com uma superfície de 1.198 km², e com rendas mais que suficiente para prover às exigências da sua vida autônoma; considerando, finalmente, que o novo município, constituído inteiramente no interior de São Leopoldo não altera os limites deste com os municípios circunvizinhos de Gravataí, Taquara e São Sebastião do Caí:

DECRETA:

Art. 1º. – Fica elevado à categoria de município, com a denominação de Novo Hamburgo e sede na vila do mesmo nome, o território do atual 2º. Distrito do município de São Leopoldo.

Art. 2º. – Enquanto o primeiro conselho municipal de Novo Hamburgo, que se comporá de sete conselheiros, não decretar a lei orgânica do município e não votar o seu orçamento anual, serão nele observadas a lei orgânica do de São Leopoldo e bem assim a sua lei de orçamento para o corrente exercício, na parte que se referir ao distrito, que passa a constituir o novo município.

Art. 3º. – O município de São Leopoldo transferirá ao de Novo Hamburgo a sua dívida ativa correspondente aos contribuintes do anterior distrito, bem como os próprios municipais nele existentes.

Art. 4º. – O município de Novo Hamburgo pagará ao de São Leopoldo, pela forma que entre si convencionarem, a quota que lhe corresponder, proporcionalmente a seus habitantes, na dívida passiva que houver contraído o segundo até esta data.

Art. 5º. – Os limites do município de Novo Hamburgo são os do atual 2º. Distrito de São Leopoldo.

Palácio do Governo, em Porto Alegre, 5 de
abril de 1927.

(Ass.) A.A.Borges de Medeiros
Protásio Alves⁴⁷²

A emancipação foi recebida com festa na cidade, pois toda a comunidade viu-se envolvida de uma forma ou de outra nesse longo processo. A notícia da publicação do decreto chegou à cidade por telefone e, segundo Leopoldo Petry, imediatamente alguns amigos da causa do novo município vieram de carro até Novo Hamburgo e Hamburgo Velho para espalhar a notícia e distribuir boletins, já

⁴⁷² PETRY, 1944 op.cit. p. 41,42

impressos anteriormente, convidando o povo para os festejos de comemoração que deveriam ocorrer à noite.⁴⁷³

Os panfletos redigidos que conclamavam a população a participar dos festejos diziam o seguinte :

VIVA O MUNICÍPIO DE NOVO HAMBURGO

Festejos no dia da decretação do vilamento

O povo de Novo Hamburgo reúne-se às 20 horas na Praça da Estação, donde, formando um préstito, se dirige para a Praça 20 de Setembro.

O povo de Hamburgo Velho se reúne às mesmas horas na Sociedade Frohsin, donde, formando um préstito, se dirige igualmente para a Praça 20 de Setembro.

Nessa Praça, às 21 horas, haverá saudações ao povo do novo município, e às 22 horas, em ponto, todas as bandas de música presentes executarão o Hino Nacional, após o que, ao estrugir de foguetes, tocarão os sinos de todas as igrejas, todas as fábricas apitarão durante um quarto de hora, e far-se-ão ouvir as buzinas de todos os autos.

NOTA! – Pede-se a todos os proprietários de autos e caminhões a comparecerem com seus veículos e a colocarem-nos de modo a projetarem a luz para o interior da Praça.

Pede-se embandeirar as casas durante 3 dias.

A Comissão.⁴⁷⁴

Ainda segundo Petry, a programação dos festejos foi cumprida com entusiasmo. Mais de cem automóveis colocaram-se ao redor da praça, iluminando-a, e a “grande massa popular” que compareceu acompanhou o hino nacional “com as mais vibrantes expressões de civismo”. Quando os festejos

⁴⁷³ Ibidem, p.43

⁴⁷⁴ Ibidem, p.43

públicos encerraram, as pessoas se dirigiram aos clubes e residências e continuaram festejando até “altas horas do dia seguinte”.⁴⁷⁵



Figura 69 - Desfile da emancipação de Novo Hamburgo, 05/04/1927.⁴⁷⁶

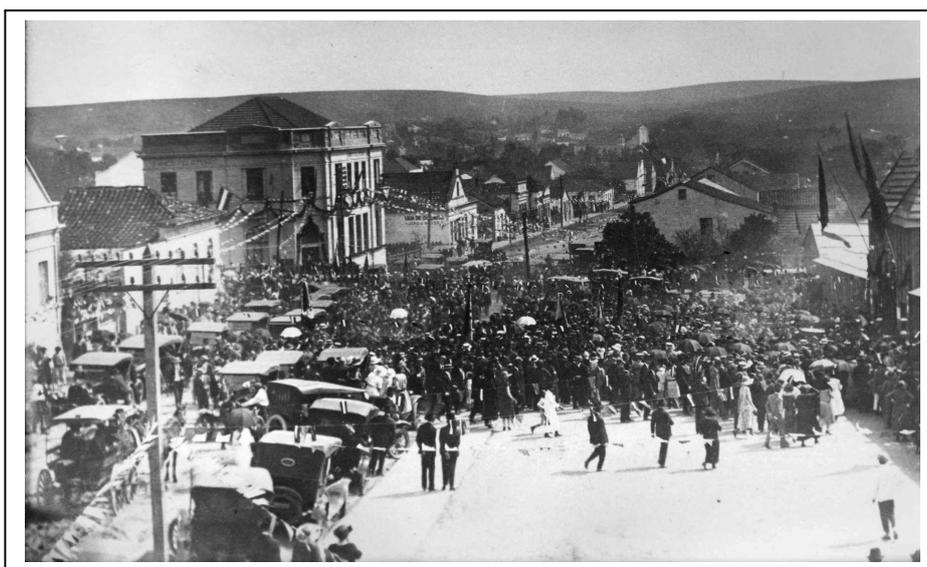


Figura 70 - Festa da emancipação nas ruas da cidade, 05/04/1927.⁴⁷⁷

⁴⁷⁵ Ibidem, p.43

⁴⁷⁶ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

A comissão pró-emancipação assumiu as principais despesas com churrasco, música e foguetes, e as demais foram divididas por empresas, bancos e moradores da cidade, que fizeram mais de 150 doações. Dentre as maiores, consta a da empresa Pedro Adams Filho e Cia. com 200\$000. Apenas Guilherme Ludwig contribuiu com um valor maior, 300\$000. O jornal *O 5 de Abril* divulga uma lista com todos os nomes e valores que foram arrecadados e diz:

[...] Se na parte moral da luta colaborou quase toda a população, encorajando e animando aqueles que combatiam na vanguarda, com o seu decidido apoio moral, dando-lhes força e coragem, não devemos esquecer também aqueles que com seu auxílio financeiro, colaboraram para o feliz êxito, fornecendo ainda os meios para os festejos com que foi celebrada a vitória final. [...] ⁴⁷⁸

Se a animação do novo município foi grande, o mesmo não se pode dizer em relação ao município sede. O intendente e o vice licenciaram-se, assumindo o governo o subintendente. O Conselho reuniu-se para tomar conhecimento do decreto de criação da nova cidade, e resolveu instituir uma comissão para a elaboração de um parecer sobre ele. Esse parecer levantou, segundo René Gertz, três questões: “o ato de Borges foi legal?”, “a criação do novo município trará vantagens e é oportuna?”, “qual a atitude a ser tomada pelo Conselho?” ⁴⁷⁹

Os três juristas consultados, Arthur Ebling, advogado da firma Rotermund de São Leopoldo, Fausto de Freitas e Castro e o desembargador Francisco de Souza Ribeiro Dantas, divergiram na questão sobre a alteração dos limites do município de São Leopoldo. Ebling e Castro defenderam que a aprovação cabia

⁴⁷⁷ Ibidem.

⁴⁷⁸ Jornal *O 5 de Abril*, 16/09/1927

⁴⁷⁹ GERTZ, op. cit. p.229

ao Conselho da cidade; o desembargador Dantas concordou com a constitucionalidade da decisão de Borges. Com relação às vantagens que tal ato traria, os juristas afirmaram que não haveria nenhuma vantagem administrativa para São Leopoldo, mas eles acabaram concluindo que o Conselho não deveria tomar nenhuma medida e que, mesmo sendo justo o desejo de emancipação, ele vinha em momento inoportuno, pois São Leopoldo havia assumido compromissos financeiros com algumas obras importantes.⁴⁸⁰

O *Deutsche Post* comentou alguns dias depois que o Conselho havia decidido simplesmente não fazer nada: não mandou correspondência a Borges sobre o assunto, não renunciou, como não renunciaram o intendente e o vice, pois, nesse caso, Borges interviria no município, como indicariam os antecedentes da história recente. O jornal elogiou, portanto, a atitude dos políticos locais.⁴⁸¹

Por outro lado, o jornal *Correio da Serra* deixou clara sua posição em relação à atitude tomada pelo Conselho de São Leopoldo. As expressões grosseiras no artigo intitulado “A atitude do Conselho Municipal no caso da emancipação de Novo Hamburgo”, que tinha como subtítulo “Aqueles pobres diabos avacalharam-se completamente” e “Um ridículo imenso caiu como última pá de cal sobre o cadáver moral da política de São Leopoldo”, deixavam claro o verdadeiro desprezo pelos membros do Conselho, que beirava o desrespeito.

O artigo relata o momento em que os conselheiros tiveram que se manifestar a respeito da emancipação e diz:

[...] Decorridos cerca de trinta minutos os pseudo representantes do povo apresentaram-se no recinto da sessão, onde, tímidos, implorando quase

⁴⁸⁰ Ibidem, p.229

⁴⁸¹ *Deutsche Post* apud GERTZ, op. cit. p.230

piedade, leram com voz trêmula e sumida o esperado parecer, que nada disse, mas que, entretanto, deixou transparecer nas entrelinhas a triste situação da fase que atravessamos e a ausência completa de caráter dos homens que constituem o Conselho do município de São Leopoldo, como um atestado de inépcia e ignorância da administração. [...] O que mais surpreendeu no parecer foi o emprego de termos grosseiros ao referirem-se aos seus correligionários de Novo Hamburgo. [...] ⁴⁸²

Depois de decretada a emancipação, foi nomeado, provisoriamente, o primeiro intendente do município, Jacob Kroeff Neto, um dos líderes do movimento emancipacionista.

Uma de suas primeiras decisões foi dividir o município em dois distritos: o primeiro era Novo Hamburgo, com a nomeação de Marcolino Santos Pacheco para a sua administração, e o segundo, Hamburgo Velho, cuja administração coube a Júlio Kunz.

As conversações políticas logo se fizeram presentes no novo município, pois havia dois grupos que tinham interesse em assumir o poder. Os líderes dos partidos libertador e do republicano convocaram seus correligionários para discutirem a questão, conforme vemos a seguir:

Convido os meus correligionários para uma reunião no edifício da Intendência Municipal, na próxima quarta-feira, dia 20 do corr., as 16 horas, para tratar da indicação dos candidatos ao cargo de Intendente e Conselheiros Municipais a serem eleitos para o primeiro quadriênio administrativo.
Antecipo-me grato pelo comparecimento.
Novo Hamburgo, aos 18 de Abril de 1927.

Dr. Jacob Kroeff Netto ⁴⁸³

⁴⁸² Jornal *Correio da Serra*, 18/05/1927

⁴⁸³ Panfleto do Partido Republicano. (APNH)

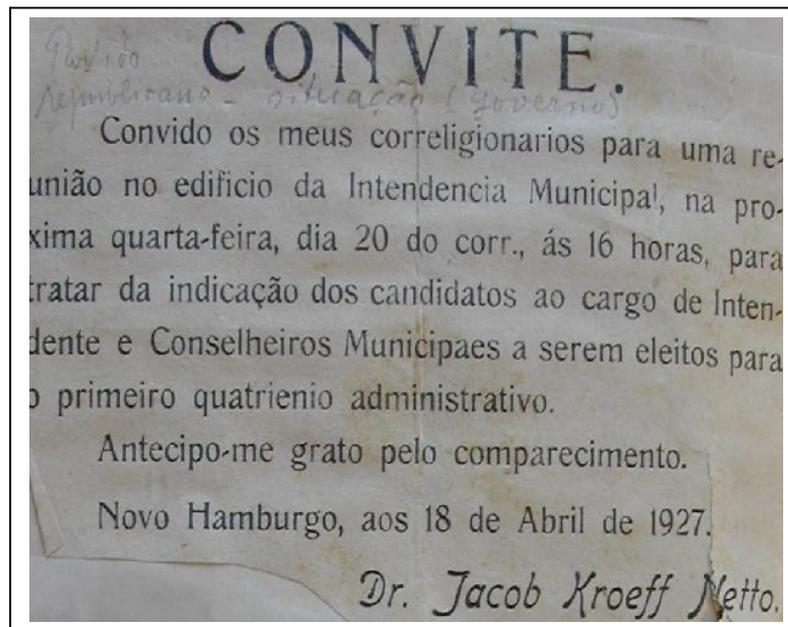


Figura 71 - Panfleto do Partido Republicano. (APNH)

Aproximadamente um mês depois, a Aliança Libertadora chama seus correligionários para uma reunião. O convite sobressaía-se pela ênfase dada à multiplicidade de grupos que compunham o partido: operários, industriais, comerciantes e agricultores. Os operários foram especialmente convocados: “Operários, vós que sois livres, e que com vosso amor e trabalho fazeis com que Novo Hamburgo e Hamburgo Velho sejam grandes, deveis estar presente porque também vós tendes o direito de dar a vossa opinião.” Ou seja, fica nas entrelinhas a idéia de que, naquele partido, o operário era importante e que a sua opinião tinha o mesmo peso que a do seu patrão.

Entretanto, menos de um mês depois, em 29 de maio de 1927, realizou-se a primeira eleição municipal na qual concorreu uma chapa única, formada por pessoas de vários grupos políticos, conforme o acordo feito anteriormente. Os 574 eleitores que votaram elegeram, então: Leopoldo Petry (republicano) para intendente, Guilherme Ludwig (libertador), para vice-intendente e para conselheiros os republicanos J. Eduino Brodbeck, Alberto Adams (filho de Pedro Adams Filho), H. Alberto Steigleder, Bertholdo Rech e os libertadores Balduino Michels, Albino Schröer e Guilherme L. Vielitz, como vemos no jornal a seguir:

ASSIGNATURAS:
Anno 1922
Semestre 1922
Pagamento adiantado.

O 5 DE ABRIL

Impresso na Typographia
Hans Behrend,
Novo Hamburgo.
Anuncios e de
preços modicos.

Semanario de interesses geraes — Publica-se ás sextas-feiras

Director: LEOPOLDO PETRY

Gerente: EDUAR G. BEHREND

Anno I

Novo Hamburgo, 3 de Junho de 1922

N. 5

O nosso primeiro Governo Municipal

Segunda-feira proxima será empesada o nosso primeiro Governo Municipal, eleito a 29 do p. p.

Para um Municipio, como para um Estado, o advento de um novo Governo é sempre motivo de esperanças optimistas por parte daquelles que o elevam ao poder.

Para nós, porém, que ainda ha pouco tempo não gozavamos da autonomia de que hoje nos ufanamos, para nós, repulmas, que vimos a 29 do p. p., realisar-se a primeira eleição dos cidadãos indicados para os varios cargos electivos do nosso Municipio, aquellas esperanças sobrelevam-se, traduzindo-se numa confiança absoluta na nossa futura administração, por isso que os homens que nos vão governar, todos de caracteres firmados, foram, entre muitos outros, os palestrinos eslopa-dos e decididos da nossa independência politica-administrativa e, como tais, empregando as suas melhores energias em prol do nosso engrandecimento.

Hum culpado nos é lido fazer desta pleiade de homens que o povo de Novo Hamburgo, por intermedio dos seus maiores experientes, escolheu para dirigir os destinos desta terra.

Voltemos, em rapidas linhas, alguns traços biographicos dos ellectados que, a 29 do p. p., receberam nas urnas, a sagrada cívica desses administradores.

Leopoldo Petry, filho de Pedro Petry, nasceu no lugar de



LEOPOLDO PETRY
Intendente



GUILHERME LUDWIG
Vice-Intendente

CONSELHO MUNICIPAL



GUILHERME L. VIELITZ



J. EDUINO BRODBECK
Presidente



ALBERTO ADAMS



BERTHOLDO RECH



BALDUINO MICHELS



H. ALBERTO STEIGLEDER



ALBINO SCHIRER

nesta localidade, nasceu no dia 5 de Novembro de 1885, na cidade de Teuara e se iniciou na vida bancaria, em 1913 tendo antes sido commerciante em sua cidade natal.

H. Alberto Steigleder, cirurgião-dentista, filho de Miguel Steigleder, nasceu em S. Leopoldo, a 8 de Novembro de 1879, e reside ha 20 annos nesta localidade. É desde muito tempo, supplicio do Juiz Districtal.

Guilherme L. Vielitz, filho de Theodoro Vielitz, nasceu em P. Alegre no dia 26 de Junho de 1890 e aqui resi-

de já ha 8 annos.

S. S. iniciou a sua carreira, que é o commercio, na casa Breemberg & Cia. em P. Alegre, onde trabalhou durante 10 annos.

Bertholdo Rech, filho de Henrique Rech, nasceu em Hamburgo Velho em 8 de Julho de 1884.

É commerciante, havendo fundado a sua grande fabrica de café e cremenollos em 1914.

Albino Schirer, filho de Jacob Schirer, nasceu em S. Sebastião do Cabu, a 30 de Abril de 1882.

Salindo do Collegio „Hilfsverein“, de Porto Alegre, em 1902, exerceu o magisterio particular, misturando este que abandonou para se dedicar ao commercio desta localidade, onde mouveja já ha 17 annos.

Balduino Michels, filho de João Michels, nasceu no dia 27 de Setembro de 1879 em Nova Palmeira, municipio de S. Leopoldo.

Iniciou sua vida nesta villa, onde reside ha 25 annos. Por muito tempo teve uma grande fabrica de calçados, sendo hoje um dos mais abastados ca-

minado Matadouro Kneff, agora pertençente a Novo Hamburgo, em 15 de Julho de 1882. Começou sua vida como professor particular em Hamburgo Velho. Mais tarde, fazendo exame para professor publico, exerceu esse em que obteve notas distindidas, exerceu o magisterio em Lamma Grande e Passo Fundo, onde esteve até 1912.

Nesse mesmo anno ingressou no commercio, trabalhando até 1916, quando foi nomeado Secretario da Intendencia Municipal de S. Leopoldo, cargo que exerceu com pequena interrupção, até 1.º de Fevereiro de 1923, data em que, com a criação da Collectoria Estadual de Novo Hamburgo, foi nomeado e assumiu em seguida o cargo de chefe dessa repartição.

Guilherme Ludwig, filho de Henrique José Ludwig e de d. Catharina Petry Ludwig, nasceu no lugar denominado „Picada 48“, municipio de S. Leopoldo, no dia 21 de Abril de 1878, tendo começado sua vida em 1905, fundando a coltaria e fabrica de correatas „Guilherme Ludwig“, com o capital de 15 contos de réis e que, actualmente, tem um movimento annual de dois mil e quinhentos contos.

O sr. Guilherme Ludwig é aliado socio solidario das firmas locais Ludwig & Cassel, Martins, Ludwig, Schmidt & Cia. Ltd. e commanditario, das firmas D'Almeida, Sporb & Cia. e Arthur Haas & Cia.

J. Eduino Brodbeck, filho de João Brodbeck e d. Gertrudes Brodbeck, com 9 annos de residencia

distalistas desta groupa.

Ribeirão Adams, filho de Pedro Adams Sealer e d. Maria Lucretia, nasceu em „Deus Imbros“ 4.º districto do municipio de S. Leopoldo, em 7 de Agosto de 1890, tendo passado sua infancia no municipio de Lavaredo.

É industrialista, tendo começado sua vida em 1909 na casa Pedro Adams Filho & Cia, onde trabalhou durante 14 annos, estando estabelecido por conta propria já ha tres annos.

Ela, pois, a que, com muitas difficul-

Figura 72 – Primeiro governo municipal: Leopoldo Petry, intendente; Guilherme Ludwig, vice-intendente; Guilherme Vielitz, J. Eduino Brodbeck, Alberto Adams, Bertholdo Rech, Balduino Michels, H. Alberto Steigleder e Albino Schroer, conselheiros minucipais. Jornal O 5 de Abril, 03/06/27

Pedro Adams Filho cedeu seu posto de conselheiro para seu filho, e passou a fazer parte da comissão executiva do Partido Republicano Rio-Grandense juntamente com José J. Martins e André Kilpp.⁴⁸⁴ O articulista do artigo publicado no jornal *O 5 de Abril* de 3 de junho de 1927, lamentou a ausência de significativo número de eleitores no momento mais fundamental da história política do município.⁴⁸⁵

É interessante observarmos como as relações familiares mesclavam-se com os relacionamentos políticos e econômicos. A filha mais velha de Pedro Adams Filho casou-se com Pedro Alles, amigo de Adams e companheiro na luta pela emancipação da cidade; seu filho Júlio casou-se com a filha de José J. Martins, outro líder da emancipação e amigo de Adams; o próprio Pedro casa pela segunda vez com Olga Kroeff, filha de Jacob Kroeff Filho, também amigo e companheiro na luta pela emancipação; sua filha mais nova, Carla, casou-se com Telmo Bins, filho de Alberto Bins.

A emancipação da cidade representou uma vitória para toda a comunidade, e o seu enaltecimento fez-se sentir em vários momentos, como mostra o seguinte artigo de jornal:

[...] Eis, pois, alguns ideais que não teriam sido conquistados se não fora a cultura, a atividade e a compreensão, por parte do povo, do verdadeiro papel que ao homem cabe desempenhar na existência das sociedades. Por isso é que também o povo de Novo Hamburgo, cioso de seus direitos, com uma compreensão verdadeira do papel que lhe cabia desempenhar na comunhão social e política; conhecendo seu valor intelectual, industrial e comercial e até mesmo artístico, procurou conquistar a liberdade com que já há tanto sonhava; com essa liberdade, que no dizer de um sociólogo brasileiro, é o primeiro bem do homem.

⁴⁸⁵ Jornal *O 5 de Abril*, 03/06/1927

Assim, pois, ainda aqueles que não viam com bons olhos a nossa emancipação, pensando bem, não dirão que lutando por ela o fizemos por egoísmo; não! Dirão certamente que o fizemos por puro sentimento de patriotismo e obedecendo o evoluir natural dos homens que vivem em sociedade, como se tem observado em todos os tempos e com quase todos os povos!...⁴⁸⁶

A emancipação era colocada como uma evolução natural das sociedades e dos homens, e um direito do povo hamburguense que, além disso, vivia numa comunidade que tinha autonomia econômica.

Muitas cidades vizinhas continuaram apoiando e prestando homenagem ao novo município, como podemos ver nesse exemplo do jornal *Correio da Serra*, de Santa Maria.



Figura 73 - Correio da Serra, 26/04/1927. (APNH)

O número de eleitores da cidade apresentou um crescimento bastante significativo no decorrer do ano de 1927. Se, em maio daquele ano, 574 eleitores participaram da eleição, em dezembro, o número de eleitores subiu para 1245, ou

⁴⁸⁶ Jornal *O 5 de Abril*, 01/07/1927

seja, mais que dobrou. Este dado foi divulgado por uma estatística eleitoral de um anuário estadual.⁴⁸⁷ Dos 42 municípios apresentados pela estatística, Novo Hamburgo apresentava-se como o município com o maior percentual de eleitores, 12,4% em 1927, e, em 1929 esse percentual já passava dos 13,7%.

Tais números eram motivos de orgulho para o município, pois significavam um alto grau de engajamento político de sua população e, conseqüentemente, mostravam que o nível educacional era elevado.

[...] Que Novo Hamburgo também ocupa o primeiro lugar nessa estatística, não é de admirar, pois, isso é a consequência natural e lógica do grau de adiantamento intelectual de nosso município, cumprindo-nos apenas o dever de conservar essa posição de destaque e consolidá-la para que não nos possa ser arrebatada. [...] ⁴⁸⁸

Entretanto, os problemas com São Leopoldo ainda apareceriam em artigos do jornal *O 5 de Abril* quando, logo depois da emancipação, noticiou sobre as tentativas do novo distrito em restabelecer a paz e a harmonia e o desinteresse dos cidadãos da cidade vizinha. Diz, ainda, que a oposição só havia crescido na cidade por causa das péssimas condições em que se encontrava, e a partir daquele momento não teria motivos para continuar crescendo. Outra questão freqüentemente levantada pelos jornais era a dívida decorrente do processo de emancipação e que deveria ser paga pelo novo município.

⁴⁸⁷ Jornal *O 5 de Abril*, 27/09/1929

⁴⁸⁸ Jornal *O 5 de Abril*, 27/09/1927

Essas desavenças continuaram por mais de um ano, através dos jornais de São Leopoldo (jornal *União*) e Novo Hamburgo (*O 5 de Abril*), conforme vemos no exemplo a seguir.

União havia feito uma observação jocosa sobre a passagem de uma caravana federalista em São Leopoldo e observado que em Novo Hamburgo ela fora muito bem recebida, tendo o jornal republicano local inclusive noticiado a fundação do Partido Libertador novo-hamburguense. A reação dos redatores de *O 5 de Abril* foi a seguinte, numa matéria intitulada “A nossa vizinhança”: “*União*, órgão republicano da vizinha cidade de São Leopoldo parece querer amolar-nos a paciência”.⁴⁸⁹

Novo Hamburgo, após a emancipação, passou a ser o menor município do Estado do Rio Grande do Sul, com 65 quilômetros quadrados de área. O fato de o território ser pequeno fez com que seus habitantes buscassem nas forças industriais e comerciais o suporte para o desenvolvimento autônomo da cidade.

Em artigo do jornal *O 5 de Abril*, argumentava-se que a cidade não dependia nem da agricultura, nem da pecuária para subsistir e que a pequena extensão territorial do município não era problema, porque

[...] Mal grado o nosso município seja o menor do Estado em área superficial, não o é, porém, nas suas forças econômicas, fator principal da vida dos Estados e dos municípios. Fomos, por muitos anos, os maiores contribuintes da fazenda publica do município a que pertencemos. As nossas indústrias que, sem favor nenhum, figuram em primeiro plano em o nosso Estado e que, por longo tempo, honraram S. Leopoldo, elevando-o ás culminância, formarão a base indestrutível, onde se assentará o futuro e a grandeza do nosso município. [...] Para comprovar o que vimos de dizer é bastante que se note os inúmeros estabelecimentos industriais e comerciais que possuímos; a nossa vida social; enfim, com referencia á nossa vila, o seu grau de adiantamento, o seu floescimento arquitetônico, dia a dia enriquecido com a construção de edifícios que honrariam qualquer cidade civilizada. [...] ⁴⁹⁰

⁴⁸⁹ GERTZ, op.cit. p.234

⁴⁹⁰ Jornal *O 5 de Abril*, 27/05/1927

O artigo continua falando dos clubes que a cidade possuía, dos estabelecimentos de ensino, dos cine-teatros, dos curtumes e das fábricas de calçados e artefatos de couro, das serrarias e carpintarias, dos hotéis, etc. Mas o que fica claro é que Novo Hamburgo sempre foi a força econômica da região e que tinha tudo para se transformar numa força econômica ainda maior.

A gratidão ao governo de Borges de Medeiros pelo “vilamento” de Novo Hamburgo será manifesta nas eleições ao governo estadual de novembro de 1927, pois as principais lideranças do novo município engajaram-se na sua campanha.

Pedro Adams Filho, juntamente com José J. Martins e André Klipp, que faziam parte da comissão executiva do Partido Republicano, estavam encarregados de angariar votos para o partido situacionista nas eleições. A eleição de Getúlio Vargas era considerada uma importante meta a cumprir como forma de agradecimento, conforme podemos ver no seguinte boletim que havia sido distribuído:

Ao Eleitorado Republicano!

[...] Realizando-se amanhã (25) a primeira eleição depois da municipalização de Novo Hamburgo, reiteramos aos eleitores o convite de votarem todos, sem exceção, na chapa Getúlio Dornelles Vargas, para presidente e João Neves da Fontoura para vice-presidente do Estado, sendo esta a maneira mais simples de manifestarmos parte de nossa imensa gratidão ao eminente chefe do Partido Republicano Dr. A. A. Borges de Medeiros pelo vilamento deste ex-segundo distrito de São Leopoldo.⁴⁹¹

⁴⁹¹ Jornal *O 5 de Abril*, 25/11/1927

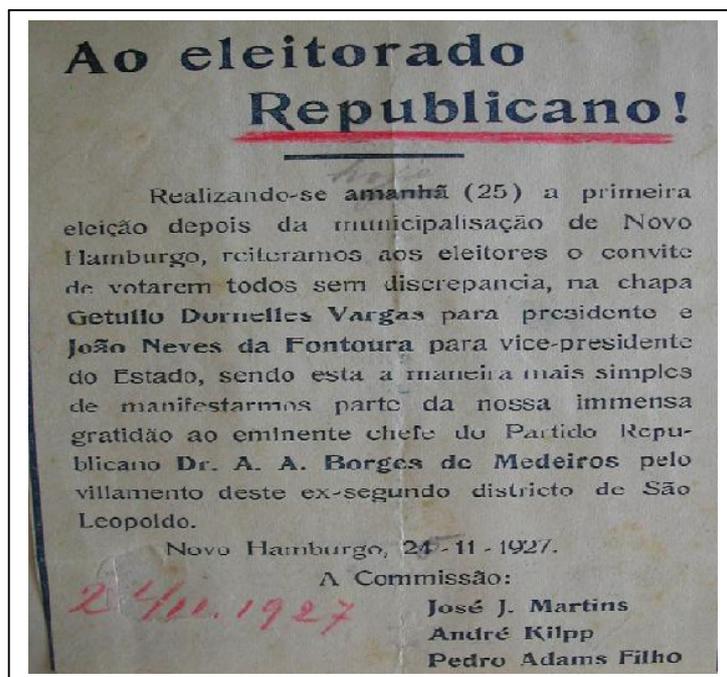


Figura 74 - Panfleto distribuído na cidade. (APNH)

É interessante observar essa relação de gratidão com o governo estadual, pois, ao mesmo tempo em que era reiterada a participação fundamental da população da cidade, dos seus empresários, dos políticos, entre outros, eram creditadas as glórias ao governo de Borges de Medeiros.

Bakos diz que o PRR tinha uma prática política em que buscava manter sua hegemonia recrutando correligionários coniventes com o seu ideário na sociedade civil. Os intendentes foram elementos chave para a consecução desse projeto.⁴⁹² A relação entre os políticos envolvidos com a emancipação de Novo Hamburgo e o governo estadual, corrobora essa idéia.

⁴⁹² BAKOS, op. cit. p. 39

Em 1928, Getúlio Vargas, do PRR, foi eleito para o governo estadual. Ele redirecionou a política econômica gaúcha aos interesses dos produtores locais, especialmente, dos pecuaristas. Para isso, criou o Banco do Estado do Rio Grande do Sul, que concedeu créditos a juros baixos a esses produtores, diminuiu as tarifas ferroviárias, controlou o contrabando do charque uruguaio, entre outras medidas.

A cidade de Novo Hamburgo, no ano de 1928, um ano depois da emancipação, já era considerada uma cidade muito mais desenvolvida que no período anterior a sua emancipação.

Até 1927, a cidade, segundo a imprensa que era porta-voz dos interesses dominantes locais, estava com seu desenvolvimento econômico comprometido devido ao pouco interesse dado pela antiga sede do município aos seus problemas, principalmente os de infra-estrutura e de energia. Depois da emancipação, as coisas mudaram para o bem, pois houve uma sensível melhora em todos os serviços públicos e um incremento na indústria e comércio. Além disso, foram calçadas as estradas que ligavam o município a outros, construída uma ponte e uma praça; e foi feito um projeto de melhoramento no serviço de águas e esgotos, entre outras melhorias. O jornal *O 5 de Abril*, na sua edição de 4 de abril de 1927, apresentou uma comparação das mais diversas atividades entre os anos de 1927 e 1928. Com ela, procurou comprovar o desenvolvimento em todas as áreas na cidade.

Depois da emancipação, Pedro Adams Filho continuou à frente da comissão executiva do Partido Republicano, conforme podemos observar no seguinte convite:

Convite

A Comissão Executiva do Partido Republicano deste município tem o prazer de convidar a todos os seus correligionários para mais uma vez, unidos, numa demonstração da sua força, acorrerem e votarem nos candidatos GENERAL CYPRIANO DA COSTA FERREIRA, FREDERICO CARLOS GOMES E JOAQUIM MAURICIO CARDOZO, escolhidos pelo partido para deputados estaduais na eleição a se realizar no próximo dia 29.

Na sede do Club Borges de Medeiros encontrarão os nossos correligionários, diariamente, pessoa apta para informações.

José J. Martins
Pedro Adams Filho
André Kilpp⁴⁹³

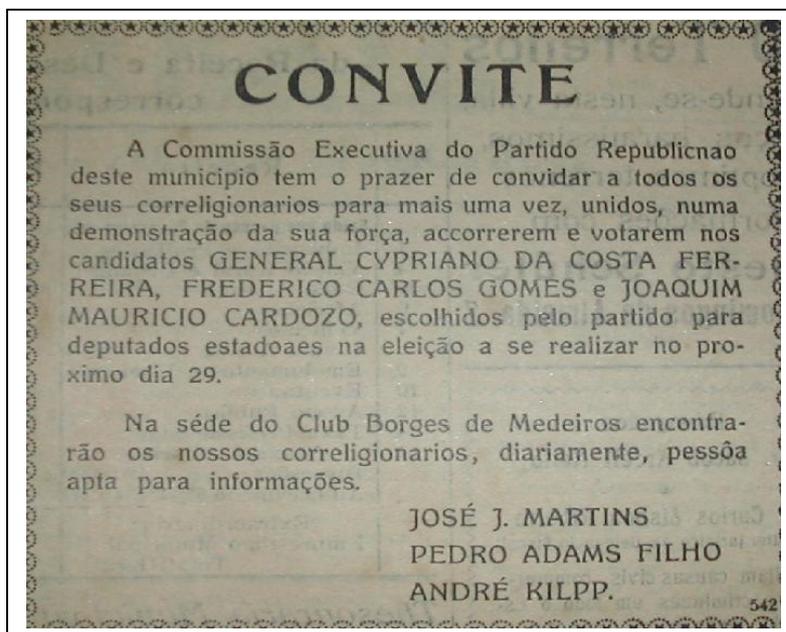


Figura 75 - Jornal *O 5 de Abril*, 20/04/1927 (APNH)

O apoio de Pedro Adams Filho a Getúlio Vargas fica explicitado quando da vinda deste a Novo Hamburgo, para inaugurar a exposição industrial da cidade em

⁴⁹³ Jornal *O 5 de Abril*, 20/04/1927

outubro de 1929. Vargas era candidato à presidência da República, e foi organizada uma grande festa para homenageá-lo. Pedro Adams fazia parte da comissão de recepção ao então governador do Estado, recepção esta que contava com a presença maciça das escolas, dos clubes e das bandas de música. Além da comissão de recepção, havia, também, uma comissão de ordem e policiamento e ornamentação, que pedia aos moradores das ruas por onde passasse a comitiva presidencial que tivessem a “fineza de enfeitarem suas casas”.⁴⁹⁴

Pedro Adams Filho, segundo o jornal *O 5 de Abril*, também apoiava publicamente o primeiro intendente municipal, Leopoldo Petry, que, apesar de ter sido coberto de glórias pela imprensa, viveu momentos de críticas duras realizadas pela população. Críticas, estas, muito pouco esclarecidas pelos periódicos consultados, mas devidamente reportados pelo jornal da cidade.

Veja-se, por exemplo, em 29 de agosto de 1930, em um editorial intitulado “Solidariedade e Protesto”, o jornal *O 5 de Abril* apresenta uma declaração de desagravo ao intendente municipal em virtude de um incidente ocorrido entre ele, Petry, e um advogado da cidade, do Partido Libertador, que o denunciou Petry por abuso de autoridade. Esse desagravo é encabeçado por Pedro Adams Filho, e tem assinatura de aproximadamente 180 pessoas que eram representantes de

⁴⁹⁴ A nível estadual os políticos vinham se articulando numa Frente Única Gaúcha, que reunia o PRR e o Partido Libertador. Essa união política levou à Aliança Liberal que reuniu as elites dos Estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba contra a eleição de Washington Luís à presidência da República e foi uma das responsáveis pela Revolução de 1930, que colocou Getúlio Vargas na presidência do Brasil.

vários setores da sociedade local: industriais, comerciantes, profissionais liberais, entre outros.⁴⁹⁵

O cunho político do episódio pode ser percebido em função de o reclamante ser do partido de oposição, e ter de utilizar-se de um meio de comunicação da capital para publicar seu protesto. O jornal da cidade só fez menção ao ocorrido em função da moção de apoio.

Segundo o jornal,

[...] Sem pretenderem entrar na apreciação do protesto, nem dos termos em que foi redigido, abstendo-se mesmo de dar maior importância ao caso que outro fato não tem do que a exploração política, promovida muito de indústria por um grupo de descontentes, vêm os abaixo-firmados, a bem da verdade, declarar de público, que desaprovam esse protesto e que lamentam tenha o diretório sido vítima do pouco escrúpulo de informante apaixonado. [...] ⁴⁹⁶

O jornal segue relatando o ocorrido com o reclamante, dizendo que o intendente se encontrava na rua com outra pessoa, e o advogado o “injuriou violentamente”, atirando-lhe no rosto “uma série de impropérios, onde não faltaram palavras do mais baixo calão”. Afirma, ainda, que o intendente pode ter seus defeitos e pode ter agido com excesso de autoridade “ao repelir as injurias que lhe eram imprevisivelmente assacadas”, mas que não poderia ter sido ofendido na rua, mas deveria ter sido respeitado. Finalizando, diz:

[...] Os signatários desta, comerciantes, industriais, amigos e admiradores em quem descansa boa parcela de responsabilidades e que com o seu trabalho souberem fazer o pequeno município conhecido, não só em todo Brasil, como no estrangeiro, desaprovam o contexto do protesto, por não corresponder á verdade. Longe de pretenderem envolver-se em

⁴⁹⁵ Jornal *O 5 de Abril*, 29/08/1930

⁴⁹⁶ Ibidem

questiúnculas políticas, na firme resolução de não tornarem mais a público sobre o desagradável incidente, declaram a sua admiração pela atividade, honestidade e tino administrativo do major Leopoldo Petry. Quem conheceu Novo Hamburgo há anos e hoje lhe observa o desenvolvimento em todos os ramos administrativos, deve confessar e reconhecer que tudo é obra do major Leopoldo Petry, que, dentro dos limites do reduzido erário, fez verdadeiramente milagres. A sua operosidade, demonstrada nas obras de transformação do município, está acima dos ataques dos descontentes. Como cidadão, tanto na vida pública como privada, pode ele servir de exemplo e como tal o honramos com esta nossa declaração de solidariedade, na hora amarga em que, por sua ponderação, soube colocar-se, ainda, acima das ofensas e evitar um conflito que, talvez, poderia ter redundado em lamentável desgraça. [...] ⁴⁹⁷

Esse fato é um claro indício de que a administração de Leopoldo Petry tinha opositores, entretanto, a imprensa municipal encobria tais conflitos abertos, e inexistiram referências a eles.

O movimento emancipacionista de Novo Hamburgo pode ser considerado a primeira iniciativa da formação de uma identidade para a cidade, pois foi a série de acontecimentos relacionados à emancipação que fez com que a comunidade sentisse a necessidade de afirmar-se em contraposição ao município sede, São Leopoldo.

Os novo-hamburgueses consideravam-se os representantes do trabalho e do progresso no Vale do Sinos; já os leopoldenses eram os exploradores que, por sua vez, consideravam os vizinhos impatriotas e mais alemães que brasileiros.

Os novo-hamburgueses representavam o novo e os leopoldenses, a tradição.

Segundo Prodanov,

⁴⁹⁷ Jornal *O 5 de Abril*, 29/08/1930

O mundo do trabalho e a ética protestante são amplamente assumidos e valorizados pelos agentes da emancipação política do município. Eles enaltecem as potenciais virtudes da sua localidade questionando a existência das mesmas em São Leopoldo e marcando, assim, discursivamente e na memória da comunidade, as diferenças existentes que por si só justificariam uma separação. Essa ruptura tem raízes econômicas, políticas e até religiosas, encontra campo fértil nas posições conceituais do trabalho, da ética e do comportamento diferenciado dos alemães. Marcadamente inicia-se o processo de ver e olhar o hamburguense como um herdeiro dos valores e princípios teutos, em oposição a São Leopoldo, mais miscigenado.⁴⁹⁸

Essa identidade inicial, forjada a partir da busca de marcos diferenciais em relação a São Leopoldo, vai perdurar e ajudar a construir o mito do sentimento municipal de pujança e empreendedorismo em Novo Hamburgo. Nesse sentido, Pedro Adams Filho, pioneiro da indústria calçadista e um dos líderes da emancipação, acaba se tornando o líder das novas gerações de novo-hamburguenses.

3.1.1 – A cidade e seu cotidiano nos anos 20 e 30

Acreditamos que seja importante tratarmos de algumas questões relacionadas ao cotidiano da cidade para compreendermos algumas atitudes que caracterizaram o empreendedorismo de Pedro Adams Filho, pois no contexto de suas vivências diárias, Adams definiu suas ações, pois, ali, segundo Agnes Heller, o homem se revela por inteiro.⁴⁹⁹

⁴⁹⁸ PRODANOV, Cleber C. O processo de construção da identidade urbana: Novo Hamburgo e seu contexto histórico. 2006. Ex. mimeo., p.7

⁴⁹⁹ HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra., 1989. p. 17

As mudanças revolucionárias que aconteceram na ciência no início do século XX fortaleceram a idéia de que a história da humanidade caminhava em direção ao progresso. Se, no Brasil, o início da industrialização veio acompanhado dessa ilusão da modernidade, no Rio Grande do Sul o cenário é o mesmo.

Depois da emancipação, a cidade de Novo Hamburgo ansiava pela sua modernização, conforme observamos no jornal local por meio de inúmeras matérias que criticavam uma infra-estrutura em desalinho com o progresso industrial, e com o novo *status* político da cidade.

Pedro Adams vivia nessa cidade e era um homem arrojado no sentido de sempre ter investido em novas tecnologias para suas empresas. Além disso, podemos identificar seu interesse nos artefatos da modernidade com o caso de ele ter sido um dos primeiros habitantes da cidade a comprar um automóvel, que era um dos símbolos da modernidade da época.

Novo Hamburgo, na época de sua emancipação e nos anos 30, apresentou algumas mudanças significativas na sua infra-estrutura (tratamento e abastecimento de água, calçamento, esgoto, organização de praças), principalmente em relação a seu planejamento urbano, visto que somente dessa forma alcançaria o progresso.

Para a modernidade ser alcançada o passado tinha de ser superado, e o espaço urbano totalmente remodelado, pois não havia sequer ruas calçadas na cidade.



Figura 76 - Uma das ruas centrais da cidade onde se encontrava grande número de empresas, sem calçamento, quatro anos antes da emancipação da cidade.⁵⁰⁰

Segundo Selbach,

[...] A fisionomia hamburguense recebeu seus devidos cuidados após a emancipação. Por um lado, a municipalidade arborizou praças, arrumou vias públicas e construiu um palácio municipal moderno. Por outro, a elite enriqueceu dia a dia a cidade com novas e modernas construções que, acreditavam, honrava qualquer cidade civilizada. Surgiram sólidos

⁵⁰⁰ SCHEMES, Claudia & PRODANOV, Cleber C. *Memórias do setor coureiro-calçadista* – Um acervo fotográfico. CD-ROM, 2005.

prédios ali e elegantes palacetes acolá. Modernos bangalôs foram sendo construídos. A vila se renovou paulatinamente. [...] ⁵⁰¹

Entretanto, os costumes e hábitos cotidianos pouco se modificaram, como o comportamento e as formas de lazer.

A modificação do espaço urbano e a transformação estética da cidade aconteciam, mas o comportamento segregacionista continuava existindo nos grupos sociais dominantes em relação a todo habitante da cidade que não fosse de origem alemã. A procedência familiar era de suma importância, o sobrenome classificava os novo-hamburgueses, situação que perdura na cidade até os dias atuais.

Pedro Adams Filho fazia parte desse grupo dominante, composto pelos industriais, comerciantes, políticos e outros profissionais liberais bem sucedidos da cidade, entretanto, segundo relatos de seus familiares, ele não fazia qualquer tipo de discriminação, inclusive levava para morar e trabalhar em sua casa pessoas com condições precárias de vida. ⁵⁰²

Essa questão da modernização como objetivo máximo a ser conquistado pela nova cidade, e o conceito de progresso humano como sinônimo de progresso material, foi muito bem trabalhada por Selbach:

[...] A cidade viveu seus dias de glória quando buscava incansavelmente o progresso, confundindo-o com conquistas materiais. Renovou sua

⁵⁰¹ SELBACH, Jeferson. *Pegadas urbanas* – Novo Hamburgo como palco do flâneur. Cachoeira do Sul: Ed. do Autor, 2006. p. 69

⁵⁰² Segundo depoimentos de suas filhas Theresa e Carla e neto Pedro Adams Neto, concedidos em maio de 2006.

arquitetura, construiu belas residências e edifícios suntuosos, alinhou e calçou suas ruas, ordenou o desenvolvimento, enfim, procurou crescer e ganhar feições de pequena metrópole. Para tanto, precisou derrubar as pontes que a ligavam ao passado, uma vez que não queria volta. Negou suas origens coloniais para mergulhar no sonho urbano. [...] ⁵⁰³

Nesses anos, um espaço muito freqüentado na cidade era a praça 14 de Julho, que se localizava na região central. Era palco de muitos acontecimentos e o local onde jovens e velhos, ricos e pobres conviviam harmonicamente. ⁵⁰⁴

Segundo Da Matta, a praça é a sala de visitas urbana, é ela que representa os aspectos estéticos da cidade, nela estão os jardins e os prédios básicos da vida social da comunidade: a igreja e a prefeitura. ⁵⁰⁵

Entretanto, a construção dessa praça seguiu um caminho particular, pois Novo Hamburgo foi uma cidade que cresceu de forma atípica, cujo desenvolvimento urbano não se deu a partir da igreja, como era costume na maioria das cidades, mas a partir da construção da estação de trem.

[...] Até a chegada do trem, em 1876, o que existia era somente a vila de Hamburgo Velho. Esta desenvolveu-se a partir do entroncamento de duas estradas onde se situavam as duas igrejas. A católica [...] ficava numa parte mais alta do morro. A evangélica um pouco abaixo. A malha urbana da vila imbricava-se entre si, formando um labirinto por entre as construções. Como os trilhos ferroviários não alcançaram a vila, uma vez que as obras foram paralisadas dois quilômetros antes, em torno da estação batizada de New Hamburg foram sendo feitas novas construções que passaram a abrigar os depósitos, hotéis, casas comerciais e residências.[...] Assim como na vila de Hamburgo Velho, a igreja não fora foco principal para o desenvolvimento urbano. Em Novo Hamburgo o epicentro foi a estação do trem. [...] ⁵⁰⁶

⁵⁰³ SELBACH, op. cit. p.115

⁵⁰⁴ Jornal *O 5 de Abril*, 20/05/1927, 12/08/1927

⁵⁰⁵ DA MATTA, Roberto. *Camavaís, malandros e heróis*. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p.72,73.

⁵⁰⁶ *Ibidem*, p.24



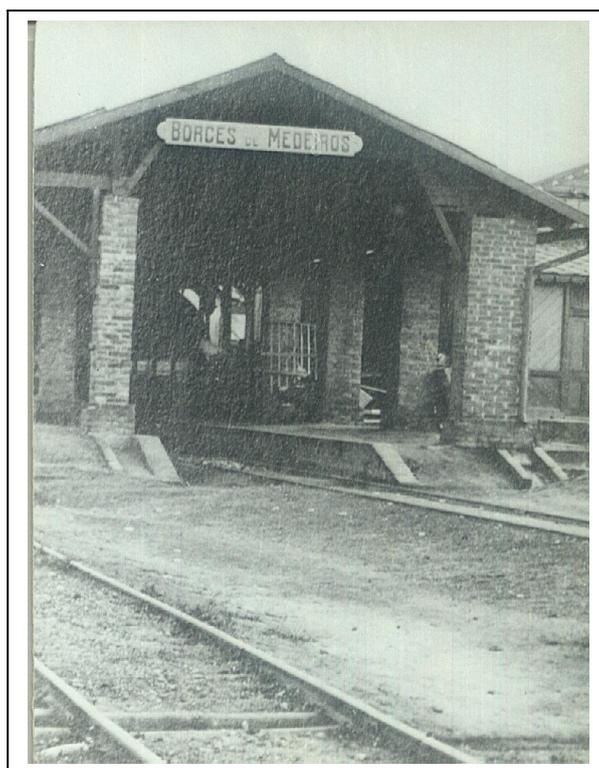
Figura 77 - Estação nos anos 20.



Figura 78 - Estação nos anos 20.⁵⁰⁷



Figura 79 - Trem passando pela cidade.⁵⁰⁸



⁵⁰⁷ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

⁵⁰⁸ Ibidem

Figura 80 - Aspecto da estação em 1919, ano em que o nome da cidade foi mudado para Borges de Medeiros, mudança que durou apenas alguns meses.⁵⁰⁹

A praça surgiu, portanto, como um apêndice da estação férrea e passou a ser o cartão de visitas da cidade. Logo após a emancipação, todos os esforços foram conjugados para embelezá-la da melhor maneira possível com postes de iluminação, bancos de cimento, canteiros de flores, relógio, etc. Ali passaram a acontecer comícios, passeatas, manifestações, cordões carnavalescos e atos cívicos.



Figura 81 - Praça 14 de Julho⁵¹⁰

A preocupação com seu embelezamento era matéria constante no jornal da cidade:

Inaugura-se, dentro em breve, o jardim da praça 14 de julho, desta vila. Não só por constituir um requisito de estética essencial a todo embelezamento urbano o aludido jardim, que, brevemente, deliciará a vista e mesmo o olfato de nossa gente e dos viajantes que por aqui

⁵⁰⁹ Ibidem

⁵¹⁰ Ibidem

passarem, dando um atestado do bom gosto da administração que vem logrando proporcional a esta vila um embelezamento digno de qualquer centro adiantado [...] dupla utilidade, unindo o útil ao agradável [...] o viajante, por exemplo, que tiver de esperar o trem, principalmente no verão, não precisará fazê-lo dentro do velho casarão da viação, que nos dias caniculares é como que um forno em brasas, fará, então, na praça, à sombra, num ambiente de ar agradável, tendo à vista a perspectiva belíssima[...] assim o forasteiro levará da nossa terra uma grata lembrança, uma agradável impressão [...] da influência que os jardins públicos exercem na vida das grandes cidades e dos povos inteligentes [...] é evidente o valor higiênico mental dos jardins.⁵¹¹



Figura 82 - Praça 14 de Julho após ajardinamento em 1929.⁵¹²

Várias outras matérias foram feitas, chamando a atenção da população para as questões da “modernização” e “embelezamento” da praça, desde a solicitação aos moradores para que não arrancassem flores, até o pedido aos proprietários de cavalos e outros tipos de animais para que não os deixassem soltos, estragando a praça.

⁵¹¹ Jornal *O 5 de Abril*, 12/08/1927

⁵¹² SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

[...] Novo Hamburgo não fica atrás em matéria de cachorrada, com a pequena diferença de que aqui os cachorros não se limitam a dormir pelos passeios, vão agredindo as dentadas os transeuntes incautos e atordoando as ruas com o seu ladrar insuportável. [...] Nada mais desagradável que essa falta de garantias para as nossas pernas proveniente da excessiva liberdade dada a sociedade canina. [...] ⁵¹³



Figura 83 - Bebedouro para animais localizado na Praça 20 de Setembro, no centro de Novo Hamburgo em 1914. ⁵¹⁴

⁵¹³ Ibidem, 14/02/1930

⁵¹⁴ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

Outro problema atacado pela municipalidade após 1927 foi a limpeza urbana, que era considerada um dos principais sinais de civilidade.

[...] as ruas são, por assim dizer, as salas de visitas de uma localidade [...] e si acontece chegar um visitante qualquer e esbarrar em todos os lugares públicos com montes de cisco, cascas de frutas espalhadas pelos passeios, sarjetas entupidas por detritos e exalando mau cheiro, não será muito lisonjeira a impressão que daqui levará; Enquanto as nossas vias de transito não passavam de simples estradas rurais, completamente abandonadas, pouco se notavam essas irregularidades, mas agora que a municipalidade manda nivelar, alinhar e sargentá-las, derrubados os velhos plátanos, plantados sem ordem nem simetria, verifica-se uma completa modificação em seus aspecto geral e qualquer trapinho ou detrito, que em tempo não vão longe, não passaria despercebido nos fere desagradavelmente a vista; Sabemos perfeitamente que não é a má vontade, a causa que leva muitos moradores da nossa vila atirarem para a rua o lixo das casas, mas unicamente um velho hábito , um antigo uso, e certo estamos que basta a publicação do edital para acabar de vez com esse abuso.⁵¹⁵

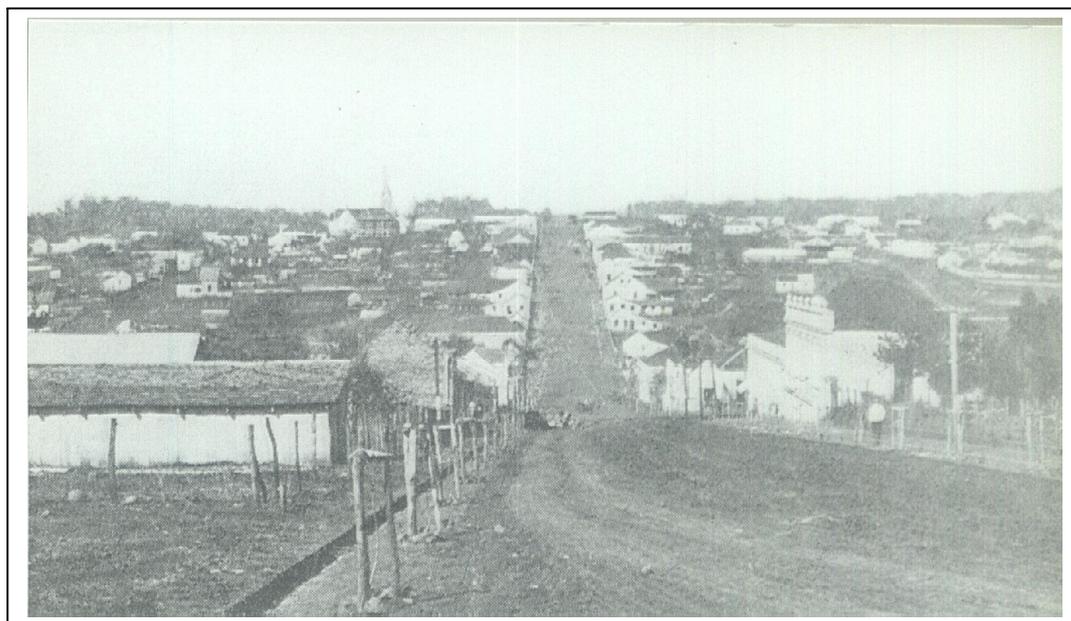


Figura 84 - Hamburgo Velho, 1922.⁵¹⁶

⁵¹⁵ Jornal *O 5 de Abril*, 14/06/1929

⁵¹⁶ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

Seis anos depois desse apelo, o jornal dizia que a falta de limpeza nas ruas continuava e não condizia com *“os nossos foros de progresso e civilização”*. Ressaltava que essa questão vinha sendo discutida há muitos anos e a prefeitura vinha fazendo a sua parte no conserto e conservação das ruas, e que a população deveria ter boa vontade, e contribuir para o embelezamento de sua cidade.

Se, por um lado, havia uma grande preocupação com a aparência do centro da cidade e do bairro de Hamburgo Velho, por outro via-se um grande descaso com os bairros considerados pouco nobres. Fora do centro, onde ficava o comércio principal, e de Hamburgo Velho, bairro tradicional e habitado pelas famílias mais influentes, a realidade era bem diferente, o abandono era quase total.

Outro fato importante para abordarmos é a discriminação do elemento não alemão que é muito pouco registrada pela historiografia oficial do município. O aparente conagraçamento inter-racial é tido como regra. Entretanto, existia em Novo Hamburgo, nesse período por nós analisado, alguns bairros que tinham características muito peculiares e que evidenciam a forma em que se dava a discriminação.

Segundo Carlos Mosmann, a opressão racial sempre existiu na sociedade novo-hamburguense, desde a chegada dos primeiros imigrantes alemães.⁵¹⁷

⁵¹⁷ Entrevista concedida pelo jornalista Carlos Mosmann que ocupou a Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo em Novo Hamburgo e que participou de projetos de preservação do patrimônio cultural negro da cidade. In: SOUZA, Leira Salete Teixeira. *Preconceitos na História de Novo Hamburgo*. Uma visão crítica da bibliografia existente. Novo Hamburgo, 2003. ex. mimeo.

[...] Até a década de 40, o racismo era tão intenso que o nome de algumas localidades era determinado pela etnia dos seus habitantes. Um destes lugares era o bairro hoje conhecido como Guarani. Habitado por negros, era conhecido como “África”. O bairro Rio Branco era chamado de “Mistura”, por abrigar tanto famílias brancas como negras. [...] ambas as localidades eram separadas do núcleo central de Novo Hamburgo pelos arroios [...] até a década de 1930, pelo menos, as crianças descendentes de alemães eram proibidas de cruzar estes arroios, explicitamente para evitar que tivessem contato com pessoas de outras etnias. [...] ⁵¹⁸

Outro bairro citado é o atual Primavera, que era chamado de “Limpeza”, pois “antes de adotar o sistema de fossas sépticas na cidade, as fezes e a urina das famílias residentes na área urbana eram recolhidas em espécies de urnas e, semanalmente, tinham seu conteúdo jogado naquela área.”⁵¹⁹ Era próximo a esse local que se estabeleceram numerosos grupos de negros que viviam com grandes dificuldades financeiras. ⁵²⁰

Segundo Carlos Mosmann, ⁵²¹ os bairros habitados pelos “não-alemães”: África, Mistura, Limpeza, sofriam de todos os problemas que antes acometiam a cidade em geral e que foram sendo sanados nas áreas consideradas prioritárias, como o Centro e Hamburgo Velho. Nesses locais marginalizados pela municipalidade instalavam-se, também, aqueles trabalhadores da indústria do couro e do calçado que vinham de outras cidades para trabalharem aqui.

Novo Hamburgo dividia-se entre o centro, onde se concentravam as fábricas e o comércio e Hamburgo Velho, que era a zona nobre e recomendada como estação de veraneio e repouso. Segundo Petry,

⁵¹⁸ Ibidem, p.16

⁵¹⁹ Ibidem, p.16

⁵²⁰ SCHÜTZ, Liene M. Martins. *Os Bairros de Novo Hamburgo*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

⁵²¹ Entrevista de Carlos Mosmann. In: SOUZA, op. cit.

[...] Hamburgo Velho está situado no alto de uma colina, onde diariamente se faz sentir a viração do oceano e donde se goza um lindo panorama: ao leste, o vale do rio dos Sinos e além os morros de Lomba Grande, com suas igrejas e suas casinhas brancas, quase escondidas entre o verdor das árvores e dos matos; ao norte, a serra dos Dois Irmãos, com seus picos, separados por um extenso vale e tão parecidos um com o outro, que deram o nome àquela zona; ao oeste e sul, a cidade de Novo Hamburgo, com suas belas residências, as suas chaminés e fábricas, donde ressoa todo o dia, em ritmo animador, a música do trabalho, a melodia das máquinas e o hino do progresso. [...] ⁵²²

Da mesma forma, a harmonia indica que a cidade não tinha problemas com a segurança pública. A polícia não tinha sequer plantão na delegacia, pois os casos de violência praticamente inexistiam. As ocorrências policiais relatam pequenos furtos, ciclistas utilizando calçadas, portões de residências arrancados, brigas por jogo; os casos mais graves eram agressões físicas, assaltos com facões, invasões de residências para roubo, etc. ⁵²³

Um fato que chama a atenção nos jornais é a quantidade de objetos encontrados e que são devolvidos na redação para que seus proprietários os recebam. Entre eles: sombrinhas, carteiras, jóias, chaves. Os jornais noticiavam essas ocorrências policiais, como podemos ver nesses dois exemplos:

Roubo na Igreja São Luiz. Na noite de domingo para segunda-feira última, audacioso gatuno, penetrou no templo católico local, onde furtou uma pequena taça de ouro, o suporte da hóstia sagrada. Nem as igrejas respeitam. ⁵²⁴

Monstruosidade: chegando próximo a ponte de acesso ao bairro Rio Branco, Adão apressou o passo para encontrar-se com Maria neste trajeto, que é menos habitado. Munido de um cacete, Adão, sem mais nem menos, entrou a espancar barbaramente a infeliz moça. Revelando toda monstruosidade que vinha dominando, com um forte golpe prestou

⁵²² PETRY, op. cit. p.147

⁵²³ Segundo jornal *O 5 de Abril*

⁵²⁴ Ibidem, 16/01/1931

Maria ao solo. Faustino, vendo a atitude facínora de Adão, em vez de socorrer sua cunhada, deita a correr.⁵²⁵

Segundo o jornal, em 1935, os poucos problemas de segurança pública podem ser medidos pela presença de, apenas, 16 homens da Brigada Militar na cidade.⁵²⁶ Outro fato peculiar, informa o mesmo periódico, é que não havia menores abandonados nas ruas, quando eles eram encontrados, eram recolhidos e encaminhados aos pais.

A cidade, como um todo, também carecia de infra-estrutura nas áreas mais básicas, como abastecimento de água e luz (como já vimos em capítulo anterior). Somente nos anos 50 é que a água abastecida pela hidráulica pode ser servida em estabelecimentos comerciais e residências. Antes disso, o fornecimento era realizado por meio de poços artesianos.

Em relação ao transporte, de 1912 a 1915, a cidade contou com uma linha de bonde que ligava o centro a Hamburgo Velho,⁵²⁷ com “carros de praça”, quando o serviço de bonde foi suspenso, com alguns automóveis, a partir de 1918, e com uma linha de ônibus entre Hamburgo Velho e Novo Hamburgo, e entre a cidade e Porto Alegre. Em 1920, foi inaugurada a linha Novo Hamburgo-

⁵²⁵ Ibidem, 19/06/1931

⁵²⁶ Segundo PETRY, op. cit. p.89, no ano de 1928 havia apenas um “filho de Novo Hamburgo” na Casa de Correção de Porto Alegre e, entre os 488 homicídios praticados, apenas um aconteceu em Novo Hamburgo; ferimentos graves foram dois e atentados à propriedade apenas um.

⁵²⁷ *Os bondes partiam do largo fronteiro à estação da estrada de ferro, subiam a rua General Neto até a Bento Gonçalves, seguiam por esta rumo à Praça 20 de Setembro até a rua Júlio de Castilhos, continuando por esta acima a Hamburgo Velho até seu ponto terminal, o Hotel Esplêndido. [...] Porém, o empreendimento não dava lucros. Um dos motivos dos prejuízos foi o desgaste dos animais de tração. A subida de Novo Hamburgo até Hamburgo Velho, devido ao terreno acidentado, exigia grandes esforços desses animais que, ao cabo de poucas semanas, estava inutilizado. Para sanar este mal, o jovem mecânico, Aloísio Einsfeld, concebeu a genial idéia de adaptar aos bondes um motor de automóvel. Constituiu essa idéia uma novidade, mas foi aceita pela administração dos bondes. O motor foi colocado e Novo Hamburgo teve a primazia, no Rio Grande do Sul, de dispor de um tráfego de bondes motorizados. Ibidem, p.63*

Tramandaí, o que facilitou a ida ao litoral nas férias de verão, hábito difundido até hoje.⁵²⁸

As atividades comerciais, embora não tenham sido o carro chefe da economia da cidade, sempre foram muito importantes. Lembramos que essa atividade foi a responsável pela criação de vila de Hamburger Berg no século XIX.⁵²⁹ O comércio era bastante variado na cidade, existindo representantes dos mais diversos tipos de estabelecimentos como armazéns, magazines, hospedagens, postos de combustível, etc.



Figura 85 - Loja e depósito de couros em Hamburgo Velho, anos 20.⁵³⁰

⁵²⁸ [...] naquela época não existia [...] o que se poderia chamar de estrada. O viajante via-se obrigado a procurar passagem, contornando cômoros, desviando banhados e lagoas, através de um terreno coberto de escassa vegetação e cheio de obstáculos, que exigiam muita perícia dos motoristas, para serem vencidos. Carros semi-interrados, ora na areia movediça, ora em banhados imperceptíveis a quem não conhecia o terreno, constituíam aventuras tão comuns, que até nem conseguiam alterar a boa disposição dos passageiros e, quando ocorria o caso de atolar-se o veículo, apeavam todos a ajudarem o motorista sair da situação em que se encontrava. Ibidem, p.63

⁵²⁹ Esta vila foi criada no entroncamento da estrada das tropas, que ligava o noroeste da província a São Francisco de Cima da Serra, e da estrada geral, que vinha do passo do Rio dos Sinos e seguia em direção ao morro de Dois Irmãos. SELBACH, op. cit. p. 236

⁵³⁰ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

Esse comércio regulamentado e a fama de boa pagadora da cidade, era motivo de orgulho da comunidade, entretanto, deixava-a suscetível ao comércio informal, formado pelos vendedores ambulantes que vinham de outras cidades. Eles vendiam diretamente ao consumidor a preços mais baixos, o que era uma preocupação das autoridades, pois prejudicava os negócios dos pagadores de impostos.⁵³¹

Em relação ao lazer, a cidade pouco tinha a oferecer ao cidadão comum, ou seja, aquele que não participasse de algum clube (tema que será abordado a seguir).

Havia os cine-teatros, que traziam alguns espetáculos teatrais ou filmes, os circos que se instalavam na Praça 20 de Setembro e que sempre estavam com suas lotações esgotadas, as corridas de cavalo, os clubes de ciclistas que organizavam passeios aos domingos e, no ano novo, os grupos que, munidos de gaita, iam de casa em casa cantando e dando votos de felicidades.⁵³²

⁵³¹ Jornal *O 5 de Abril*, 13/09/1929

⁵³² Segundo notas informativas do jornal *O 5 de Abril*.



Figura 86 - Prédio do primeiro cinema da cidade com ônibus passando em frente, 1916. ⁵³³

Além desses eventos recreativo-culturais, os cidadãos da cidade tinham como hábito passear na praça e pela rua central da cidade, fazer piquenique na

⁵³³ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

beira do arroio Luiz Rau, que era o balneário da cidade, e caçar passarinho com funda, sentar com a família na calçada em frente a casa para olhar o movimento e as crianças brincarem (hábito que perdura até hoje na cidade).



Figura 87 - Avenida Pedro Adams Filho, década de 40.⁵³⁴

Os desfiles cívicos, ao mesmo tempo evento oficial e festa popular, também eram momentos de lazer. A Semana da Pátria era especialmente festejada para evidenciar o espírito patriótico da cidade que foi, muitas vezes, acusada de impatriótica⁵³⁵, como vimos anteriormente. Os desfiles, acompanhados pelo povo

⁵³⁴ Ibidem

⁵³⁵ Na ocasião da luta pela emancipação o Conselho Municipal de São Leopoldo sugeriu que Novo Hamburgo ainda não estava totalmente nacionalizada em função do grande número de descendentes de imigrantes alemães.

entusiasmado, eram compostos por crianças das escolas e por atletas dos clubes, que desfilavam pela avenida principal da cidade.⁵³⁶

O 15 de novembro também era comemorado por estudantes, clubes e políticos que se reuniam para cantar o hino, e iam até o monumento da emancipação em Hamburgo Velho, puxados pela Banda Municipal Carlos Gomes.

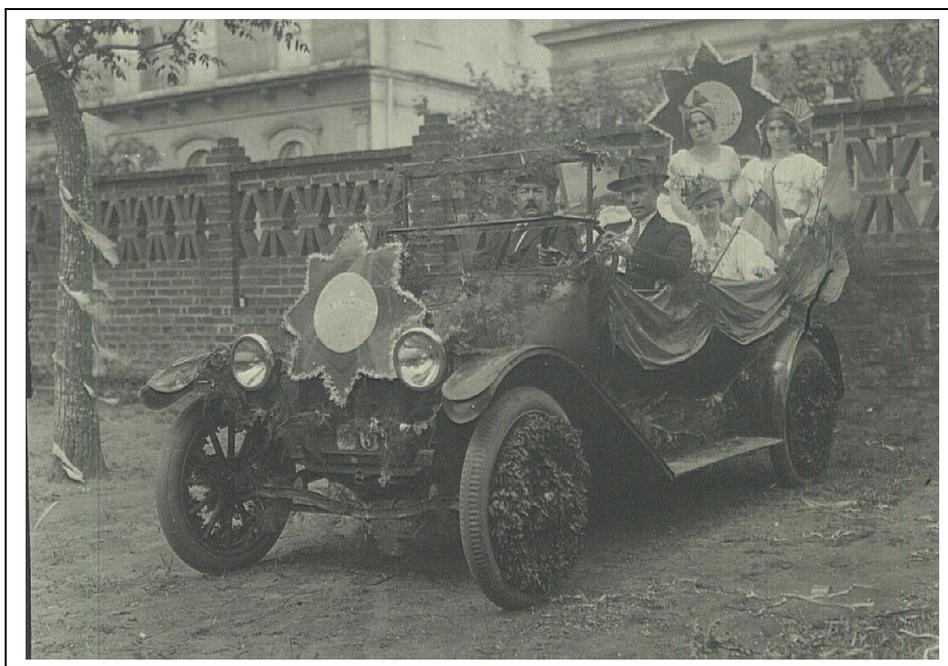


Figura 88 - Carro decorado para desfile carnavalesco nos anos 20.⁵³⁷

A tranqüilidade da cidade é lembrada pelo jornal *O 5 de Abril*, quando ele faz referência à passagem de aviões por ela.

⁵³⁶ SELBACH, op. cit. p.141,142

⁵³⁷ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

Passou, terça-feira última, sobre esta vila, um aeroplano. Vinha ele de nordeste e tomou a direção sudoeste. Para muitas outras localidades é um fato comum, sendo, entretanto, para Novo Hamburgo um acontecimento digno de registro.⁵³⁸

“Uma elegante aeronave da Varig” ou “espetáculos inéditos de hábeis pilotos” da Base de Aviação Naval eram também noticiados pelo jornal.⁵³⁹ A passagem do dirigível Zeppelin pela cidade foi um acontecimento que ficou registrado no jornal.

Passavam cerca de 15 minutos das 13 horas, quando, finalmente, divisava-se a longo o gigantesco ‘pássaro prateado’, prorrompendo a multidão em grande manifestação de entusiasmo. Lentamente, o ‘Graf Zeppelin’ ia vencendo a grande distância e, pelas 13,30 horas rumava para esta vila. Nesta altura, um dos aviões que o foram encontrar, despistou a grande aeronave, que, por isso, voltou, sem mesmo cruzar a parte central desta vila. Foi muito sentido que o imponente dirigível, quando já ia em território hamburguês, não cruzou a zona principal deste município, onde teve início a colonização alemã do Estado, há 110 anos, e onde, em Hamburgo Velho, ergue-se, majestoso o belo monumento em homenagem aos pioneiros dessa grande obra de colonização.⁵⁴⁰

A respeito desse acontecimento, ímpar na cidade, há um depoimento muito emocionado de uma operária da indústria calçadista que rememorou esse fato:

Vocês não lembram, mas o Zeppelin passou por aqui! [...] nós vimos nitidamente. O patrão parou a firma e botou nós todos para a rua para nós vermos o Zeppelin. Nossa! O pessoal abanava pra nós e nós abanávamos para eles. Foi muito bonito. Eu vi o Zeppelin! [...] ⁵⁴¹

As atividades religiosas também faziam parte do dia-a-dia da cidade de forma bastante intensa desde a vinda dos primeiros imigrantes alemães. Esses

⁵³⁸ Jornal *O 5 de Abril*, 05/09/1930.

⁵³⁹ É bom lembrar que em 07/05/1927 nascia a S.A. Empresa de Viação Aérea Rio-Grandense, a VARIG, um dos símbolos do progresso dos gaúchos e motivo de orgulho.

⁵⁴⁰ Jornal *O 5 de Abril*, 09/11/1934

⁵⁴¹ Entrevista de Irena Koch concedida para a autora em abril de 2002.

imigrantes trouxeram a religião evangélica luterana para um país que tinha como culto oficial a religião católica. Isso representou mudanças significativas na organização das comunidades, especialmente em relação à educação.

A maioria dos imigrantes que chegou a Novo Hamburgo era evangélico e, já em 1832, construíram a primeira igreja em Hamburgo Velho que também servia como escola. Somente em 1898 foi inaugurada a igreja evangélica de Novo Hamburgo, no centro da cidade.

Os católicos, como eram em menor número, construíram sua igreja em Hamburgo Velho apenas em 1850 e, no centro de Novo Hamburgo, em 1924.

A construção dessa igreja contou com ampla participação de Pedro Adams Filho que, segundo relato de seus familiares, era uma pessoa de fortes convicções religiosas e fez parte da comissão que dirigiu a sua construção, juntamente com Pedro Alles (casado com a filha mais velha de Adams), Leo J. Campani e Leopoldo Petry.

A igreja católica também foi a responsável por grandes procissões que eram consideradas verdadeiros eventos sociais pelos cidadãos.

Segundo Selbach,

[...] na procissão de Corpus Christi, que iniciava na Igreja São Luiz e seguia por algumas ruas centrais, viam-se as fachadas dos edifícios festivamente engalanadas e ornamentadas com imagens, estátuas e flores. Em algumas pontos por onde o féretro passava, armavam-se artísticos altares onde o sacerdote e o sumo-sacerdote celebravam a bênção, seguidos pelos diversos coros que faziam a melodia. Se grande número de católicos acompanhavam tais atos religiosos com demonstrações de devoção, os não-católicos acompanhavam-se tais

atos religiosos com demonstrações de devoção, os não-católicos assistiam com respeito à solenidade. [...] ⁵⁴²



Figura 89 - Primeiro prédio da Igreja Católica de centro da cidade. ⁵⁴³

Nos anos 1980, a historiadora Liene Schütz ⁵⁴⁴ fez uma pesquisa com as pessoas que viveram na cidade nos anos 1920 e 1930, com o objetivo de apontar o tipo de vida dos imigrantes alemães e seus descendentes. Achamos importante

⁵⁴² SELBACH, op. cit. p.141

⁵⁴³ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

⁵⁴⁴ SCHÜTZ, Liene Martins, 4º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul.

apresentar algumas de suas conclusões, pois elas refletem o dia-a-dia das pessoas que conviviam com Adams.

Segundo a autora, a alimentação era constituída principalmente de batata-inglesa, sopa de legumes, salsichões, chucrute, cucas, pão de batata-doce, pão-de-trigo e de aipim, *schmier*, nata, coalhadas e requeijão, salames, lingüiças, carne de porco, charque, arroz, cevada, pão-de-ló, tortas de frutas e peixe.

As formas de lazer mais praticadas eram as visitas aos amigos, serenatas, rodas de anedotas, bailes, *kerb*, corridas de cavalo, jogos de carta, vísperas, futebol, rodas de bordado (*stick-kränzchen*), caça a tatus, tamanduás, veados e gatos do mato, audição de música, assistência às operetas, participação em festas de igreja, leitura de romances, passeios na praça, espera do trem junto à estação ferroviária.⁵⁴⁵

Quando analisamos o cotidiano da cidade nos anos em que Adams esteve no auge de suas atividades políticas, podemos perceber que muitas eram as necessidades, não só de infra-estrutura, mas também de lazer e cultura. O fato de ele ter participado da comissão responsável pela construção da igreja católica no centro da cidade, é exemplo de como sua atuação tinha de transcender as questões econômicas e político-partidárias.

Acreditamos que a rotina e as atribuições da vida diária podem determinar os múltiplos papéis que cada indivíduo assume ao longo da sua vida. Como afirma Agnes Heller, não é possível separarmos o comportamento cotidiano do não

⁵⁴⁵ Ibidem

cotidiano por limites rígidos e que “toda obra significativa volta à cotidianidade e seu efeito sobrevive na cotidianidade dos outros.”⁵⁴⁶

Pedro Adams Filho estava inserido em uma comunidade que tinha necessidades e interesses específicos, mas influenciavam, em seu dia a dia, as suas decisões e atitudes. Nesse sentido, lembramos mais uma vez Heller que diz que uma das características da vida cotidiana é a “entonação”, ou seja, “o aparecimento de um indivíduo em dado meio ‘dá o tom’ do sujeito em questão, produz uma atmosfera tonal específica em torno dele e continua depois a envolvê-lo.”⁵⁴⁷

O cotidiano é, portanto, um espaço de construção e produção da história, não apenas de reprodução e manutenção de normas e condutas. Como diz Del Priore, “os problemas colocados pelo cotidiano não são menores, pois a história se constrói nesse dia-a-dia [...] e temos que analisar de que maneira se operam as relações entre ambos.”⁵⁴⁸

3.2 - As atividades comunitárias

⁵⁴⁶ HELLER, op. cit. p.27

⁵⁴⁷ Ibidem, p. 36

⁵⁴⁸ DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.266

Pedro Adams Filho não teve apenas uma atuação fundamental na economia e política do município. Seu envolvimento comunitário também deve ser ressaltado em função das várias atividades que exerceu durante sua vida em Novo Hamburgo.

Podemos considerá-lo um empreendedor social, ou “um agente que propõe a criação de idéias úteis para resolver problemas sociais, combinando práticas e conhecimentos de inovação, criando assim novos procedimentos e serviços [...] cuja motivação é a melhoria da vida das pessoas.”⁵⁴⁹

As atividades de cunho sócio-culturais realizadas por Adams foram:

⁵⁴⁹ OLIVEIRA, Edson Marques. Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias. *Revista da FAE*, Curitiba, v.7, n.2, p.9-18, jul/dez 2004. p.11

Quadro 2 - Atividades sócio-culturais de Pedro Adams Filho em Novo Hamburgo (1888-1929)

Nome	Ano	Tipo de participação
Sociedade Frohsin	1888	Sócio/administração
Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo	1910/11	Presidente
Sport Club Novo Hamburgo	1911	Ajudou a fundação
Jockey Club	1912/13	Fundação
Sociedade do carro fúnebre	1913	Fundação/administração
Colégio São Jacob	1914	Fundação/administração
Associação Comercial	1920	Fundação/administração
Igreja Católica de Novo Hamburgo	1924	Comissão de obras
Caixa Rural União Popular	1929	Fundação/administração (presidente)

Fonte: PETRY, op. cit.

Ele incentivou ou participou ativamente de várias associações de cunho recreativo ou esportivo. Essas associações surgiram em profusão no interior do Estado e, na maioria das vezes, eram formadas pelos descendentes de alemães, que as utilizavam para auxiliarem-se mutuamente.⁵⁵⁰

⁵⁵⁰ Por ocasião do centenário da imigração, em 1924, foi feito um levantamento do número de sociedades existentes e chegou-se ao total de 327 assim distribuídas: 97 em Santa Cruz do Sul, 48 em Venâncio Aires, 41 em Porto Alegre, 24 em Taquara, 22 em Rio Pardo, 19 em São Lourenço do Sul, 15 em São Leopoldo, 11 em Cruz Alta e Santa Maria, 10 em Cerro Largo, 8 em Montenegro, 7 em Lajeado e Santo Ângelo, 4 em Sobradinho e 3 em Ijuí. FLORES, op. cit. p.120.

Inicialmente, essas sociedades eram bastante fechadas em função de seu objetivo principal, a manutenção da germanidade, o que tornava obrigatório a utilização da língua e dos valores alemães.

Entretanto, essas associações já vinham se formando há muitos anos na cidade, conforme vemos na tabela a seguir:

Quadro 3 – Sociedades de Novo Hamburgo (1888-1927)

Nome	Ano de fundação
Sociedade Frohsin	1888
Sociedade de Atiradores	1892
Sociedade Gymnastica	1894
Sociedade Gymnastica de Hamburgo Velho	1896
Sociedade de Atiradores de Hamburgo Velho	1896
Sport-Club Novo Hamburgo	1911
Football-Club Esperança	1914
Tiro de Guerra no. 251	1916
Sport-Club Olympio	1919
Sociedade de Canto, Música e Teatro Palestrina	1919
Sport-Club Progresso	1921
Grêmio da Mocidade Bailante	1921
Sport-Club Guarany	1925
Sport-Club Canudense	1925
Sociedade Recreativa Rio Branco	1926
Club União Juvenil	1916
Sociedade de Canto Bruderbund	1917
Sociedade Recreativa Maenner-Club São João	1921
Sport-Club Victoria	1923
Sociedade de Canto Frisch Auf	1924
Sport-Club Palmeira	1924
Grêmio S. Hamburguez de Football a Atletismo	1927
Sport-Club Municipal	1927
Sport-Club Ypiranga	1927

Fonte: PETRY, Leopoldo, op. cit., p.89-92

A quantidade de sociedades recreativas e esportivas existentes na cidade na década de 1920, mostrava a importância dada ao esporte e ao lazer no município. Também lembramos que o associativismo, comum na Europa, tornou-se uma característica do imigrante alemão, que “contrabalançou o trabalho na solidão do lote rural, ao longo da semana, com recreação em grupo aos domingos,

e era também uma forma de viabilizar problemas comuns referentes à vida comunitária, como religião, escola, recreação, saúde.”⁵⁵¹

O jornal *O 5 de Abril* reforçava a importância da vida comunitária:

Na formação do caráter do povo da nossa vila, de seus usos e costumes, as diversas sociedades tiveram uma influência muito pronunciada e, mister de dizê-lo, sumamente benéfica.

Com efeito, sendo o fim de quase todas as associações a dedicação a um ideal elevado – cultura do canto, desenvolvimento do esporte – ali compareciam a princípio principalmente aqueles cujo idealismo é bastante forte para desistir aos primeiros obstáculos, geralmente não pequenos, que se opõe ao seu progresso.

Vencidas estas, agregam-se em torno dos vencedores, todos aqueles que a princípio se mantinham afastados – seja por comodismo, seja por temerem as dificuldades, seja por não acreditarem num desfecho favorável das lutas.

Consolidada assim a sociedade, comparecem também as famílias, cuja presença por si só obriga a todos os sócios a um procedimento correto, compensado, por sua vez, pela afabilidade em que logo se transformam o ambiente, a ponto de se encontrar em muitas sociedades uma cordialidade igual á que nos atrai nas famílias de esmerada educação. [...]⁵⁵²

As sociedades, como vimos, eram consideradas fundamentais para a harmonia social e “*formação do caráter*” do cidadão novo-hamburguense.

Esse espírito associativo é considerado, por Hilda Flores, uma característica do imigrante alemão, o que podemos considerar válido, visto o número elevado de associações culturais, recreativas e esportivas que foram sendo criadas desde o século XIX na cidade, e que sempre tiveram um número significativo de integrantes.

⁵⁵¹ FLORES, op. cit.p.119

⁵⁵² Jornal *O 5 de Abril*, 20/09/1927

Segundo Telmo Lauro Muller,⁵⁵³ historiador especialista em colonização alemã, esse perfil do imigrante estava ligado aos invernos rigorosos da Europa, que impediam as pessoas de se encontrarem ao ar livre durante muitos meses, daí a criação de sociedades e clubes criados para esses encontros onde se podia dançar, cantar ou jogar, ou seja, conviver com os outros.

Era bastante comum nas colônias alemãs a existência das sociedades de canto (“gesangverein”), de ginástica (“turnvereine”) e de atiradores (“schützenvereine”). Já na metade do século XIX, em 1858, foi fundada a *Sociedade Orpheu* em São Leopoldo, em 1867, a *Sociedade Ginástica* de Porto Alegre e, em 1885, a *Sociedade Ginástica* de São Leopoldo.

Pedro Adams Filho participava ativamente desses clubes, não apenas para se divertir, jogar e encontrar amigos, mas, também, auxiliando nas questões administrativas sempre que julgava necessário.⁵⁵⁴

Ele foi presidente da *Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo* durante os anos de 1910 e 1911, e fundador do *Jockey Club* de São Leopoldo, que iniciou suas atividades entre 1912 e 1913 e existiu, provavelmente, até os anos 40.

O *Jockey* era um importante local de encontro da comunidade aos domingos. Era onde seus sócios podiam discutir questões relacionadas à política ou apenas praticar algum esporte. Infelizmente, em relação a esse clube não

⁵⁵³ MÜLLER, Telmo Lauro. *História da Imigração Alemã para Crianças*. Porto Alegre: EST Edições, 1996. p.44

⁵⁵⁴ Segundo depoimento de familiares já citados e jornal *NH* de 05/04/2002

existem registros em arquivos, portanto, não há maiores informações sobre seu funcionamento.⁵⁵⁵

Com relação à *Sociedade Ginástica* de Novo Hamburgo, embora também não se tenha preservado a sua história, há algumas informações complementares.

Esse clube foi criado em 11 de junho de 1894, com o nome de *Turnverein New Hamburg*, por 18 jovens filhos e netos de imigrantes alemães que desejavam um lugar para praticar esportes e dançar. Durante 18 anos o clube funcionou na casa de seus fundadores. Somente em 1912 é que foi inaugurada a primeira sede no centro da cidade.⁵⁵⁶ Acredita-se que Adams teve um papel significativo na construção da sede, pois ela foi construída apenas um ano depois de seu mandato na presidência. Seu poder econômico e influência política podem ter sido fundamentais para isso.

Nesses anos iniciais, eram famosos seus bailes de *kerb*, que chegavam a durar três dias.

Essas sociedades tinham uma participação importante na comunidade através dos bailes e dos eventos esportivos. Nesses últimos, a frequência masculina era alta e, apesar de as sociedades oferecerem várias opções (dentre a mais conhecida, o futebol), era o bolão o esporte que se destacava. Esse jogo foi trazido para o Brasil pelos alemães, que fundaram um grande número de grupos que se dedicaram a ele.

⁵⁵⁵ Segundo Telmo L. Muller diretor do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

⁵⁵⁶ A primeira diretoria do clube (1894/1895) era composta pelas seguintes pessoas: Frederico Eckert (presidente), Carlos Waltermann (vice-presidente), Pedro Wolff Filho (mestre de ginástica) e Edmund Wolff (guarda-sport)

Outra atividade esportiva bastante popular era o tiro ao rei, praticada nas sociedades de atiradores. Ao menos uma vez por ano os clubes promoviam um torneio muito disputado entre os sócios e que era acompanhado com entusiasmo pela comunidade.

[...] O evento ocupava todo o domingo. Espectadores mais fervorosos almoçavam na sociedade para não perder um tiro sequer do torneio, que sempre prometia lances espetaculares na parte da tarde. O rei era proclamado ao anoitecer e começava uma semana de preparativos. No domingo seguinte, sempre ocorria o *"Königsball"*, o Baile do Rei. Pela tradição, a banda e a diretoria da sociedade buscavam o Rei para conduzi-lo com honras pelo salão. A diretoria formava uma linha de frente, enquanto todos os vencedores do torneio alinhavam-se em forma de U, com lanternas apontadas para o chão. Proclamava-se os vitoriosos e seguia-se a entrega das medalhas. Sobre o peito do rei colocava-se uma espécie de faixa cruzada, onde eram afixadas as medalhas de cada ano. Também cabia ao rei abrir o baile da noite, dançando a polonesa. Iniciada a festa, os alvos, expostos pelo salão, podiam ser apreciados.[...]

⁵⁵⁷

Leopoldo Petry também fez referência a essa questão enaltecendo o povo "trabalhador" da cidade, e relacionando o trabalho às associações, o que é parte da constituição do mito referente à comunidade de Novo Hamburgo, como pode-se ler a seguir:

Onde há intenso trabalho, não existe somente prosperidade, mas, se forma também, em todas as camadas sociais, não apenas o desejo, senão a necessidade de distrair o espírito, cansado pela intensa concentração das idéias, bem como de movimentar o corpo, durante horas a fio obrigado ao repouso ou a posições forçadas. Daí o grande interesse pelos desportos em nossa cidade. Novo Hamburgo é, talvez, entre todas as cidades do interior do Estado, a que mais tem desenvolvido esse ramo de atividade e diversão. Sociedades de ginástica, tiro ao alvo, futebol, tênis, de canto e outras, foram fundadas, em grande número, há muitos anos e têm prosperado de maneira notável. [...]

Acresce, ainda, que as diretorias das sociedades ginásticas procuravam sempre elevar o nível cultural de seus associados; para esse fim construíram suas sedes, onde são oferecidas aos sócios diversões várias

⁵⁵⁷ Jornal *ABC Domingo*, 24/07/1997

em forma de bailes, teatros, bom como oportunidade de reuniões para pequenas festas íntimas, jogos, etc.

Petry finalizou dizendo que a Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo foi uma das mais se destacou na cidade:

Entre essas sociedades de ginástica sempre se destacou, graças às suas esforçadas diretorias, a de Novo Hamburgo, que além de sua imponente sede social, com salões de baile, canchas de bolão, biblioteca com grande coleção de livros, ainda possui excelente e bem cuidado e bem cuidado campo de desporto, com canchas de tênis e outros melhoramentos peculiares a tais empreendimentos.⁵⁵⁸

O autor ainda diz que, em 1944, havia 18 sociedades desportivas na cidade, contando com 3531 associados, e 9 recreativas com 3116 sócios, o que mostra o aumento do número dessas associações. Sendo a população da cidade composta por 11.321 pessoas, havia 58% de cidadãos novo-hamburgueses ligados a alguma sociedade, o que é um índice bastante elevado, se compararmos com a porcentagem atual de associados a clubes esportivos e recreativos na cidade.⁵⁵⁹

Pedro Adams Filho também participou da *Sociedade Frohsinn*, depois conhecida por Sociedade de Cantores de Hamburgo Velho, principalmente jogando bolão nos finais de semana e auxiliando na sua administração. A *Frohsinn* surgiu da fusão das duas primeiras sociedades de Novo Hamburgo: a *Arion* e a *Eintracht* que tinham como finalidade ensaiar cantos para as festas da igreja evangélica e para os enterros, e que surgiram em meados do século XIX. Dessa fusão, surgiu, em 4 de maio de 1888, a *Gesangverein Frohsinn* (Sociedade de

⁵⁵⁸ Petry, op.cit.p.89-91

⁵⁵⁹ Ibidem

Canto Espírito Alegre) que, como o próprio nome diz, cultivava o canto coral e a música, mais tarde também o teatro e o bolão.⁵⁶⁰

Em 1923, essa sociedade contava com 260 sócios, e funcionava em prédio próprio, com palco, em Hamburgo Velho.

[...] Pedro Adams, que tanto amou o trabalho, tinha também momentos de diversão. Assim, duas a três vezes por semana, ia praticar bolão do “Frohs” [...] E nessa ocasiões tinha a oportunidade de saborear o chopp de que tanto gostava. Era, também, ardoroso jogador de “skat”, jogo de cartas em voga na época e semelhante ao escovão de hoje.⁵⁶¹

Essa matéria de jornal é significativa, pois identifica uma das formas de lazer de Pedro Adams Filho, mas, ao mesmo tempo, salienta que ele “*amava o trabalho*”, ou seja, justifica o fato de que um dos maiores empresários da cidade também se divertia, o que parecia, de certa forma, atípico para um descendente de alemães que deveria ter o trabalho como meta de vida.

⁵⁶⁰ Segundo FLORES, *havia, em 1924, 58 Sociedades de Canto, além das de Coral, Música e Orquestra, totalizando 72 associações nas quais o elementos feminino tomava parte ativa. [...] s Sociedades de Canto atuaram como fator de identidade étnica e de controle moral, feito através da seleção das letras das canções. Aprendidas no lar, retomadas na escola e ensaiadas na sociedade, as canções auxiliaram a perpetuar o legado cultural imigratório. A participação da mulher alemã na vida social está expressa também nas 18 Sociedades de Damas ou de conotação feminina.* Op. cit. p.121

⁵⁶¹ Jomal NH, 05/04/1977



Figura 90 - Comunidade e associados na “festa de cantores” em frente à Sociedade Frohsin em 1905. (FEFS)

Pedro Adams Filho também era figura constante nas listas de apoio a instituições de caridade, como o Instituto para Cegos Dr. Getulio Vargas, que organizou uma comissão para angariar fundos no Estado, e que teve como um dos primeiros doadores a sua empresa. Em outro momento, foi realizada uma campanha para angariar donativos para uma família carente e ele, mais uma vez, foi um dos que mais auxiliou.⁵⁶²

Pedro Adams Filho era, também, um dos organizadores de algumas festas populares. A matéria intitulada “O alegre Pedro” dizia o seguinte:

⁵⁶² Segundo a notícia “*Obra de caridade*” publicada no jornal *O 5 de Abril* de 30/09/1932.

A festa de São Crispim, o padroeiro do sapateiro, tornou-se um grande acontecimento na época. No campo fronteiro ao local onde hoje está a Escola Industrial Senador Alberto Pasqualini, realizavam-se no dia 29 de junho grandes festas populares, comandadas por Pedro Adams. Além de seus empregados, faziam-se presentes convidados até de Porto Alegre, somando mais de 500 pessoas. E entre danças, comida e balões todos comemoravam a data. O ponto alto residia no espetáculo dos balões, um dos quais continha um vale que dava direito a um calçado da marca Adams.⁵⁶³

Os eventos ligados a sua empresa também eram motivo de divulgação, como os churrascos com seus empregados, que iniciavam pela manhã e iam tarde adentro.

Sábado, 31 de dezembro último, a firma P. Adams Fo. & Cia. reuniu, em sua sede, seus auxiliares e grande número de amigos e, em regozijo pelo bom encerramento do balanço, ofereceu-lhes, magnífico churrasco, regado a chopp.

Estava ali reunido o que Novo Hamburgo tem de mais representativo; autoridades municipais, federais e Estaduais; representantes das classes comercial, industrial e bancaria, além de muitas outras pessoas gradas.

Num dos intervalos do churrasco, o sr. Ewaldo Koch, em nome dos convidados, agradece à firma P. Adams Fo. & Cia., pela gentileza em proporcionar-lhes tão bela festa; continuando, teceu hinos ao sócio sênior sr. Pedro Adams Filho que, durante 3 decênios, disse, foi o incansável batalhador pelo progresso de Novo Hamburgo.

Seguiu-lhe com a palavra o sr. Arnaldo Coelho, que, em nome da firma, agradeceu aos termos carinhosos do orador que o precedeu e afirmou que, como já há 30 anos, a firma P. Adams Fo. & Cia. continuaria a quebrar lanças por Novo Hamburgo.

Ambos os oradores foram, ao terminar, muito aplaudidos.

Os sócios da firma, com o cavalheirismo que lhes é peculiar, cobriram de gentilezas os convidados que, ao retirar-se às 4 horas da tarde, levaram, da encantadora festa, a melhor das impressões.⁵⁶⁴

O interesse de Pedro Adams pela comunidade manifestou-se, também, em questões de perdas e de tristezas, como por ocasião da criação da “sociedade do carro fúnebre”, administrada por sua empresa.

⁵⁶³ Jornal *NH*, 05/04/1977

⁵⁶⁴ Jornal *O 5 de Abril*, 06/01/1928

Essa sociedade foi criada em 1913, com o objetivo de adquirir um carro fúnebre para a ainda vila de São Leopoldo, pois o carro existente era de tração animal. Os outros bens da sociedade eram uma casa e um terreno bem localizados na cidade.⁵⁶⁵

Durante quinze anos, Pedro Adams exerceu uma administração “solícita, dedicada e desinteressada”⁵⁶⁶, e, somente em 1928, foi convocada uma sessão dos sócios para tratar de assuntos da sociedade, dentre eles, a solicitação dos administradores daquela época para transferir sua presidência à intendência municipal.

[...] Estava na ordem do dia a discussão duma proposta, apresentada dias antes pelo sócio sr. Pedro Adams F., de ser transferido à intendência municipal o ativo e o passivo da sociedade, seus bens móveis e imóveis, obrigando-se a intendência municipal de substituir o carro fúnebre, até agora usado, de tração animal, por um caminhão automóvel, mais adequado às necessidades da época. Por unanimidade, foi aceita a proposta do sr. Pedro Adams F., assumindo a intendência municipal o ativo e o passivo da sociedade [...]

Por proposta do sr. Intendente municipal, unanimemente aceita, ficou assentado lavrar-se em ata um voto de louvor ao sr. Pedro Adams F. pela solícitude, dedicação e desinteresse com que, durante quinze anos, zelou pela marcha e bens da sociedade. [...]

A proposta do sr. intendente de ser lavrado um voto de louvor ao sr. Pedro Adams F. é tanto mais justa e merecida, em vista do que está exposto, isto é, da invulgar dedicação e abnegação, e zelo pouco comum com que administrou a sociedade durante 15 anos de sua existência.⁵⁶⁷

A substituição do carro aconteceu dois anos depois, em 1930, com o aproveitamento de um chassi *Chevrolet*, a construção de uma cabine por uma empresa da cidade e a utilização de algumas peças do antigo carro.

⁵⁶⁵ Ibidem

⁵⁶⁶ Jornal *O 5 de Abril*, 17/02/1928.

⁵⁶⁷ Ibidem

Outro momento importante na atuação comunitária de Pedro Adams ocorreu em 1918 com a epidemia da gripe espanhola que assolou o país e, também, a cidade.

Foram instalados na cidade três hospitais de emergência: dois na Sociedade Atiradores de Novo Hamburgo e Hamburgo Velho, e um no Colégio São Jacó; o serviço de enfermagem foi prestado pelas irmãs do Colégio Santa Catarina e pelos irmãos maristas. A cidade teve aproximadamente 300 casos da gripe e 20 mortes decorrentes dela. A cidade toda se envolveu durante e depois de debelada a epidemia, com contribuições ao governo municipal para o auxílio das despesas.

Adams, assim como seu irmão Alberto, utilizou seu próprio carro para transportar os doentes aos hospitais. Enviou donativos em dinheiro, roupas, alimentos aos acometidos pela doença e organizou uma campanha para arrecadar fundos ao município, que teve suas despesas aumentadas com a epidemia.

No obituário de Pedro Adams, Leopoldo Petry assim se refere a esse episódio:

[...] Onde mais se patenteou seu coração magnânimo e seu nobre caráter foi por ocasião da gripe, denominada “espanhola”, que, em fins de 1918 assolou o país inteiro e se fez sentir intensamente em nosso meio. Sem pensar em si, desde o primeiro momento auxiliou as pessoas encarregadas para zelar dos atacados da moléstia, pondo a disposição seu auto particular, exemplo que também foi seguido por seu irmão Alberto, com *chauffeur* e gasolina, para atender os doentes e conduzi-los aos hospitais de emergência, localizados em diversos pontos desta vila, então 2º. distrito de São Leopoldo, ainda enviava dinheiro, viveres e roupas ás famílias mais pobres e quando o mal já estava debelado, vemo-lo com uma lista angariar donativos para serem entregues à

Intendência do Município, afim de poder fazer face às vultosas despesas ocasionadas pela epidemia. [...] ⁵⁶⁸

A cidade, nessa época, tinha um sistema de saúde bastante precário, como se deduz da informação de que o primeiro hospital foi criado apenas em 1930. O Sanatório Regina foi construído pela Associação Congregação de Santa Catarina e, apenas em 1939, é que foi construído o *Posto de Higiene* do município.



Figura 91 - Hospital Regina, anos 30. ⁵⁶⁹

No ano de 1939, entretanto, um grupo de novo-hamburguenses mobilizou-se para a construção de um hospital destinado à classe operária, e criou a Associação Maurício Cardoso. Dessa associação fizeram parte dois filhos de

⁵⁶⁸ Ibidem, 13/09/1935

⁵⁶⁹ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

Pedro Adams Filho: Albano Adams e Oscar Adams. Este último exerceu a função de presidente da Associação.⁵⁷⁰

Essa associação, depois de enfrentar muitos problemas, conseguiu inaugurar o Hospital Darci Vargas no ano de 1947.

Acreditamos que esse envolvimento comunitário dos filhos de Adams tenha se gerado a partir da influência do pai, pelo exemplo dado no envolvimento nessas questões comunitárias.

Pedro Adams Filho também criou, em 1929, a *Caixa Rural União Popular* de Novo Hamburgo, entidade com o objetivo de prestar serviços à economia local, que tinha como sede a sua empresa.⁵⁷¹

Essas instituições financeiras surgiram no início do século em vários núcleos de colonização teuto-brasileira e eram, praticamente, as únicas formas de amparo ao trabalhador rural.⁵⁷²

Adams foi o fundador e primeiro diretor da *Caixa*, tendo como auxiliares Oscar Adams, seu filho, e Alonso Bernd. Além do crédito rural, essa instituição financeira também fornecia financiamentos pessoais e para construção de moradias.

⁵⁷⁰ Segundo PETRY, op. cit., p.126,127,128,129.

⁵⁷¹ Jornal *O 5 de Abril*, 28/02/1930

⁵⁷² [...] as antigas "Caixas Rurais" eram autônomas, pois respondiam por seus atos e financiamentos, e estavam diretamente subordinadas a uma "Central das Caixas Rurais" de Porto Alegre; a fiscalização era feita por esta central e também pelo Banco Central. Anualmente, o estabelecimento recebia dos dois órgãos a inspeção, como também orientação técnica e fiscal. VIER, Justino Antonio. *História de Dois Irmãos/RS* – Passado e Presente. São Leopoldo: Gradfil, 1999. p.134

Segundo Vier, os empréstimos eram proporcionais às cotas de capital subscrito, e as Caixas não financiavam capital de giro de empresas, mas, com o aumento do volume de negócios, aumentavam, também, os fundos de reserva. Assim, “o desenvolvimento dos negócios financeiros cresciam na mesma proporção do bom desempenho da produção, dos preços agrícolas e do comércio desses produtos”.⁵⁷³

Nessa instituição financeira havia um “*Fundo de Reserva Especial*”, que deveria ser distribuído a associações beneficentes, como hospitais, igrejas, asilos, escolas públicas, enterros, etc.

Se, de um lado, a participação de Adams nessa instituição mostra seu comprometimento com a comunidade em que vivia, de outro, era uma maneira de obter recursos financeiros com mais facilidade. Não podemos esquecer que Adams era um empresário engajado,⁵⁷⁴ que assumia os problemas da comunidade, e procurava resolvê-los pessoalmente, como nesse caso, assumir a direção da Caixa.

Essa preocupação apareceu em outros momentos da história da cidade, como, por exemplo, quando um grupo de pessoas lançou a idéia da criação de um centro de caridade em Novo Hamburgo, logo após a sua emancipação.⁵⁷⁵

A esse respeito diz o jornal *O 5 de Abril*.

⁵⁷³ Ibidem, p.138

⁵⁷⁴ Como vimos em diversas ocasiões, como na criação da empresa de energia elétrica, na sociedade do carro fúnebre, na criação da Associação Comercial, na criação da Caixa Rural União Popular, no auxílio aos doentes de gripe espanhola, entre outras.

⁵⁷⁵ Jornal *O 5 de Abril*, 13/05/1927

[...] a caridade, este bálsamo salutar que mitiga as dores e alivia os sofrimentos, ainda não encontrou eco nos bondosos corações de nossa terra. Seria talvez falta de iniciativa para assunto de tal relevância?

Em Hamburgo Velho foi lançada a base. Basta que a Indústria e o Comércio, analisando o bem que poderão auferir os seus operários ou mesmo a coletividade inteira, [...] dispensem um pouco de sua energia em benefício de tão magno assunto e em breve as duas localidades irmanadas poderão ver se levantar um templo de caridade que a posteridade saberá venerar e amparar.

O início deverá ser modesto, cada obreiro com uma pequena mensalidade, o comércio e a indústria com a sua contribuição mensal, e os poderes públicos com o que os seus órgãos possam anualmente despende, e em breve teremos completado o verdadeiro problema social, por que socialmente falando não é somente com diversões que uma coletividade conquista o seu bem-estar, sem cores políticas ou religiosas, tendo em mira o amparo da humanidade sofredora e a frente o desinteresse, é fácil transpor todas dificuldades e veremos em breve realizada uma aspiração tão justa e tão benéfica tanto quanto o decreto que há pouco criou o município de Novo Hamburgo.⁵⁷⁶

A forma paternalista, ou a falta de autonomia atribuída ao trabalhador em relação à solução de seus problemas sociais fica muito clara. O centro de caridade seria doado aos trabalhadores com a intenção de ajudá-los, mas, quem sabe, também como forma de aliviar a consciência daqueles que podiam usufruir os prazeres que as “sociedades de diversões” proporcionavam.

A preocupação com o bem-estar dos operários que viviam na cidade e trabalhavam em suas diversas indústrias, foi demonstrada, anos mais tarde, com a criação da vila industrial e de uma financiadora de imóveis populares: era a “Cia. Pró Lar Próprio”. Essa companhia tinha como objetivo financiar a casa própria dos trabalhadores que poderiam adquirir um terreno em prestações naquela vila, localizada numa região considerada promissora, por lá haver diversas fábricas, e

⁵⁷⁶ Jornal *O 5 de Abril*, 13/05/1927

por ser cortada pela estrada de ferro, que ligava Novo Hamburgo a São Leopoldo.

577

Essa idéia de o progresso da cidade estar ligado ao bem-estar do trabalhador aparecia constantemente no jornal local, como nessa matéria intitulada “Novo Hamburgo em progresso”:

Em todos os cantos surgem almas que propugnam pelo engrandecimento de nossa Vila, que já é um dos impulsores máximos da indústria rio-grandense.

Não temos mais só indústria de couro, como era até ainda bem pouco. Não! Já outras indústrias surgiram e muitas de grande importância.

Era lógico que, aumentando cada vez mais a nossa população, pelos operários que essas empresas necessitam, também deveriam surgir pessoas que facultassem ao operariado uma vida mais despreocupada.

O operário já não precisa mais viver sob o teto estranho, se seus caprichos o levam a tanto, pois com pouca cousa, tendo as melhores condições, adquirirá o seu terreno, pagando-o em prestações, na Vila Industrial. [...] ⁵⁷⁸

O jornal ainda publicou um apelo dramático aos empresários locais, aos industriais, aos comerciantes e à população em geral no sentido de contribuir para o natal da criança carente. Vejamos:

Apello!

A generosidade dos snrs. commerciantes e industrialistas e da população de Novo Hamburgo em geral.

Approxima-se a festa mais doce, mais suave da Crisandade – o NATAL.

Innumeros corações juvenis pulsam mais depressa com a lembrança dos prazeres que esta festa lhes trará.

Mas quantas crianças existem que conhecem o Natal só por bocas de outros, mais felizes.

As crianças pobres, os filhos dos desherdados da fortuna, não têm Natal. Nem árvore, nem presentes, pois a tanto os poucos recursos dos paes não alcançam.

Rectifiquemos esta injustiça! Proporcionemos a festa de Natal às creanças humildes.

A comissão central abaixo, tomou a si a tarefa de organizar o NATAL DAS CREANÇAS POBRES. Para ser bem succedida, precisa, no

⁵⁷⁷ Jornal *O 5 de Abril*, 16/12/1932

⁵⁷⁸ Ibidem

entanto, do auxílio da nossa população para quem apella, pedindo de um óbulo, ou entregando-o a algum membro da comissão ou a quem a percorrerá.

QUEM DÁ AOS POBRES DÁ A DEUS!

A Comissão Central:

José J. Martins	Pedro Alles
Henrique Schneider	Lino Kieling
Jukio Adams	Alberto Mossmann
Roberto Lipp	Leopoldo Schneider
Willy Martin	Ewaldo Koch ⁵⁷⁹

APELLO!
A generosidade dos snrs. commerciantes e industrialistas e da população de Novo Hamburgo em geral.

Approxima-se a festa mais doce, mais suave da Christandade — o NATAL. —
Innumeros corações juvenis pulsam mais depressa com a lembrança dos prazeres que esta festa lhes trará.
Mas quantas creanças existem que conhecem o Natal só por bocca de outros, mais felizes.
As creanças pobres, os filhos dos desherdados da fortuna, não têm Natal. Nem arvore, nem presentes, pois a tanto os poucos recursos dos paes não alcançam.
Rectifiquemos esta injustiça! Proporcionemos a festa de Natal ás creanças humildes.
A comissão central abaixo, tomou a si a tarefa de organizar o NATAL DAS CRENÇAS POBRES. Para ser bem succedida, precisa, no entanto, do auxílio da nossa população para quem apella, pedindo de um obulo, ou entregando-o a algum membro da comissão ou a quem a percorrerá.

QUEM DÁ AOS POBRES, DÁ A DEUS!

A Comissão Central:

JOSÉ J. MARTINS	PEDRO ALLES
HENRIQUE SCHNEIDER	LINO KIELING
JULIO ADAMS	ALBERTO MOOSMANN
ROBERTO LIPP	LEOPOLDO SCHNEIDER
WILLY MARTIN	EWALDO KOCH

337

Figura 92 - Jornal *O 5 de Abril*, 02/12/32 (APNH)

Mais uma vez podemos perceber o discurso do positivismo difuso⁵⁸⁰ permeando as relações sociais, pregando a integração do proletariado à sociedade de classes, e deixando claro que a missão dos capitalistas fortes era de ajudar os fracos e oprimidos.

⁵⁷⁹ Jornal *O 5 de Abril*, 02/12/32 (APNH)

⁵⁸⁰ BOEIRA, op. cit. p. 45,46

Pedro Adams Filho foi, ainda, um dos responsáveis pela criação de um dos clubes de futebol que mais paixão desperta na cidade até os dias de hoje: o *Sport Club Novo Hamburgo*, fundado em uma festa que o empresário ofereceu a seus funcionários em comemoração ao dia do trabalho, em 1911.

A data foi comemorada com um churrasco e uma partida de futebol que incentivou os funcionários da empresa de Adams (Manoel Lopes Mattos, João Scherer, Aloys Hauschild, Manoel Outeiro, João Tamujo e Adão Steigleder.) a criarem esse clube que, num primeiro momento, se chamou *Adams Futebol Clube*.⁵⁸¹

As atividades comunitárias lideradas e apoiadas por Pedro Adams Filho ficaram na memória da cidade, e seu espírito alegre e festivo foi fundamental para incentivá-las.

Entretanto, acreditamos que duas ações sociais lideradas por ele foram especialmente significativas e o aproximaram do que hoje se chama de um empreendedor social, alguém responsável por alguma ação que cause um impacto social.

Entendemos que a criação da “sociedade do carro fúnebre” e a sua atuação na epidemia de gripe espanhola que assolou a cidade são dois exemplos de empreendedorismo social, pois Adams não precisava se envolver com esses problemas, mas assumiu de forma privada e sem retorno financeiro,

⁵⁸¹ Segundo Jornal *NH*, 05/04/2002. O estádio de futebol construído posteriormente foi chamado de Estádio Santa Rosa, em homenagem a sua primeira mulher, Rosa Saenger. O bairro residencial Vila Rosa também foi uma homenagem a ela, pois foi criado em terras que pertenciam a Adams.

responsabilidades que eram da alçada do poder público. Por isso também deixou sua marca na história do município.

3.2.1 – O colégio São Jacob e a educação na cidade

Pedro Adams Filho pode ser considerado um empreendedor também na área educacional, pela consciência expressa sobre a importância da educação para o desenvolvimento da comunidade e a necessidade de instrução para o trabalhador melhor desempenhar suas funções.

Com essa idéia ele foi um dos responsáveis pela criação de uma das escolas mais importantes da cidade: o Colégio São Jacob, em 1914.

Acreditamos que uma breve contextualização da educação é importante para compreendermos melhor a importância da criação dessa escola no início do século passado na cidade.

A educação no Brasil não era considerada prioridade para os governantes no final do século XIX, entretanto, algumas regiões do país diferenciaram-se em relação a ela, como o Vale do Sinos, por exemplo, pois a imigração européia ajudou a construir um sistema educacional com características peculiares.

No ano de 1824, os imigrantes alemães desembarcam na Real Feitoria do Linho Cânhamo, onde hoje se situa a cidade de São Leopoldo, e alguns meses depois chegaram onde hoje se localiza a cidade de Novo Hamburgo. Mesmo com um início de vida muito difícil aqui no Estado, muitos foram os progressos

alcançados por esses imigrantes, primeiro na agricultura, depois, no artesanato e no comércio e, por último, na indústria.

Além da força de trabalho, os imigrantes contribuíram com suas tradições religiosas, sociais e culturais em Novo Hamburgo, o que criou um grupo com características peculiares. Os colonos alemães, em sua maioria, eram evangélicos, e trouxeram em sua bagagem um grande interesse pela educação, mas não encontrou eco no governo brasileiro, que tinha um péssimo sistema escolar, o que é atestado pelo fato de que no final do século XIX ainda havia aproximadamente 80% da população analfabeta.

A inexistência, pois, de um sistema escolar organizado não foi nenhuma surpresa, mas a pressão para a criação de escolas públicas nas áreas de colonização não tardou a iniciar, pois no ano da chegada dos imigrantes havia apenas oito escolas públicas (chamadas de aulas), mas quatro estavam sem professor.⁵⁸²

Antes da organização efetiva do ensino público, entretanto, os colonos estruturaram suas próprias escolas domésticas, ou seja, as pessoas mais instruídas davam aulas em suas casas, e ainda havia as escolas-volantes, em que os professores iam aonde se encontravam as crianças, que muitas vezes tinham que ajudar os pais no trabalho. Mais tarde, foram criadas as escolas comunitárias, também conhecidas por escolas paroquiais, visto que tinham estreita ligação com as igrejas, tanto católicas, quanto evangélicas. Essas escolas também foram muito

⁵⁸² KREUTZ, Lúcio. Muito empenho pelas escolas. In: *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996. p.145

importantes, pois formaram verdadeiras estruturas comunitárias, que apoiavam o imigrante nas suas dificuldades.

As primeiras escolas evangélicas e católicas que ensinavam na língua alemã, estavam organizadas segundo as necessidades locais, o material didático era precário e o governo provincial despendia-lhes pouco apoio, mesmo porque o governo central não tinha interesse em investir na educação, e, conseqüentemente, não liberava verbas para as províncias. Mesmo assim, a educação nas áreas de colonização ainda era melhor que no restante da província.

Segundo Petry,

Remediavam-na [a educação] os colonos, cedendo compartimentos de suas residências para as escolas, funcionando estas ora numa, ora noutra casa, e mudando em geral, semanalmente. Material de ensino não existia.

Por isso o professor Rosenbruch, um dos primeiros que exerceu o magistério nesta zona, escreveu, de próprio punho, cartilhas primárias, em belos caracteres góticos e que eram vendidas ao preço de 32 centavos, cada uma. Outro professor de boa caligrafia daquela época era Carlos Schrater, que, durante as horas vagas, escrevia pequenos almanaques com indicação dos dias e meses do ano. Esses manuscritos custavam meia pataca (16 centavos). [...] ⁵⁸³

A independência do Brasil não representou uma grande mudança no sistema educacional brasileiro em relação ao ensino primário, foi apenas em 1827 que foi criada a primeira Lei Geral da Instrução Pública que garantiu a educação, inclusive para meninas, a partir de 1829. Com essa lei, os Estados tinham o direito

⁵⁸³ PETRY, op. cit. p.51

de organizar sua educação, mas com a falta de verbas não obtiveram sucesso, problema que pode ser estendido aos municípios.⁵⁸⁴

Dentro desse contexto, podemos entender porque a primeira escola da cidade somente foi fundada em 1832, a *Comunidade Evangélica de Hamburgo Velho*, atual escola *Pindorama*, onde as aulas eram dadas inicialmente em uma igreja, hoje a *Igreja Evangélica Três Reis Magos*.

Quadro 4 - Histórico das escolas particulares em Novo Hamburgo (1832/1929)

Ano fundação	Nome	Fundamento religioso
1832	Comunidade Evangélica de Hamburgo Velho	Protestante
1886	Evangelisches Stift	Protestante
1896	Comunidade Evangélica de Novo Hamburgo	Protestante
1900	Colégio Santa Catarina	Católico
1914	Colégio São Jacob	Católico
1929	Escola Normal Católica	Católico

Fonte: SARLET, op. cit.

Por volta de 1850, já existiam no Rio Grande do Sul 14 escolas evangélicas e 10 escolas católicas. Em 1875, o número de escolas confessionais era 99, e o das públicas, 252. Em 1900, passou para 308 escolas em língua alemã. A partir dessa data, o Estado passou a incentivar a formação de docentes, que, até esse

⁵⁸⁴ PILETTI, Nelson. *História da Educação no Brasil*. 7.ed. São Paulo: Ática, 1997. p.41-43

período, era muito precária, além de melhorar a infra-estrutura das escolas e o material didático utilizado. É importante lembrar que Porto Alegre teve sua primeira escola normal para formação de professores em 1869, sendo uma das primeiras a serem criadas no país.⁵⁸⁵

Segundo Bakos, a instrução pública constituiu um elemento fundamental do PRR para manter seu poder hegemônico, pois o ideário positivista, tão caro aos governantes gaúchos, dava uma grande importância à educação. Diz, ainda, que o Rio Grande do Sul “consagrava à educação uma quota maior do que São Paulo e Minas Gerais.”⁵⁸⁶

Em Novo Hamburgo, no ano de 1883, já havia duas escolas públicas e, em 1886, foi fundada, pelas irmãs Engel, no bairro de Hamburgo Velho, um “internato para moças evangélicas teuto-brasileiras”, que, mais tarde, transformou-se na *Fundação Evangélica*.

⁵⁸⁵ Em 1865, o município de São Leopoldo tem 18 mil habitantes, conta com 56 escolas, 49 professores e 5 professoras. Dos professores, 38 são pagos por sua escola, 11 são funcionários do Estado. Destes, 5 são de origem portuguesa e 6 alemães. O número de alunos é de 1958, dos quais 1259 são meninos e 699 meninas. KANNENBERG, Hilmar. *Fundação Evangélica – Um século as serviço da educação (1886 a 1986)*. São Leopoldo: Rotermund, 1987. p. 26

⁵⁸⁶ BAKOS, op. cit. p. 25



Figura 93 - Fundação Evangélica, anos 30.⁵⁸⁷

A criação dessa escola representou um grande passo para a educação das mulheres, já que elas passaram a ter uma educação mais apurada, cujo objetivo era a educação dos filhos e os cuidados com a casa.

A proclamação da república no Brasil não mudou substancialmente a situação da educação da maioria da população. A primeira constituição republicana, de 1891, falava apenas na criação de instituições de ensino superior e secundário nos Estados, e estabelecia que o ensino deveria ser leigo nas escolas públicas. O índice de analfabetismo, ainda na casa dos 80% nos

⁵⁸⁷ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

primeiros anos da república, atesta o descaso com a educação elementar e popular.⁵⁸⁸

Com relação à educação no período da República Velha, Corsetti nos informa que

[...] a política educacional implementada pelos dirigentes republicanos demonstrou ser de caráter excludente, particularmente marcada pela separação dos saberes que consagrou as diferenças sociais cristalizadas na sociedade gaúcha. Ao lado de procedimentos de acomodação de interesses utilizados na relação com a Igreja Católica, o privilegiamento da iniciativa privada no campo educacional foi consagrado, particularmente no nível secundário. [...]⁵⁸⁹

Assim, o início do século XX marca uma expansão das escolas privadas e confessionais no Estado⁵⁹⁰.

Em Novo Hamburgo, no ano de 1896, é criada a *Comunidade Evangélica de Novo Hamburgo*, hoje escola *Oswaldo Cruz*. A primeira escola católica da cidade foi o colégio *Santa Catarina*, criado em 1900 pelas irmãs da congregação de Santa Catarina.



Figura 94 - Colégio Santa Catarina, 1925.⁵⁹¹

⁵⁸⁸ PILETTI, op. cit. p.54,55

⁵⁸⁹ CORSETTI, Berenice. Política e organização da educação sob o castilhismo. In: AXT, Gunter et alii (orgs). *Júlio de Castilhos e o paradoxo republicano*. Porto Alegre: Nova Prova, 2005. p.215

⁵⁹⁰ KREUTZ, op. cit. p.146

Segundo Erica Sarlet ⁵⁹², o nível cultural em Novo Hamburgo no final do século XIX era “considerável”, pois muitos livros e coleções de revistas de moradores da cidade nesse período ainda existem em bibliotecas locais, e dos 12 jornais e revistas em língua alemã fundados na metade do século XIX, ainda havia nove no fim do século XIX. Diz a autora, também, que existiam bibliotecas bem equipadas nas sociedades recreativas da cidade.

Finalmente, em 1914, foi fundado, pelos irmãos maristas, o *Colégio São Jacob*.



Figura 95 - Colégio São Jacob logo após sua inauguração.⁵⁹³

Os padres jesuítas chegaram à região do Vale do Sinos na metade do século XIX e assumiram a freguesia de Nossa Senhora da Piedade, em Hamburgo

⁵⁹¹ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

⁵⁹² SARLET, op. cit. p.55

⁵⁹³ SCHEMES & PRODANOV, op. cit.

Velho. Lá instalaram uma escola paroquial junto à igreja local. Em 1914, o padre Benedito Meienhofer organizou uma subscrição para fundar uma escola católica para meninos. Um dos seus principais colaboradores foi Pedro Adams Filho, que contou com a ajuda de João Wendelino Hennemann, Jacob Kroeff Filho e Jacob Kroeff Neto para constituir uma “comissão escolar”.⁵⁹⁴

Essa comissão procurou a Ordem dos Irmãos Maristas para oferecer-lhes a escola, o que foi aceito e firmado em contrato em dezembro de 1914. Um ano depois, os irmãos maristas chegaram a Hamburger Berg, e fundaram o Colégio São Jacob, assim denominado em homenagem ao santo “*Saint Jacob*” e a Jacob Kroeff Filho, doador das terras onde foi construído o prédio.⁵⁹⁵

Em 15 de março de 1915, iniciaram-se as aulas na escola paroquial, com quatro maristas e 35 alunos e, em abril, quando concluída a obra da escola, foi aberto oficialmente o internato e externato para meninos. Ali funcionava um curso Elementar e um curso Especial com quatro anos de duração cada um. Mais tarde foi instituído o curso de guarda-livros. Três anos depois de sua instituição, a escola já havia aumentado seu número de alunos para 166, sendo que a primeira formatura de guarda-livros aconteceu em 1932 com nove formandos.⁵⁹⁶

A escola, por não se localizar tão distante da capital, pôde receber um grande número de alunos de Porto Alegre e de outras cidades do interior, além disso, era uma escola com ótima reputação em todo o Estado, tendo suas qualidades amplamente reconhecidas: “Próximo a Porto Alegre, nesta

⁵⁹⁴ Jornal *NH*, 05/04/2002.

⁵⁹⁵ *Ibidem*

⁵⁹⁶ *Ibidem*

encantadora e simples localidade de Hamburgo-Berg, onde se respira, continuamente, um ar puro que inunda de felicidade a boa gente dali, fica o colégio de S. Jacob [...]”⁵⁹⁷

O colégio era muito apreciado pelo seu programa de ensino e por suas normas disciplinares rígidas, o que deixava as famílias tranqüilas em colocarem seus filhos naquela instituição.

Trata-se de um estabelecimento de ensino primário, secundário e comercial, dirigido pelos Irmãos Maristas, e que, a par de proporcionar uma sólida educação literária e científica aos seus alunos, ainda lhes incute no espírito o confortante balsamo da instrução religiosa, sob as bases da rígida e indestrutível moral católica. [...]

Instalado num verdadeiro palácio, á cuja historia e construção estão ligados digníssimos benfeitores, nomes beneméritos como Pedro Adams Filho e Jacob Kroeff – o colégio obedece ainda, a um regime disciplinar severo, que tem sortido os melhores efeitos.

Os estudos são intercalados com recreios, passeios e exercícios esportivos. Os alunos têm toda a facilidade para tomarem banhos. É servida aos alunos, quatro vezes por dia, comida abundante, e há todo o cuidado para que os alimentos sejam sãos, convenientes e variados.

Em atestados mensais, são os pais informados do comportamento, aplicação e progresso do aluno.

A pensão mensal, inclusive as mensalidades de ensino, é de 55\$000, fazendo-se o pagamento em três prestações adiantadas: a 1^a. no ato da entrada do aluno, a 2^a. no principio de Junho e a 3^a. no principio de Setembro.⁵⁹⁸

Pedro Adams Filho teve uma atuação decisiva na criação dessa escola, pois envolveu-se na arrecadação de fundos na comunidade para a sua criação. A sua participação nesse episódio foi descrita de forma laudatória na época:

[...] O seu instintivo amor pelas crianças e conhecimento que tem dos benefícios que aufera a instrução, levaram-no a dotar Novo Hamburgo com um excelente Colégio, o de S. Jacob, magnífico estabelecimento [...] e que, merecidamente, o conta no número dos seus ativos diretores. A fim de levar avante a construção de tão importante, como útil estabelecimento, soube se fazer rodear das pessoas de maior destaque

⁵⁹⁷ MONTE DOMECCQ, op.cit.p.240

⁵⁹⁸ Ibidem, p.240

e inteligência da localidade, como sejam os Srs. Jacob Kroeff, Dr. Jacob Kroeff e João W. Hennemann, com cuja cooperação e sob a direta fiscalização dos quais foi edificado o colégio.⁵⁹⁹

Um fato que comprova a participação direta de Pedro Adams Filho na fundação da escola foi uma declaração escrita em papel timbrado de sua empresa e assinada pela proprietária de uma área de terras que passou a pertencer ao colégio, conforme reprodução a seguir:

Novo Hamburgo, 24 de janeiro de 1916.

Declaro que recebi do Colégio São Jacob, por intermédio de seu diretor Snr. Pedro Adams Filho a quantia de R\$ 300\$000 (trezentos mil reis) proveniente da indenização que me pagou para eu reconhecer o novo limite de minhas terras que limitam com o referido Collegio, de conformidade com a anotação que vae ser feita no meu traslado de compra de minhas terras, e nos livros competentes, limite novo aquelle que reconheço desde já para todos os efeitos passados presentes e futuros, podendo desde já tomar posse, a qual entretanto já fora tomada com o que concordo, declarando mais desta maneira inteiramente solucionado satisfatoriamente para mim, a questão que surgia com os referidos limites do que para clareza passo presente recibo para todos os efeitos.

Ass. Katharina Backes

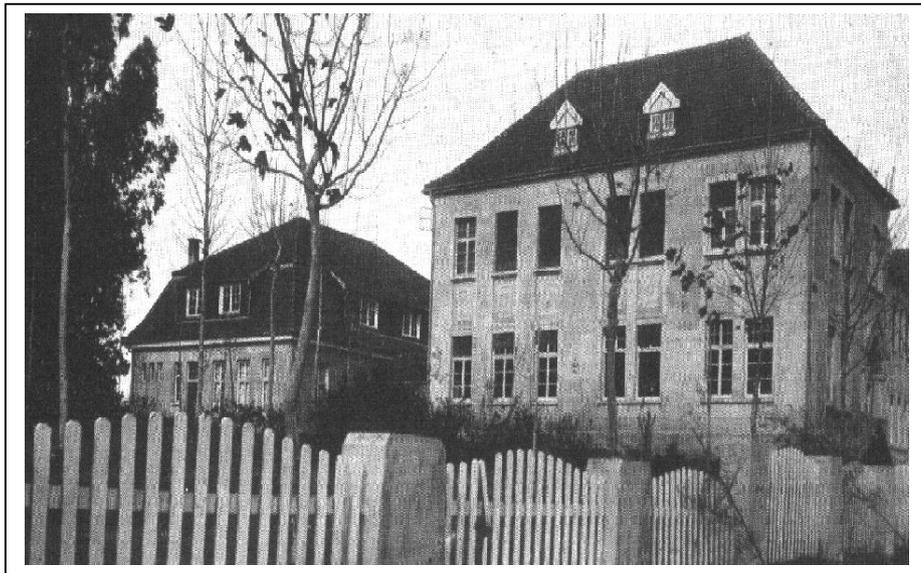


Figura 96 - Prédio do colégio logo depois de sua fundação.⁶⁰⁰

⁵⁹⁹ Ibidem, p.240

⁶⁰⁰ Ibidem, p.238



Figura 97 – Dormitório típico de internatos do período, que mostram a ordem e a disciplina que eram impostas à educação dos alunos.⁶⁰¹

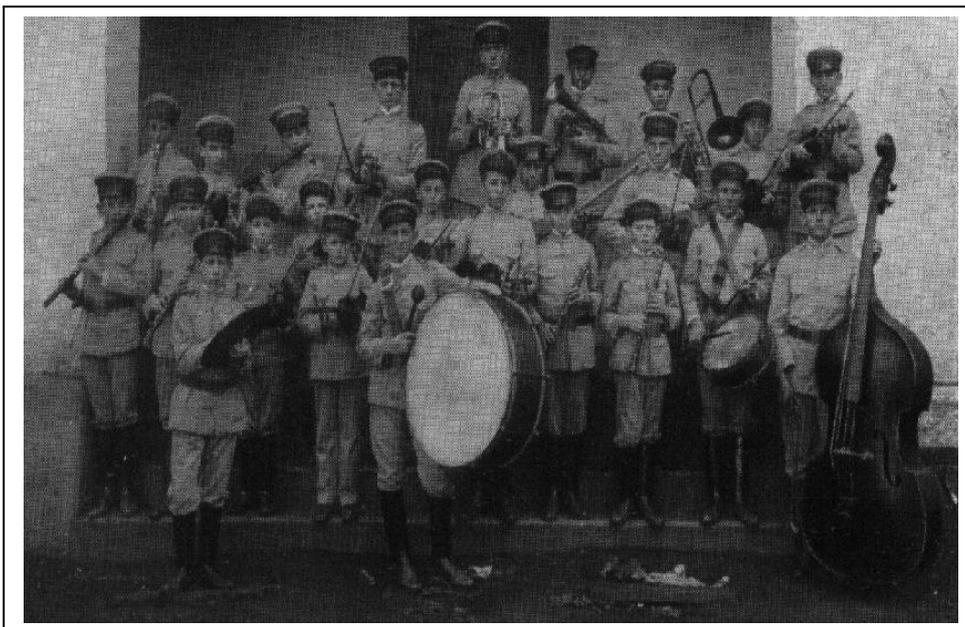


Figura 98 - Banda dos alunos.

⁶⁰¹ Ibidem, p.239

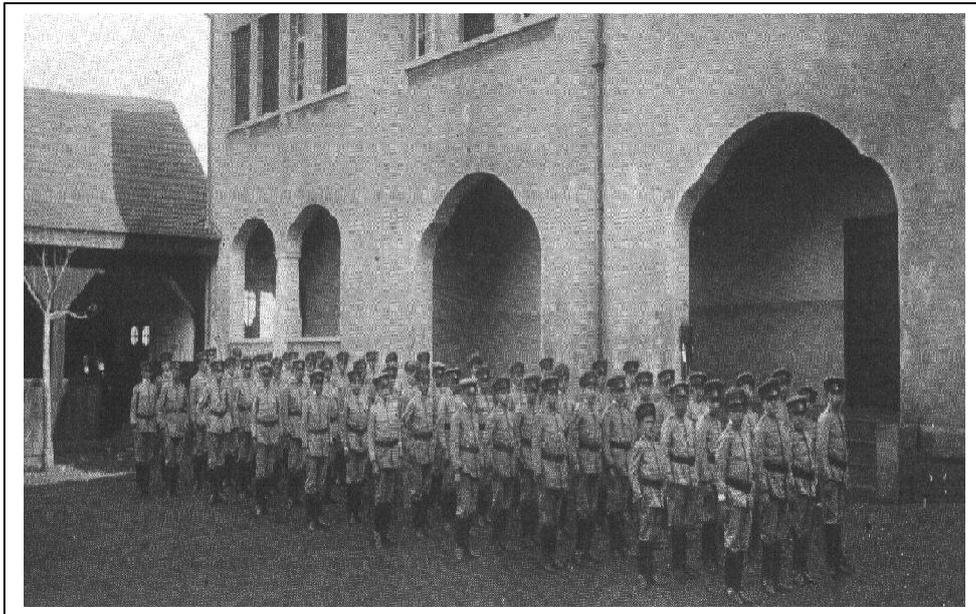


Figura 99 - Alunos em forma, mais uma vez destacando a questão disciplinar.⁶⁰²

No ano da emancipação de Novo Hamburgo, em 1927, havia na cidade sete escolas estaduais, totalizando 374 alunos, uma municipal com 72 alunos, e seis particulares com 478 alunos. Em 1930 havia oito escolas estaduais, seis municipais e oito particulares, com 1477 alunos no total.⁶⁰³

A partir de 1930, quando Getúlio Vargas assumiu o poder, importantes modificações ocorreram na administração da educação brasileira, como a criação do Ministério da Educação e Saúde (1932) e a inclusão de um capítulo sobre a educação na Constituição de 1934.

Nos anos 1930, já havia sido organizado na região rural do Rio Grande do Sul, uma rede de 1.041 escolas comunitárias com 1.200 professores, sendo que

⁶⁰² *Ibidem*, p.239

⁶⁰³ PETRY, op. cit. p.52

nas regiões dos teuto-brasileiros não havia analfabetos, enquanto que nas zonas rurais do resto do Brasil o analfabetismo encontrava-se na faixa de 80%.⁶⁰⁴

A era Vargas (1930/1945), segundo Piletti, representou um avanço significativo na educação nacional. As escolas primárias dobraram seu número, as secundárias quadruplicaram e as técnicas industriais multiplicaram-se. Passou a haver uma preocupação com a formação pedagógica dos professores e surgiram muitos educadores interessados em reformar a educação brasileira.⁶⁰⁵

Essa verdadeira revolução educacional também se observou em Novo Hamburgo. Em 1943, a cidade já contava com 35 escolas entre públicas e privadas e com um total de 3668 alunos, o que mostra que triplicou o número de alunos e mais que duplicou o de escolas.⁶⁰⁶

A preocupação com a educação aparece quando analisamos o jornal *O 5 de Abril* desde o ano de sua fundação, em 1927, até o ano de 1935. Encontramos 15 artigos maiores, além de pequenas notas sobre escolas, educação, instrução em quase todos os exemplares. Os artigos eram assim intitulados: “Analfabetismo”, “Quadro Escolar”, “Instrução Pública”, “Aulas Noturnas”, “Pela Instrução”, “Combate ao Analfabetismo”, “Escolas de Novo Hamburgo”, “Cruzada da Educação Proletária”. Dentre eles exemplificamos com um artigo de 24 de junho de 1927, quando foi apresentado um levantamento com o número de escolas e de alunos da cidade, e no qual é feito o seguinte comentário a respeito daquela situação:

⁶⁰⁴ KREUTZ, op.cit. p.145

⁶⁰⁵ PILETTI, op. cit. p.74,75,76

⁶⁰⁶ PENTRY, op. cit. p. 52

Calculando-se em 8.500 o número de habitantes, a porcentagem de pessoas que freqüentam colégios é de 9,5% o que constitui um quociente sumamente lisonjeiro para o desvelo que a população dedica a esse importante fator de progresso. Julgo, no entanto, de toda conveniência aumentar o número de escolas e fundar mesmo algumas novas em zonas um tanto afastadas do centro, como sejam Rincão, Canudos e o ex-Prado, lugares com população muito densa e que já há tempos vem reclamando esse melhoramento, não tendo sido atendidos até agora, unicamente por falta de pessoal competente.⁶⁰⁷

Nesse mesmo ano, o jornal faz referência ao *Grêmio Sportivo Hamburguez*, que havia sido criado nesse mesmo ano, e que já prestava amplos benefícios aos seus associados, como a “aula nocturna gratuita”. O jornal salienta que essa oportunidade oferecida pela agremiação é fundamental para os operários da cidade que não possuíam instrução primária ou secundária, e que a falta de instrução representava um dos maiores males do país.

Os que mais aproveitarão dessa idéia, ora realizada, são os operários, maioria absoluta da população do nosso município, são esses operários que de manhã á noite empregam a sua atividade fecunda nas nossas fábricas e que com desejos ardentes de instruir-se, não tinham todavia ocasião de fazê-lo.⁶⁰⁸

Alguns dias depois, o mesmo jornal, num editorial intitulado “Um gesto de patriotismo”, abordava os graves problemas enfrentados pelo país em relação a sua grande extensão territorial e à impossibilidade de levar escolas a todos os lugares, mas elogiava o governo do Estado do Rio Grande do Sul, na figura de seu governador Borges de Medeiros, que representava “um posto na vanguarda

⁶⁰⁷ Jornal *O 5 de Abril*, 26/06/1927

⁶⁰⁸ Jornal *O 5 de Abril*, 12/08/1927

entre os estadistas brasileiros que mais se tem preocupado com a difusão do alfabeto”.⁶⁰⁹ Dizia ainda,

Afortunadamente, em nosso Estado, o problema da instrução publica tem merecido, em todos os tempos, uma atenção carinhosa e solícita que nos reservou um lugar de proeminência entre as demais unidades da Federação. Ninguém ignora, por certo, que as estatísticas – e o algerismo não é uma opinião – nos assegura a glória da mais alta percentagem de alfabetização de todo país. [...] O analfabetismo é tido no Brasil, como um cancro que estende raízes fundas e letais em todas as manifestações da nossa vida coletiva. Extirpá-lo, pois, é não só realizar obra meritória, si não também encaminhar a solução de múltiplos problemas nacionais.⁶¹⁰

Nesse sentido, o jornal elogia, mais uma vez, a iniciativa “patriótica” e de “benemerência” do *Grêmio Sportivo Hamburguez*, que possibilitou a instrução e o próprio “*aperfeiçoamento da raça*”.

As regiões de colonização alemã, como já foi mencionado, apresentavam-se em vantagem em relação às demais regiões do Estado. Numa estatística apresentada pelo mesmo jornal, o índice de analfabetismo no Brasil na década de 1920 estava na faixa dos 80%, enquanto que o analfabetismo na cidade de Novo Hamburgo, era, apenas, 1,39%, ou seja, uma diferença gritante em relação à situação nacional. As demais colônias alemãs também apresentavam índices baixos de analfabetismo: Estrela, 4,62%, São Leopoldo, 5,16%, Santa Cruz, 5,63%, Lajeado, 6,67%, Taquara, 8,91% e Montenegro 9%. Porto Alegre tinha 6,93% de analfabetos. Já a região da serra e da campanha (Caçapava, São José

⁶⁰⁹ Jornal *O 5 de Abril*, 28/08/1927

⁶¹⁰ *Ibidem*

do Norte, Piratini entre outras cidades) apresentava índices de 40 a 50%, em função da dificuldade na instalação de escolas nessas regiões, segundo o jornal.

A região colonial possuía um importante trabalho das comunidades religiosas que se envolviam na educação, além das associações desportivas e recreativas, particulares e poder público. A importância da família também era considerada fundamental, pois eram os pais os maiores incentivadores da instrução de seus filhos. A instrução, segundo o jornal, estava diretamente relacionada ao desenvolvimento econômico da região, o que era comprovado pelos dados numéricos apresentados. Um último fator apresentado pelo jornal e que justifica o ótimo desempenho da educação no município está relacionado aos operários das indústrias.

Em último lugar ainda convém notar que os operários empregados na indústria, já por sua natureza procuram instruir-se sendo de notar que pessoas moças de outras localidades venham procurar colocação na nossa vila a maioria pertence a classe dos que tem alguma instrução e inteligência e que, mudam de domicílio, por que desejam empregar a sua atividade num meio em que ela lhes promete um futuro, ao passo que os indolentes costumam permanecer nos lugares onde residem querendo antes passar mal do que aumentar os valores negativos do que sujeitar-se aos trabalhos e esforços que a luta pela vida nos impõe, num ambiente novo e movimentado como só em ser os centros industriais.⁶¹¹

Ainda no ano de 1929, segundo o jornal *O 5 de Abril*, a cidade mobilizou-se para alfabetizar o maior número de pessoas possível, pois, no ano seguinte, seriam realizadas eleições, e apenas os alfabetizados poderiam exercer o direito do voto. Para isso, muitos professores colocaram-se à disposição para ensinar

⁶¹¹ Jornal *O 5 de Abril*, 16/08/1929

gratuitamente aqueles adultos que ainda não eram alfabetizados. O Comitê Operário Pró Candidatura de Getulio Vargas e João Pessoa também se mobilizaram, e abriram uma aula noturna com esse fim.

O *5 de Abril* de 16 de agosto de 1929 publicou uma lista com o nome das professoras responsáveis pelas “aulas públicas e subvencionadas”. Eram elas: Zozina Soares, Christiana Haag, Frederica S. Pacheco, Izabel Tschiedel, Maria das N. Marques, Elsa Zottmann, Elvira Brandi, Maria A. Ribeiro, Francisca Saile e Ludwina Vier. No total, elas atendiam 549 alunos.

A idéia do progresso relacionado com a educação era constante nos artigos e editoriais do jornal local. Havia um consenso entre a elite econômica da cidade que era apenas com um povo instruído que se conseguiriam os melhores resultados econômicos. Isso pode ser considerado um dos elementos responsáveis pelo desenvolvimento da indústria local, já que havia, por parte do poder público, da iniciativa privada (industriais) e das comunidades religiosas e recreativas, um grande incentivo à criação de escolas ou aulas isoladas. Essa importância dada à educação não era comum em todas as regiões do Brasil, como podemos observar pelas altas taxas de analfabetismo citadas anteriormente. Será apenas mais tarde, com a política educacional de Getulio Vargas que a educação passará a ser considerada como um elemento fundamental para o desenvolvimento econômico da nação.

Não podemos esquecer que a escola pública foi fundamental para a política de nacionalização das populações coloniais, daí a expansão do ensino público nessas regiões.⁶¹²

Leopoldo Petry escreveu um artigo para o jornal da cidade, em 1931, intitulado “Pela instrução”, em que reforçou essa idéia da importância da educação.

E não é de hoje esse interesse pela alfabetização do povo. Vem de muito longe.

Já há meio século, quando na sede do primeiro distrito apareciam apenas algumas modestas casinhas, rodeadas de macegas, e quando em Hamburgo Velho se concentrava a vida social e religiosa desta zona, já ali existiam boas escolas publicas e particulares.

As comunidades religiosas, coadjuvadas por cidadãos que reconheciam o valor do ensino, não poupavam esforços em atrair bons professores e apesar de alguns fracassos, firmou-se em todos os moradores a convicção de não se recuar ante sacrifícios para progredir cada vez mais. [...] Como se vê, já há oitenta anos a questão do ensino preocupava os dirigentes e já naquele tempo se clamava por escolas, e esse clamor acompanha toda a nossa história e ainda levará muito tempo até cessar.[...] ⁶¹³

A questão do analfabetismo no Brasil ainda era apontada como um problema sério nos primeiros anos do governo Vargas, segundo informa o *5 de Abril* em um artigo sobre analfabetismo, em que foi apresentado o caso da cidade do Rio de Janeiro, onde numa população infantil calculada em 400.000 crianças, menos de 50.000 freqüentavam a escola pública e 40.000 as particulares, o que deixava mais de 300.000 crianças fora das escolas. O jornal ainda dizia:

[...] se isso ocorre na nossa grande metrópole, o que se poderá esperar do resto do Brasil? E como podemos progredir, como o nosso país poderá integrar-se no concerto das nações civilizadas, livre do –

⁶¹² CORSETTI, op. cit. p. 215

⁶¹³ Jornal *O 5 de Abril*, 01/05/1931

“cangaço” – diante de índices tão baixos de instrução do seu povo? Isto se dá precisamente na época em que os homens, como os povos, se elevam pela sua capacidade intelectual, ou pela sua inteligência exercida no trabalho construtor do progresso nas artes, no comércio, na agricultura, nas indústrias, como nas ciências. Não é de admirar, portanto, o nosso relativo atraso e os surtos de barbarismo que ensangüentam o solo pátrio.⁶¹⁴

Reforçando a idéia colocada anteriormente, de que era uma meta dos industriais a instrução dos seus operários, foi instituída em Novo Hamburgo, a Cruzada de Educação Proletária (CEP), que tinha como objetivo “cooperar na grande campanha que visa fazer do povo brasileiro, um povo culto e capaz de figurar junto aos povos mais cultos do globo.”⁶¹⁵

A Cruzada daria a possibilidade não só de os operários estudarem, como também de seus filhos, familiares e outras pessoas que não tivessem condições de pagar seus estudos em escolas particulares.

As aulas da CEP localizavam-se na sede do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Couros, que deveria fornecer o local para as aulas e a luz, sem nenhuma remuneração, e receberia da Cruzada local os professores e o mobiliário necessário. O professor responsável pelo CEP na cidade fez uma conferência de inauguração, abordando o tema “O papel do operário na sociedade moderna”, e mostrou a importância da instrução e o papel que ela exerce para que o operário “ocupe condignamente o lugar que lhe cabe na sociedade”.

⁶¹⁴ Jornal *O 5 de Abril*, 04/11/1932

⁶¹⁵ Jornal *O 5 de Abril*, 13/10/1933

A Escola Júlio de Castilhos, como era chamada, manteve-se até o final da década de 1930 com uma pequena contribuição da Prefeitura Municipal, bem como com as contribuições de empresas, de pessoas físicas e das provenientes de eventos beneficentes organizados por ela.

A CEP não tinha ligação com partidos políticos ou com credos religiosos, e recebia doações que eram utilizadas para a manutenção das escolas.

[...] A diretoria local da “Cruzada” pede por nosso intermédio o auxílio monetário dos srs. Industrialistas locais para a manutenção do dito Colégio. Aqui fica, pois, o nosso apelo, que, estamos certos, não deixará de ser bem recebido, dada a reconhecida utilidade que o novo Colégio trará a população de nossa vila.⁶¹⁶

A necessidade da integração do operariado estava por trás do discurso desta Cruzada, pois o operário tinha uma missão a cumprir, e deveria fazê-lo com a maior eficiência possível, por isso deveria estar devidamente preparado. A alfabetização era o mínimo necessário para atingir tal fim.

Pedro Adams Filho ficou na memória da comunidade como um grande colaborador da vida cultural da cidade. Por ocasião da sua morte, o editorial do jornal *O 5 de Abril* diz que

[...] Quase todas as sociedades locais tiveram nele um sócio dedicado, sempre pronto para auxiliá-las. Os estabelecimentos de ensino contavam-no entre seus mais fervorosos protetores e importantes eram também os donativos que destinava às comunidades religiosas e às instituições caritativas.⁶¹⁷

⁶¹⁶ Jornal *O 5 de Abril*, 17/11/1933

⁶¹⁷ Jornal *O 5 de Abril*, 13/09/1935

Não podemos deixar de incluir nessa análise da educação da região, os pressupostos positivistas da “construção de uma sociedade racional, [...] na qual o controle dos trabalhadores requeria a utilização sistemática da educação moral e da prática do trabalho regular.”⁶¹⁸

Segundo Corsetti, a educação era fundamental no projeto de modernização capitalista do Rio Grande do Sul, era “um instrumento da política econômica desenvolvida pelos dirigentes positivistas do sul do Brasil.”⁶¹⁹

Uma educação controlada garante a estabilidade social, e evita os conflitos que podem advir das desigualdades existentes.

Como vimos, cada época tem um tipo de empreendedor. No seu contexto, Adams era levado a crer que de nada adiantaria ter uma grande empresa, se não tivesse trabalhadores instruídos e controlados que pudessem colaborar para o seu crescimento.

Entretanto, além do contexto, seu envolvimento nas atividades sócio-culturais o aproxima do conceito de empreendedor social, que tem como motivação a melhoria da vida das pessoas por meio da criação de novos procedimentos e serviços que ajudam a resolver problemas sociais.

⁶¹⁸ CORSETTI, op. cit. p.204

⁶¹⁹ Ibidem, p. 210

3.3 – A vida familiar

Pedro Adams Filho ficou conhecido na história de Novo Hamburgo como um industrial pioneiro e político engajado, contudo, sua vida familiar é pouco conhecida.



Figura 100 - Pedro Adams Filho posando para um fotógrafo no jardim de sua casa.⁶²⁰

As pessoas que conviveram com ele e que ainda puderam dar seu depoimento dizem que era uma pessoa de muito fácil convívio, sempre alegre, bem disposto, e pronto para ajudar a quem necessitasse.⁶²¹ A imagem do “alegre

⁶²⁰ SCHEMES& PRODANOV, op. cit.

⁶²¹ Segundo depoimento de seus netos Pedro Adams Neto e Carmen Mosmann e suas filhas, Theresa Allgayer e Carla Bins.

Pedro”, como se referiu a ele um de seus empregados, ficou na memória de muitas delas.

Pedro Adams Filho foi aprendiz de sapateiro em Taquara e em Dois Irmãos. Somente depois é que abriu um negócio próprio com o dinheiro herdado do pai que, mais tarde, cresceu, e se tornou a primeira indústria calçadista do Vale do Sinos.

Ele casou em 1891, aos 21 anos com Rosa Saenger, de mesma idade, natural de Bom Jardim (hoje Ivoti). Com ela teve seis filhos: Ludwina Catharina, nascida em 1894; Albano Jacob, em 1900; Oscar Frederico, em 1903; Júlio, em 1906; Edgar Albano, em 1907 e Hildegard, em 1913. Sua filha Ludwina casou-se com Pedro Alles, um dos principais industrialistas da cidade, proprietário de uma fábrica de molduras.



Figura 101 - Pedro com sua esposa Rosa, sua sogra e seus seis filhos. (AFA)



Figura 102 - Rosa com alguns de seus filhos (AFA)



Figura 103 - Rosa e Hildegard (AFA)

Em 1924, Rosa faleceu e dois anos depois Pedro casou-se novamente com Olga Maria Kroeff. Com trinta e quatro anos, ela era vinte e dois anos mais jovem que ele. Olga era filha de seu amigo de longa data Jacob Kroeff Filho e irmã de Jacob Kroeff Neto.

Como sua nova esposa residia em Porto Alegre, Adams mudou-se para aquela cidade, e foi lá que nasceram Luiz, em 1927, Theresa, em 1928 e Carla, em 1930.

A lua-de-mel foi a única viagem internacional realizada por Adams nesses seus últimos nove anos de vida. O casal foi passear na Alemanha logo depois do casamento e permaneceu por lá aproximadamente um mês, pois tinha muitos amigos e conhecidos que residiam naquele País.

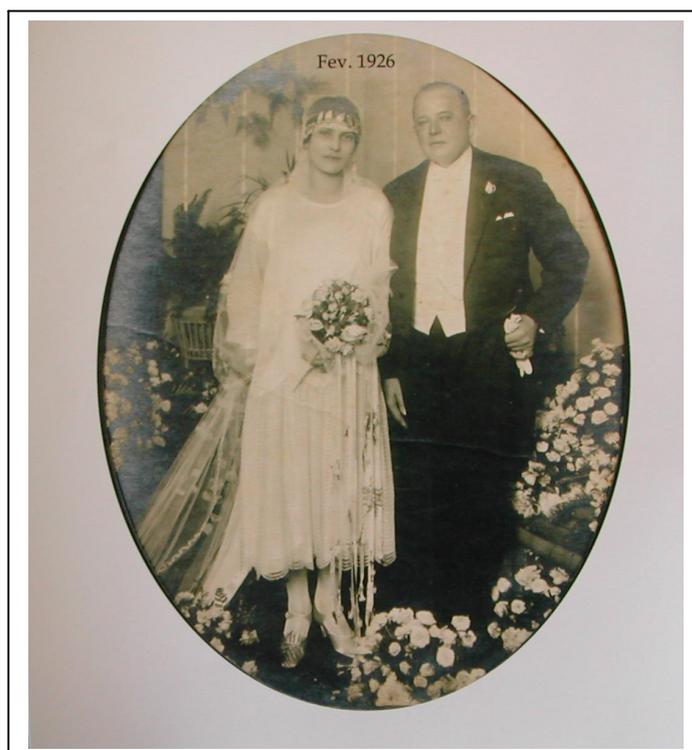


Figura 104 - Casamento de Pedro e Olga, onde podemos perceber o luxo através das roupas: o fraque, as rendas, o sapato de seda. (AFA)



Figura 105 - Olga e seus filhos Luiz, Theresa e Carla. (AFA)

Segundo suas filhas mais novas, Carla e Theresa, Adams era “uma pessoa muito alegre, muito carinhoso com os filhos, um homem muito bom” que não media esforços em ajudar quem necessitasse.

Ele tratava os empregados como se fossem da família. O jardineiro, por exemplo, foi uma pessoa da rua que meu pai pegou e colocou para morar numa espécie de galpão que tínhamos atrás de casa, lá ele comia, dormia e cuidava do jardim. A lavadeira tinha dois filhos, que também moravam conosco, e que foram muito ajudados por ele, tanto que a filha se formou economista e o filho parece que é advogado. A nossa cozinheira também foi ajudada por ele.⁶²²

A família, portanto, vivia com bastante conforto em um “palacete” na Rua João Pessoa, com jardineiro, lavadeira, cozinheira, motorista e uma governanta

⁶²² Entrevista concedida por Theresa Allgayer e Carla Bins, filhas de Pedro Adams Filho, em maio de 2006.

alemã, que foi contratada para ensinar uma segunda língua ao filho mais velho, Luiz.

Pedro e Olga davam-se muito bem. “Ele sempre dizia pra mãe: ‘Eu não te dou as estrelas porque eu não alcanço.’ Ele era apaixonado por ela.”⁶²³

O relacionamento com os filhos do primeiro casamento era muito tranquilo, tanto que a filha mais nova de Adams e Rosa, Hildegard, morou em Porto Alegre com sua nova família. Segundo Theresa, “a mãe tratava os filhos do primeiro casamento como se fossem dela, apesar de terem quase a mesma idade.”⁶²⁴

Em 1928, Adams se afastou da vida pública, mas, embora morando em Porto Alegre, continuava indo diariamente à fábrica em Novo Hamburgo. Theresa lembra que muitas vezes o pai ia de trem até a fábrica, mesmo tendo carro e motorista.

Seus netos também lembram de seu bom humor e do prazer que tinha em brincar com eles, cada vez que vinha para Novo Hamburgo e que os encontrava na fábrica.

Sua saúde era frágil, pois Adams sofria de asma, o que o obrigava a passar seis meses por ano com sua família no Rio de Janeiro, em função do clima ameno. Porém, seu afastamento dos negócios dar-se-ia por volta de 1933, quando foi obrigado pelos médicos a ficar em repouso em sua casa, em decorrência de uma insuficiência cardíaca que o debilitou muito.

⁶²³ Ibidem

⁶²⁴ Ibidem

A partir desse ano, a empresa ficou sendo administrada pelos filhos do primeiro casamento, Oscar e Albano, que já conheciam o seu funcionamento, e que naturalmente assumiram seus lugares. Porém, Adams sempre era informado sobre o que acontecia na empresa e a administrava de maneira indireta.

Esse problema de saúde transformou a rotina de Adams e sua família. Segundo suas filhas, Olga passou a se dedicar exclusivamente ao marido doente.

Ele ficou mais ou menos dois anos doente de cama, não sabemos exatamente o que ele tinha, mas era uma doença do coração e saía água pelos poros, ele estava sempre enfaixado e tinha dia e noite enfermeiras cuidando dele. Naquela época o atendimento médico, dentário era todo em casa.

A minha mãe, durante todo esse tempo, não desceu do andar de cima da casa, praticamente se mudou para lá. Meu irmão ficava muito na casa da nossa tia e a Carla, quando ele piorou, também, mas eu fiquei em casa o tempo todo e lembro que subia aquelas escadas e levava comida, água, remédio, as coisas que a mãe e o pai precisavam. Eu fiquei lá até o fim. Ele sempre foi uma pessoa agradável, com tudo que a gente via que ele sofria, ele nunca se queixava, mas no fim teve muitas complicações. Lembro que ele estava fraco, mas totalmente lúcido e gostava de ter a companhia dos filhos, de conversar, brincar, ele foi alegre até o fim.⁶²⁵

A doença cardíaca de Adams era altamente incapacitante e dolorosa, o que explica todo esse período de inatividade, e a dedicação da família e de empregados.

Baseados nos depoimentos familiares, podemos caracterizar a família Adams como uma família patriarcal, que tinha o pai como figura central e dominante, que gostava de estar cercado pelos seus familiares e agregados.

Esse “paternalismo” característico de Adams transcendia a esfera privada da sua vida e passava para a pública, como observamos nas suas atividades

⁶²⁵ Ibidem

comunitárias e na sua relação com seus empregados domésticos e das empresas. Percebemos que, muitas vezes, a sua vida privada foi invadida pelas atribuições públicas a que se dedicou.

Nesse sentido, Adams aproximava-se do que Petersen chama de “paternalismo”, ou seja, a maneira pessoal de tratar os problemas do trabalho típicos do positivismo gaúcho.⁶²⁶

Adams morreu em casa, na companhia de seus familiares em 9 de setembro de 1935, e sua morte causou pesar não só entre seus familiares e amigos, mas também na comunidade de Novo Hamburgo, a qual ele sempre esteve ligado.

O enaltecimento à sua pessoa foi a tônica do jornal da cidade na semana da sua morte. Seu amigo Leopoldo Petry escreve um artigo sugerindo, inclusive, que seja feito um monumento para homenageá-lo.

O dia 9 de Setembro foi um dia de luto para Novo Hamburgo. Em Porto Alegre faleceu, nesse dia, um homem, que, além de ser um paradigma de trabalho profícuo e de iniciativa, para nosso município foi o grande impulsionador do seu progresso, e o criador dessa invejável situação de prosperidade que vem trazendo o bem estar e a felicidade a centenas de lares: Pedro Adams Filho. [...]

Porém, embora significativas e imponentes, não me parecem bastantes as homenagens prestadas. Seria de toda justiça que Novo Hamburgo traduzisse os seus sentimentos de gratidão de outra forma mais expressiva e mais elevada: honrando a memória de Pedro Adams Filho com um monumento que deverá ser erguido numa das nossas praças publicas! Esse monumento seria não somente uma homenagem ao impulsionador do nosso progresso e ao cidadão benemérito, mas ainda deveria traduzir o espírito de trabalho, de iniciativa, de tenacidade, de que o nosso homenageado foi um dos mais altos expoentes.⁶²⁷

⁶²⁶ PETERSEN, op. cit. p. 280

⁶²⁷ Jornal *O 5 de Abril*, 13/09/1935

A comunidade parou para acompanhar o enterro, as fábricas e lojas foram fechadas no período da manhã, como forma de respeito e de agradecimento àquele que era considerado o pioneiro da indústria do calçado. O jornal *O 5 de Abril* diz na ocasião que os industrialistas de calçados da cidade, em sua quase totalidade, colheram na fábrica Adams os seus primeiros conhecimentos do ramo.

628

Centenas de pessoas acompanharam o enterro, que teve discursos dos padres da paróquia do centro e de Hamburgo Velho, já que Adams era um católico fervoroso, de um representante da Associação Comercial, de um representante da família, da fábrica e dos empregados, e de um senhor chamado Manoel Flores que, segundo *O 5 de Abril*, “falou em seu nome e no da pobreza”. O Círculo Operário solicitou o fechamento das fábricas e incentivou a presença dos trabalhadores para agradecer o “carinho, a amizade e a dedicação que ele sempre dispensou aos seus colaboradores, e que, [...] disputaram as alças do caixão fúnebre [...]”⁶²⁹

⁶²⁸ Ibidem

⁶²⁹ Ibidem



Figura 106 - Jornal *O 5 de Abril*, 1935. (APNH)

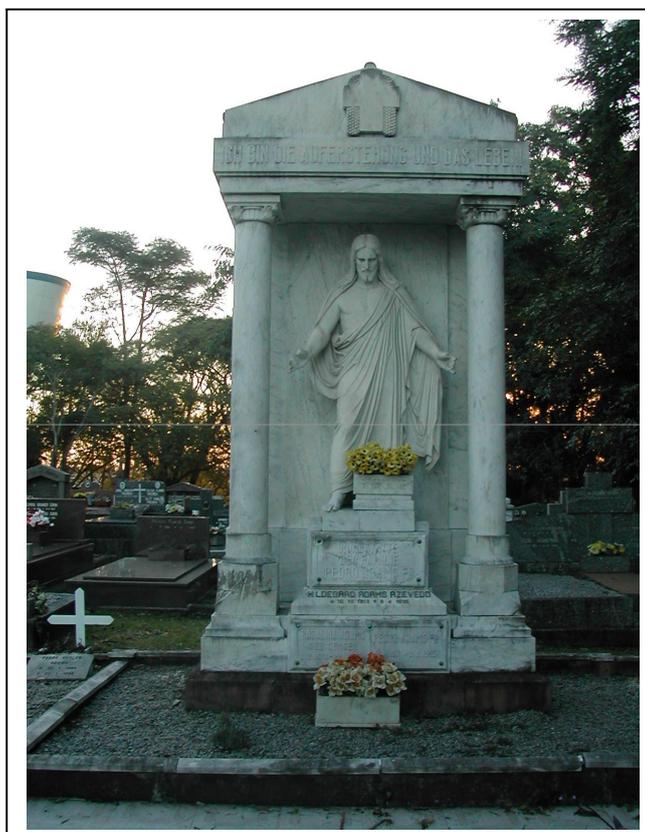


Figura 107 - Túmulo da família Adams no Cemitério Católico de Hamburgo Velho.



Figura 108 - Lápide do túmulo.



Figura 109 - Lembrança de enterro⁶³⁰ (AFA)

⁶³⁰ *Meu Jesus Misericordioso! Doce coração de Maria seja minha salvação! Para lembrança em oração daquele que em paz morreu no Senhor. Pedro Adams Filho. Oh Maria, Mãe de Deus e Mãe de Misericórdias, por favor ora por nós e por aqueles que para aí foram enviados.*

O monumento a Adams nunca foi feito, mas a homenagem prestada a ele acabou sendo maior, pois a principal rua da cidade ganhou-lhe o nome: a Avenida Pedro Adams Filho, ela que, segundo Selbach, “[...] encerrou o ambiente urbano tão desejado e, como mônada das artérias principais das grandes cidades, se transformou num cenário mágico, que todos sonhavam ter.”⁶³¹



Figura 110 – Manchete do jornal O 5 de Abril, 22/05/1936

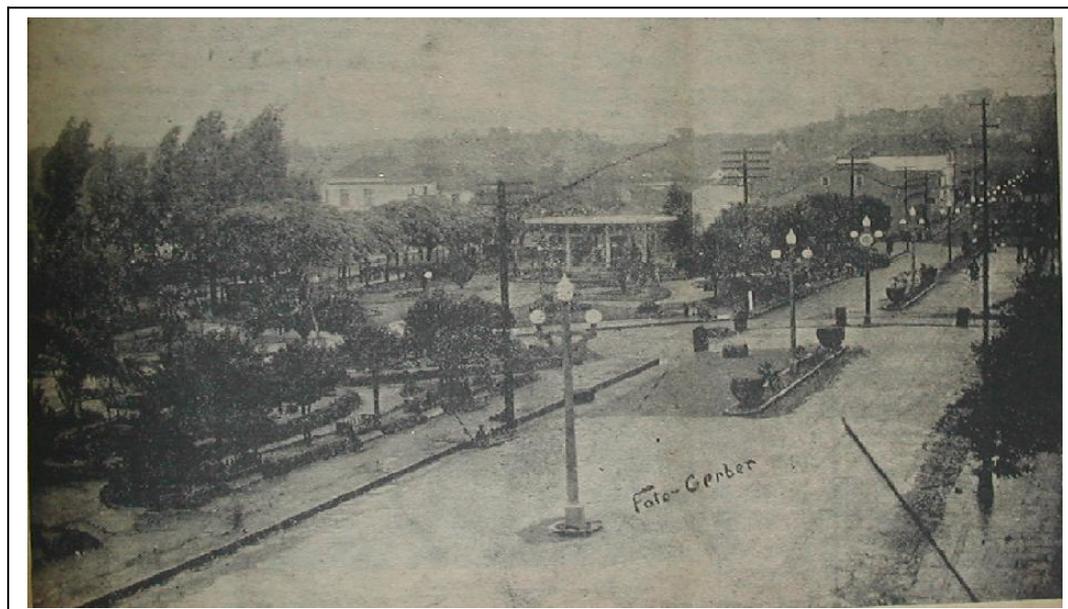


Figura 111 - Avenida no dia da inauguração⁶³²

⁶³¹ SELBACH, op. cit. p. 66,67

⁶³² Jornal *O 5 de Abril*, 22/05/1936

A avenida, durante toda a história da cidade, representou o local de convergência dos cidadãos, sem distinções sociais, o local de lazer, de trabalho, a nossa Rua da Praia.



Figura 112 - Av. Pedro Adams Filho na década de 30 (AFS)

Antes de Adams morrer, ele manifestou o desejo de que Oscar, seu segundo filho homem, assumisse a direção da empresa. Albano, que era o mais velho, ressentiu-se e instalou seu próprio curtume em outra cidade, deixando a empresa a cargo de seus irmãos, pois, além de Oscar, Albano assumiu a gerência da empresa, e Edgar assumiu o curtume da família.⁶³³

Mesmo doente, Adams acompanhou a administração de sua empresa para deixá-la em ótimas condições, tanto que, durante muitos anos, ainda continuou

⁶³³ Depoimento de Pedro Adams Neto em abril de 2006.

sendo referência em qualidade de calçado na cidade. Na época da sua morte, a fábrica tinha dois prédios que produziam, separadamente, calçados masculinos e sandálias.

A empresa ficou com a família Adams por mais 16 anos, até 1951, quando passou por problemas financeiros e sofreu intervenção do Banco do Brasil. Nesse ano, a família foi afastada da sua administração e foi nomeado um interventor para dirigi-la.

As informações que temos sobre a vida familiar de Adams estão calcadas nas lembranças pessoais de seus parentes, portanto, carregadas de sentimentalismo. Mesmo assim, procuramos cruzá-las com outras fontes para descrevermos aspectos do seu cotidiano familiar que são indispensáveis quando se pretende contar uma história de vida.

Já disse Agnes Heller que, “naquele tempo havia um homem lá. Ele existiu naquele tempo [...] e existirá enquanto alguém contar a sua história.”⁶³⁴

Concordamos com a autora, e acreditamos que uma história pode ser contada e permanecerá na memória enquanto existirem aqueles que a relatem e aqueles que a registrem.

No caso de Pedro Adams Filho, a história narra a memória da indústria calçadista e da criação do menor município gaúcho, em 1927, e refere-se a ela.

⁶³⁴ HELLER, Agnes. Uma teoria da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993. p.13

CRONOLOGIA DE PEDRO ADAMS FILHO

13/04/1870 – Nascimento em Santa Clara do Sul, distrito de Lajeado, onde vive sua infância e adolescência; seu pai era proprietário de um empório comercial. Filho de Johann Peter Adams (08/06/1844 – 08/11/1913) e Maria Angelina Loeblein (07/04/1849-04/12/1918) que se casaram em 29/06/1869 em Dois Irmãos.

1878 (?) – Estudou durante três meses com uma professora particular, depois disso não freqüentou mais escola regular.

1886/87 – Família volta a Dois Irmãos e Adams vai trabalhar por alguns meses como aprendiz de seleiro com o mestre Jacob Bossle, proprietário de uma sapataria e selaria, em Taquara do Mundo Novo. Depois volta a Dois Irmãos e trabalha como empregado de uma fábrica de couros curtidos e correaria, onde logo passa a exercer a função de contra-mestre.

1888 – Estabeleceu-se em Dois Irmãos como sapateiro e seleiro com o dinheiro recebido do pai (4 contos de réis), logo empregou doze pessoas em sua oficina. As vendas dos produtos eram feitas pelo próprio Adams.

1891 – Casamento com Rosa Saenger (01/12/1870-28/12/1924) natural de Bom Jardim, atual Ivoti.

1894 – Nasce 1ª. filha, Ludwina Catharina (25/04/1894 – 27/07/1969) que mais tarde se casa com Pedro Alles (01/09/1888-10/03/1975), proprietário da fábrica de molduras Alles em Novo Hamburgo.

1898 – Instalou-se em Novo Hamburgo com sua família em função das melhores condições de infra-estrutura que permitiriam um desenvolvimento mais rápido de sua oficina.

1900- Nasce 2º. filho, Albano Jacob (05/04/1900-07/11/1985) que mais tarde se casa como com Irmgard Lanzer (28/10/1905-14/08/1928). Albano mais tarde irá trabalhar com o pai.

1901 – Instala *Fábrica de Calçados Rio-Grandense* em Novo Hamburgo com sócio Frederico Gerhardt e gerência administrativa de Alberto Adams, seu irmão.

1901 – Participa da Exposição Industrial de Porto Alegre, ganha a medalha de ouro pelos seus produtos. Sua empresa já conta com 112 funcionários.

1903 – Nasce 3º. filho, Oscar Frederico (29/01/1903-13/11/1975) que mais tarde se casa com Elma Lackmann, e em segundas núpcias com Arabela Reguly (09/08/1904).

1904 – Sócio se retira da fábrica que passa a se chamar *Pedro Adams Filho e Cia. Ltda.* A empresa *Franco, Ramos e Cia.* assume o cargo de agente geral da fábrica.

1906 – Nasce 4º. filho, Júlio Adams (1905 ?) mais tarde se casa com Irma Martins.

1907 – Nasce 5º. filho, Edgar Alberto Adams (23/11/1907 – 18/11/1980) que mais tarde se casa com Azella Ody.

1910 – Presidente da Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo (até 1911), seu vice era Augusto Jung.

1911 – Empregados da empresa de Adams criam clube de futebol *Sport Club Novo Hamburgo* que era para se chamar *Adams Futebol Clube*.

1912 – Instalação da agência do *Banco da Província*, tendo Adams como seu agente.

1912 – Passa a fazer parte da diretoria do *Jockey Clube* de Novo Hamburgo, que existiu até os anos 40.

1913 – Nasce 6ª. filha, Hildegard Adams (10/10/1913-09/04/1975) casada com Alfredo Zancani Azevedo.

1913 – Cria a *Sociedade do Carro Fúnebre* com objetivo de adquirir um carro fúnebre para o município e a administra até 1928.

1914 – Faz parte da comissão encarregada da criação do *Colégio São Jacó*, que inicia suas atividades nesse ano.

1914 – Sua empresa participa da *Exposição Industrial de Santa Maria* e ganha a medalha de ouro pelos seus produtos expostos.

1915 – Com a 1ª Guerra Mundial, é obrigada a substituir as máquinas alemãs de sua empresa por máquinas norte-americanas.

1916 – Participa da *Exposição Industrial em Caxias do Sul* e sua empresa ganha medalha de ouro.

1917 – Inauguração do *Curtume Hamburguez*, empresa que irá fornecer a matéria-prima para sua indústria de calçados, produz couros e solas com tecnologia moderna.

1917 – Curtume inicia exportação de couro para Suíça, além de já estar exportando perneiras para a Bolívia e a Venezuela.

1917 – É eleito o representante de Hamburger Berg na Câmara Municipal de São Leopoldo.

1917 – É eleito chefe do Partido Republicano Rio-Grandense na cidade de Novo Hamburgo.

1918 – Começa a vender calçados para São Paulo e logo depois para o Rio de Janeiro.

1918 – Empresa já produz sapatos masculinos e femininos e aumentou seu quadro para 180 funcionários.

1918 – A gripe espanhola acomete a cidade e Adams é uma das pessoas que mais auxilia os doentes com a sua remoção para os postos de saúde e hospitais da região.

1920 - A empresa, nos anos 20, produzia mais de 700 modelos de calçados diferentes para crianças, homens e mulheres e sua produção diária era de 2.000 pares de calçados, sendo 1.500 sandálias e 500 sapatos masculinos.

1920 – É um dos fundadores da Associação Comercial de Novo Hamburgo.

1921 – Faz negócios com compadre que vive na Europa, provavelmente, venda de couro, que não surtem o efeito desejado.

1924 – Faz parte da comissão pró-emancipação de Novo Hamburgo, que inicia campanha pela emancipação do município. Nesse mesmo ano o grupo é recebido por Borges de Medeiros para tratar da questão.

1924 – Adams participa com sua empresa da 2ª Exposição Industrial de Novo Hamburgo com 150 modelos de calçados masculinos, femininos e infantis e sua empresa ganha a medalha de ouro; fez parte da comissão organizadora do evento.

1924 (?) – Cria a Vila Operária onde fornece casas para seus empregados.

1924 – Participa da comissão responsável pela construção da Igreja Católica no centro da cidade.

1925 – Foi realizada outra reunião com Borges de Medeiros pela Comissão pró-emancipação. No mesmo ano foi enviado um memorial pelo Conselho Municipal de São Leopoldo negando o pedido de emancipação, mas com voto contrário de Pedro Adams.

1925 – Adams renuncia ao cargo de conselheiro municipal.

1926 – Casa-se em segundas núpcias com Olga Maria Kroeff (09/03/1892 – ?), filha de Jacob Kroeff Filho e irmã de Jacob Kroeff Neto, amigos de Adams. Faz sua última viagem para a Alemanha em lua-de-mel.

1926 – Participa de uma comissão responsável pela qualificação dos eleitores para um plebiscito que seria realizado sobre a emancipação

1927 – Emancipação de Novo Hamburgo que teve Adams como um dos seus principais líderes; seu filho Alberto assume cargo de conselheiro pelo PRR.

1927 – Realiza com a prefeitura de Novo Hamburgo um contrato para fornecimento de energia elétrica para empresas e residências.

1927 – Vence concorrência pública e cria a *Energia Elétrica Hamburguesa Ltda.*

1927 – Nascimento de Luiz Adams, filho de seu segundo casamento.

1928 – Assembléia para a constituição da *Sociedade Energia Elétrica Hamburguesa* elege Pedro Adams Filho por unanimidade para presidência.

1928 – Nascimento de sua 2ª filha com Olga, Theresinha Adams, que mais tarde se casa com Francisco Allgayer.

1928 – Afasta-se da vida pública por motivos desconhecidos.

1929 – Participa da comissão organizadora da 3ª. Exposição Industrial de Novo Hamburgo e sua empresa participa da exposição.

1929 – Afasta-se da direção da empresa por motivo de doença, deixa seus filhos na administração, mas continua acompanhando os negócios.

1929 – Participa ativamente da campanha pela eleição de Getulio Vargas.

1929 – Adams funda a Caixa Rural União Popular entidade com o objetivo de prestar serviços a economia local e que tinha como sede a sua empresa.

1930 - A empresa, nos anos 30, já possuía uma divisão de sandálias femininas que eram produzidas num local separado do sapato masculino.

1930 - Nascimento de sua 3ª filha com Olga, Carla Adams, que mais tarde se casa com Telmo José Bins.

1930 – Empresa cresce e já conta com aproximadamente 250 empregados.

1930 – É realizada a 1ª. greve de funcionários da empresa de Adams que é tratada como “caso de polícia”.

1932 - É formada a União Operária Beneficente, entidade representativa dos trabalhadores apoiada pelos empresários, dentre eles, Adams.

1933 – Criação dos dois primeiros sindicatos da cidade, o dos Marceneiros e Carpinteiros e dos Trabalhadores em Couro e seus Artefatos. Essas entidades não eram apoiadas pelos empresários.

1933 – Adams se afasta de seus negócios em função de sua doença, seu filho Oscar assume o cargo de diretor-presidente e seu filho Albano assume a gerência de produção.

1935 – Criação do Círculo Operário em Novo Hamburgo com total apoio da empresa de Adams.

09/09/1935 – Adams morre em decorrência de problemas cardíacos em sua casa em Porto Alegre, junto de sua mulher e seus filhos do segundo casamento. É enterrado no cemitério católico de Hamburgo Velho em Novo Hamburgo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao seguirmos o itinerário pessoal de Pedro Adams Filho na formação do *cluster* coureiro-calçadista e na sua atuação política e comunitária, nesta pesquisa, buscamos compreender o processo de construção da cidade de Novo Hamburgo como pólo de desenvolvimento do Vale do Sinos.

Para podermos expressar esses objetivos, estruturamos a tese da seguinte maneira: o primeiro capítulo tratou do contexto histórico e dos empreendedores coloniais, ou seja, pontuamos a conjuntura político-econômica, privilegiando a origem e o desenvolvimento da indústria do Estado do Rio Grande do Sul e o cotidiano da cidade onde Adams viveu a sua infância e juventude. Nesse capítulo, analisamos o papel de nove empreendedores gaúchos, como Alberto Bins, Ernesto Neugebauer, de Porto Alegre; Carlos Oderich, A.J. Renner, do Vale do Caí; Guilherme Ludwig, Arthur Haas, Augusto Jung, Pedro Alles e Arlindo Spindler, do Vale do Sinos, que, como Pedro Adams Filho, são lembrados como lideranças industriais do Estado.

A problemática básica desse capítulo girou em torno da análise dos significados da categoria empreendedorismo nas comunidades coloniais, dentro

de um contexto de crescimento da atividade artesanal e da indústria moderna, que foi a trajetória comum a unir esses empreendedores locais.

No segundo capítulo, abordamos o desenvolvimento e a formação do setor coureiro-calçadista e o desenvolvimento da cidade de Novo Hamburgo como pólo industrial. Para isso tratamos da *Fábrica de Calçados Sul Rio-Grandense* e do *Curtume Hamburguez*, ambos de propriedade de Adams, do design de calçados desenvolvido na época, das exposições industriais que aconteceram no município, das relações de trabalho e do fornecimento de energia elétrica para as empresas e cidade.

A problemática desse capítulo discorreu sobre como e onde encontrar, caracterizar e analisar atos e tomadas de decisão que poderiam ter caracterizado Pedro Adams Filho como um empreendedor múltiplo.

Descobrimos que as estratégias utilizadas por ele na construção de sua liderança no setor coureiro-calçadista tiveram início no momento em que ele investiu a herança que recebeu de seu pai na ampliação de seu ateliê de calçados, e transferiu-se de Dois Irmãos para Novo Hamburgo, pois via nessa cidade melhores oportunidades de crescimento do capital investido, principalmente em função da existência da estrada de ferro que servia como escoamento para seus produtos. Criou, assim, a primeira empresa moderna do Vale dos Sinos. Vimos que, nos primeiros tempos, além responsável pela fabricação dos produtos, Adams também era o responsável pela comercialização, embrenhando-se, para isso, nas picadas com uma carroça puxada por bois. Ao mesmo tempo, ele assumiu o cargo de agente do Banco da Província na cidade.

Parece-nos que esse posto facilitar-lhe-ia, pelos investimentos que fazia em suas empresas, a obtenção de créditos para seus negócios, como a compra de máquinas. A diversificação de produção e a exportação também foram características marcantes em sua vida empresarial.

O pioneirismo de Adams também pode ser confirmado com a criação de um curtume que representou a verticalização da produção, ou seja, a sua empresa passou a responsabilizar-se pelas principais etapas necessárias para a produção do calçado, desde a produção da matéria-prima até produto acabado, o que significou um ganho de capital e uma autonomia que são até hoje fundamentais no mundo dos negócios. Seu curtume, desde o início, utilizou-se de máquinas modernas que diminuíram o tempo de produção do couro, e representavam a modernização do setor.

A ativa participação de Adams nas exposições industriais e o seu envolvimento na vida comunitária mostraram-nos que elas não tinham apenas fins econômicos, mas também políticos, pois representavam uma oportunidade para ele tornar-se mais conhecido e próximo da comunidade. Para empreendedores como ele, a aliança entre a indústria e a comunidade era feita por meio de ações políticas.

Ao voltarmos-nos para Pedro Adams Filho e suas relações com a mão de obra necessária para levar adiante seus negócios, podemos analisar o grau de seu comprometimento com a formação e perpetuação da idéia de que o trabalhador, com seu esforço e trabalho, conseguiria tornar-se patrão. Com isso,

constatamos que o mito da ascensão social teve o suporte das lideranças empresariais e sindicais da cidade para conciliar os interesses de dois grupos sociais distintos: capitalistas e operários. Adams, nessa questão, alinhou-se com a filosofia da busca da harmonia nas relações de trabalho, o que se evidencia pelo apoio de sua empresa ao Círculo Operário, e o tratamento dado à greve que ocorreu em sua fábrica.

A criação da empresa de fornecimento de energia elétrica para a cidade corrobora com nossa tese sobre a relação entre o empreendedorismo de Pedro Adams e sua condição de político influente. Ele poderia ter pressionado o poder público para solucionar o problema energético, vital para o desenvolvimento da cidade, mas optou por assumir o risco do empreendimento, mesmo sabendo que isso lhe renderia muitas críticas, especialmente das lideranças políticas de São Leopoldo, que não queriam perder o negócio do fornecimento de energia.

O terceiro capítulo tratou das atividades políticas e comunitárias do biografado e de como ficou registrada, nos documentos e jornais, sua atuação na emancipação do município, no Partido Republicano Rio-Grandense e na criação do colégio São Jacó. Por fim, tratamos da vida familiar de Adams, sua postura de gerenciador dos bens da família e de distribuição de tarefas e postos, desde quando nomeou seu irmão para um cargo em sua empresa, até a indicação de seus sucessores. Finalmente, tratamos da sua morte, ocorrida na companhia de médicos, enfermeiros e de sua família.

Esse capítulo teve como problemática principal a busca pelas estratégias utilizadas por Adams para construir sua liderança no processo político e comunitário da cidade e do Vale do Sinos, levando-se em consideração, para isso, o círculo que influenciava e pelo qual era influenciado, o que incluía toda uma geração de empreendedores locais.

Constatamos que a atuação política de Adams iniciou dez anos antes da emancipação da cidade, e teve uma grande importância na sua vida. Sua carreira política iniciou em 1917, como representante do Partido Republicano Rio-Grandense, e teve seu ápice na emancipação do distrito de Hamburger Berg da cidade de São Leopoldo.

Esse movimento emancipacionista, além de representar a autonomia municipal que veio acompanhada de decisões políticas favoráveis à comunidade, pode ser considerado, também, como a primeira iniciativa da formação de uma identidade própria para a cidade, pois, nesse momento, a comunidade sentiu a necessidade de afirmar-se em contraposição ao município sede.

No processo de construção dessa identidade inicial, leia-se o discurso sobre o sentimento municipal de pujança e de empreendedorismo. Acreditamos que Pedro Adams Filho foi um dos pioneiros da indústria e um dos líderes da emancipação municipal, e terminou por tornar-se um modelo para novas gerações de novo-hamburgueses que se seguiram a esses primeiros passos emancipatórios.

As questões cotidianas apresentadas ajudaram-nos a compreender como era o dia a dia em que Adams estava inserido e quais eram as suas necessidades.

As atividades comunitárias lideradas e apoiadas por ele sugerem-nos sua condição de empreendedor social, ou seja, alguém que propõe a solução de problemas sociais, combinando práticas e conhecimentos inovadores e criando novos serviços para melhorar a vida das pessoas.

Ele participou da administração de dois clubes recreativos e esportivos, Sociedade Frohsin e Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo; ajudou a fundar o Sport Club Novo Hamburgo e o Jockey Club; criou e administrou a Sociedade do Carro Fúnebre; foi um dos fundadores do Colégio São Jacó e da Associação Comercial de Novo Hamburgo; fez parte da comissão de obras da Igreja Católica do centro da cidade, e foi presidente da Caixa Rural União Popular.

Finalmente, a vida familiar de Pedro Adams Filho permite-nos conhecer alguns aspectos pouco explorados de sua personalidade, que comparecem no bojo de sua atuação pública, e possibilitam que as poucas pessoas que conviveram com ele possam deixar registrada sua história e nuances de sua vida afetiva, pois, segundo Agnes Heller, é “na dimensão da vida cotidiana que se evidencia a essência humana dos atores sociais.”⁶³⁵

Aspectos da história de Novo Hamburgo apareceram nessa pesquisa, baseada no gênero biográfico. Ela nos permitiu observar como os indivíduos podem adotar atitudes que caracterizam uma capacidade transformadora,

⁶³⁵ HELLER, Agnes. *Uma Teoria da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

salientando-se como protagonistas em lugar de apenas personagens aprisionados pelas estruturas sociais.

Essa “nova” maneira de se fazer história também nos deixou trabalhar com a trajetória individual de um sujeito que, mesmo tendo seu papel reconhecido pela comunidade, encontrava-se submerso na “macro-história”, no anonimato. À trajetória empresarial, política e comunitária de Pedro Adams Filho, que lhe pode dar a dimensão de um empreendedor, conforme viemos pontuando ao longo desta tese, deve-se a escolha de seu nome para a principal avenida da cidade.

Pedro Adams Filho não é cultuado na cidade como um herói, um líder predestinado, ou um “salvador que guiaria seu povo pelos caminhos do futuro”⁶³⁶, sua trajetória de vida ficou reduzida à legenda da placa de rua que informa que ele foi o “pioneiro da indústria calçadista no Vale”. Desdobrar o significado dessa legenda levou-nos à sua trajetória empreendedora, e impulsionou-nos a escrever esta tese.

Se nosso biografado merece essa placa de rua ou não, é uma questão muito discutível e que se presta a muitas respostas, mas achamos que esta pesquisa possa ajudar a pontuá-la.

Acreditamos que esta tese trouxe avanços em relação aos trabalhos existentes sobre a história da industrialização em Novo Hamburgo, levando em consideração as pesquisas existentes sobre essa questão; analisamos a

⁶³⁶ Conforme classificação de GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

importância de Pedro Adams Filho como pioneiro da indústria moderna da cidade, observando sua trajetória dentro de um contexto em que vários outros empreendedores coloniais também tiveram uma participação ativa; reconstruímos o processo de emancipação de Novo Hamburgo com base em várias fontes jornalísticas recolhidas por um dos líderes do movimento da cidade; realizamos uma análise da história do município através da trajetória de uma figura representativa para a região, procurando não enaltecer essa figura, mas mostrar suas possíveis contradições; finalmente, assumimos o desafio de escrever uma biografia onde a “história narrativa”, tão marginalizada pela historiografia atual, é fundamental na construção do texto, mas, ao mesmo tempo, não deixamos de lado a “história problema”, ou seja, como se deu a industrialização e o processo de emancipação de Novo Hamburgo, questões fundamentais para a construção de sua história.

Entretanto, é fundamental salientar que, embora boa parte da histórica da cidade ter sido abordada nesta tese, muitas questões ainda estão em aberto, e carecem de um estudo mais minucioso. Muitos empreendedores e políticos como Adams existiram e foram fundamentais para a construção da história do Vale do Rio dos Sinos. Eles, junto da grande massa de trabalhadores e de eleitores anônimos, contemporâneos, deixaram muitos vestígios de suas sagas particulares, embora poucos tenham o nome registrado em placas de ruas. Portanto, ainda há muito que se pesquisar na cidade e região.

Acreditamos, finalmente, na citação de Schmidt quando ele diz que, “na Grécia antiga, acreditava-se que cabia aos poetas a preservação da vida dos

heróis [...] hoje o historiador-biógrafo pode assumir essa tarefa, possibilitando que os indivíduos esquecidos, as trajetórias perdidas, as falas silenciadas venham à tona e ressuscitem para o mundo dos vivos. “⁶³⁷

Esperamos que esta pesquisa possa ser multiplicada e amplamente utilizada, principalmente pela comunidade novo-hamburguesa, e que passe a ocupar um lugar na historiografia sobre o município e sobre o setor coureiro-calçadista no Vale do Sinos.

⁶³⁷ SCHMIDT, Benito Bisso. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 1996. p.244.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES DE PESQUISA

Arquivos e bibliotecas (com siglas correspondentes)

Arquivo Público do Vale dos Sinos (APVS)

Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL)

Museu Nacional do Calçado (MNC)

Fundação Ernesto Frederico Scheffel (FEFS)

Biblioteca do Centro Universitário Feevale (BCUF)

Biblioteca Unisinos (BU)

Acervo pessoal família Adams (AFA)

Periódicos

O 5 DE ABRIL. Novo Hamburgo, 1927-1935 (APVS)

NH. Novo Hamburgo, 1977, 2002, 2005. (APVS)

GUIA DO VALE. Novo Hamburgo, 1972 (APVS)

ABC DOMINGO. Novo Hamburgo, 1997. (APVS)

DEUTSCHE POST, São Leopoldo, 1925, 1926, 1927. (MHVSL/APVS)

DEUTSCHES VOLKSBLATT, São Leopoldo, 1900, 1925. (MHVSL/APVS)

CORREIO DA SERRA, Santa Maria, 1926, 1927. (APVS)

SUPLEMENTO ESPECIAL DA CIA. JORNALÍSTICA CALDAS JÚNIOR. Porto Alegre, 1974. (APVS)

TRIBUNA ILLUSTRADA. Porto Alegre, 1927 (APVS)

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 1929, 1930. (APVS)

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Porto Alegre, 1925,1927, 1928. (APVS)

CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 1928, 1929, 1930. (APVS)

ÚLTIMA HORA, Porto Alegre, 1925. (APVS)

ASÓGA, Porto Alegre, 1925. (APVS)

CONSULTOR COMMERCIAL, Porto Alegre, 1927. (APVS)

Outras

ANUÁRIO Estatístico do Brasil do IBGE (1933/1940) (APVS)

ATAS Conselho Municipal de São Leopoldo, 1924, 1925. (MHVSL)

CARTAS de Pedro Adams Filho, Rosa Adams, J. Akert (AFA)

FOTOS da família Adams (AFA)

FOTOS de Novo Hamburgo (APVS, FEFS, MNC)

HISTÓRIA em quadrinhos sobre Pedro Adams Filho (AFA)

LIVRO-ARQUIVO sobre a exposição Industrial e Emancipação de Novo Hamburgo, 1927. (APVS)

LIVRO de Atas da Comissão Organizadora da Exposição Industrial de Novo Hamburgo, 1927. (APVS)

LIVRO de Eleitores de Estrela, 1890.

MANUSCRITO de Telmo Bins sobre genealogia da família Adams. (AFA)

PASQUIM publicado em Novo Hamburgo com críticas a conselheiros de São Leopoldo. (APVS)

RELATÓRIOS do Conselho Municipal de São Leopoldo, 1927. (MHVSL)

Fontes orais

ADAMS, P. Pedro Adams: depoimento [jun.2005, abr.2006]. Entrevistadora: C.Schemes.Novo Hamburgo: 2005. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida para tese de doutorado sobre Pedro Adams Filho.

ALLES, C. Ceíça Alles: depoimento [mar.2006]. Entrevistadora: C.Schemes.Novo Hamburgo: 2005. Entrevista concedida para tese de doutorado sobre Pedro Adams Filho.

ALLGAYER, T. Theresinha Allgayer: depoimento [mai 2006]. Entrevistadora: C.Schemes.Novo Hamburgo: 2006. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida para tese de doutorado sobre Pedro Adams Filho.

BINS, C. Carla Bins: depoimento [mai 2006]. Entrevistadora: C.Schemes.Novo Hamburgo: 2006. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida para tese de doutorado sobre Pedro Adams Filho.

MOMBERGER, R.A. Regina Astrid Momberger: depoimento [set.2006]. Entrevistadora: C.Schemes.Novo Hamburgo: 2006. Entrevista concedida para tese de doutorado sobre Pedro Adams Filho.

MOSMANN, C. Carmem Mosmann: depoimento [jun.2005, abr.2006]. Entrevistadora: C.Schemes.Novo Hamburgo: 2005. 1 fita cassete (60 min.). Entrevista concedida para tese de doutorado sobre Pedro Adams Filho.

WIRTH, J.A. João Arlindo Wirth: depoimento [nov. 2004]. Entrevistadora: C.Schemes.Novo Hamburgo: 2004. 2 fitas cassete (120 min.). Entrevista concedida para livro da empresa.

Livros

A PRIMEIRA fábrica de calçados. *NH*, Novo Hamburgo, p.2, 05 abr.2002.

AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom e VASCONCELOS, Sandra Gardini T. (orgs.) *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo:Xamã, 1997.

AMADO, Janaína & MORAES, Marieta. *Usos e Abusos da História Oral*. 2.ed. Rio de Janeiro:Editora FGV,1998.

AXT, Gunther. A indústria de energia elétrica em São Leopoldo (1913-1946). *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, Unisinos, vol.2, no.2, 1998.

AZEVEDO, Francisca L. Nogueira de. Biografia e gênero. In: GUAZELLI, César Augusto Barcellos et alii (org.) *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. p.131-146.

BAKOS, Margaret Marchiori. *Porto Alegre e seus eternos intendentes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. Julio de Castilhos e a campanha abolicionista. In: AXT, Gunther et alii (orgs) *Julio de Castilhos e o paradoxo republicano*. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Rio de Janeiro: Edições 70,1977.

BATEMAN, Thomas S. & SNELL, Scott A. *Administração: Construindo Vantagem Competitiva*. São Paulo: Atlas, 1998.

BEHREND, Martin Herz. *O 5 de Abril*. Porto Alegre: Metrópole Ind. Gráfica, 2002.

BELAVSKY, E. *O curtume no Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1965.

BIERSACK, Aletta. Saber local, história local: Geertz e além. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p.97-130.

BOAS, Sergio Vilas. *Biografias & Biógrafos – jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002.

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius (orgs). *RS: Cultura & Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 183-191

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BORGES, Vavy Pacheco. O historiador e seu personagem: algumas reflexões em torno da biografia. *Horizontes*, Bragança Paulista, v. 19, p.01-10, jan/dez 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.1999.

BOWEN, Catherine. *Biography. The Craft and the Calling*. Boston: Atlantic Monthly Press Book, s/d.

BRANDALISE, Carla. O fascismo extra-europeu: o caso do integralismo no Rio Grande do Sul. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et all (orgs.) *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BRENNER, G. *A indústria de calçados no Brasil: trabalho, competição e produtividade*. Dissertação Mestrado, PPGA, UFRGS, 1990.

BUARQUE, Daniel. O gênero das multidões. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p.4, 5 dez.2004.

BURKE, Peter (org) *A Escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992.

CALÇADO impulsionou a economia. *NH*, Novo Hamburgo, p.12, 05 abr. 2002.

CAPELATO, Maria Helena. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion & MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNEIRO, Lígia Gomes. *Trabalhando o couro – Do serigote ao calçado “made in Brazil”*. Porto Alegre: L&PM/CIERGS, 1986.

CARONE, Edgard. *Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. 2.ed. São Paulo: Difel, 1984.

_____. *Classes Sociais e Movimento Operário*. São Paulo: Ática, 1989.

CASA SCHMITT-PRESSER. Disponível em:
<http://www.scheffel.com.br/casaschmitt.htm> Acesso em: março 2006.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *A operação historiográfica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1987.

COPETTI, Américo. *Monografia da Indústria de Calçados do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CORAG, 1976.

CORSETTI, Berenice. Política e organização da educação sob o castilhismo. In: AXT, Gunter et alii (orgs). *Júlio de Castilhos e o paradoxo republicano*. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.

COSTA, Achyles Barcelos da & PASSOS, Maria Cristina (orgs.) *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos.2004.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius (Orgs.) *RS: Economia e Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

DACANAL, José Hildebrando (org.) *RS: Imigração e Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca ao Brasil*. São Paulo: Jangada Brasil, 1999.

DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 259-274.

TRÄSEL, Pe. *Dicionário Geral de Lajeado*. Lajeado, s.d.

DIEHL, Astor Antônio. *Círculos Operários no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.

DOLABELA, Fernando. *Oficina do empreendedor*. a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Cultura, 1999.
_____. *O Segredo de Luísa*. São Paulo: Cultura, 1999.

DORNELAS, José Carlos Assis. *Empreendedorismo*: transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

ELMIR, Cláudio. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas do seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos do PPG em História da UFRGS*, Porto Alegre, n.13, p.19-29, dez 1995.

ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v.XXIV, n.2, p.269-289, dez. 1998.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo, Edusp/FDE, 1995.

_____. *Trabalho Urbano e Conflito Social*. 4.ed.São Paulo: Difel,1986.

FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, Borgismo e Cooptação Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

FENSTERSEIFER, Jaime E. (org.) *O Complexo Calçadista em Perspectiva: Tecnologia e Competitividade*. Porto Alegre: Ortiz, 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.2000.

FILION, Louis Jacques. *Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios*. Revista de Administração, São Paulo, v.34, n.2, p.5-28, abril/junho, 1999.

FIRMBACH, Theodor. *Santa Clara – o combate federalista*. Porto Alegre: Novo Dimensão, 1995.

FISCHER, Luís Augusto & GERTZ, René. (coord.) *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST Edições, 2004.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão,1988.

FOOT, Francisco & LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Global, 1982.

FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito – A classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas*. Caxias do Sul: Educs, Rio de Janeiro:Garamond, 2004.

FORTIN, P.A. *Devenez entrepreneur*. Québec: Éditions de l'entrepreneur, 1992.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Veja, Passagens, 1992.

FRAGOSO, João & FLORENTINO, Manolo. História Econômica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (org) *Domínios da História – Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: Possibilidades e Procedimentos*. São Paulo: Humanitas.2002.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Heróis de nosso tempo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p.5, 5 dez.2004.

GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. O integralismo na zona colonial alemão. In: DACANAL, José Hildebrando (org.) *RS: Imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____. *O aviador e o carroceiro*. Política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GIMENEZ, Fernando et al. Uma investigação sobre a tendência do comportamento do empreendedor. In: *Empreendedorismo: competência essencial para pequenas e médias empresas*. Brasília: ANPROTEC, 2001.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

_____. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. (org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Vértice/IUPERJ, 1988.

GONÇALVES, Xico. A tradição que vem do frio. In: CASTILHO, Kathia & GARCIA, Carol (orgs.) *Moda Brasil – Fragmentos de um vestir tropical*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2001.

GUAZZELLI, César; NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio e GRIJÓ, Luiz A. (orgs.) *Capítulos de história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra. 1989.

_____. *Uma Teoria da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. *Vida e obra de um empreendedor – Hércules Galló*. Porto Alegre: EST Edições, 2003.

_____. A Construção de Vilas Operárias no Sul do Brasil: O Caso de Galópolis. *Scripta Nova*, Barcelona, v.VII, n.146(080), ago. 2003.

HISTÓRIA do calçado no Vale dos Sinos. Disponível em http://www.leather.com.br/interna/links_valesapato1.asp. Acesso em março 2006.

HISTÓRIA das indústrias Oderich. Disponível em <http://oderich.com.br> Acesso em março 2006.

HISTÓRIA da empresa de Neugebauer. Disponível em <http://www.neugebauer.com.br> Acesso em março 2006.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KANNENBERG, Hilmar. *Fundação Evangélica – Um século a serviço da educação (1886 a 1986)*. São Leopoldo: Rotermund, 1987.

KERN, Paulo Henrique. *Ruas & Praças de Novo Hamburgo: Quem é Quem*. 2.ed. Novo Hamburgo: Metrópole, 2002.

KREUTZ, Lúcio. Muito empenho pelas escolas. In: *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.

LAGEMANN, Eugênio. Imigração e industrialização. In: DACANAL, José Hildebrando (org.) *RS: Imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____. O setor coureiro-calçadista na história do Rio Grande do Sul. *Indicadores Econômicos. Ensaios FEE*, Porto Alegre, ano 7, n.2, p.69-82, 1986.

LANDO, Aldair M. & BARROS, Eliane C. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica*. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1981.

LANG, Guido. *Jacob Lang – A História de um Imigrante Pioneiro*. São Leopoldo: Rotermund, 1992.

_____. *Reminiscências da memória colonial – Teutônia – RS*. Campo Bom: Papuesta, 1999.

LE GOFF, Jacques et alii. *A Nova História*. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. *São Luis: biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. A política será ainda a ossatura da história? In: *O maravilhoso e o cotidiano medieval*. Portugal: Setenta, 1985.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.167-182.

_____. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter (org) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1991. p.133-162.

LEVILLAIN, Phillipe. Os protagonistas da biografia. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

LOBO, Eulália L. História Empresarial. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

LOPES, José Sérgio Leite (org.) *Cultura & Identidade Operária: Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Marco Zero 1987.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de Trinta*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MALATIAN, Teresa Maria. Memória e Identidade entre Sapateiros e Curtumeiros. In: *Revista Brasileira de História*. v.16, n.31 e 32, p.193-206, 1996.

MALCOLM, Janet. *A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

MARIANTE, Helio Moro. *A idade do couro no continente d'el rey*. 2.ed. Porto Alegre: Estante Continental.s.d.

MARTINS, José de Souza. *Conde Matarazzo - O empresário e a Empresa*. São Paulo: Hucitec, 1976.

MATHIAS, Marcello Duarte. Autobiografias e diários. *Colóquio/Letras*, v.143-144, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História oral*. 3.ed.São Paulo:Loyola,2000.

McCLELLAND, David. *The Achieving Society*. New York: Irvington, 1976. apud FILLION, Louis Jacques. O Empreendedorismo como Tema de Estudos Superiores. In: *Empreendedorismo: Ciência, técnica arte*. Brasília: CNI – IEL Nacional, 2001.

MONNERAT, Heloisa H.C. & FERRAZ, Fernando T. Diferentes Abordagens na Formação de Empreendedores: um estudo de casos. In: *Seminário Nacional de Pesquisas Tecnológicas e Incubadoras de Empresas*. 12, 17 a 20/09/2002. São Paulo. Anais. São Paulo: ANPROTEC/CIETEC, 2002.15 p. (CD-ROM)

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória*. 3.ed.São Paulo: Contexto,1994.

MORALES MOYA, Antonio. *Biografía y narración em la historiografía actual. Problemas actuales de la Historia*. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca, 1994.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. *Educação*, Porto Alegre: Faculdade de Educação-PUCRS/Curso de Pós-Graduação, 1999.

MORIN, Violette. *Aplicação de um método de análise da imprensa*. São Paulo: ECA, 1970.

MOTTA, Eduardo. *O Calçado e a Moda no Brasil: um olhar histórico*. Porto Alegre: Litokromia/Magno, 2005.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, Maurice e DAYRELL, Sérgio (org.) *O jornal: da forma ao sentido*.

MOTTER, Maria de Lourdes. História e Imprensa. *Revista Comunicações e Artes*, n.24, set/dez. 1990.

MOURE, Telmo. *História do Rio Grande do Sul*. São Paulo: FTD, 1994.

MÜLLER, Carlos Alves. *A história econômica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Grande Sul, 1998.

MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia Alemã – Imagens do passado*. Porto Alegre: Grafosul, 1981.

_____. *História da imigração alemã para crianças*. Porto Alegre: EST Edições, 1996.

O'KEEFFE, Linda. *Sapatos*. Colônia: Könnemann, 1996.

OLIVEIRA, Edson Marques. Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias. *Revista da FAE*, Curitiba, v.7, n.2, p.9-18, jul/dez 2004.

ORDOÑEZ, Marlene & QUEVEDO, Júlio. *Rio Grande do Sul*, São Paulo: Scipione, 1994.

ORIEUX, Jean. A Arte do Biógrafo. In: DUBY, George et alii. *História e Nova História*. Campinas: Unicamp, 1989.

ORLANDI, Eni P. *Terra à vista – Discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo/Campinas: Cortez/Unicamp, 1990.

PASSETTI, Edson. Crianças Carentes e Políticas Públicas. In: DEL PRIORE, Mary (org.) *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

PEDROSO, Elizabeth M.K. *Movimento Sindical Urbano no Brasil. 1850-1997* Trajetória, Características e Desafios. Porto Alegre: Evangraf, 1998.

PEREIRA, Lúgia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*, São Paulo, n.3, p.117-127, jun.2000.

PETERSEN, Sílvia R.F. As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919). In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius (Orgs.) *RS: Economia e Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Esta história que chamamos de micro. In: GUAZELLI, César Augusto Barcellos et alii (org.) *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. p.209-234.

_____. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____. *RS: A economia & O Poder nos anos 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho no Rio Grande do Sul (1889/1930)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PETRY, Leopoldo. *O município de Novo Hamburgo – Monografia*. Porto Alegre: Edições A Nação, 1944.

_____. *A emancipação de Novo Hamburgo: análise do “parecer” aprovado pelo Conselho Municipal e outras notas*. Novo Hamburgo: Typographia Hans Behrend, 1925.

PICCOLO, Helga I.L. *Vida política no século XIX*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.

_____. *A República Rio-Grandense no Segundo Império*. Porto Alegre: IFCH – UFRGS, 1974.

PILETTI, Nelson. *História da Educação no Brasil*. 7.ed. São Paulo: Ática, 1997.

PINTO, Celi Regina J. *Positivismo: um projeto político alternativo (RS:1889-1930)*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

PONS Y SERNA, J. El ojo de la aguja. In: TORRES, Pedro Ruiz. *La historiografía*. Madrid: Marcial Pons, 1993.

PORTO, Aurélio. *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul*. 2.ed.Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

POVOADORES do Rio Grande do Sul (1853-1863). Porto Alegre: EST Edições, 2004.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (org) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1991. p.163-198

PRODANOV, Cleber C. *O processo de construção da identidade urbana: Novo Hamburgo e seu contexto histórico*. 2006. Ex.mimeo.

QUEVEDO, Júlio (org.) *Rio Grande do Sul: quatro séculos de história*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. *Entre a história e a liberdade*. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo. São Paulo: UNESP, 2001.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A Cidade e a Moda*. Brasília: Editora UNB, 2002.

RAMBO, Arthur Blasio & FÉLIX, Loiva Otero (orgs) *A Revolução Federalista e os teuto-brasileiros*. São Leopoldo/Porto Alegre: Editora UNISINOS, 1995.

RAMINELLI, História Urbana. In: CARDOSO, Ciro & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História. Ensaios de Teoria e metodologia*. 6.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

REICHEL, Heloisa Jochims. *A indústria têxtil do Rio Grande do Sul-1910/1930*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____. A industrialização no Rio Grande do Sul na República Velha. In: DACANAL, José Hildebrando & GONZAGA, Sergius (Orgs.) *RS: Economia e Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

_____. O surgimento de uma grande empresa no parque industrial gaúcho. O caso das indústrias Renner. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n.6, p.101 – 120, jan./jun. 1992.

REICHERT, Clóvis Leopoldo. A evolução tecnológica da indústria calçadista no sul do Brasil. In: COSTA, Achyles Barcelos da & PASSOS, Maria Cristina (orgs) *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

REIS, José Carlos. Da “história global” à “história em migalhas”: o que se ganha, o que se perde? In: GUAZELLI, César Augusto Barcellos et alii (org.) *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. p.177-208.

REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RICCI, Magda. Como se faz um vulto na história do Brasil. In: GUAZELLI, César Augusto Barcellos et alii (org.) *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. p.147-160.

ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.v.1 e 2.

ROJAS, Carlos Antonio L. La biografia como gênero biográfico. Algumas reflexiones sob resus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito (org.) *O Biográfico*. Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul:EDUNISC, 2000.

ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a *gestalt* das autobiografias e suas conseqüências metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.p.193-200.

RUAS, Roberto. *Efeitos da modernização sobre o processo de trabalho*. 2.ed. Porto Alegre: FEE, 1985.

RUPENTHAL, Janis Elisa. *Perspectivas do Setor Couro do Estado do Rio Grande do Sul*. Tese de doutorado. UFSC. PPG Engenharia de Produção. Florianópolis, 2001

SANTOS, André Maurício. A Indústria de Curtumes do Rio Grande do Sul. In:COSTA, Achyles Barcelos da & PASSOS, Maria Cristina (orgs) *A Indústria Calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

SARLET, Erica. *Ainda Hoje Plantaria Minha Macieira*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SAUL, Marcos Vinicios de Almeida. *Classe Operária e Sindicalismo no Rio Grande do Sul* (Novo Hamburgo: 1945-1964). Santo Ângelo: FUNDAMES, 1988.

SCHEMES, Claudia et alii. *Memória do Setor Coureiro-Calçadista: Pioneiros e Empreendedores do Vale do Rio dos Sinos*. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

SCHEMES, Claudia & PRODANOV, Cleber. Memórias do setor coureiro-calçadista: um acervo fotográfico [recurso eletrônico]. Novo Hamburgo: Feevale, 2006. 1 CD-ROM.

SCHIERHOLT, José Alfredo. *Lajeado I*. 2.ed. Lajeado: Prefeitura Municipal, 1993.

SCHMIDT, Benito Bisso. A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de “contexto”. In: GUAZELLI, César Augusto Barcellos et alii (org.) *Questões de*

Teoria e Metodologia da História. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. p.121-130.

_____. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 1996.

_____. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, Benito (org.) *O Biográfico*. Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul:EDUNISC, 2000.

_____. *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.

_____. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. *Anos 90*, Porto Alegre, n.6, 1996.

SCHMIDT, Benito Bisso & PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. O movimento operário no Rio Grande do Sul: militantes, instituições e lutas (das origens a 1920). In: GRIJÓ, Luiz Alberto et all (orgs.) *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SCHNEIDER, Regina Portella. *A Instrução Pública no Rio Grande do Sul (1770-1889)*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/EST Edições, 1993.

SCHNEIDER, Sergio. *Agricultura familiar e industrialização – Pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul*. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____. O Mercado de trabalho da indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento. In: *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

SCHÜTZ, Liene M.Martins. *Novo Hamburgo: Sua História, Sua Gente*. Porto Alegre: Palotti, 1976.

_____. *Os Bairros de Novo Hamburgo*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

SECO SERRANO, Carlos. La biografia como gênero historiográfico. In: *Once ensayos sobre la historia*. Madrid: Ed. Fundación Juan March, 1976.

SELBACH, Jeferson. *Pegadas Urbanas – Novo Hamburgo como palco do flâneur*. Cachoeira do Sul: Ed. Do Autor, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. Os Sem Sapato. *Revista Nossa História*, Rio de Janeiro, n.30, p.89, abr 2006

SIMMEL, Georges. *El individuo y la libertad. Ensayos de crítica de la cultura*. Barcelona: Ed. Península, 1986.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Nacional, 1968.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Para uma leitura crítica dos jornais*. São Paulo: Paulinas, 1984.

SOCIÉTÉ DE PUBLICITÉ SUD-AMERICAINE MONTE DOMEQ & CIA. *O Rio Grande do Sul Colonial*. Paris/Barcelona: Estabelecimento Gráfico Thomas, 1918.

SOUZA, Leira Salete Teixeira. *Preconceitos na História de Novo Hamburgo: Uma visão crítica da bibliografia existente*. Novo Hamburgo, 2003. ex. mimeo.

SPALDING, Walter. *Os construtores do Rio Grande*. Porto Alegre: Sulina, 1969

TEJO, Limeira. A indústria rio-grandense em função da economia nacional. In: *Estatística industrial do Rio Grande do Sul – Ano de 1937*. Porto Alegre: Globo, 1939.

THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa – A força dos trabalhadores*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TUCHMAN, Bárbara W. A biografia como prisma da história. In: *A Prática da História*. São Paulo: José Olympio Editora.

VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história – Os Protagonistas Anônimos da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VARGAS, Marco Antonio & ALIEVI, Rejane Maria. Trajetórias de aprendizado e estratégias de capacitação no arranjo produtivo coureiro-calçadista do Vale dos Sinos (RS). *Parcerias Estratégicas*, Brasília, n.17, p.135-163, set/2003.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1971.

VIER, Justino Antonio. *História de Dois Irmãos*. Passado e Presente. Dois Irmãos: Gradfil, 1999.

WASSERMAN, Claudia. O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República: guerra civil e crise no bloco do poder. In: GRIJÓ, Luiz Alberto et alii (orgs.) *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

WEBER, Roswithia. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul – O “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924-1949*. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2004.

XAVIER, Regina Célia Lima. O desafio do trabalho biográfico. In: GUAZELLI, César Augusto Barcellos et alii (org.) *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. p.161-173.

_____. Biografando outros sujeitos, valorizando sua história: estudos sobre a experiência dos escravos. In: SCHMIDT, Benito (org.) *O Biográfico*. Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul:EDUNISC, 2000.

ZATTERA, Véra Stedile. *Cone Sul – Adereços Indígenas e Vestuário Tradicional*. Porto Alegre: Pallotti, 1999.

ZENI, Alexandre. *Centro de Empreendedorismo: um estudo para implantação*.
Dissertação de Mestrado de Engenharia de Produção. Santa Maria: UFSM, 2002.

ANEXOS

Anexo A - Carta de J. Akeret para Pedro Adams Filho. (AFA)

Paris, den 24. Mai 1921.

Particular.

Herrn
Pedro Adams & Co.
Novo Hamburgo.

Ich werde in Zukunft alle
Korespondenz aus Geschäft, aber mit dem
Vermerk "particular" richten.

Ihren meinen Brief vom 20. d. bestätigend,
bekenne ich mich zum Empfang Ihres
Gehten vom 25. April.

Es wundert mich heute nicht mehr, dass
Ihre Firma durch die Wechsel von Boule
sehr gelitten hat; da ich dieselben Diskon-
tante für Sie und ein grosser Teil Wechsel
die ich seinerzeit für die Firma bei der
Banque Pelotense & der Banque Française
et Italienne teils auf Grund von eröffneten
Dokumentkrediten, teils ohne solche
diskontierte und nicht eingelöst worden
sind, so ist Ihnen natürlich damit
auch geschadet worden.

Allern bei der Banque Pelotense sind für
frs. 1350000 Wechsel ohne Kredite akzeptiert
aber nicht eingelöst & für frs. 1017000.-
Wechsel auf Grund von Krediten akzeptiert

und nicht eingelöst. Dann sind bei der
Frang. Bank für frs. 1017000. - Wechsel
auf Grund von Dokumenten
acceptiert aber nicht eingelöst.

Der riesige Verlust unserer Firma (man
spricht von 150 Millionen) hat die Banque
Industrielle de Chine, welche uns immer
die Kredite eröffnete, in böse Lage gebracht
& ist dieselbe auch so ziemlich zahlungsun-
fähig.

Ich muss somit sehen, dass diese Wechsel
bezahlt werden; denn für diejenigen die
Kredite bin ich als Aussteller haftbar.

Ich habe von der Firma einen Posten
Pelze gekauft, welche ich in Leipzig
Wien & hauptsächlich auch in Bukarest,

wo ich mein älterer Bruder ist, gut
zu verkaufen hoffe. Da die österreichische
Valuta heute aber nurmehr Tausch-
schäfte erlaubt, werde ich Ihnen ~~von~~

über Triest Waren schicken an
Zahlungsstatt meiner Schulden, zwar

2000 Gillette-Dasierapparate
2000 dz " Parierklängen
und sofort Muster per Post schicken,
damit Sie mit dem Verkauf derselben

vor Ankunft der Ware beginnen können.

Ich habe Ihnen bereits zur Sicherstellung
meine Aktien bei der Gerberei Soares & Cia.
Lissias übermachen lassen & wollen Sie
dieselben dort reklamieren, ebenso die
Ankündigung meiner Lebensversicherung in
Montevideo durch die Banque Fr. et St.
Es wird gewiss freuen, auf weiterer
Basis Exportgeschäfte von dort zu ma-
chen versuchen, dazu ist aber jetzt der
Zeitpunkt zu ungünstig. Solange
nicht die Preise nicht Ihren Tiefstand
mehr oder weniger erreicht hat, solange
werden die Geschäfte immer riskant
sein, weil die Käufer immer bei
jedem Preissturz oder Kaufe durch
allelei Vorwände & Bemängelung der
Ware etc. zurückzutreten suchen.

Ich sehe aber bis nächsten September
eine Besserung der gegenwärtigen Geschäfts-
lage & bis dahin hoffe ich genügend
Beziehungen angeknüpft zu haben
besonders nach den Balkanländern,
um dann auf erster wieder Paris
arbeiten zu können.
Ich werde Ihnen ferner Muster verschiedener

Waren schicken, damit Sie mir dann
kleinere Aufträge erteilen können,
welche ich Ihnen ohne Zahlung
schicken werde.

In Beilage schicke ich Ihnen die
Photographie meines Elternhauses. Von
auf dem Gartensockel sitzt mein Paten-
kind Robertli & daneben Usli.

Ich werde in Zukunft fleißiger
schreiben.

Inzwischen sende ich Ihnen meine
herzlichsten Grüsse

M. Akaret

Weinelden Suisse

P.S. Das 3. ist glücklich angekommen & heisst
Hella, das ein Mädchen. Meine Frau & die
3 Kinder sind auf meinem kleinen Land-
gutchen im Kalkenbach bei Stein a/Rh.
V.A.



Tradução da carta

Caro Pedro Adams Filho

No futuro eu enviarei toda a correspondência do negócio com a indicação “particular”. Na minha carta do dia 20 para o senhor eu reconheço que recebi a sua carta de 25 de abril. [...] pois sem tal discussão não pode ser solucionado e, assim, naturalmente o senhor também foi lesado. Só no Banco Pelotense foram trocados 1.350.000 francos sem crédito aceito, mas não entrou para a troca 1.017.000 francos [...]. No Banco Francês foram trocados documentos aceitos, mas não creditados de 1.017.000 francos. Houve um grande prejuízo para nossa firma. [...] Eu preciso ver se a trocas foram feitas porque, para os credores, eu sou o responsável.

Eu comprei para a firma um lote de peles que eu achei que poderia vender bem em Viena e em Budapeste, onde o meu irmão está. Eu imediatamente enviarei pelo correio para o senhor produtos para o pagamento da minha dívida, 2.000 barbeadores gillette e 2.000 dúzias de lâminas gillette, para que o senhor possa vender os mesmos assim que chegarem. Como garantia eu mandei fazer um título através do curtume de Caxias.

Peço que o senhor reclame lá assim como a negociação do meu seguro de vida em Montevideo através do Banco Francês. Certamente agradecerá tentar realizar negócios de exportação na base de variados produtos de lá, para tanto, no entanto, o momento atual não é o mais adequado. [...] a depressão que se alcançou sempre colocará os negócios em risco, porque os compradores, sempre

em uma queda de preços, compram tudo adiantado, conservam o produto e tentam devolver.

Eu vejo uma melhora nos negócios até o próximo mês de setembro. Aí espero ter relações suficientes e ter informação principalmente nos Bálcãs e aí poder trabalhar em bases sólidas. Eu enviarei para o senhor finas amostras de diversos produtos para que o senhor possa fazer pequenas encomendas que eu posso enviar sem pagamento.

Juntamente enviarei para o senhor a fotografia da casa de meus pais. Na frente, no jardim, está o teu afilhado Roberth, ao lado Elsi.

No futuro envio ao senhor minhas cordiais saudações.

J. Akert, Weinfelden, Suíça

P.S. A 3ª veio feliz – a pequena Stella, mais uma menina. Minha mulher e as 3 crianças estão no meu pequeno pedaço de terra. J.A.

ANEXO B – CARTA DE ROSA SAENGER PARA PEDRO ADAMS FILHO

Vom Hamburgo, 7. - 9. 21.

Lieber Peter!

Schreibe dir diese zeilen in der
hoffnung das sie dich gesamt
andigen werden.

Heir zu hause geht noch alles
sehr gut die kinder sind alle gesund
und kraf.

Von Oscar habe ich bisse heute
noch keine nachrichten sicherlich wirt
er dir noch zuvick sein.

Am montag starb Eilipp
Jacobs ich war auf der beerdigung,
der "Vigant" hielt eine lange rede
um geate des verstorbenen.

Wie ich gewar wurde hast du

wider einen sturm mit gemacht
Heldegart war in letzter
zeit immer noch ungehorsam, du
wirst es aus ihrem brief erfahren.

Ich schliesse meinen brief in
der hoffnung das du wider
in Kürze bei gesunden bei
uns bist

Herzlich grüsse an Jhr
und an dich von deiner
Rosa

TRADUÇÃO DA CARTA:

Querido Pedro!

Escrevo-te para Berlim com a esperança de que encontre-o com saúde.

Aqui em casa ainda vai tudo bem, as crianças estão todas com saúde.

De Oscar eu ainda não tenho notícias, certamente ele ainda não voltou.

Na segunda-feira faleceu o Jacob e eu achei que o vigário fez um discurso longo na sepultura do falecido.

Como eu fui [...] tu novamente viveste uma tempestade.

Hildegart esteve ultimamente um pouco [...] tu o perceberás em sua carta.

Eu encerro minha carta com a esperança de que tu novamente estejas com boa saúde.

Cordiais saudações para Julio e também para ti.

Da tua

Rosa

ANEXO C – Programa dos festejos do 1º Centenário de Imigração Alemã

1.º Centenario da Immigração Allemã

Programma

das festas em
Novo Hamburgo

DIA 20 DE SETEMBRO.

6 horas — Alvorada. — Salvas de morteiros. — Repique dos campanários de todas as igrejas.

8 horas — Formação de dois prestitos, sendo um em Novo Hamburgo, na sede da sociedade «Gymnastica», e outro em Hamburgo Velho, na sede da sociedade «Frohsinn», saindo o primeiro rumo a esta ultima localidade, e reunisse ao segundo, para, incorporados, seguirem à Praça Mauá.

9 horas — Recepção dos convidados e hospedes na estação de Hamburgo Velho. Formação de um prestito que segue à Praça da Colonização, onde se desenvolverá o seguinte programma:

1. Canto das sociedades.
2. Discurso de saudação pelo Sr. Leopoldo Petry.
3. Hymno nacional, cantado pelo povo, com acompanhamento da banda de musica.
4. Discurso do rev. Pastor R. Keentzer e outros.
5. Collocação do marco inicial do monumento commemorativo da colonização allemã.
6. Hymno da Independencia, pelo povo.
7. Canto das sociedades.

11 $\frac{1}{2}$ horas — Almoço.

13 horas — Formação de dois prestitos, como de manhã, marchando o de Hamburgo Velho para esta localidade, onde, incorporando se ao daqui na sede da sociedade Gymnastica, seguirão à Praça 14 de Julho.

13,40 horas — Chegada de S. Excia. o Dr. Presidente do Estado. — Marcha à Praça 20 de Setembro. — Inauguração da Exposição. — Discurso do Sr. Dr. Jacob Kroeff Netto.

15,45 horas — Partida dos trens expressos que levarão as pessoas que desejarem assistir aos festejos em São Leopoldo.

15,45 horas — Embarque do Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado.

18,30 horas — Regresso de São Leopoldo.

21 horas — Concerto no recinto da exposição. Secção ao tempo na sede da sociedade Frohsinn.

DIA 21 DE SETEMBRO.

6 horas — Como no dia anterior.

9 horas — Officinas religiosas em todas as igrejas. — A tarde haverá lectos officinaes em São Leopoldo para onde seguirá um trem expresso, ás

10,50 horas — voltando ás 18,45 horas —

20 horas — Concerto no recinto da Exposição.

DIAS 22 DE SETEMBRO A 4 DE OUTUBRO.

Todas as noites diversões no recinto da exposição com variado programma.

DIA 5 DE OUTUBRO.

Encerramento da exposição. — Batalha de flores.

COMISSOES:

Commissão directora: Dr. Jacob Kroll Netto, presidente, Pedro Adams Filho; Major André Klipp; José J. Martins; Julio Kunz; Leopoldo Petry; Carlos Dienstbach.

Distinctivo: Roseta com as cores das bandeiras nacional, riograndense e allemã.

Commissão de recepção: Marcos Meog; Alberto Adams; Ervino J. Schmidt; João Marienthal da Rocha; Eduino Brothbeck; Arnaldo Coelho; Emilio Hofmann e Emilio Leyser.

Distinctivo: Roseta verde, botão amarella.

Commissão de hospedagem: Julio Adams; João W. Hennemann Filho; Benjamins Altmayer; Leonardo Alles; Oscar Kunz; Guilherme L. Vielitz; Ernesto C. Georg; Edwino Becker; Alaliba Jueben e Roberto Streb.

Distinctivo: Roseta branca, botao cores nacionaes.

Commissão de ordem e polciamento: Marcelino dos Santos Pacheco; Luiz Arthur Bender; Alberto Müller; João Laureço Torres Netto; João Wendelino Hennemann.

Distinctivo: Roseta encarnada, botao cores nacionaes.

Commissão de festas: Samuel Dietschi; Emilio Streb; Rululfo Saile; Adolfo Kirsch; Alfredo Fischer; Rudolfo Heller; Norberto Lichtler; Carlos Krause; Albino Kleling.

Distinctivo: Roseta amarella, botão verde.

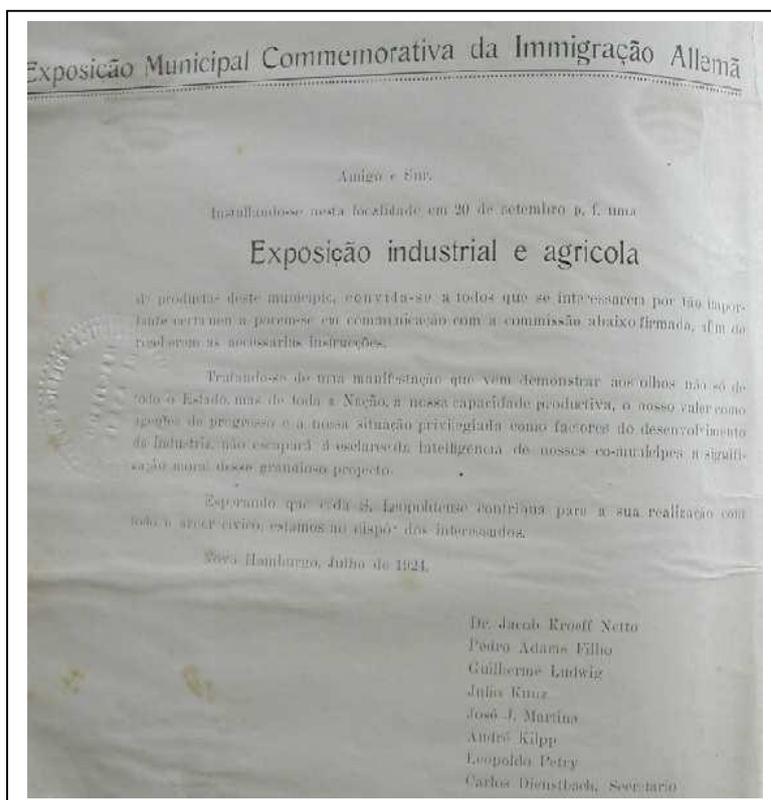
Commissão de distribuição dos lugares no pavilhão: João Brandenburger; Pedro Alles; João Altmayer; Julio Aichinger; Henrique Alberto Steigleder; Hans Bchrend; Fernando Korndorfer; Henrique Korndorfer; Jorge Pedro Grub; Oscar Jung.

Distinctivo: Roseta azul, botão cores nacionaes.

Commissão de construcção do pavilhão: Julio Aichinger; Pedro Alles, João Brandenburger, João Altmayer.

Entrada na exposição: 500 reis

ANEXO D - Carta Convite da exposição municipal comemorativa da imigração alemã (APVS)



Exposição Industrial e Agrícola, de productos deste município, convida-se a todos que se interessarem por tão importante certamen a porem-se em comunicação com a comissão abaixo firmada, a fim de receberem as necessárias instrucções.

Tratando-se de uma manifestação de vem demonstrar aos olhos não só de todo o Estado, mas de toda a Nação, a nossa capacidade productiva, o nosso valor como agentes do progresso e a nossa situação privilegiada como factores do desenvolvimento da indústria, não escapará á esclarecida intelligencia de nossos co-municipes a significação moral desse grandioso projecto.

Esperando que cada S. Leopoldense contribua para a sua realização com todo o ardor cívico, estamos ao dispôr dos interessados.

Novo Hamburgo, Julho de 1924.

Dr. Jacob Kroeff Netto

Pedro Adams Filho

Guilherme Ludwig

Julio Kunz

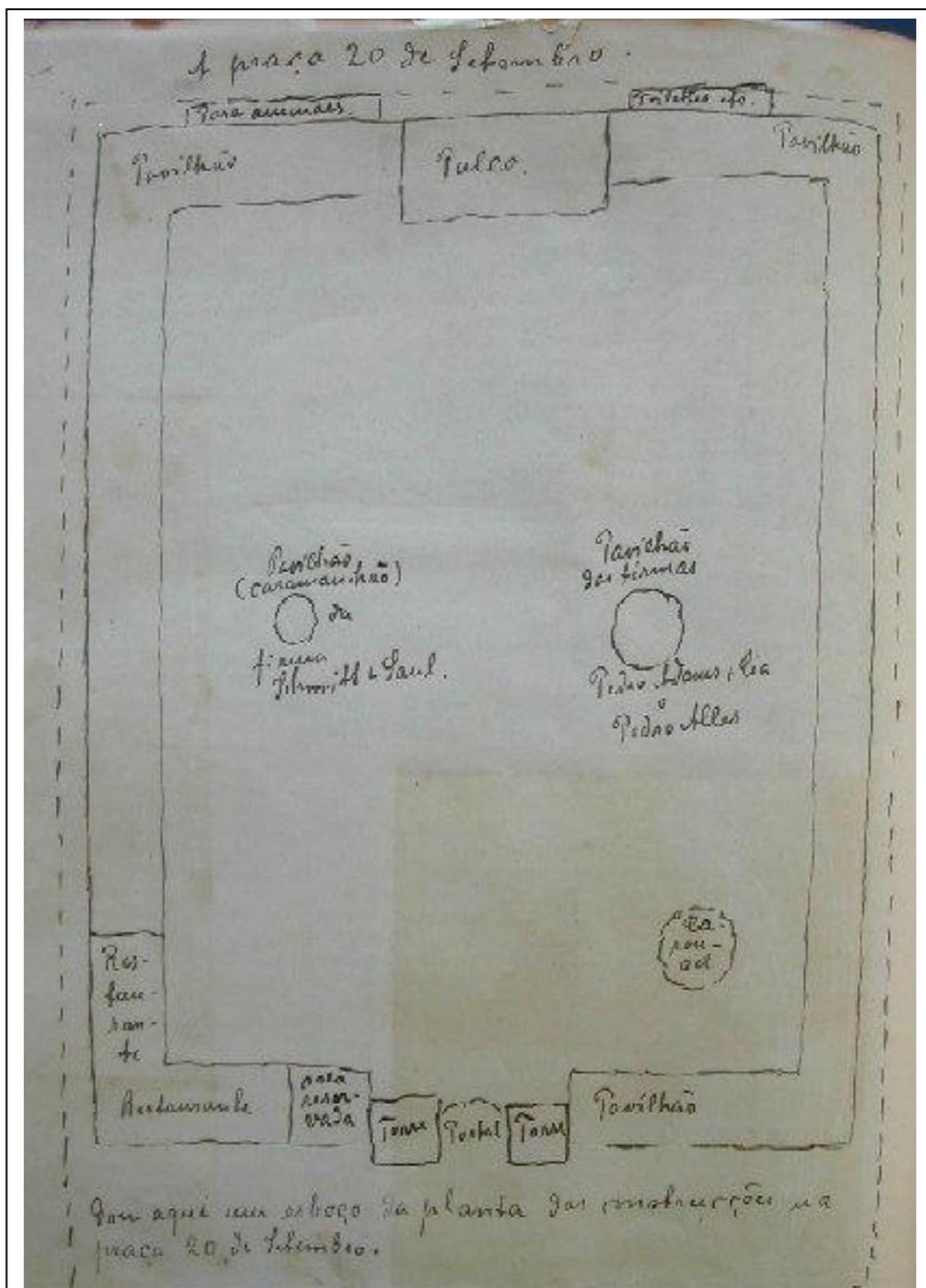
José J. Martins

André Kilpp

Leopoldo Petry

Carlos Dienstbach, Secretário

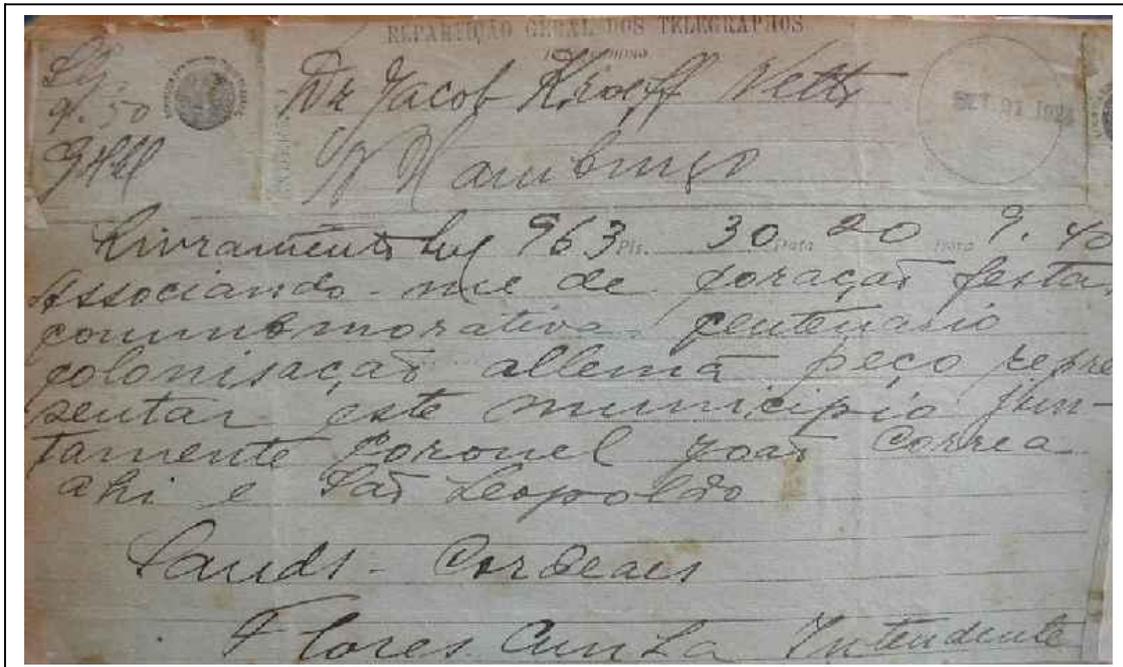
ANEXO E - Esboço de mapa da praça e do pavilhão da exposição. (APVS)



ANEXO F - Parte do regulamento da exposição. (APVS)

<p>1.ª divisão: Indústria</p> <p>1.ª secção - Indústria de couro</p> <p>1.ª classe</p> <p><i>Couros beneficiados</i></p> <p>1.º grupo - couros vaccans cortidos em côr natural.</p> <p>2.º > - idem tingidos.</p> <p>3.º > - idem envernizados.</p> <p>4.º > - pelles cortidas em côr natural.</p> <p>5.º > - idem tingidas.</p> <p>6.º > - idem envernizadas.</p> <p>2.ª classe</p> <p><i>Calçados etc.</i></p> <p>1.º grupo - calçados (botas, botinas, sapatos, etc. etc. etc.)</p> <p>2.º > - sandalias.</p> <p>3.º > - chinellos e semelhantes.</p> <p>4.º > - perneiras.</p> <p>3.ª classe</p> <p><i>Arreümentos, trançaria, pellegos etc.</i></p> <p>1.º grupo - arreümentos.</p> <p>2.º > - caronas, serigotes e pertences.</p> <p>3.º > - sellas, sellins (sellas inglezas e mexicanas) e pertences.</p> <p>4.º > - pellegos cortidos, cochinilhos e semelhantes.</p> <p>5.º > - obras de trançaria e annexos.</p> <p>3</p>	<p>4.ª classe</p> <p><i>Bahus, malas, bolsas, carteiras e annexos</i></p> <p>1.º grupo - bahus, malas de viagem e annexos.</p> <p>2.º > - malas e bolsas de mão e annexos.</p> <p>3.º > - carteiras, bolsinhas e annexos.</p> <p>4.º > - cintas e cartucheiras - artigos de caça e sport.</p> <p>2.ª secção - Indústria de madeira</p> <p>1.ª classe</p> <p><i>Fabricas de moveis</i></p> <p>1.º grupo - moveis de madeira.</p> <p>2.º > - moveis de vime.</p> <p>2.ª classe</p> <p><i>Carpintaria</i></p> <p>1.º grupo - obras para construcção de predios.</p> <p>2.º > - fabricaçção de carros, carretas etc.</p> <p>3.º > - construcção se moínhos e semelh.</p> <p>3.ª classe</p> <p><i>Diversos productos de madeira</i></p> <p>1.º grupo - molduras.</p> <p>2.º > - armações para sellins, serigotes, foles etc.</p> <p>3.º > - polias e semelhantes.</p> <p>4</p>
--	---

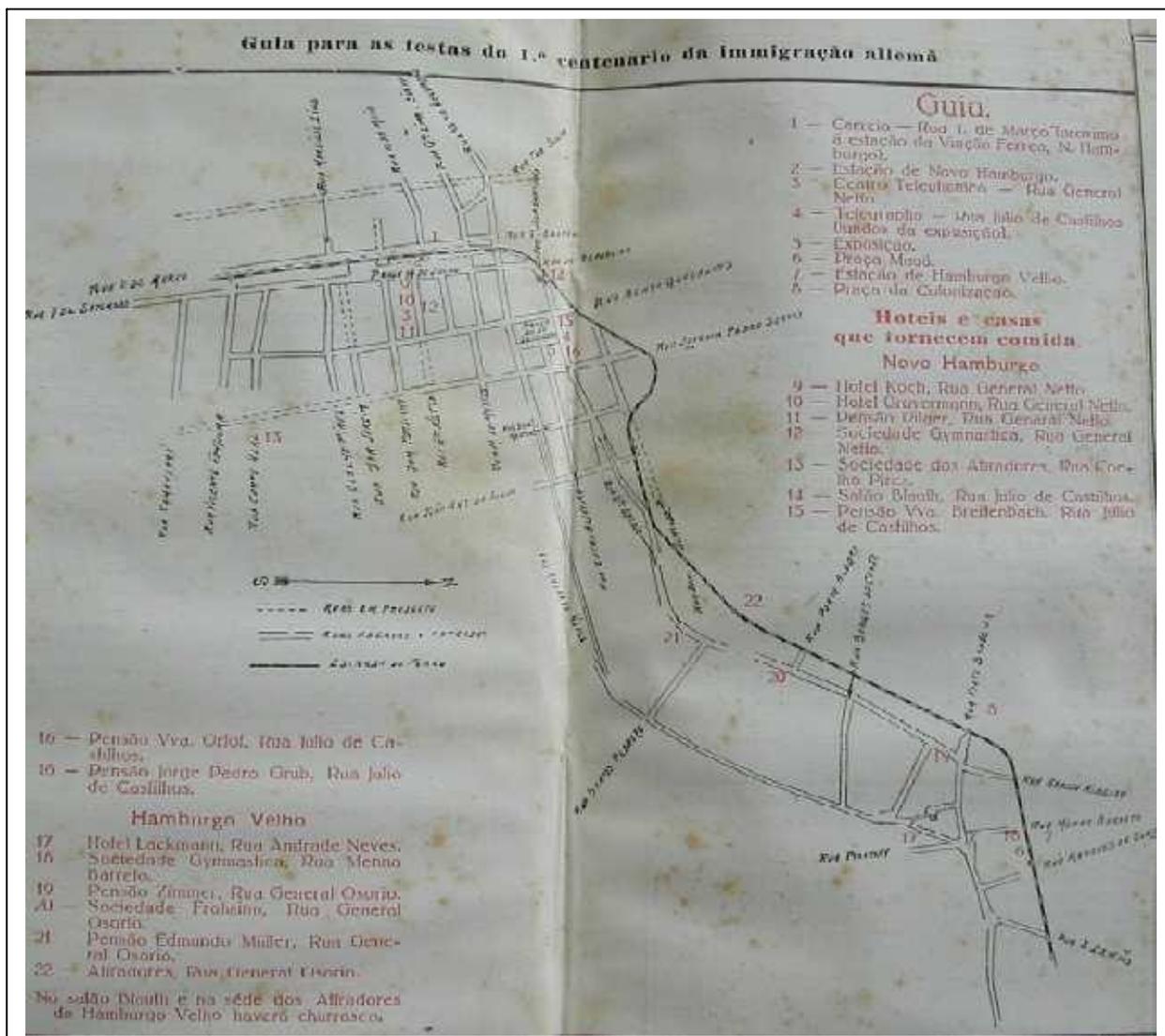
ANEXO G - Telegrama de Flores da Cunha a Jacob Kroeff Neto. (APVS)



ANEXO H – Livro de atas da exposição industrial. (APVS)

GRANDE PREMIO.		
Arthur Haas + Cia.	Xlgo. Velho	botões, metais de viagem, de mão, cintos, etc. etc.
Albino Mondberger	" "	couros beneficiados.
Antonio Heidrich	Arns - Hamburgo	obras de gravador.
Albino Kieling	Novo Xlgo.	furnos; brasões, riguros etc.
Breidenbach + Mossmann	" "	obras de carpintaria.
Bertholdo Rech	Xlgo. Velho	caramellos.
Collegio São José	São Leopoldo	conjuntos de pinturas, bordados e outros trabalhos manuais artísticos, de alumnos e systema de ensino.
Companhia Geral de Indústrias	" "	forjões e fornos.
D ^o Emma Kroeff	Xlgo. Velho	pinheiras artificiais.
Erwino J. Panitz	São Leopoldo	arvores frutíferas encaixadas.
Gustavo Copé	Novo Xlgo.	obras de fundição e máquinas.
H. F. Korndörfer + Cia.	" "	bijuterias; obras de prata e metal.
Hennig + Cia.	São Leopoldo	café torrada e moída
João Carlos von Hohendorff	Arns - L. Leopoldo	produtos de madeira
João Alfredo Panitz + Filho	S. Leopoldo	lozeca de barro.
Kroeff + Cia. Ltd.	Maldonado Kroeff	conservas de carne etc.
Kroeff + Cia. Ltd.	Novo Hamburgo	suínos.
Luiz Doerr	Hamburgo Velho	salgados e bolachinhos, tingidos e profumados
Lipp + Aichinger	Novo Hamburgo	artefactos de cimento.
Otto Moessner	Hamburgo Velho	mechanica (balanças de precisão).
Pedro Adams Filho + Cia.	Novo Hamburgo	couros beneficiados, calçados; perneiras etc.
Pedro Alles	" "	molduras.
Schneider + Zwetsch	" "	arruamentos; perneiras etc.

ANEXO I - Guia para as festas com ruas, hotéis e restaurantes. (APVS)



Anexo J - Telegrama enviado pelo secretário de Borges de Medeiros a José J. Martins (Jornal NH, 05/04/2002)

V. F. R. G. S. TELEGRAPHO (T 6) 7

Telegramma n. *111* da Estação de *Falga* n. de ordem: _____
Número de palavras *40* Apresentado dia *5/7* Hora *19*
Ponto telegraphico _____
Recebido da Estação de *Dupl* Pelo telegraphista *Orde*
Dia *6* de *Set* de 1927 às *8:55*

ENDEREÇO *Dr. José João Martins*
Presidente e demais membros
Comissão pro' o Município
de Hamburgo
Foi assinado hoje decreto n.º
3918 criando município de
Hamburgo. Foi nomeado
Dr. Jacob Hoff
como seu primeiro intendente
Provisorio. Congratulamos
com amigos. Affectuosas
Saudades
Alceu Santoso

ANEXO L – Declaração feita por Pedro Adams Filho por ocasião de compra de terreno para Colégio São Jacó.

Fabrica Sul Rio-Grandense
de Calçados, Arraios e Artigos para viagem
Pedro Adams Filho
IMPORTAÇÃO DIRECTA
— Coriúmes a vapor. —
Agentes gerôes:
Franco, Ramos & Cia.
Porto Alegre.
Agencia do Banco da Provincia
do Rio Grande do Sul.
Endereço telegraphico: ADAMS.
Codigo: RIBEIRO.

Novo Hamburgo, 24 de Janeiro 1916.

Declaro que recebi do Collegio São Jacob,

por intermedio de seu director Snr. Pedro Adams Filho a quantia de Rs 500,000 (Trezentosmilreys) proveniente da indemnisação que me pagou para eu reconhecer o novo limite de minhas terras que limitam com o referido Collegio, de conformidade com a annotação que vae ser feita no meu traslado de compra de minhas terras, e nos livros competentes, limite novo aquelle que reconheço desde já para todos os effeitos passados presentes e futuros, podendo desde já tomar posse, a qual entretanto já fora tomada com o que concordo, declarando mais desta maneira inteiramente solucionado satisfactoriamente para mim, a questão que surgia com os referidos limites, do que para clareza passo presente recibo para todos os effeitos.

Novo Hamburgo 24 de Janeiro de 1916.

(Ass.) Katharina Backes